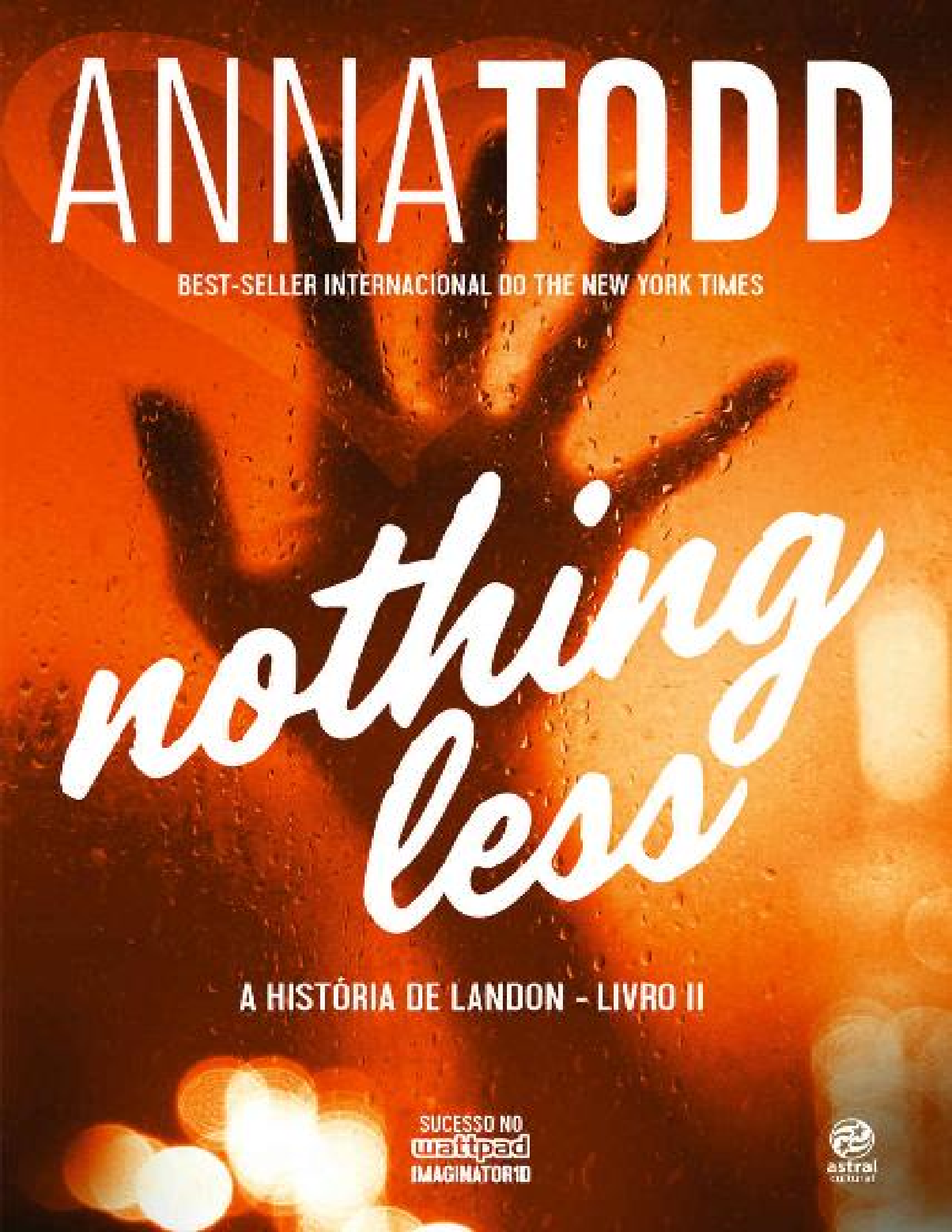
ANNA TODD

BEST-SELLER INTERNACIONAL DO THE NEW YORK TIMES



nothing less

A HISTÓRIA DE LANDON - LIVRO II

SUCESSO NO wattpad IMAGINATOR1D

astral cultural

DADOS DE ODINRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***eLivros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudíavel a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O ***eLivros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***eLivros***.

Como posso contribuir?

Você pode ajudar contribuindo de várias maneiras, enviando livros para gente postar ***Envie um livro*** ;)

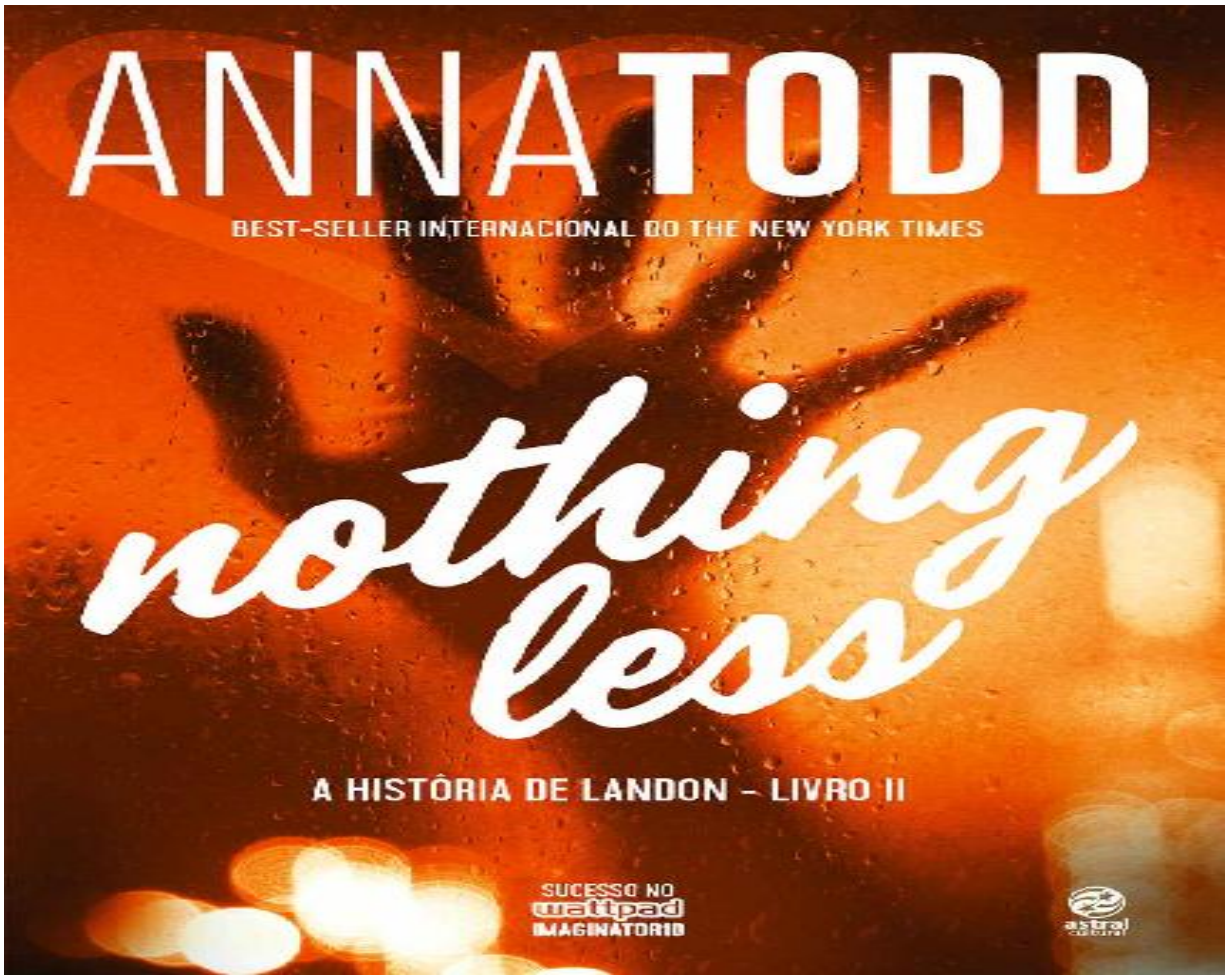
Ou ainda podendo ajudar financeiramente a pagar custo de servidores e obras que compramos para postar, ***faça uma doação aqui*** :)

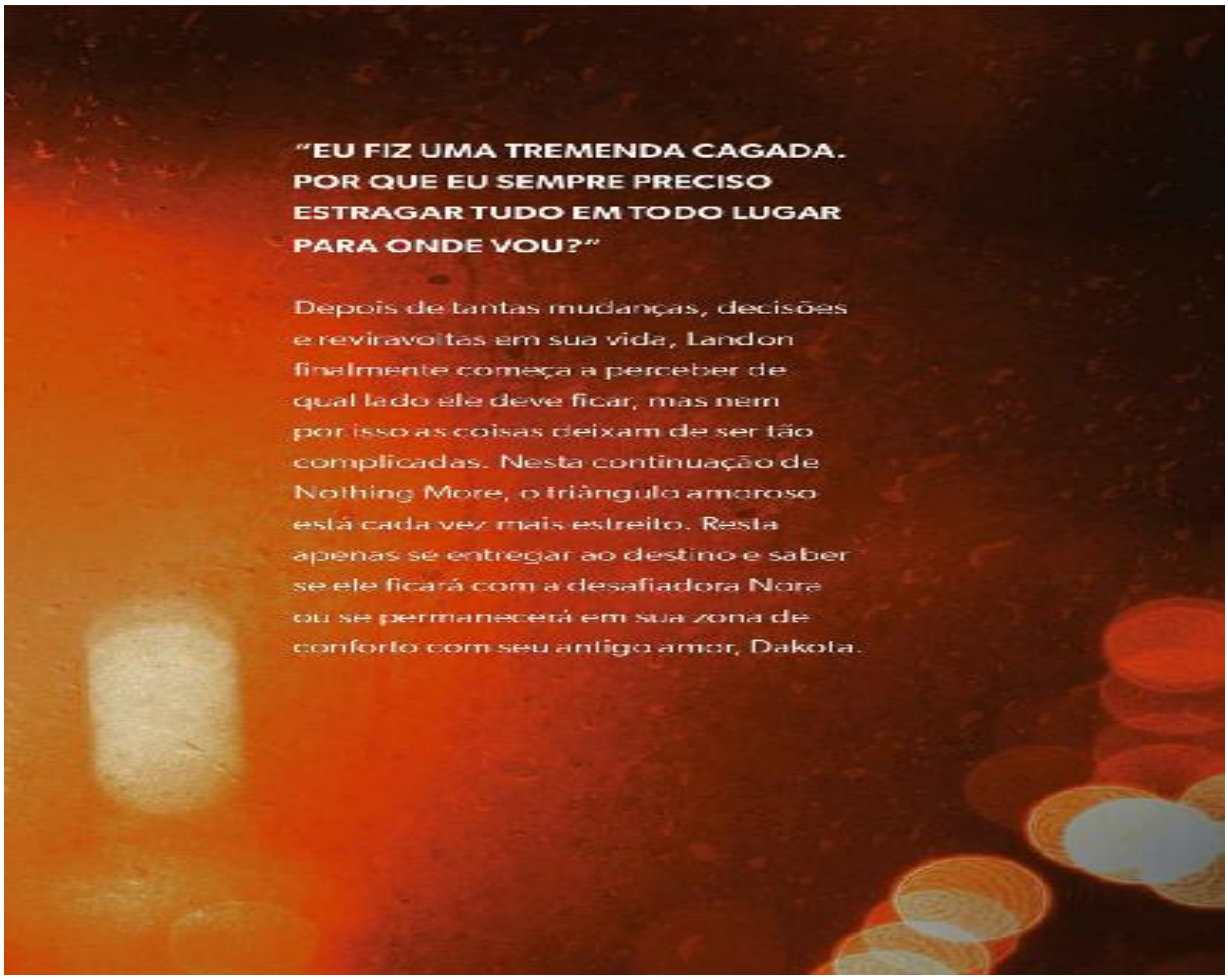
"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e

poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

eLivros.love

Converted by ePubtoPDF


ANNA TODD
BEST-SELLER INTERNACIONAL DO THE NEW YORK TIMES
nothing less
A HISTÓRIA DE LANDON – LIVRO II
SUCESSO NO
wattpad
IMAGINATORIO
astral


"EU FIZ UMA TREMENDA CAGADA. POR QUE EU SEMPRE PRECISO ESTRAGAR TUDO EM TODO LUGAR PARA ONDE VOU?"
Depois de tantas mudanças, decisões e reviravoltas em sua vida, Landon finalmente começa a perceber de qual lado ele deve ficar, mas nem por isso as coisas deixam de ser tão complicadas. Nesta continuação de Nothing More, o triângulo amoroso está cada vez mais estreito. Resta apenas se entregar ao destino e saber se ele ficará com a desafiadora Nora ou se permanecerá em sua zona de conforto com seu antigo amor, Dakota.

ANNA TODD

nothing less

TRADUÇÃO
ALEXANDRE BOIDE



Título original: Nothing Less
Copyright © 2016, Anna Todd.
Publicado originalmente em Língua Inglesa por Gallery Books,
divisão de Simon & Schuster, Inc.
A autora é representada pelo Wattpad.
Tradução para a Língua Portuguesa © 2018, Editora Alto Astral Ltda.
Tradução para a Língua Portuguesa © 2018, Alexandre Boide.
Todos os direitos reservados à Astral Cultural e protegidos pela
Lei 9.610, de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.
Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Editora responsável Tainã Bispo
Produção editorial Aline Santos, Bárbara Gatti, Fernanda Costa,
Fernanda Villas Bôas, José Cleto, Luiza Marcondes e Natália Ortega
Fotos Capa Shutterstock Images
Capa Agência MOV

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

T568n Todd, Anna
Nothing less : a história de Landon – livro II /
Anna Todd ; tradução de Alexandre Boide. – Bauru, SP : Astral
Cultural, 2018.
320 p.

ISBN: 978-85-8246-694-0
Título original: Nothing Less

1. Ficção norte-americana 2. Histórias de amor
I. Título II. Boide, Alexandre

18-0152

CDD 813.6

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção norte-americana 813.6

ASTRAL CULTURAL É A DIVISÃO LIVROS
DO GRUPO ALTO ASTRAL.

BAURU
Rua Gustavo Maciel, 19-26
CEP 17012-110
Telefone: (14) 3235-3878
Fax: (14) 3235-3879

SÃO PAULO
Rua Tenerife, 31 – Conj. 21 e 22
CEP 04548-904
Telefone/Fax: (11) 3048-2500

E-mail: contato@astralcultural.com.br

Para todos os Landons do mundo
que põem os outros na frente de si,
mesmo quando não deveriam.
O carma vai recompensar vocês! <3

Playlist do Landon:

“Without”, Years & Years
“Echo”, Nelou
“Ghost”, Halsey
“TiO”, Zayn
“Take Me Home”, Jess Glynne
“Crown of Love”, Arcade Fire
“Control”, Kevin Garrett
“Assassin”, John Mayer
“I Can’t Make You Love Me”, Bon Iver
“What a Feeling”, One Direction
“Never Let Me Go”, Emily Wolfe
“War of Hearts”, Ruelle
“Edge of Desire”, John Mayer
“Chainsaw”, Nick Jonas
“wRoNg”, Zayn
“As You Are”, The Weeknd
“Something Great”, One Direction
“Unhinged”, Nick Jonas
“Death Has Fallen in Love”, Mads Langer
“Last Flower”, Mads Langer
“I Know Places”, Taylor Swift
“Cough Syrup”, Young the Giant
“iT’s YoU”, Zayn
“Heavy”, Emily Wolfe
“Wolves”, One Direction

Prólogo

EM UM FUTURO NÃO MUITO DISTANTE...

"Papai?" Ouço uma voz fininha atravessar a escuridão do meu quarto.

Eu me debruço e acendo o abajur. Meus olhos se adaptam à luz que se espalha pelo cômodo.

"Adeline? O que foi?" Eu me sento, puxando o cobertor até o peito, lembrando que não estou vestido. Dou uma olhada para minha mulher. Com as costas expostas, ela está dormindo de bruços, toda espalhada pela cama, como sempre.

Uma mãozinha pequena esfrega os olhinhos castanhos. "Eu não consigo dormir."

O alívio toma conta de mim. "Por acaso, você já tentou contar carneirinhos?"

Ela anda tendo problemas para dormir ultimamente, e eu venho tentando não me preocupar muito a respeito. O pediatra diz que é só uma dificuldade de desligar sua cabecinha elétrica à noite, o que é uma coisa normal para a idade.

Adeline faz que sim com a cabeça. "E pôneis. Contei pôneis também. Um azul, um vermelho e um amarelo ranzinza."

Preciso me esforçar para segurar o riso. "Um pônei

amarelo *ranzinza*."

"É. E ele roubou um biscoito do azul."

A mãe da minha garotinha se mexe na cama, mas não acorda. Puxo o cobertor para esconder suas costas descobertas, para o caso de ela decidir virar de lado.

Olho para a minha filha, cujos olhos são iguais aos meus, e não consigo nem tentar esconder meu divertimento com sua imaginação inventiva. Ela é bem criativa para sua idade, está sempre contando histórias com goblins, princesas e elementos fantásticos.

Com um sorriso, estendo a mão para ela, que vem equilibrando o ursinho no outro braço para pegá-lo. O pobre bichinho de pelúcia está prestes a se desfazer. Fora a escola, ela não vai a nenhum lugar sem o urso, e às vezes até encontro o bicho na minha mochila quando vou para a escola.

"Que tal ir comigo até a cozinha pra me contar o que aconteceu depois?" Ela assente, e dou um beijo em sua mão antes de soltá-la. "Vou estar lá em um minuto, querida", acrescento, para ter tempo de vestir uma calça.

Adeline ainda olha para a mãe e depois para mim antes de tomar o caminho da porta. Ela se vira. "A gente pode comer um biscoito enquanto conversa?", pergunta minha pequena negociadora. Ela é como eu, sempre a fim de um docinho.

Olho para o relógio no criado-mudo. É meia-noite e meia, e ela tem aula amanhã cedo. Como eu sou seu professor no primeiro ano na escola, não deveria incentivar o consumo de açúcar no meio da noite...

"Por favor, papai?"

Sei que preciso ser responsável e não permitir um pico de açúcar seis horas antes do horário de levantar para ir à escola. A mãe dela vai me matar, mas sei muito bem que também cederia se estivesse no meu lugar. Esses olhos castanhos e esse ursinho de pelúcia nos braços servem como um lembrete de que ela não vai mais ser criança por

muito tempo.

Adeline fica à espera, cheia de expectativa.

"Pega um pra mim também. Quando eu chegar lá, quero ver você com *os menores biscoitos do* pote pra nós."

Ela sorri como se não tivesse a menor dúvida de que eu diria sim.

"Os *menores* mesmo, hein?" Eu sorrio para ela.

Ela concorda e sai do quarto. Eu me levanto e pego minha calça de moletom no chão.

"Banana", diz a voz da minha mulher, deitada na cama.

Eu visto a calça. "Você está acordada?", pergunto com uma surpresa fingida.

Ela se vira e apoia a cabeça nos braços, deixando o lençol deslizar até a cintura. "Claro." Seu sorriso sonolento me faz lembrar o quanto seu rosto é lindo.

"Covardona", provoco.

"Bunda-mole."

Tento manter os olhos fixos em seu rosto. Se começar a admirar o peito descoberto da minha mulher, nunca vou conseguir sair do quarto. Depois que me visto, me debruço sobre a cama, apoiando o joelho no colchão, e dou um beijo de leve em sua testa. Seus olhos estão fechados quando me afasto, e seus lábios, curvados em um sorriso confortável.

Saio do quarto e, quando chego à cozinha, Adeline está com o ursinho em uma das mãos e um biscoito enorme na outra.

"Esse não parece ser o menor biscoito." Abro a geladeira e pego uma garrafa de leite.

Adeline sorri, e sua língua aparece por entre os dentes banguelas. Ela está crescendo rápido demais. "Pensei que você tivesse dito o *maior*", ela rebate.

1

LANDON

O bolo de aniversário de Ellen está nas minhas mãos, pronto para ser levado lá para baixo. Nora está de pé ao lado da porta, acenando em despedida para Posey e Lila. Fico observando quando Nora enfia as meias com estampa de pizza em um par de tênis brancos.

"Está pronta?" Coloco o bolo sobre a mesinha vermelha da entrada, e ela assente com a cabeça.

Ela está bem silenciosa desde a nossa conversa no banheiro, e não sei bem como puxar papo. Concordei que não tentaria dar um jeito nela, que não insistiria em descobrir seus segredos ou ajudá-la a lidar com sua bagagem emocional. Ela me avisou várias vezes que não vai fazer bem para mim, que não pode ser o que eu preciso que seja.

Como pode ser, se eu nem tenho ideia do que preciso?

Só sei que gosto da companhia dela e quero conhecê-la melhor. Por mim, tudo bem ir devagar; os melhores presentes, em geral, são os que costumam levar mais tempo para ser desembrulhados.

Pego o bolo, vou até o elevador e aperto o botão em silêncio. O barulho do mecanismo impulsionando a cabine para cima é o único ruído no corredor.

Quando entramos, Nora se afasta o máximo possível dentro do elevador pequeno. Eu lhe dou espaço e tento não retribuir seu olhar quando ela se vira na minha direção. Consigo sentir seus olhos em mim, mas dá para ver que hoje Nora está a fim de conversa.

Sinto os braços vazios, apesar de estar carregando um bolo, como se estivesse *faltando alguma coisa* neles. Nora, talvez? A cada segundo com ela, me sinto menos no controle do meu próprio corpo.

Nora leva os dedos à ponta da trança nos cabelos, e nossos olhares se cruzam. O elevador não se moveu desde que entramos. Não sei há quanto tempo estamos aqui; talvez alguns minutos, não é possível que tenham se passado apenas uns poucos segundos.

Seus olhos permanecem fixos nos meus, me analisando, tentando descobrir alguma coisa.

Não sou eu que sou cheio de segredos, sinto vontade de dizer.

Penso em Dakota e no tempo que passamos juntos ontem à noite. Penso na vergonha e na culpa que senti quando não consegui... comparecer. Penso em como me senti quando encontrei o banheiro vazio e descobri que minha ex tinha ido embora pela escada de incêndio. Isso foi ontem mesmo, e aqui estou eu com Nora, querendo mais proximidade com *ela*.

Acho que tenho meus segredos também.

"Isso não funciona, não?", Nora pergunta, e por um momento entro em pânico, achando que ela está falando do meu pau.

Quando percebo que está falando do elevador, sinto vontade de rir.

"Sei lá." Aperto mais uma vez o botão do térreo. Em resposta, o elevador apita, e a porta se abre e depois se fecha. A cabine começa a se mover, e eu encolho os ombros. Será que me esqueci de acionar o botão? Não sei.

Quando chegamos lá embaixo, espero Nora sair do

elevador primeiro. Seu cotovelo roça meu braço, e chego mais para o lado, para abrir espaço. Minha pele está quente, e desejo por um momento ser capaz de viver em uma outra realidade. Uma dimensão em que eu possa tocar em Nora, abraçá-la. Nesse mundo, Nora confiaria em mim, e compartilharia comigo coisas que ninguém mais poderia ver. Ela poderia rir sem hesitação, e não tentaria se esconder.

A cada passo silencioso dentro do meu prédio, esse mundo imaginário se desfaz mais um pouco.

"Não comprei mais nenhum presente pra Ellen", lembro em voz alta.

Nora se vira e diminui o passo até eu alcançá-la. "Tenho certeza de que esse bolo feito em casa e a sua lembrança já são suficientes." Ela respira fundo. "Eu adoraria um presente assim." Em seguida, ela continua andando.

Quando Nora diz essas coisas, fico ainda mais confuso.

"Mas você não gosta de aniversários, né?", pergunto, na esperança de obter alguma explicação, apesar de não alimentar expectativas quanto a isso. O aniversário de Nora é na semana que vem, mas ela me obrigou a prometer que não faria nada para marcar a data.

Ela anda me obrigando a prometer um monte de coisas ultimamente. Só a conheço há algumas semanas, e já fiz promessas demais.

"Não." Nora abre a porta do prédio e a mantém aberta para permitir minha passagem.

Em vez de perguntar o motivo, decido falar sobre a minha lembrança de aniversário favorita. "Quando eu era mais novo, minha mãe sempre fazia o maior carnaval quando chegava meu aniversário. A semana inteira era de comemoração. Ela preparava meus pratos favoritos, e me deixava dormir tarde todas as noites."

Nora me dá uma encarada.

Estamos quase na porta da loja. Um casal passa de mãos dadas, o que me deixa com vontade de saber se Nora já teve um relacionamento sério. O fato de não saber nada

sobre essa mulher me deixa maluco. Ela tem vinte e cinco anos. Em algum momento, deve ter namorado.

"Ela fazia uns cupcakes assados em casquinhas de sorvete e levava lá pra escola. Achava que com isso as outras crianças iriam gostar de mim, mas em vez disso só me zoavam ainda mais." Eu me lembro do primeiro ano do ensino médio, quando ninguém nem encostou nos bolinhos confeitados que ela fez.

Ninguém a não ser Dakota e Carter. Nós três comemos o máximo de bolinhos que conseguimos no caminho para casa, para minha mãe pensar que todo mundo na sala tinha adorado o presente e comemorado meu aniversário comigo.

Quando chegamos ao nosso quarteirão, só tinham sobrado cinco. Acabamos deixando os restantes em um toco de árvore perto da entrada do Ponto, um terreno arborizado que servia de abrigo para viciados em drogas e pessoas sem sorte na vida — com o estômago sempre vazio, assim como suas vidas —, e preferimos pensar que alimentamos pelo menos cinco dessas pessoas naquela noite.

"Eu teria comido um." O olhar de Nora está distante.

Ela não explica o motivo para detestar o próprio aniversário, e nem espero que faça isso. Não foi por essa razão que compartilhei essa história do meu passado.

Nora abre a porta da loja, e a sineta toca. Eu a sigo lá para dentro, e abro um sorriso quando Ellen olha para nós, vê o bolo e faz força para não sorrir também.

2

"Sobrou bolo pra caramba", Nora comenta, levando um garfo de plástico à boca.

Farelos de bolo branco com cobertura verde caem na mesa entre nós. No fim, Ellen não gosta de doces. Quando lamentei o fato de não ter levado flores, ela explicou que era uma adolescente, e por isso não gostaria de ganhar uma coisa assim. Mas não gostar de bolo? Não sei que bicho mordeu aquela garota, mas eu não vou reclamar de comer tudinho em seu lugar.

Apesar de detestar quase tudo, Ellen gostou da nossa companhia. Fez de tudo para esconder o sorriso no rosto, mas não conseguiu, e nós passamos um tempo agradável juntos.

Nora trocou a plaquinha na porta do mercadinho de ABERTO para FECHADO, e nós cantamos parabéns. Chegamos à conclusão de que sou um péssimo cantor. Mesmo de forma desafinada e sem velas, fizemos questão de mostrar que alguém se importava com seu aniversário.

Nora sintonizou uma estação de música pop no celular, e Ellen conversou muito mais com ela do que comigo. Nossa festa improvisada só durou meia hora. Ellen estava preocupada com o fato de a loja estar fechada, e ficou com a sensação de que estava falando demais sobre si mesma. Uma pena. As pessoas que não gostam de falar sobre si

mesmas sempre foram as minhas favoritas para conversar.

"Assim sobra mais pra gente", comento quando já estamos em casa, enquanto pego outro garfo na bancada da cozinha e arranco um pedaço do canto do bolo. Nora está sentada na cadeira ao meu lado com um dos joelhos apoiado no assento. As fatias de pizza em suas meias são ao mesmo tempo esquisitas e legais. Estendo a mão para cutucar seu pé. "Qual é a razão disso aqui?"

Ela passa a língua nos lábios. "A vida é curta demais pra usar meias sem graça." Ela dá de ombros, levando uma garfada de bolo aos lábios.

Olho para as minhas meias, que são brancas com os calcanhares e as pontas dos dedos cinzas. Opa. São mais que sem graça. E têm cano alto. Ninguém mais usa meias de cano alto hoje em dia.

"Esse é seu lema de vida?"

Ela confirma com a cabeça. "Um deles", Nora responde.

O canto da sua boca está sujo de cobertura de bolo, e queria que estivéssemos em um filme de comédia romântica para eu poder estender o braço e limpar com o dedo. Ela se derreteria toda, nós dois ficaríamos com um frio na barriga e ela se encolheria na minha direção.

"Sua boca está suja de cobertura", digo, fazendo o exato oposto de um gesto romântico.

Ela limpa com o polegar, mas no lugar errado. "Você não vai limpar pra mim? É a deixa perfeita pra um beijo nos filmes."

A mente dela está sintonizada com a minha. Me sinto reconfortado com isso, por algum motivo.

"Eu estava pensando nisso. Se a gente estivesse num filme, eu iria chegar mais perto e limpar pra você", comento com um sorriso.

Nora retribui o gesto, com a boca ainda suja. "Você iria lamber o dedo, e eu iria ficar olhando para os seus lábios entreabertos."

"E eu não iria tirar os olhos de você nem por um

momento."

"Eu soltaria um suspiro enquanto você lamberia o dedo, sem quebrar o contato visual."

Sinto meu estômago quase sair pela boca. "Você sentiria um frio na barriga."

"Um bem forte, de virar a cabeça." Os olhos de Nora encontram os meus. Ela está sorrindo, e é linda demais.

"Eu diria que esqueci um pedacinho e chegaria mais perto. Seu coração iria disparar."

"Iria bater tão forte que você conseguiria ouvir."

Eu repito suas palavras, me perdendo nelas. "Tão forte que eu conseguiria ouvir. Eu levaria a mão ao seu rosto."

O peito de Nora sobe e desce devagar. "E eu iria deixar."

"Seus olhos iriam se fechar, como sempre acontece quando encosto em você."

Nora parece surpresa ao ouvir isso, como se nunca tivesse percebido o que faz.

Fico olhando para sua boca quando ela fala, tentando adivinhar o que está pensando.

"Eu puxaria você para mais perto e passaria a língua nos lábios", ela acrescenta à nossa história.

Meu coração está tão disparado que consigo ouvir minha pulsação dentro dos ouvidos.

Respiro fundo, e Nora chega mais perto. Acho que nem percebe o que está fazendo.

"Eu roçaria os lábios nos seus. Tão de levinho que no começo você mal iria sentir. Depois iria abrir sua boca com a minha língua e dar um beijo de verdade."

Os olhos de Nora estão semicerrados agora, e voltados para minha boca. "Você me beijaria como eu nunca fui beijada antes... o que provavelmente é verdade, pelo menos para um beijo como o seu. Seria como o meu primeiro beijo, mesmo não sendo." A voz dela sai em um sussurro.

Eu não posso beijá-la. Mas chego mais perto, deixando apenas alguns centímetros de espaço entre nós. "Você nunca foi beijada antes *mesmo*." Ela está tão perto agora

que consigo sentir seu hálito contra a pele do meu rosto. "Não desse jeito. Você iria se esquecer de todos os beijos que vieram antes, de todos os toques. Todinhos mesmo."

Respiro fundo, e os lábios dela estão colados nos meus antes que eu consiga soltar o ar. Sua boca está com gosto de cobertura de bolo. Sinto sua língua quente na minha, e suas mãos percorrem avidamente meus cabelos. Ela me puxa mais para perto, cravando os dedos nas raízes, junto ao meu couro cabeludo.

Meus pés estão apoiados no chão, e eu envolvo seu corpo, trazendo-a para a minha cadeira. Ela monta sobre o meu colo, apoiando os joelhos ao lado das minhas coxas. Está me beijando como eu *nunca* tinha sido beijado, me fazendo querer esquecer cada beijo que veio antes, cada toque.

Seu corpo macio se esfrega no meu, e ela morde meu lábio. Sinto que estou ficando duro sob seu peso, mas, para minha surpresa, não me envergonho nem um pouco disso. Dá para notar quando ela percebe. Sinto que ela respira fundo, e me agarra pelo pescoço. Em seguida, ajusta seu corpo ao meu para conseguir me sentir melhor. Está vestindo uma calça fininha, e a minha não esconde muita coisa.

Quando ela se move sobre mim, esfregando sua abertura à minha ereção, eu solto um grunhido. É inevitável. Está uma delícia senti-la assim, mesmo por cima da roupa.

Porra, minha cabeça está girando a mil, *e ela está beijando meu pescoço agora*. Sua boca sabe exatamente aonde ir, onde lamber, o ponto exato para chupar. Procuro seus quadris com as mãos e aperto de leve, guiando-a para se esfregar no lugar em que mais preciso.

Ela mexe os quadris de um jeito muito sexy. É uma deusa, pura e simplesmente. É uma deusa, e é muita sorte minha poder tê-la neste momento. De fato, existe alguma coisa nesta cozinha que nos deixa louquinhos um pelo outro. Com certeza, não é assim que eu imaginava essa

noite.

Não que eu esteja reclamando da mudança de rumo.

Nora afasta a boca do meu pescoço, ainda se esfregando no meu pau. "Nossa, como eu queria que você não fosse colega de apartamento da Tessa." Ela suga a minha pele de novo, então interrompe. Eu aperto seus quadris, e ela volta a falar. "Eu iria foder com você... foder *gostoso*... e agora mesmo, se você não fosse."

A sensação familiar do orgasmo sobe pela minha espinha ao ouvir essas palavras. Ela é tão sexy, tão explícita, que me enlouquece. Estou completamente louco por ela.

"A gente pode fingir que eu não sou", digo, não exatamente de brincadeira.

Ela ri e desliza sobre o meu corpo. "Eu vou gozar, caralho, Landon. Isso... não conta... como..." Suas palavras são ofegantes e sensuais, e mal consigo respirar enquanto ela me cavalga, balançando os quadris sobre meu corpo.

Levo as mãos às suas costas para estabilizar seus movimentos acelerados. Antes que possa fazer alguma coisa a respeito, chego quase lá, assim como ela. Não quero ficar pensando nisso. Não quero que a minha cabeça estrague o momento. Só quero senti-la — só quero fazê-la gozar e me juntar a ela nesse êxtase.

"Eu também. Eu também vou", digo junto ao seu pescoço. Queria ser tão bom quanto ela com as palavras. Beijo o local onde seu pescoço se junta ao ombro, sem saber muito bem o que estou fazendo, mas o som que ela produz quando goza junto de mim é sinal de que acertei, sim.

Minha mente se apaga. Só existe a sensação agora. Sou apenas sensação, e ela é ótima em silenciar minha mente, e isso está gostoso demais. Ela é gostosa demais, contra o meu corpo, dentro da minha mente caótica.

Depois da gozada, seus movimentos se tornam mais lentos, e sua respiração relaxa. Ela apoia a cabeça no meu ombro, e consigo sentir a umidade entre os nossos corpos,

mas nenhum dos dois parece preocupado a respeito.

"Isso foi...", ela começa. "Eu..."

Suas palavras são interrompidas pelo som da porta da frente se fechando.

"Landon?" A voz de Tessa atravessa o apartamento, por entre nossas respirações ofegantes, atravessando nossos pensamentos eufóricos.

"Merda", Nora murmura quando desce de cima de mim, mas perde o equilíbrio. Eu a seguro pelo cotovelo, impedindo que caia no chão.

Em seguida, me levanto, e o olhar de Nora se volta para o meio das minhas pernas. Para a mancha molhada que tem lá. "Vai logo."

Vou correndo para o banheiro. Tessa entra na cozinha no momento em que passo pela porta, e tento me apressar, mas ela não deixa. Pelo menos, estou de costas para ela.

"Ei, eu estava tentando ligar pra você", ela diz.

Eu não quero me virar. E não posso.

"Queria saber se você poderia me levar outro par de sapatos pra mim lá no trabalho. Derrubaram uma tigela de molho de salada inteira em cima dos meus, e preciso fechar o restaurante hoje." A voz de Tessa está tensa.

Dá para dizer, sem precisar olhar, que ela está estressada, e não estou em posição de oferecer algum conforto a ela, ou a qualquer um, no momento. Olho ao redor em busca de algo que possa pegar para me cobrir e poder me virar, mas não vejo nada além de uma caixa de cereais.

"Enfim", Tessa recomeça, com um tom de voz mais leve, "o que vocês estão aprontando?"

Pego a caixa de cereal para me cobrir e viro para Tessa. Seus olhos vão direto para a caixa, que eu seguro com ainda mais força.

"A gente estava..." Procuro mentalmente por uma desculpa, tentando não deixar meu nervosismo fazer a caixa escorregar.

Tessa olha para Nora, e depois para mim. "Ei... o que vocês estão fazendo aqui?", ela pergunta, na maior inocência.

Procuro a ajuda de Nora, que fica em silêncio. Estou naufragando sozinho, tendo como único aliado o duende da caixa de cereais Lucky Charms.

"Bom", eu começo, ainda sem ter a menor ideia do que falar. Tessa está parada na frente da porta com os sapatos manchados de molho de salada. Ela não é a única que está usando uma coisa manchada...

"A gente estava cozinhando", digo, agradecendo mentalmente por Tessa ter comprado a caixa tamanho família.

"Cozinhando?" Tessa olha para Nora, que está com uma expressão indecifrável no rosto.

Nora dá um passo à frente. "É, frango com..." Nora olha para mim. "Lucky Charms?" Seu tom de voz é tão inseguro que fico com a certeza de que Tessa vai perceber tudo. "Como farinha para empanar. Sabe aqueles filés com crosta de flocos de milho que fazem lá no trabalho? Quis tentar fazer com Lucky Charms", Nora explica.

Quase acredito nela e, o que é mais importante, Tessa também, ao que parece.

Nora continua: "Você ainda tem que voltar para o trabalho? Vamos lá trocar esses sapatos, então".

Com a distração provocada por Nora, consigo me afastar, dizendo um "Eu já volto" por cima do ombro.

Isso é muito constrangedor. Por que tudo na minha vida precisa ser assim? Ainda bem que Nora sabe mentir melhor que eu. Desapareço pelo corredor, levando a caixa de cereal junto.

"O que foi que deu nele?", ouço Tessa perguntar para Nora. Mas não fico por perto para ouvir a resposta.

3

Meu quarto está em silêncio.

Parece bem pequeno.

Ou será que sou eu que estou me sentindo pequeno depois de mais um momento embaraçoso com Nora? Dessa vez foi diferente, porque o constrangimento não foi só meu.

Foi nosso.

Ainda consigo sentir seu corpo contra o meu, se movendo por necessidade, com um propósito. Consigo ouvir seus gemidos na minha orelha e seu hálito quente contra minha pele.

Agora meu quarto parece abafado. Abafado demais.

Afasto as costas da porta e atravesso o quarto até a janela. Minha escrivaninha está uma bagunça; as pilhas de livros e anotações em bilhetinhos cobrem o tampo de madeira. Bom, é um móvel da IKEA e custou menos de cem pratas, então, provavelmente não é nem feito de "madeira". Bato com o dedo na superfície marrom-escura, que parece oca. Eu sabia que não era madeira legítima.

Meus dedos estão trêmulos quando os enfio na persiana para abrir a janela. O parapeito está revestido de pintura lascada e sujeira, com direito até a uma mosca morta. Tessa faria uma careta ao ver isso. Faço uma anotação mental para dar uma limpada ali esta semana. Puxo a janela

teimosa de madeira, que por fim se abre.

Eu a escancaro um pouco mais, dando espaço de bom grado aos ruídos da cidade no meu quarto. Adoro o nível de ruído na rua aqui no Brooklyn. Dá para ouvir os carros e as vozes das pessoas que circulam pela calçada, mas nada muito exagerado. O som da buzina dos táxis é bem menos presente do que em Manhattan. Eu nunca vou entender esse lance das buzinadas raivosas. Não faz sentido as pessoas acharem que isso de alguma forma vai ajudar o trânsito a andar. A única coisa que esse gesto desaforado faz é irritar os outros, deixando o ambiente ainda mais tenso.

Os pensamentos aleatórios estão funcionando, e minha mente se afasta daquilo que Nora e eu acabamos de fazer. Bom, na verdade acabei de pensar nisso de novo. Como passamos de inventar um filminho fictício para ela cavalgando em cima de mim na cadeira da cozinha? Tiro a calça e a cueca e jogo no cesto de roupas sujas ao lado da porta do closet.

Troco de roupa e me sento na beirada da cama, em frente à janela. Meu celular está conectado ao carregador, no criado-mudo. Eu o apanho.

Hardin atende no segundo toque. "É tarde demais pra tentar me fazer desistir... chego aí na sexta."

Reviro os olhos. "Oi, tudo bem comigo. Valeu por perguntar."

"Certo. O que eu posso fazer pra ajudar nesta noite tão agradável?", Hardin pergunta por cima de um alarme de carro tocando ao fundo.

"Nada. Eu entrei num lance meio estranho..." Não sei como explicar o que está acontecendo, nem o motivo de ter escolhido Hardin para conversar a respeito.

Ele ri. "Você vai ter que me explicar muito mais que isso."

Solto um suspiro ao telefone e fico atento aos ruídos nos arredores. Dá para ouvir o som distante da conversa de

Nora e Tessa.

"Certo, você se lembra de uma amiga da Tessa chamada Nora? Bom, ela se chamava Sophia quando vocês dois se conheceram, mas a Tessa falou que ela gosta de ser chamada de Nora. Enfim, você nem ia acertar o nome dela mesmo."

Ele fica em silêncio por um momento. Fico me perguntando se não estou falando alto. Não consigo entender o que as duas estão conversando, então, espero que elas estejam escutando ainda menos.

"É, acho que sim."

"Então, a gente acabou de transar." Puxo a cordinha da persiana para erguê-la. "Bom, não foi exatamente sexo, acho. Mas quase isso."

"E?" Claro que a resposta de Hardin seria isso.

Me certifico de falar em um tom de voz que seja apenas um pouco mais que um sussurro. "O problema é que a Nora me falou várias vezes pra gente ser só amigo, e estava rolando uma conversa normal, nada de muito diferente, e aí do nada ela estava montada em cima de mim tendo um orgasmo, e a Tessa chegou logo depois, e agora estou no meu quarto totalmente surtado, porque não sei o que fazer nem dizer agora."

"Uau. A Tessa chegou? E a garota estava montada em cima de você na cadeira. Bom, então não tem como negar. Espera aí... você estava trepando com ela na cadeira? Ou ela só se esfregou em você até gozar?", ele pergunta em um tom casual, como se estivesse falando sobre o tempo.

"Hã, a segunda opção. A gente não transou... Bom, não foi sexo no sentido de uma coisa entrando na outra..."

"Sério mesmo?" O tom de voz dele é tranquilo, com um leve toque de divertimento. "Sério mesmo que você acabou de falar isso? É melhor pegar uma boneca e mostrar em que lugar ela encostou em você."

"Sei lá por que liguei pra você." Solto um suspiro. Me recosto na cama e fico olhando para o ventilador de teto

inexplicavelmente colorido.

Hardin parece notar alguma coisa no meu tom de voz, então, começa a pegar mais leve. "E daí, você gosta dela? Quer dizer, por que seria um problema vocês transarem? Você é solteiro, ela também. Certo?"

Fico pensando nisso por um tempo. Eu sou *solteiro*?

Sou. Meu namoro com Dakota acabou meses atrás.

Mas o fato de ela ter vindo aqui ontem logo vem à tona.

Puxa, como eu sou babaca. Deveria ter contado para Nora que Dakota veio aqui. É a coisa certa a fazer. O que um cara legal faria, e eu sou um cara legal.

"Nós dois somos solteiros. Só que a Dakota veio aqui ontem à noite."

Detesto admitir isso.

Não sou esse tipo de sujeito.

Não mesmo.

"Eita. A Delilah também? Que diabos está rolando aí, hein?"

Nem me dou ao trabalho de corrigir o nome de Dakota. "Sei lá. Mas não conta pra Tessa. Não mesmo, ela já está com a cabeça pra lá de cheia, e a Nora não quer que a Tessa fique sabendo de jeito nenhum. É sério. Não me interessa se você estiver sem roupa com a Tessa e ela quiser saber o que está rolando... é melhor fingir que não sabe de nada."

"Se ela tirar a roupa, eu não posso prometer nada."

"Argh."

"Certo. Tudo bem. Não vou contar nada. Pelo menos você já falou pra ela sobre quando é a minha viagem?"

Não. Porque eu sou um puta de um cagão. "Ainda não. Ela anda trabalhando até tarde ultimamente. Ah, e eu preciso avisar você de uma coisa, mas nada de surtar." Eu faço uma pausa. "É sério, você não pode surtar. Vai ter que me prometer", digo em um tom de voz baixinho. Não quero que Tessa nem Nora me peguem fofocando sobre elas com Hardin.

"Que foi? O que aconteceu?", ele pergunta, e dá para ver que sua mente está contemplando as piores probabilidades.

"Me promete", repito.

Ele suspira, impaciente. "Tá bom, certo, eu prometo."

"Sabe aquele garçom da casa no lago naquele fim de semana em que você e a Tessa passaram o tempo todo brigando?"

"A gente não passou *o tempo todo* brigando." Ele está na defensiva, mas não completamente. "Mas, sim, o que tem ele?"

"Ele está aqui."

"Na sua casa?" Hardin eleva o tom de voz, e começo a achar que este pode não ser o momento nem a maneira certa de contar para ele a respeito.

"Não. Em Nova York. Eles trabalham juntos."

Ele suspira, e dá até para imaginar a expressão em seu rosto agora. "Eles estão... sabe como é? Saindo juntos ou coisa do tipo?"

Faço que não com a cabeça, apesar de ele não conseguir me ver. "Não, nada do tipo. Só queria avisar porque acho que, para o seu bem, seria melhor você não encanar muito com isso. Sabe como é, mostrar pra Tessa que está amadurecendo e tal."

E também porque não quero que o meu apartamento venha abaixo ao abrigar a Segunda Guerra Mundial Hessa. Claro que, se isso acontecesse, a cozinha deixaria de ser um problema quando Nora e eu nos encontrássemos...

"Amadurecendo? Eu já sou muito maduro. Seu bosta."

"Ah, sim, dá pra ver isso pelo seu vocabulário elegante, seu *bosta*", provoco.

"Escuta só, cara. Fico orgulhoso por você falar palavrão e quase comer a Naomi, ou Sarah, ou sei lá que nome ela vai querer usar na semana que vem, mas esse papo vai ter que ficar pra mais tarde."

Quase não consigo segurar o riso por causa da sua maneira de falar. "Valeu pela ajuda."

Ele fica em silêncio por um instante. "Se você quiser mesmo conversar sobre isso, posso ligar mais tarde."

A voz dele sai tão carregada de uma sinceridade inesperada que até me sento na cama. "Não, tudo bem. Preciso descobrir eu mesmo como é que essa banda toca."

"Espero que seja uma banda de ***death metal***."

"Cala a boca."

A ligação se encerra.

4

Quando saio do quarto, Tessa já saiu de novo para trabalhar, e encontro Nora sentada sozinha no sofá, com os pés apoiados em uma pilha de almofadas. Suas costas estão escoradas no braço do sofá de couro, e ela está com o controle remoto na mão.

"A Tessa já saiu?" Finjo que não esperei que a porta da frente se fechasse para sair do quarto.

Nora assente com a cabeça. Ela aperta a setinha do controle remoto, lendo o guia de programação, sem olhar para mim.

Percebo que também trocou de calça. Ela trouxe trocas de roupa porque sabia que ia sujar a que estava usando? Espero que sim. Esse pensamento faz meu coração disparar, e tento não pensar muito que Tessa quase pegou a gente no flagra.

"Você acha que ela percebeu?" Minha ideia era ser sutil ao tocar no assunto, mas pelo jeito minha boca grande tinha outros planos.

O polegar de Nora continua entretido com o controle remoto, enquanto eu permaneço de pé na passagem do corredor para a sala. "Espero que não." Ela faz uma pausa e respira fundo. "Escute, Landon..." A voz de Nora se enche de um tom de despedida, e eu ainda mal me acostumei com seu tom de saudação.

"Espera." Resolvo interrompê-la antes que ela diga tudo sem que eu tenha a chance de me manifestar. "Já sei o que você vai dizer. Seu tom de voz e o fato de nem olhar na minha cara são uma indicação e tanto."

Nora volta seus olhos para mim, e entro na sala para me sentar na poltrona ao lado do sofá. Ela se ajeita e cruza as pernas sob o corpo. Suas mãos agarram uma almofada, a que a mãe de Ken me deu no ano passado, e ela a coloca no colo. "Landon", ela diz baixinho, e adoro ouvir meu nome se misturar com sua respiração. "Eu não..."

"Não fala isso." Sei que é grosseria interrompê-la de novo, mas já sei o que ela vai dizer, e quero mudar o rumo dessa conversa. "Você vai me pedir pra manter distância e dizer que não vai me fazer bem e coisa e tal. Mas hoje não. Hoje vamos falar sobre o motivo por que você acha isso, e o que podemos fazer a partir daí."

Me sinto bem depois de dizer isso.

Fico contente por conseguir transformar meus pensamentos em palavras, e chego a pensar que neste momento pode ter crescido um pelo ou outro no meu peito.

Os olhos de Nora se cravam nos meus com uma intensidade tranquila. "Não tem nada que se possa fazer a partir daí. Eu avisei que a gente não pode se envolver... A gente nunca vai poder ter nada sério. Não estou a fim de entrar em outro relacionamento."

Fico surpreso com sua ousadia. Geralmente, quando essas conversas mais constrangedoras acontecem nos livros ou nos filmes, a pessoa que rejeita a outra olha para os lados, ou fica cutucando as unhas, ou coisa do tipo.

Nora não. Ela está olhando bem na minha cara, e me deixando meio apreensivo. Minha alegria desaparece, e meus pelos no peito devem ter definhado e caído. Minha boca fica seca.

Ela disse *outro relacionamento*. Que relacionamento anterior seria esse? Tenho quase cem por cento de certeza de que ela não vai querer entrar em detalhes comigo, mas

pergunto mesmo assim: "Quando foi seu último relacionamento?"

Seus olhos se estreitam, mas não se desgrudam de mim. "É uma coisa complicada."

"Não existe nenhum que não seja."

Ela sorri.

"Me conte mais a respeito. Quero saber mais a seu respeito. Bem que você poderia deixar", incentivo.

"Não quero que você saiba mais a meu respeito."

Dá para sentir a convicção por trás dessas palavras. Ela está falando sério, e isso meio que me magoa. É impossível para mim não franzir a cara. "Por que não?"

A almofada está cobrindo seu peito agora, e seus dedos a agarram com força. Eu me lembro de quando a mãe de Ken me deu essa almofada. Disse que comprou uma igual para Hardin, mas, quando Ken tirou o lixo naquele mesmo dia, encontrou a almofada azul e amarela lá. Eu fiquei com a minha, e tenho certeza de que Ken vai devolver a de Hardin algum dia, quando ele estiver pronto para recebê-la.

Nora não responde, e sinto uma pontada de raiva borbulhar no meu peito. "Por quê? Me diz por que não quer que eu conheça você. Sei que você gosta de mim, Nora. Posso não ser todo descolado como os outros caras por aí, mas *isso* eu consigo ver. Por que não pode me contar?"

"Porque você não vai mais gostar de mim. Vai continuar escavando esse assunto, e não vai gostar do que vai descobrir."

Nora se levanta e joga no sofá a almofada, que cai no chão. Nenhum dos dois se move para apanhá-la. "Eu falei desde o começo que isso não ia chegar a lugar nenhum."

Eu me sento na poltrona. Se me levantar, ela vai me bater ou me beijar. Por mais que eu fosse gostar de qualquer uma das opções no momento — pelo menos é algum tipo de contato —, precisamos ter uma conversa de verdade pelo menos uma vez.

"Você diz isso" — continuo mantendo o contato visual

com ela —, "mas aí a gente se beija ou... enfim, você sabe. Se você me dissesse o motivo pra me querer a distância, a gente poderia tentar arrumar uma solução."

Ela se limita a me olhar, e minha frustração me deixa mais corajoso. "Está aí uma coisa que eu não entendo nos seres humanos. Nunca vou entender por que as pessoas não podem falar o que sentem e tentar se acertar conversando. Isso não me entra na cabeça. Acho que não existe nada que possa ser tão ruim. Nada que não possa ser contornado. Não sou um babaca do tipo que finge estar ao seu lado e depois desaparece do nada." Eu me levanto. Querendo chegar mais perto dela.

Nora dá um passo para trás.

"Nora, eu não tenho nenhuma outra intenção a não ser conhecer você melhor. Confie em mim. Ou pelo menos tente."

"Você não sabe do que está falando. Não sabe nada sobre mim. Mal reparava que eu existia até duas semanas atrás." Os punhos de Nora estão cerrados ao lado do corpo, e ela dá dois passos na minha direção.

"*Mal reparava que você existia?*" Que ideia mais absurda.

Nora solta o ar com força. "Você estava tão envolvido com a Dakota que nada mais importava. Nem sei por que estamos falando sobre isso. Somos amigos. E nada mais."

"Mas..."

"Não tem ***mas*** coisa nenhuma, caralho", ela bufa. "Estou cansada de ouvir as pessoas dizerem o que eu tenho que fazer, ou como me comportar ou me sentir. Se estou dizendo que somos amigos, somos ***amigos***. Se eu disser que nunca mais quero olhar na sua cara, é isso o que vai acontecer. Sou capaz de tomar minhas próprias decisões, e só porque você se julga uma porra de um terapeuta não significa que sou obrigada a aturar sua conversa. Não é todo mundo que tem vontade de sentar e falar tudo o que sente pra um desconhecido."

"Eu não sou um desconhecido. Você pode até tentar

pensar assim, mas sabe que não sou." Tento romper a barreira que ela faz tanta questão de manter entre nós. Não sou terapeuta nenhum; só não tenho problemas em dizer o que sinto.

"Ah, é *mesmo*?", Nora rebate, quase gritando.

"Sim, é mesmo!" Tento demonstrar o mesmo nível de raiva, mas não dá certo. Qualquer irritação que pudesse estar sentindo desapareceu quando percebi o quanto a raiva *dela* a deixa vulnerável. Tem alguma coisa em jogo aqui que está além da minha compreensão.

"Quantas vezes você me viu antes de se mudar pra cá?", ela questiona.

O que isso tem a ver com nossa conversa?

Antes que eu possa me manifestar, ela acrescenta: "Pense bem antes de responder".

Eu a vi uma vez ou duas. Ken conhece o pai dela por algum motivo. "Você apareceu na casa da minha mãe. Jantamos juntos uma vez", digo a ela, provando que está errada.

Ela ri, mas não de divertimento. "Viu?" Suas mãos se movem diante de seu corpo como se ela estivesse empurrando o ar para cima de mim.

Mantenho os olhos colados nos seus, apesar da vontade de me virar para o outro lado.

"Oito vezes", sua voz quebra o silêncio. "A gente se viu oito vezes. Não é surpresa pra mim que você não se lembre."

"Sem chance. Eu me lembraria."

"Sério? Lembra quando a gente estava falando sobre Hardin, e eu disse que não o conhecia? Fiz isso na esperança de que você se lembrasse. Eu estava lá quando ele arremessou você contra a parede da casa dos seus pais. Lembro que ele levantou a mão, mas não teve coragem de fazer nada, porque amava você. Lembro de estar sentada na mesa da cozinha alguns dias antes, e que você estava falando sobre faculdades, sobre sua expectativa de ser

aceito na NYU junto com a Tessa. Lembro do azul da sua camisa e dos toques de mel nos seus olhos. Lembro que você tinha cheiro de xarope de bordo e ficou vermelho quando sua mãe lambeu o dedo e limpou seu rosto. Lembro de cada detalhe... *e sabe por quê?*"

Fico em silêncio, perplexo.

"Me pergunta por quê!", ela exige.

"Por quê?" A pergunta sai na forma patética de palavras que escapam da boca de um idiota.

"Porque eu estava prestando atenção. Sempre prestei atenção em tudo a seu respeito. O menino doce, sexy e meio bobalhão apaixonado por uma garota que não retribuía esse amor. Memorizei a sua imagem fechando os olhos quando bebe um bom café, e adorava cozinhar com a sua mãe e ouvir você e seu padrasto comemorando por causa de algum jogo idiota na TV. Achei que..." — ela faz uma pausa e examina a sala ao redor antes de cravar os olhos de novo em mim — "...bom, imaginei que você pudesse estar retribuindo pelo menos metade dessa atenção, mas não. Eu só distrairia a sua atenção da Dakota, que aliás é uma *tremenda de uma vaca*."

"Ela não é uma vaca", minha boca idiota responde.

Nora arregala os olhos. "Depois de tudo isso..." Ela fecha e reabre os olhos com gestos lentos. "Eu digo tudo isso e só o que você tem a falar é defender a Dakota? Você nem conhece aquela garota tão bem quanto imagina. Ela abre as pernas pra qualquer um que abre meio sorriso na direção dela desde que se mudou pra cá, e você é tão obcecado pela menina que nem tenta enxergar com quem está lidando de verdade."

Suas palavras me atingem com força, e meu coração dispara. Um número excessivo de pensamentos precisa ser processado depois de tudo o que ela falou nos últimos cinco minutos.

"Ela... ela não faria isso", resmungo.

Nora solta um suspiro. Ela sacode a cabeça, com uma

mistura de pena e raiva. Fico observando enquanto ela caminha até a porta e calça os tênis. Está calada, e não consigo encontrar palavras para dizer.

Estou imóvel no meio da sala de estar do apartamento quando ela sai. Se estivesse em um filme, sairia correndo atrás dela para me explicar. Seria corajoso e encontraria palavras para aliviar sua mágoa e sua frustração.

Mas a vida não é um filme, e eu não sou corajoso.

5

Faz cinco dias que não tenho notícias de Nora. Cinco dias, mas não consigo parar de pensar nela. Nem do que disse sobre Dakota. Não pode ser verdade, mas não sai da minha cabeça. Por que Nora diria isso? E de um jeito tão venenoso?

Tessa mencionou que fez um turno com Nora ontem à noite, e que ela parecia chateada e mal abriu a boca. Tessa não entendeu por que, mas achou estranho.

Chateada por minha causa. Duvido.

Eu me dou conta de que mal conheço Nora. Talvez ela tenha razão — saber mais a seu respeito significaria não gostar dela. Sua agressividade é pesada, e surge do nada. Por um momento, decido pensar em Nora como *Sophia*. Eu não conhecia Sophia, não da maneira como estava começando a conhecer Nora, e se conseguir separar as duas, talvez possa facilitar um bocado minha vida. Então, pode ser melhor admitir que não conheço essa garota e voltar a vê-la como Sophia.

Mesmo assim, uma parte de mim, que não é pequena, fica com raiva pelo fato de ela sentir que não tinha minha atenção, que estava sendo ignorada por causa de Dakota. Não de propósito. Eu já era apaixonado por Dakota quando conheci Nora. Não sabia que precisava prestar atenção nela.

Não sabia que ela estava interessada na minha atenção.

Eu a via como Sophia, a chef mais velha e bonita demais para perder tempo comigo. Mas aqui nesta cidade ela se tornou Nora, a amiga irresistível e misteriosa de Tessa que disse um monte de coisas terríveis sobre Dakota... e que está me deixando apaixonado.

Apaixonado talvez seja exagero, mas interessado, com certeza. Sinto uma atração muito, muito forte por ela. E, em troca, ela descarregou sua raiva em mim e praticamente me mandou para aquele lugar. Além de sugerir que eu cuidasse da minha própria vida, disse que Dakota me traiu várias vezes.

Minha cabeça até dói ao pensar nisso, e ainda não consegui decidir se quero pedir para Dakota me contar toda a verdade. Uma parte de mim prefere pensar que Nora estava irritada, e que no calor do momento começou a dizer as coisas que pudessem me atingir com mais força. Por outro lado, essa parte de mim não é grande o bastante para ignorar o fato de que é preciso fazer uma boa dose de contorcionismo mental para *não* acreditar em Nora. Ela poderia estar só querendo brincar com meus piores medos, mas o que disse *pareceu* verdadeiro.

"Vai querer mesmo lavar mais uma pilha de roupas?" A voz de Tessa me surpreende.

Ponho a pilha de toalhas dobradas no chão e me viro para ela, que está de pé no corredor, com a gravata verde-limão mais brilhante do que nunca.

"Sim. Está na hora de começar a ajudar mais nas coisas da casa. Quer dizer, *apartamento*."

Eu abro o closet, e Tessa se encosta na parede. Está usando maquiagem hoje; seus olhos estão contornados por delineador preto, e seus lábios estão reluzentes. Fazia um tempão que ela não se maquiava. É linda mesmo sem nada no rosto, mas hoje parece um pouco menos triste do que nos últimos meses.

O voo de Hardin vai aterrissar a qualquer momento, e me pergunto se uma coisa tem relação com a outra. Pensei que

ela fosse ficar mais abalada quando contei, com um jeito mais sonâmbulo que o normal, mas não parece ser o caso. Ela dá a impressão de estar mais radiante, mais leve.

"Você já ajuda bastante. Eu gosto de fazer a limpeza, sabe."

"Certo", eu concordo, sem muita convicção.

O closet minúsculo do corredor é quase inutilizável. As três prateleiras são pequenas demais, e a parte debaixo fica quase toda ocupada pelo aspirador e a vassoura. Enfio as toalhas lá dentro, na esperança de que não caiam e de que eu consiga fechar a porta. Mas é claro que caem, e preciso me agachar para recolher.

"É estranho eu estar nervosa?", Tessa pergunta baixinho. "Eu não deveria estar nervosa, né?"

Eu balanço negativamente a cabeça. "Não tem nada de estranho. Eu também estou nervoso."

Eu dou risada, apesar de não estar brincando, e enfio as toalhas de novo no closet, tentando mantê-las bem dobradas desta vez.

"Tem certeza de que está tudo bem, né? Lembra que a Sophia falou que você pode ficar com ela no fim de semana se rolar algum constrangimento." O nome *Sophia* sai esquisito da minha boca, mas isso me ajuda a não sofrer por ouvir seu outro nome.

Tessa confirma com a cabeça. "Está tudo bem, sério. Vou trabalhar quase o fim de semana todo mesmo."

Não consigo nem tentar imaginar como vão ser os próximos dois dias. Ou vão ser um alívio, com os dois dando as mãos e partindo para a via da reconciliação, ou um deles vai trazer a casa abaixo. Hardin é quem tem a reputação de fazer isso, mas isso é outra história, e sinto que Tessa aprendeu muita coisa de lá para cá, então, ela pode muito bem fazer o papel de demolidora.

"Ele vai vir de táxi de Newark, então, deve chegar em uma hora, por causa do trânsito." Fecho a porta e olho para Tessa. O pânico borbulha no meu peito.

Não é justo eu pedir que ela fique numa boa com a visita dele. Deveria ter falado para Hardin se hospedar num hotel; existem centenas deles na cidade. Tessa é minha melhor amiga, Hardin que se virasse de outra forma. Por outro lado, nem as chamas do inferno seriam capazes de mantê-lo longe dela, então, por que perder tempo tentando?

Esfrego o queixo com a barba por fazer. "Estou com a sensação de que isso não vai dar certo. Eu não deveria ter concordado."

Tessa afasta minha mão do rosto. "Está tudo bem." Ela crava os olhos em mim. "Sou uma garota crescidinha. Já sei como lidar com Hardin Scott."

Solto um suspiro. Eu sei que Tessa sabe lidar com ele. É a única pessoa no universo que consegue fazer isso. O problema não é esse. O problema é que isso, em geral, acaba em guerra. Tento encarar a situação como um campo de batalha. Tessa de um lado, com a espada em punho, com Nora e seu exército de cupcakes na retaguarda. Então, vem Hardin, sozinho e implacável, com seu tanque preparado para atropelar qualquer um que se coloque em seu caminho. Eu me vejo no meio, balançando uma bandeirinha branca patética, mas me preparando para testemunhar uma carnificina.

Sigo Tessa até a sala para terminar de separar a roupa limpa para guardar.

"Você-sabe-quem vai estar de bobeira por aí no fim de semana? Não sei como isso pode acabar..." Imagino Robert, o garçom bonitão, esmagado pelo tanque de guerra de Hardin. Se Tessa vai estar trabalhando, será que Robert também vai estar? Se estiver, melhor manter Hardin bem longe daquele restaurante.

Tessa pega o avental preto no alto da pilha de roupas. "Não, ele também vai trabalhar o fim de semana todo."

Não sei se isso é melhor ou pior. Isso significa que ele vai estar perto *dela* o tempo todo. Será que eu devo oferecer a Robert uma viagem com despesas pagas para Marte

enquanto Hardin estiver na cidade?

Talvez.

Detesto ficar nessa posição, como intermediário dos dois, mas estou fazendo o melhor possível para me manter neutro sem deixar de ser um bom amigo para nenhuma das duas partes. Tessa vai estar no trabalho o fim de semana todo. Junto com Robert. Certo, então talvez seja mesmo *pior*. Eles vão passar um bom tempo juntos, e Hardin com certeza vai ficar pensando nisso.

Somando a isso a possibilidade de Dakota estar me traindo desde que se mudou para Nova York e a abrupta saída de cena de Nora, parece que a minha vida se transformou num drama adolescente. Não, eu não sou adolescente. Agora sou adulto. Bom, mais ou menos. Um drama New Adult, então. Existe isso, New Adult? Ouvi duas mulheres conversando a respeito outro dia no Grind. Uma delas, uma baixinha com cabelos cacheados e um manuscrito de centenas de páginas na mão, estava perplexa porque alguém de vinte e poucos anos conseguiu um contrato com uma editora para publicar um livro de um gênero chamado New Adult.

"*Que diabos é isso de New Adult, aliás?*", a outra mulher perguntou, com a clara intenção de colocar mais lenha na fogueira.

"*Alguma subcategoria de merda que as editoras criaram pra lançar os livros mais merdas. Jovem demais pra ser um romance adulto, mas não o suficiente pra entrar na categoria Young Adult*", rosnou a aspirante a escritora.

Enquanto eu limpava as manchas de café na mesa ao lado, me perguntei se eu iria gostar de ler algum livro New Adult. A maior parte do que gosto de ler está enquadrado como Young Adult, mas e quanto às pessoas que querem ler coisas um pouco mais sérias e mais relacionadas com a vida real? Nem todo herói improvável é capaz de salvar o mundo, e nem todo amor é mágico e transformador. Às vezes, até mesmo os mais bonzinhos acabam levando na

cabeça — e eu posso me incluir nessa conta. Onde é que estão os livros como *esses*?

"Vocês têm alguma coisa planejada para o fim de semana?", Tessa pergunta. Ela está com dificuldade para amarrar o avental atrás das costas, mas, quando vou ajudar, acaba conseguindo.

"Não que eu saiba. Acho que ele só vai vir aqui pra dormir, e volta na segunda à tarde."

Tessa se esforça o máximo possível para manter uma expressão neutra. "Certo. Vou fazer dois turnos hoje, então, não precisa me esperar acordado. Só vou chegar lá pelas duas da manhã."

Ela está trabalhando sem parar desde que chegou à cidade, em agosto. Sei que está fazendo isso para manter a mente ocupada, mas não acho que esteja ajudando. Mesmo ciente de que ela vai me interromper, começo a falar a respeito.

"Eu gostaria muito, de verdade, que você não trabalhasse tanto. Não precisa me ajudar a pagar nada. Já ganho o suficiente, e você sabe que Ken faz questão de se encarregar da maior parte das contas", lembro pela décima vez desde que ela veio morar comigo.

Tessa mexe um pouco no cabelo e olha para mim. O sorriso em seu rosto é uma indicação de que está prestes a me mandar ficar quieto. "Eu não vou ter essa conversa com você de novo", ela avisa, sacudindo a cabeça.

Resolvo poupar minhas energias para o fim de semana e deixo que ela faça como quiser. "Me manda uma mensagem quando sair, então?" Pego a chave de Tessa no gancho na parede e ponho sobre sua mão.

"Está tudo bem", ela garante.

Nós dois ficamos olhando para suas mãos trêmulas.

Quando ela sai, vou para o chuveiro e depois faço a barba. Às vezes, penso em deixar crescer, mas, quando faço isso,

sempre acabo raspando. Se deixar uma barba comprida, talvez eu seja convidado para algum círculo secreto de hipsters em Greenpoint. Por outro lado, será que estou pronto para esse tipo de compromisso? Duvido. Enrolo uma toalha na cintura e escovo os dentes. Não sei se gosto de ser adulto pelo que vivi até aqui. Por que Nova York precisa ser tão longe de Washington? Eu precisava ligar para a minha mãe hoje...

Uma batida na porta ecoa pelo apartamento.

Hardin; deve ser ele. Por que estou tão ansioso pela chegada dele?

Quando abro a porta, me arrependo de não ter vestido nada, porque ele vai falar merda assim que me vir de toalha.

Meus olhos se encontram com os de Dakota, e dou um passo para trás, surpreso, para deixá-la entrar. É a última pessoa que eu esperava ver; não sei nem se estou pronto para isso.

"O que aconteceu? O que você está fazendo aqui?" Nosso último encontro não foi exatamente agradável, e logo depois Nora apareceu no meu apartamento com uma caixa com seus pertences.

Dakota me encara, quase me atravessando com os olhos profundos e escuros. "É...", ela começa, com a voz falha. Seu lábio inferior começa a tremer de apreensão. "O meu pai. Ele... ele vai morrer." Ela cobre a boca assim que diz essas palavras.

Um esboço de choro escapa de seus olhos. "Agora que eu estou dizendo em voz alta é ainda pior. Ele está morrendo, Landon. O meu pai... ele vai morrer. E eu não estou lá, e ele daqui a pouco vai estar morto. Eu..."

Instintivamente, eu a puxo para junto do meu peito. Sinto seu rosto molhado contra a minha pele, e seu corpo estremece quando os soluços tomam conta.

Não sei qual pensamento é pior: não estar triste por ele, ou o fato de eu sentir Dakota como uma estranha nos meus

braços. "O que aconteceu?"

As mãos dela se movem pelas minhas costas descobertas, e eu acaricio seus cabelos cacheados.

"O fígado dele... está entrando em falência. Parece que é hepatite alcoólica. Não sei bem o que isso significa, mas o fígado dele está cheio de feridas. Eu sabia que a bebida ia acabar com a gente, um por um. Primeiro Carter, depois meu pai... Com certeza, eu sou a próxima."

Eu a abraço com mais força para aliviar os pensamentos mais sinistros. "Me diga exatamente o que contaram para você."

Eu a levo até o sofá, fecho a porta e depois me junto a ela. Dakota ainda está tremendo quando nos sentamos, e ela ajusta seu corpo ao meu, se agarrando a mim como se fosse despencar se me soltasse.

Ela explica que a enfermeira usou um monte de termos médicos impossíveis de entender e lembrar. O corpo dele está definhando depressa, e ele mal tinha dinheiro para se manter, muito menos para pagar as despesas médicas. É uma coisa revoltante que um homem, por mais desagradável e cruel que possa ser, não consiga nem ter um seguro saúde que sirva para salvar sua vida.

"Você quer fazer uma visita pra ele? É isso o que está pretendendo?" Meus dedos sobem e descem pelos seus braços para confortá-la.

"Não dá. Ainda estou devendo o dinheiro do aluguel, estou sem grana pra nada."

Olho bem para o seu rosto, mas ela se vira e enterra a cabeça no meu pescoço.

"Esse é o único motivo? Você não pode ir só por causa do dinheiro?"

Considerando o histórico dos dois, eu não ficaria surpreso se Dakota não quisesse ver o cara antes de morrer. E não a condenaria por isso.

"Eu não quero que você pague a viagem", ela diz antes que eu tenha a chance de oferecer. Dakota levanta a cabeça

para me olhar. "Desculpa ter vindo aqui. Não sabia pra onde ir. Minhas colegas de apartamento não iam entender, e a Maggy não é muito boa em escutar os problemas dos outros."

"Shhh." Eu acaricio suas costas. "Não precisa se desculpar." Eu levanto seu queixo para perto do meu rosto.

"Eu deveria estar triste, aliás? Não sei se estou sentindo tristeza ou alívio. Só acho que estou triste porque ele é o último parente que me restou. Se ele morrer, pra quem eu ainda existo? Não tenho mais ***ninguém***, Landon."

Não digo a ela que, na verdade, não tem pai desde que era uma garotinha. Não digo a ela que, do fundo do coração, não estou nem um pouco triste com a morte dele. Em vez disso, digo que o que quer que esteja sentindo no momento, é natural. Digo que ela não precisa explicar seus sentimentos para ninguém.

"Se eu não for, ninguém mais vai. Ele não vai ter nem um funeral. Como é que as pessoas fazem pra pagar pelos funerais?" A voz de Dakota fica embargada, e eu continuo a abraçando.

Penso nos membros da família de Dakota que conheci no passado. Ela tem uma tia em algum lugar em Ohio, a irmã de seu pai. Seus avós paternos já morreram, e ela perdeu o contato com os maternos. Eles ligavam toda semana depois que sua mãe foi embora, mas os telefonemas foram rareando e depois pararam de vez. Nossa conclusão foi que os dois perderam a esperança de que Yolanda um dia voltasse de Chicago. Conversar com Dakota os fazia lembrar da perda da filha e, de forma bem egoísta, eles se afastaram dos netos.

No funeral de Carter, não tinha quase ninguém. Só Dakota e eu na primeira fileira. Alguns professores do colégio apareceram e ficaram uns minutinhos, e Julian compareceu, claro. Ele saiu chorando de forma inconsolável quase imediatamente. Três babacas da escola chegaram a entrar, mas foram expulsos por Dakota antes mesmo de se

sentarem em um banco. O perdão não foi um sentimento muito presente naquela igrejinha nesse dia. Quando a cerimônia começou, todo mundo já tinha ido embora. O pai de Dakota não se deu nem ao trabalho de aparecer. Yolanda também não. Ninguém chorou; ninguém compartilhou lembranças felizes. O pastor ficou com pena de nós, dava para ver, mas Dakota quis ficar até o fim para homenagear o irmão.

"*Você acha que ele vai para o céu? Meu pai diz que Deus não aceita gente como ele no céu.*" A voz de Dakota parecia tão vazia quanto seus olhos.

Tentei manter um tom de voz baixo para não ser ouvido pelo pastor quando respondi: "*Acho que o seu pai não faz a menor ideia de quem Deus aceita ou não no céu. Se o paraíso existir, é lá que o Carter está.*"

"*Acho que não acredito em Deus, Landon*", Dakota falou, e de forma nada discreta. Não teve o menor pudor em dizer isso na igreja.

"*E também não precisa*", eu falei.

Eu a abracei com força, e depois de dez minutos de silêncio subi ao púlpito para recordar nossos melhores momentos com Carter. Com apenas Dakota na igreja, contei uma hora de histórias, nossas aventuras mais loucas, nossos sonhos para o futuro; não parei de falar nem quando o pastor fez um sinal discreto avisando que era hora de encerrar. O funeral do pai dela seria igual, só que dessa vez Dakota estaria sozinha. Ninguém reviveria lembranças para ela. Só consigo pensar em uma memória positiva do sujeito. Eu o odeio mais do que imaginei ser possível, então, não sei se conseguiria dizer alguma palavra respeitosa a seu respeito. Nem mesmo depois de morto.

"Vem comigo. Você pode ir comigo? Eu ajudo a pagar. Arrumo um jeito de pagar uma parte", Dakota diz de repente.

Ir com ela? Para Michigan?

"Por favor, Landon. Eu não consigo fazer isso sozinha."

Antes que eu possa responder, ouço uma batida na porta.

"É o Hardin", digo. "Ele veio passar o fim de semana aqui."

Dakota se afasta de mim e finalmente parece perceber que não estou nem vestido. "Já estou indo." Ela se inclina para a frente e me dá um beijo no rosto. "Por favor, pense nisso. Eu iria na segunda. Vou usar o fim de semana pra levantar algum dinheiro. Por favor, pense a respeito e me avise no domingo."

"Certo." Tem coisas demais passando pela minha cabeça para eu dizer o que quer que seja.

Dakota me segue até a porta e, quando abro, Hardin está parado diante da porta, com uma bolsa preta de lona pendurada no ombro. Seus cabelos compridos estão bagunçados, e ele parece mais alto que nas minhas lembranças. Seus olhos observam Dakota, depois se voltam para mim, e ele levanta as sobrancelhas.

"Ora, e aí, Landon. Delilah." Ele passa por nós e entra.

Com os olhos inchados, Dakota nem se dá ao trabalho de responder. Sem dizer nada, ela me dá um abraço apertado e vai embora. Depois de observá-la por mais alguns instantes, volto para dentro e fecho a porta.

Um pouco alto demais para o meu gosto, Hardin pergunta: "O que ela estava fazendo aqui? Você não estava comendo a tal outra?" Ele joga a bolsa no sofá e começa a andar pela sala, examinando cada centímetro quadrado como se estivesse na cena de um crime.

"Estou precisando de uns conselhos", digo com um suspiro.

Hardin para perto da poltrona e passa a mão em uma calça de pijama de Tessa. Seus dedos acariciam o tecido flanelado, contornando o desenho das nuvenzinhas da estampa.

"Vai pôr uma roupa primeiro. Não posso dar conselho pra ninguém pelado. Muito menos você."

Eu reviro os olhos e vou até o quarto para me vestir e me preparar para a tempestade que vem pela frente.

6

Não sei se sou relaxado ou não. Uso calças de moletom quase o tempo todo, mas porque são confortáveis, só isso. Se eu fosse mulher, jamais conseguiria usar salto alto e vestidos justinhos. Seria como Tessa: calça de ginástica e blusinha. Pego uma camiseta azul e uma calça de moletom cinza e decido deixar essa questão para mais tarde.

Quando volto à sala, Hardin está sentado no sofá, com o laptop aberto e uma caneta entre os dentes.

"Já está trabalhando?", pergunto. Em que diabos ele anda trabalhando, aliás?

Sento na poltrona e observo quando ele começa a remexer uma pilha de papéis sobre a mesa. Tem um copo de café pela metade ao lado do laptop. Tem um adesivo — de uma banda, acho — cobrindo o logo da Apple. Olho para o meu computador na beirada da mesa de centro e comparo os dois. O dele tem um adesivo metalizado de espinhos e rosas, enquanto o meu tem um que diz LUFA-LUFA PARA SEMPRE. Em minha defesa, o meu é bem bonito, e também engraçado, porque eu não sou da Lufa-lufa. Um quiz on-line idiota sugeriu que eu era, então, tentei assumir isso. Comprei o adesivo e tudo, mas, no fundo, sei que sou da Grifinória de corpo e alma.

"Pois é. Você demorou demais pra se vestir", ele reclama.

Hardin reclamando? Que surpresa.

Jogo uma almofada nele, que resmunga alguma coisa baixinho. "Cadê a Tess?"

"Trabalhando. Ela vai estar ocupada enquanto você estiver aqui."

Ele bufa, mas permanece em silêncio. Dá para ver a mágoa transparecer em seus olhos verdes. Percebo o quanto sua respiração acelera ao mencionar o nome dela.

"Ocupada quanto? A que horas ela costuma chegar em casa?", ele quer saber.

Fico hesitante. Preciso me manter neutro nessa história. "Hoje ela vai chegar lá pelas duas."

Hardin fecha o laptop e se inclina para a frente como se fosse levantar. "Duas? Da madrugada?"

"Sim. Ela vai fechar o restaurante hoje. E está fazendo dois turnos."

"Duas da manhã é um ***absurdo***. Ela não tem por que ficar trabalhando até de madrugada, caralho." Hardin recolhe as páginas soltas e as enfia de volta na pasta.

"Eu não tenho como controlar o quanto ela trabalha. Nem você."

Ele solta um suspiro e assente com a cabeça, mostrando claramente que não está a fim de discutir. "Então, o que está rolando com você? Por que a Delilah estava com aquela cara de cachorro perdido?"

Esse Hardin Scott é mesmo elegância pura. "O pai dela está morrendo."

Vejo sua expressão tornar-se mais séria. "Ah, desculpa aí."

Balanço a cabeça e me recosto na poltrona. Sinto meus cabelos bagunçados sob a ponta dos dedos. "Ela vai viajar pra Michigan e quer que eu vá junto. Na segunda."

Hardin cruza uma das pernas sobre o joelho da outra e ajeita os cabelos para trás. Parece que não cortou desde a última vez que o vi. "E a Nora? Vocês dois ainda estão naquele rolo?"

Então, ele *sabe* o nome dela... "Não. Ela saiu daqui puta da vida uma semana atrás dizendo que eu estava tão envolvido com a Dakota que nem percebi que tinha outra gostando de mim. E não voltou mais depois disso."

"Então, está tudo muito claro. Se ela não apareceu mais e nem falou com você, pode fazer o que quiser. Se estiver se sentindo culpado, vai ter que perguntar pra você mesmo o porquê."

Certo: *Por que estou me sentindo culpado?* Nora ficou chateada comigo por uma coisa que eu não tinha como controlar. O que ela queria que eu fizesse, traísse Dakota? Eu não tinha como prestar atenção ao que Nora sentia por mim porque, em primeiro lugar, em Washington, eu estava apaixonado por Dakota e, depois que mudei para cá, estava lamentando o fim do meu relacionamento. Entendo o porquê Nora ficou envergonhada e irritada. Eu me sentiria da mesma forma se fosse ignorado, mas não foi nada de propósito. Ainda não acredito que alguém como Nora se daria ao trabalho de reparar em mim, mas foi isso o que aconteceu — e de alguma forma consegui estragar isso também.

"Vai ver é melhor manter distância das duas logo de uma vez. Ficar solteiro não é tão ruim assim."

Fecho os olhos e penso a respeito. Talvez eu fique melhor sozinho. Uma pessoa como eu se vira bem sozinha. Já tenho muita gente com quem me preocupar. Tessa, minha mãe, minha irmãzinha (que vai chegar em algumas semanas), Hardin, Dakota... Será que dá para acrescentar mais algum nome à lista?

"Ser solteiro é uma puta de uma bosta, cara", Hardin comenta. "Confie em mim, é uma bosta."

Abro os olhos e dou uma encarada nele. "Você poderia ter mentido para fazer com que eu me sentisse melhor."

"Não. Eu não posso mentir." Ele estende a mão direita como se estivesse prestando um juramento oficial.

Isso me faz dar risada. "Mentiroso."

Ele encolhe os ombros e abre um sorriso malicioso. "Eu virei algumas páginas da minha vida."

Algumas horas depois, Hardin volta de uma reunião sobre a qual não me fala nada. Diz que vai me contar tudo na semana que vem quando tiver um retorno. Fico curioso, mas uma parte de mim não deseja saber de nada que seja necessário esconder de Tessa depois.

Lembrando que preciso trabalhar amanhã cedo, começo a me perguntar quais são os planos de Hardin para o jantar. No momento em que esse pensamento me passa pela cabeça, ele entra no meu quarto sem bater na porta.

"Vou sair pra comer. Quer ir?" Ele dá um tapa no meu pé.

Antes de levantar, pergunto aonde ele pretende ir.

"No Lookout", ele responde, convicto.

"É lá que a Tessa trabalha", lembro.

Ele encolhe os ombros largos. "Eu sei."

Certo...

"Ela tem motivos pra querer manter distância de você. Acho que..."

Ele levanta a mão e me interrompe. "Escuta só, eu vou de qualquer jeito, com ou sem você. Só quis ser legal e fazer o convite. Sei que ela trabalha lá, e quero ir mesmo assim. Eu vou. Você vai também?"

Solto um grunhido e levanto da cama. "Tudo bem. Mas aquele tal de Robert trabalha lá, aquele que..."

"Eu sei quem é. Mais um motivo pra querer ir."

O problema de Hardin é que, quando ele enfia alguma coisa na cabeça, não tem jeito de tirar.

Pois é. E o meu problema é achar que preciso explicar coisas que não precisam ser explicadas.

Como não vejo nenhuma outra solução, confirmo com a cabeça. "Só espera aí que vou pôr os sapatos."

Ele dá uma olhada para as minhas roupas, de cima a baixo. "Você vai vestido assim? A Nadia não trabalha lá?"

"Sim, a *Nora* trabalha lá. E, sim, vou vestido assim."

Se Nora estiver *mesmo* trabalhando, duvido que dê alguma bola para mim, e as roupas que estou usando são confortáveis. Não são bacanas como as de Hardin, que está todo de preto, mas pelo menos meu moletom deixa meu pau respirar, ao contrário do jeans dele.

Dez minutos depois, estou vestido com uma calça jeans escura e uma camisa xadrez de manga curta. A calça é um pouco apertada, mas Hardin sentou no sofá e se recusou a sair enquanto eu não trocasse o "pijama", e estou faminto demais para discutir.

Durante a caminhada até o Lookout, Hardin me pergunta sobre os estudos, o trabalho e alguns outros assuntos não relacionados a Tessa. Hoje é bem mais falante do que quando o conheci. Está progredindo bastante.

Vemos Tessa antes que ela nos veja. O Lookout é um restaurante moderninho, com uma decoração de tema industrial. Quando chegamos ao balcão da hostess, Tessa está logo atrás de uma árvore metálica enorme com rodas dentadas nos galhos em vez de folhas. A praça das sobremesas fica bem ao lado da hostess, e é inevitável para mim procurar pelos cabelos escuros de Nora. Vejo de relance seu cabelo e sua pele morena enquanto Hardin pergunta a Robert qual é a seção de Tessa, mas ela desaparece antes que eu possa vê-la melhor.

Ironicamente, Hardin age como se nunca tivesse visto Robert na vida.

"Eu já volto", Robert avisa, olhando para Hardin e depois para o outro lado do salão. Não é um lugar muito grande; tem só umas vinte mesas alinhadas às paredes.

"Que puta cara cuzão", Hardin diz quando Robert se afasta. Eu ignoro sua irritação.

Nora aparece atrás do balcão, com uma bandeja de bolinhos nas mãos. Seus cabelos estão amarrados no alto

da cabeça, mas algumas mechas estão caídas, emoldurando seu rosto. Seus olhos parecem sem foco, e ela olha só para a frente.

Será que ela sabe que estou aqui?

Será que se importa com isso?

"Tessa", escuto Hardin dizer.

Mantenho os olhos concentrados em Nora. Ela abre a vitrine do balcão e começa a colocar as bandejas lá dentro, alinhando direitinho, sem desviar a atenção da tarefa. Não é muito bem iluminado aqui, mas dá para dizer que está exausta. Daqui percebo que seus ombros estão caídos.

Com o canto do olho, vejo a silhueta de Tessa se aproximar e, quando me viro, já vou logo dizendo: "Foi o Hardin que quis vir aqui." Caso ela fique incomodada, quero deixar bem claro que não é culpa minha. Só estou seguindo de acordo com a maré.

Tessa não responde; seus olhos estão cravados em Hardin.

"Nós não precisamos comer aqui se você estiver muito ocupada", sugiro.

Não consigo entender a troca de energia entre esses dois malucos.

Os dedos de Hardin envolvem o pulso de Tessa, e os olhos dela brilham, como eu não via fazia meses.

"Não", Tessa diz, ofegante. "Está tudo bem, sério mesmo." Ela se desvencilha da mão de Hardin e pega dois cardápios atrás do balcão da hostess.

Sigo Tessa até a mesa e dou uma última olhada para Nora. Ela não olha para mim. Não sei se está me ignorando ou se simplesmente não me viu. Como não me notar se estou com os olhos cravados nela?

Hardin e Tessa trocam amenidades enquanto me acomodo à mesa e Hardin finge que não sabe que ela trabalha até tão tarde. Finge que não vai ficar maluco sabendo que ela chega em casa a essa hora. Tenta ser normal na presença de Tessa.

"A Sophia está ocupada?", pergunto depois de pedir a comida.

Tessa faz que sim com a cabeça. "Está sim. Desculpa." Tessa não me corrige por não a chamar de Nora. Será que ela sabe que tem alguma coisa rolando? Que tipo de amigo sou eu por esconder isso dela?

Tessa franze o rosto, e Hardin se inclina em sua direção. Será que ele percebe que seu corpo reage aos movimentos dela? Quando ela anota os pedidos, os olhos dele grudam nos seus dedos. Até a respiração dos dois está em sincronia.

Esses dois me deixam doente. Eu sou um tonto que não tenho ninguém, enquanto eles parecem ter ímãs atraindo um na direção do outro. Vão ficar juntos para sempre. Sei que a verdade é essa. Eu não consigo ser um ímã; para isso, é preciso ter alguém para atrair. Dá para ver que é um dia ruim quando a pessoa se surpreende desejando ser um ímã. Quando Tessa avisa que Nora fechou nossa conta, Hardin deixa uma gorjeta generosa para a ex. Ela enfia o dinheiro no meu bolso de trás quando estamos saindo. Durante o jantar, não consegui pensar em nada além da proximidade de Nora. Fiquei de olho na saída da cozinha o tempo todo. Nem percebi quando terminei de comer. Mas a comida estava ótima, disso tenho certeza.

O fato de Nora estar aqui e não ter ido até nossa mesa me deixa maluco. Minha intenção nunca foi magoá-la, e eu mereço pelo menos a chance de me explicar. Ela teve mais de uma hora para pelo menos passar lá perto, acenar ou abrir um sorriso por educação.

Quando chegamos à porta para ir embora, puxo Hardin pela manga. "A gente se encontra lá em casa."

Hardin não faz nenhuma pergunta, mas também não se oferece para ficar comigo. Simplesmente balança a cabeça e vai embora. Ainda bem.

Me sento no banco do lado de fora e vejo que horas são no celular. Nove e dez, e não faço ideia de quando termina o turno de Nora. Decido esperar até ela sair. Mesmo que seja

às duas da manhã.

Olho ao redor e me recosto na parede gelada. O ar de outono está frio e pouco agitado. As calçadas estão quase vazias, o que não é comum para uma sexta-feira à noite no Brooklyn no mês de setembro. Enquanto espero, tento pensar no que dizer para Nora. Como posso começar a conversa?

Duas horas depois, quando Nora sai pela porta do Lookout, ainda não consegui decidir. Ela passa direto por mim, com sua trança escura e comprida balançando atrás de si. Quando para na esquina para atravessar, solta os cabelos e sacode a cabeça. Ela é linda demais, mesmo sob a nada favorável luz da rua.

Acho que deveria marcar minha presença; chamar seu nome e encará-la em vez de segui-la em silêncio. Mas alguma coisa dentro de mim me impede de fazer isso. Onde ela está indo, aliás? Será que voltou a morar no antigo apartamento com Dakota? Não sei, mas estou com a sensação de que vou descobrir em breve.

Nora atravessa os quarteirões silenciosos pegando as ruas secundárias mais estreitas. Fico preocupado por ela não perceber que está sendo seguida. Não olhou para trás nenhuma vez. Ela põe os fones de ouvido e parece contente andando pelo Brooklyn às onze da noite sem se preocupar com o que acontece nos arredores.

Quando atravessa a avenida Nostrand, imagino que ela vá pegar o metrô. Eu deveria segui-la mesmo? Por que não estou me sentindo uma espécie de pervertido, vigiando-a e seguindo-a como um psicopata? Seja por que for, atravesso a rua e desço as escadas do metrô atrás dela.

Fico a pelo menos uns cinco metros de distância dela, e permito que um grupo de pessoas se coloque entre nós. Nora balança a cabeça ao som da música enquanto espera na fila do metrô para passar seu MetroCard.

O vagão está quase vazio quando entramos. Se Nora pelo menos olhar ao redor, vai me ver. Ela se senta ao lado de uma mulher que está lendo um jornal. Espero que isso me esconda um pouco do campo de visão dela. O metrô está sinistramente silencioso. Quando tusso, percebo que não sou muito bom nessa coisa de perseguir os outros.

Nora tira o telefone do bolso e fica olhando para a tela. Em seguida, passa o dedo na tela, suspira e passa o dedo de novo. Dez minutos depois, levanta para descer, e eu vou atrás. Fazemos baldeação para outro trem, e quarenta e cinco minutos depois estamos na Grand Central. Não faço ideia de onde essa mulher possa estar indo, nem por que continuo a persegui-la.

Embarcamos no trem Metro-North, e em meia hora chegamos à estação de Scarsdale. Nem imagino onde fica Scarsdale, nem por que estamos aqui. Quando saímos da estação, Nora para em um banco e desabotoa a camisa do trabalho. Está usando uma blusa preta por baixo, de um tecido parecido com uma redinha. O sutiã está aparecendo por baixo, e tento não ficar olhando quando ela guarda a camisa na bolsa e fecha o zíper. Nora tira os fones do ouvido e pega o celular dentro da bolsa. Eu me escondo atrás de uma placa publicitária de uma seguradora. "Estou aqui, esperando o motorista na frente da estação. Como foi o jantar? Ele comeu alguma coisa pelo menos?", ela pergunta para a pessoa do outro lado da linha.

Alguns segundos se passam. "Bom, eu vou ajudar. Chego aí em quinze minutos." Ela desliga o telefone, guarda na bolsa e se vira para onde estou escondido. Eu me abaixo mais um pouco.

E agora, qual é o plano? Que motorista é esse que vai vir até aqui buscá-la?

Quando penso que estou a salvo, escuto a voz de Nora dizer: "Seus pés estão aparecendo por baixo da placa, Landon."

7

Dou uma espiada pela lateral da placa e vejo Nora se aproximando. Os cabelos escuros escondem seu rosto. Sob a luz fraca do estacionamento da estação, ela ganha um aspecto de vilã. Está usando uma calça jeans preta com um rasgo no joelho, e o sutiã preto aparece sob o tecido de redinha da blusa regata. Será que é permitido trabalhar com uma calça rasgada em uma cozinha de restaurante? E, o mais importante, por que eu estou preocupado com isso agora?

Fico imóvel enquanto ela vem até mim, sua presa, no meio do nada. Para ser sincero, o sistema de transporte ferroviário daqui ainda me deixa perplexo. Não consigo entender as placas, não suporto ficar socado no meio de um monte de gente como se estivesse numa lata de sardinhas e detesto me sentir preso debaixo da terra, mas, quando os trilhos são de superfície, às vezes, fico meio enjoado.

Como é que eu vou voltar para casa se não consigo entender as placas?

E que diabos de lugar é Scarsdale, aliás?

Nora fica esperando que eu saia do meu "esconderijo". "Pensa que eu não sei que você está me seguindo desde que saí do Lookout?" Ela ergue a sobrancelha e me dá uma encarada.

Eu não ficaria surpreso se ela sacasse um chicote ou uma

espada, considerando o quanto parece ser senhora de tudo ao redor. Ela não tem nada de tímida, é encantadora, e estar aqui numa noite escura em sua presença só faz crescer sua aura de mistério. Me sinto como se estivesse em um filme, e seus olhos verde-escuros parecem quase pretos, em vez do tom de sempre, mais puxado para o castanho.

Nora para a dois passos de mim e saca o celular, e não uma espada, do bolso de trás da calça. Em seguida, ela dá uma olhada rápida na tela e guarda o aparelho de novo.

"Eu já fiz umas aulinhas de defesa pessoal", ela continua, acentuando a minha péssima atuação como um espião. "Vi você assim que pegamos a Nostrand. Estava esperando que viesse falar comigo." Ela faz uma pausa, e seus lábios cheios se curvam em um sorriso. "Mas você continuou só me seguindo. Que história é essa?"

Ela toca o meu braço de leve.

Oficialmente ela me acha maluco, ou pode ser também que eu seja um pouco.

Começo a coçar a nuca e tento pensar em uma explicação. "Bom" — limpo a garganta, com um pigarrear nervoso —, "então, eu queria falar com você depois do seu turno."

"Então, por que não me chamou? Sabe como é, em vez de me seguir?"

"Sei lá."

Ela sorri. "Sabe, sim. Pode falar. Me conte por que me seguiu. Eu tenho um talento especial pra descobrir quando estão mentindo pra mim. É meu maior talento, na verdade." Os olhos dela se cravam nos meus. "Então, vou perguntar de novo. Por que você me seguiu durante uma hora e meia do Brooklyn até Scarsdale?"

Sem pensar duas vezes, começo a falar: "Quero falar com você já faz horas, desde quando você estava trabalhando, e sabia que você estava lá, mas não veio me cumprimentar nem nada. Não aparece lá em casa há dias. Também não

me ligou nem entrou em contato".

"Eu não tenho o seu número."

Ela passa a língua nos lábios, e me lembro do gosto de sua boca. De sua mão sobre mim, sua língua acariciando de leve a minha. Ainda bem que ela não consegue ler meus pensamentos.

"Você me mandou uma mensagem no dia em que a gente saiu."

"Ah, é. Esqueci."

Ela fica pensativa, e prende o cabelo atrás da orelha com um gesto firme. "Certo, sobre o que você queria conversar?" Nora se apoia na parede e dobra o joelho. Ela está bem confortável para alguém que estava sendo seguida por um louco bizarro.

Sobre o que ***exatamente*** eu queria conversar? Devo dizer que só queria saber se estava tudo bem? Que estava sentindo sua falta? Ela vai saber se eu estiver mentindo pelo que acabou de falar.

As palavras fogem da minha boca — "Eu estava com saudade" —, e Nora corrige a postura junto à parede. "Onde você está indo? Onde é que a gente ***está***?", pergunto depois de alguns segundos de silêncio.

Antes de responder, Nora fica tensa. Olha para mim, e depois para o nada.

Quando me viro, vejo um cara de terno andando na nossa direção. "Srta. Crawford", um sujeito grandalhão, um gigante, diz.

Certo, talvez não um gigante, mas parece imenso perto de Nora.

"Chase", ela diz, com um sorriso. É um sorriso estranho, falso. "Já estou indo. Só estou me despedindo do meu amigo. Ele me acompanhou do Brooklyn até aqui. É um cara bem legal." Seu olhar desvia dele e se volta de novo para mim.

Não faço a menor ideia do que está acontecendo. Nora faz um aceno rápido e vai atrás do homem, que pelo jeito é

o motorista que ela mencionou alguns minutos atrás ao telefone.

"Então é isso? Você não vai conversar comigo mesmo depois de eu ter vindo até aqui?" Levanto minhas mãos no ar, olhando para as costas de Nora.

Ela não se vira para falar comigo. "Obrigada por ter vindo!", ela responde.

E em seguida desaparece por uma das laterais da estação. Solto um grunhido de preocupação.

Por que diabos eu vim até aqui? Agora, preciso dar um jeito de voltar para o Brooklyn, e já é quase meia-noite. Eu deveria ter ido atrás dela em vez de ficar aqui parado, vendo Nora ir embora com seu amigo guarda-costas.

E quem é aquele cara, aliás? Ela tirou a camisa e soltou os cabelos — *por quê?* Será que tem um namorado secreto aqui? Um emprego de stripper? Será que faz parte de uma seita? Que tem múltiplas personalidades? Quem é que sabe?

Quando chego ao meu bairro, duas horas depois, a porta do apartamento está trancada. Como deixei minha chave com Hardin quando o mandei voltar sozinho, espero que pelo menos ele atenda. Primeiro dou uma batidinha de leve, mas, sem resposta, começo a bater com mais força. Alguns segundos depois, Hardin abre a porta, sem camisa e com cara de sono.

Ele esfrega os olhos com as mãos. "Pensei que você estivesse no seu quarto fazia tempo, seu ninja."

"Eu estava com a Nora." Decido reservar os detalhes patéticos para mais tarde.

Hardin levanta as sobrancelhas e se joga de novo no sofá, que parece minúsculo para seu corpo longilíneo deitado nele. Os pés ficam pendurados para fora. Fico surpreso por ele estar no sofá e não no quarto de Tessa, mas estou exausto demais para perguntar o motivo, e ele

também não parece estar com energia suficiente para explicar.

"Boa noite", digo a ele, e vou direto para o quarto.

Minha cabeça fica latejando durante horas enquanto tento pegar no sono.

Acordo dez minutos antes de o despertador tocar e preciso fazer força para levantar da cama. Ainda não acredito que dormi até as onze. Preciso trabalhar ao meio-dia para sair às quatro. Não é um turno longo, considerando que de sábado costumo trabalhar das seis às duas, então, hoje vai ser moleza. Ainda mais porque vai ser com Posey, não com Aiden. Pelo menos é essa minha esperança. Quatro horas com Aiden parecem oito. Mas, com Posey, parecem meia hora.

Durante o banho, me esforço para melhorar meu ânimo. Não posso ficar com cara de bunda no trabalho o dia todo. Começo a seguir minha rotina matinal. Banho, creme e loção para o rosto, porque Tessa diz que preciso usar tudo isso. Roupas: camiseta branca e calça jeans preta. Café: preto e forte.

No caminho da cozinha, vejo que Hardin não está mais sozinho no sofá. Seu braço envolve com força o corpo de Tessa, e o rosto dela está enterrado em seu peito. Não fico nem um pouco surpreso.

Preciso comer alguma coisinha antes de trabalhar, mas não quero acordar os dois. As bananas na bancada parecem passadas, e acho melhor não tentar cozinhar nada. Abro o armário e pego a primeira caixa de cereais que encontro.

Quando enfio a mão dentro da caixa, ouço o som inconfundível de passos sobre o piso de madeira. Deve ter sido a cafeteira que os acordou, ou o barulho do saco dentro da caixa de Frosted Flakes. Não me lembro dessa caixa aqui ontem, mas qualquer comida que entra na nossa casa é de todos. Mastigo os cereais secos rapidamente, me

arrependendo de ter colocado um punhado inteiro na boca de uma vez. Pego meu café na bancada e saio andando na direção do corredor. Dou de cara com Tessa. Abro um sorriso, e seu rosto fica todo vermelho.

"Que foi?", Tessa pergunta, sem me olhar nos olhos.

Levo o café até o rosto. "Naaaada." Dou um gole na bebida, enquanto Tessa dá sua revirada de olhos habitual e vai para o quarto, para onde, pelo jeito, Hardin se mandou também.

Quando chego ao trabalho, Aiden está atrás do balcão. Que ótimo.

"E aí, cara, a noite foi pesada?" Ele levanta a mão para eu bater, e faço uma careta.

"Acho que dá para dizer isso."

Quando bato o ponto, desejo ter um controle remoto como aquele do filme do Adam Sandler, que faz o tempo parar. Não estou dizendo que socaria ele nem nada, mas também não digo que não.

"Eu também, cara. Eu também." A sineta da porta toca, e desvio os olhos do chupão no pescoço de Aiden. Por que ele está sempre com esse tipo de marca? Quem faz isso depois da adolescência?

"Uau. Olha só", murmura a voz de Aiden com uma intimidade forçada, e olho para a porta.

Nora entra com os cabelos soltos e bagunçados na altura dos ombros, usando uma camisa jeans clara e calça branca. O efeito que ela causa é arrebatador.

"Oi." Ela sorri para mim, e escuto Aiden respirar fundo.

"Oi." Limpo a mão no avental e me viro para ela.

Aiden se apressa em perguntar se Nora quer alguma coisa para beber. Ela sorri, e percebo que ele endireita as costas e ajeita a camisa. Para ela... Ignorando que tem um chupão em seu pescoço. Isso não deve incomodá-lo.

"O que você recomenda?", ela pergunta para ele, me

deixando irritado. Isso não deveria me deixar irritado.

"Bom, você me parece ser uma *condisseur* experiente de café."

Nossa, espero que ela perceba que Aiden falou tudo errado. Isso supondo que ele quis mesmo dizer *connoisseur*[1].

"O que seria isso, uma espécie de condessa?", pergunto.

Por que foi que falei isso? Qual é o problema comigo? Dei até uma risadinha sem graça da minha própria piada malsucedida. Nora sorri, levando o dedo ao lábio.

Aiden ri, mas fico com a sensação de que é de nervoso, ou não sabe por que estamos rindo.

"Eu recomendaria o nosso novo latte com leite de coco", Aiden anuncia, pegando um copo e a caneta para anotar o nome dela.

Nora dá um passo à frente, se aproximando do balcão. "Eu não gosto de leite de coco."

Me esforço para segurar o riso. Aiden interrompe o gesto.

Nora se vira para mim. "Qual é aquela bebida que você leva pra Tessa? Aquela com sabor de banana?"

Sinto o ego de Aiden desinflar ao meu lado.

O ventinho que escapa dele é reconfortante.

Pego o copo e a caneta de Aiden e escrevo o nome de Nora, mais pela diversão. "É um macchiato com xarope de avelã e banana. Posso preparar um pra você."

Nora paga a bebida, e Aiden continua tentando puxar assunto enquanto ponho os ingredientes no copo.

"Quando o seu turno termina?", Nora pergunta quando entrego sua bebida customizada.

"Às quatro. Na verdade, acabei de chegar."

Nora dá um gole cauteloso, soprando dentro do copo primeiro. "Certo. Vou esperar aqui então."

Talvez ela tenha ouvido errado. "Esperar aqui? Ainda faltam quatro horas."

"Pois é, eu sei. Mas hoje está meio vazio aqui. Tudo bem

se eu ficar numa mesa lá nos fundos?" Nora crava os olhos em mim sem fazer nem menção de se virar para Aiden.

A atenção que ela me dedica faz com que eu me sinta importante, e acho que gosto de saber que Aiden está ficando maluco com a ideia de que alguém como Nora prefere olhar para mim e não para ele.

"Sim, claro", respondo.

Ela sorri, sabendo muito bem que eu jamais a mandaria embora.

---

1 N. da E.: Termo em francês para conhecedor/conhecedora.

8

Apesar do que Nora falou, o Grind está mais movimentado que o habitual para um sábado à tarde, e Aiden está mais devagar do que o habitual. Já esqueceu dois pedidos, escreveu o nome errado em três copos e derrubou um xarope de menta no chão. Fui eu que acabei limpando.

Com Nora me observando em silêncio de um canto nos fundos do salão, eu estava impaciente demais para esperá-lo encher o balde de água e sabão com a maior lentidão e passar o esfregão no chão manchado. Além disso, o cheiro estava péssimo, e me deu dor de cabeça na hora. Eu sabia que terminaria de limpar tudo antes mesmo que ele tivesse acabado de encher o balde. Aiden não me agradece, claro; em vez disso, me dá uma alfinetada, dizendo para eu não me esquecer do aviso de PISO MOLHADO.

Pensei que o movimento constante no café fosse desviar minha atenção do fato de Nora estar me observando. Não é isso o que acontece. Fico apreensivo com sua presença aqui, e é inevitável não olhar para onde ela está sentada a cada poucos segundos. Mesmo assim, estou trabalhando direito apesar da distração, ao contrário de Aiden. Pelo jeito, ele não é capaz de dar conta da pressão de ter uma fila de viciados em cafeína diante de si. Não consigo determinar o momento em que meu cérebro virou a chave da irritação

com ele para entrar em uma espécie de competição com o cara. Que estranho.

Entrego a uma mulher chamada Julie seu latte com dose tripla de espuma e olho mais uma vez para Nora. Ela está escrevendo alguma coisa num caderno. Não está olhando para mim. Não sei o que ela está escrevendo. Mas está parecendo uma policial fazendo campana.

Aproveito o momento para desfrutar mais um pouco dessa visão. Ela está à vontade, com a caneta entre os dedos. Bate a ponta no papel e cruza de novo as pernas. Adoro ver seus lábios curvados. A arcada bem feminina do lábio superior é um pouco mais proeminente que a do inferior.

"Cara!" A voz de Aiden interrompe os meus pensamentos obsessivos sobre a boca de Nora. Quando olho para ele, percebo que a fila está menor: só tem dois clientes esperando suas bebidas... mas os meus pés estão molhados. Por quê?

Aiden está apontando para a jarra tombada de chá verde, que está encharcando o chão, e os meus pés. Pego o cabo, levanto o recipiente e recoloco a tampa. A poça não é muito grande; só metade do chá escorreu. Dou uma olhada para o canto e vejo que Nora está me observando agora, com um sorriso no rosto. Meu rosto fica vermelho, e pego o esfregão. Forço meu cérebro a mil por hora a se concentrar apenas na limpeza. Molhar, esfregar, molhar de novo. Esfregar de novo, molhar.

Quando o saguão fica vazio, só duas horas se passaram. Minha camisa está suja, coberta de pó de café expresso, e meus pés ainda estão úmidos por causa do chá verde derramado. Por outro lado, faz dez minutos que não entra nenhum cliente, e Aiden está com uma cara de quem vai começar a resmungar daqui a pouco.

"Estou morrendo de fome e preciso decorar o texto pra um teste", ele reclama, conforme o esperado. Seus ombros estão caídos, e a camisa branca está cheia de manchas

marrons. Observando nós dois, parece que acabamos de participar da Grande Batalha da Cafeína e sobrevivemos para contar a história. Nora seria a rainha que estamos disputando, e um de nós vai conquistar a coroa e virar rei.

Antes que minha imaginação me leve para longe demais, Aiden se aproxima de mim, acenando com a mão. "Então, vou fazer um intervalo, certo?"

"Claro." Olho para Nora e assinto com a cabeça. "Por mim tudo bem... agora esvaziou mesmo."

Preciso varrer o chão e limpar as manchas de café das mesas. Preciso encher a caixa de gelo e passar pano nas bancadas. É uma lista bem grande.

Nora se levanta da mesa e passa os dedos pelos cabelos. Apanho um pano de limpeza e saio de trás do balcão.

"Ele é legal, hein?" Nora aponta com o polegar para os fundos do café, para onde Aiden foi.

"Ele é ok." Dou de ombros, e não quero que Aiden escute o que estamos falando a seu respeito. O cara é irritante, mas não pretendo deixá-lo chateado nem nada do tipo. Sei como é ouvir os outros falando da gente pelas costas, e não é nada agradável. Não desejo isso para ninguém. Bom, talvez para algumas pessoas, mas Aiden não é uma delas.

"Ele me lembra o rei Joffrey." Nora dá risada, cobrindo a boca.

"Quem é esse?"

Nora arregala os olhos. "O rei Joffrey, aquele loirinho cuzão."

Hã?

"Sério mesmo que você não sabe do que estou falando?" Ela me encara com uma expressão incrédula.

Faço que não com a cabeça.

"Você nunca viu *Game of Thrones*?"

"Ah. Não, ainda não."

"Não acredito!" Nora vem correndo até mim e me segura pelos pulsos. Ela está com cheiro de coco. "Por favor, me diz que está brincando. Eu jamaaais esperava isso de você. Em

que planeta você vive, e como consegue evitar os spoilers da internet?"

De um planeta em que as pessoas estudam e trabalham, sinto vontade de dizer. Mas seria uma grosseria... E também uma resposta bem lamentável.

"Ainda não tive tempo. Mas pretendo ver. Todo mundo fala muito bem, e eu não fico muito na internet." Estou parecendo um robô falando.

Na verdade, só tenho uma página no Facebook, e vivo esquecendo a senha e precisando redefinir. Tenho uns dez amigos por lá, e metade é da minha família. O perfil da minha mãe é cheio de fotos de bebês e de barrigas de gestantes, e a de Tessa tem um monte de imagens do Pinterest. Minha mãe tem obsessão por me marcar nas postagens. Fotos, citações, imagens de cachorrinhos. Da última vez em que entrei na minha conta, vi que ela postou um monte de fotos nossas no seu casamento e me marcou em todas. Em pouco tempo, todas as amigas da minha mãe estavam fazendo comentários como:

"*Eu me lembro de beliscar essas bochechas quando ele era um bebezinho!*"

"*O menino Landon cresceu e virou um jovem bonitão!!!*"

"*Quando você acha que o Landon vai casar, Karen?*"

A essa pergunta, minha mãe respondeu com um: "*Quando ele e Dakota terminarem a faculdade!*"

As coisas mudaram muito de um ano para cá. Mesmo uns poucos meses atrás, minha vida era bem diferente de agora. Era para eu estar morando com Dakota, começando um futuro com ela.

Já chega de pensar em Dakota.

"Você precisa ver", Nora insiste.

Eu meio que concordo com ela. "Eu vou." Não sei se vou ter tempo de acompanhar um seriado tendo que pensar nos estudos, no trabalho, em Nora, em Tessa, em Hardin, em Dakota, na minha mãe, na minha irmãzinha e em Ken.

Nora enrola um guardanapo no dedo. "Quais programas

você assiste?"

Respondo que só vejo o que Tessa estiver acompanhando no momento. Nora se senta à mesa mais próxima e diz que estou prestando um desserviço a mim mesmo por não ver *Game of Thrones*. E também que adora assistir a coisas como *The Bachelor* só para passar raiva. Respondo com toda a sinceridade que nunca vi nem um único episódio. Vejo os rostos das celebridades nas capas das revistas de fofocas nas bancas de jornais por onde passo a caminho da faculdade, mas não conheço nenhuma dessas pessoas pelo nome. Ela me diz que uma garota chamada JoJo foi uma tonta por mandar um caubói do Texas para casa na semana passada.

Fico ouvindo Nora falar, e percebo que gosto da maneira como suas palavras soam aos meus ouvidos. Ela se expressa bastante com as mãos, e de um jeito tão bonito que não quero que a conversa acabe nunca. Nora é o tipo de pessoa capaz de falar de qualquer assunto como se fosse uma coisa importante. Dá um peso para suas palavras que não teriam de jeito nenhum se não estivessem saindo de seus lábios.

"Então, e você?", ela pergunta por fim, e nem sei mais do que estávamos falando. Estava concentrado demais em sua animação e sua entonação viva para prestar atenção de verdade no assunto.

"Hã..." Fico sem saber o que falar, implorando para a minha memória me fazer um favor.

"Tem algum plano pra hoje à noite?", ela pergunta com um meio sorriso.

Nada. Absolutamente nada. Eu encolho os ombros. "Ainda não sei. O Hardin vai ficar até domingo."

Ela assente com a cabeça. "Eu sei."

"Então, acho que vai depender das condições do Furacão Hessa."

Nora sorri ao ouvir isso, e percebo que ela está com outro guardanapo na mão. Ela enrolou como uma espada, e tem

duas pequenas pilhas de açúcar sobre a mesa. Nora está com um envelope vazio de açúcar mascavo na mão. Reconheço os montinhos de açúcar do dia em que conheci Lila, a irmãzinha de Posey. Tem um pedaço de guardanapo fincado no alto de um montinho, em formato de bandeira, assim como da última vez.

Só pode ter sido Nora que fez isso antes. Como foi que eu não notei sua presença?

"A Tessa vai trabalhar até bem tarde", Nora avisa. Ela dobra a mão na beirada da mesa e derruba sua pequena fortaleza.

Deixo meu pano de limpeza sobre a mesa e vou até o balcão. Abro a portinhola, pego uma latinha de lixo e levo até ela, que sacode as mãos sobre o recipiente de plástico e as limpa no meu avental.

"Queria levar você num lugar", Nora diz com um tom de voz baixinho.

"E eu queria ir num lugar", respondo de imediato.

Olho para ela. Ela me olha.

Eu limpo a garganta. "Quer dizer, ir com você, pra onde quiser me levar."

Nora pergunta onde está a vassoura e não diz mais nada sobre o lugar para onde quer me levar.

9

"Então, eu preciso me trocar pra ir nesse lugar?", pergunto para Nora quando bato o ponto. Posey está na sala de descanso, amarrando o avental. Lila não veio hoje, e espero que isso signifique que a saúde de sua avó esteja melhorando. Posey dá um sorriso para nós quando saímos, e fico contente por saber que Cree, a mais recente contratação do Grind, está vindo assumir o lugar de Aiden daqui a uma hora. Posey tem uma tolerância acima do normal com Aiden, mas Cree é uma companhia muito melhor.

Nora dá uma boa olhada na minha camiseta manchada. "Não. Não vai dar tempo de se trocar."

Saio com Nora para a calçada. Hoje é um dia de sol. Não está calor, mas também não tão frio como vai ficar à noite. O clima de setembro é o meu favorito em Nova York — temporada de hóquei rolando, tempo bom, o que mais eu posso querer? Sendo bem sincero, ainda não vi nenhum jogo da atual temporada. Está tudo diferente agora que não tenho mais Ken por perto. Nós víamos as partidas juntos. Os esportes eram os tijolos que construíram nossa relação de pai e filho. Bom, pelo menos é a coisa mais próxima de uma relação de pai e filho que já tive na vida.

"Queria apresentar você de verdade ao Brooklyn. Já foi ao Juliette, em Williamsburg? Ou naquele lugar que fazem

sorvete com nitrogênio líquido?"

Respondo que não com a cabeça. Não fiz muita coisa desde que me mudei para cá. Já caminhei e corri bastante pelo bairro, mas não entrei em muitos lugares, nem prestei atenção para ver quais eram os pontos de encontro mais frequentados. Com quem eu iria, aliás? Tessa está sempre trabalhando, e ainda não fiz nenhuma amizade aqui. O pessoal do campus não fala muito comigo. Às vezes, alguém vem me pedir alguma informação sobre como chegar a algum lugar, mas é só. Na Washington Central, provavelmente seria a mesma coisa se Tessa não tivesse puxado assunto comigo.

"Nunca ouvi falar em nenhum dos dois lugares", digo, o que parece agradar Nora, que está ansiosa para me levar aos locais que planejou.

"Onde você estava indo ontem à noite? Quando eu fui atrás?", pergunto, enquanto esperamos o sinal abrir.

Ela dá risada. "Isso é que é ir direto ao assunto."

Fico esperando a resposta, mas sua boca permanece fechada. "Você não vai me contar, né?"

Ela sacode a cabeça e bate com a ponta do dedo no meu nariz. "Não."

Eu deveria me importar com o fato de ela estar escondendo coisas de mim. Deveria fazer mais questionamentos sobre seus segredos, sei que sim. Em vez disso, pergunto: "Então, esse Juliette? O que é exatamente?"

Nora abre um sorrisinho quando mudo de assunto. Prometi que não ia tentar dar um jeito nela, e é mais fácil cumprir o que falei se não me meter em sua vida.

O plano é interessantíssimo, a não ser pelo pequeno detalhe de eu querer saber absolutamente tudo sobre essa mulher.

Quero saber quanto de açúcar ela coloca no café, e qual é sua música favorita. Quero ouvi-la cantar quando ninguém estiver por perto, e preciso saber quanto tempo demora

para se levantar da cama de manhã. Sinto uma necessidade irresistível e obsessiva de saber tudo a seu respeito, e ela vai me enlouquecer se não me proporcionar o que preciso.

Quando chegamos ao bistrô francês chamado Juliette, Nora está explodindo de empolgação. "Esse lugar é o máximo. Todo mundo diz que Le Barricou é melhor, mas não caia nessa, não. Só porque diz no Yelp não significa que seja verdade."

A lousa na calçada diz: EXPERIMENTE NOSSA SALADA DE COUVE TOSCANA. Tem uma folhinha verde desenhada ao lado do texto. Ah, então os franceses adotaram o estilo de vida dos comedores-de-folha-californianos, também. Certo, talvez essa associação não exista... Bom, provavelmente, sim, só não disponho de nenhuma prova disso. E a Toscana não é uma região da Itália? Belo bistrô francês...

Nora toma a frente e atravessa a porta. Ela se vira para mim pouco antes de chegar ao balcão da hostess. "Você tem muito o que aprender, jovenzinho." Ela sorri e volta a se virar.

Dou uma olhada no restaurante, e enquanto isso Nora avisa que vamos precisar de uma mesa para dois. A jovem pega os cardápios e começa a falar dos especiais do dia enquanto nos leva a uma pequena mesa redonda perto do fundo do salão.

"O terraço está aberto?", Nora pergunta antes de se sentar.

A hostess olha ao redor. "Ainda não. Só abre às cinco. Mas temos uma varanda onde vocês podem se sentar."

Nora sorri e assente com a cabeça. "Sim, por favor."

A moça nos leva por um lance de escadas até um lugar que parece um jardim, com vasos de plantas pendurados no teto, quase tocando o tampo das mesas. A varanda está praticamente vazia, com apenas uma mesa ocupada.

"Perfeito. Muito obrigada", diz Nora.

Gosto de ver como ela trata bem as pessoas nos estabelecimentos que servem comida.

Isso me faz lembrar da minha teoria de que todo mundo deveria trabalhar como garçom ou garçonete pelo menos uma vez na vida. E também me faz lembrar da vez em que Dakota deu um chilique no Steak'n Shake, em Saginaw, porque seu hambúrguer veio com cebolas e ela havia pedido sem. Fiquei morrendo de vergonha, mas permaneci quieto enquanto ela elevava o tom de voz com o gerente de forma intensa, exigindo que sua comida não fosse cobrada.

Ela ficou se sentindo uma imbecil depois que fomos embora.

Eu não discordei.

Me acomodo de frente para Nora. A cadeira de metal faz um barulhão quando a puxo para perto da mesa. O cardápio é pequeno; só inclui o almoço. A oferta de drinques é bem maior que a de comida.

"Eu sempre peço a mesma coisa." Nora estende a mão por cima da mesa e aponta para algum tipo de pimenta e couve-flor com alguma coisa. Só reconheço alguns ingredientes do cardápio. Será que está em francês?

"Eu vou pedir pimenta shishito, gratinado de couve-flor com alho-poró e *pommes frites*. Adoro tudo que servem aqui." Ela ri e prende o cabelo atrás da orelha. "Sempre peço comida demais."

"Eu... Eu vou querer..." Vejo a palavra hambúrguer, e aponto para ela. "Não conheço nada do que tem nesse cardápio." Dou uma risadinha para tentar esconder a vergonha.

Nora deixa seu cardápio de lado e aproxima a cadeira da mesa, mas sem fazer um barulhão com isso, como eu. A hostess volta à nossa mesa com um jarro de água com fatias de pepino boiando lá dentro. Que lugar é esse? Será que eu tenho grana suficiente para comer aqui? Definitivamente, não estou mais em Saginaw.

Nora agradece mais uma vez a hostess, que avisa que uma pessoa chamada Irene já vem. Quanto mais olho ao redor, mais vejo o quanto o lugar é bacana. Tem folhas

verdes transbordando de cestos de vime por toda parte.

"O que você não conhece?" Nora põe a mão em cima do cardápio que está comigo.

Olho para o menu. Palavras como *croque-monsieur* e *pommes frites* zombam de mim. "Praticamente tudo, menos o hambúrguer."

Nora é uma chef formada. Deve achar que sou um idiota. Mas, se achar mesmo, não está demonstrando. Sua expressão é tranquila, e sua boca se curva em um sorriso cor-de-rosa. Seus olhos se erguem até os meus, e ela passa a língua nos lábios. Desvio os olhos às pressas, antes de acabar esquecendo meu próprio nome.

"A maior parte dos pratos é bem simples. Os restaurantes só usam essas palavras chiques para poder cobrar vinte dólares por um cheeseburger. Isso aí é exatamente isso." Ela bate o dedo no tal *croque*. "E isto" — ela volta a olhar nos meus olhos —, "estas *pommes frites* são, literalmente, batatas fritas."

Ou eu estou com muita forme ou essa lição de gastronomia de Nora é uma coisa deliciosa. Ela é bem esperta — inteligente demais para mim, eu acho.

"Você deveria escolher o hambúrguer. Vou pedir mais algumas coisas que eu quero que você experimente — mas não tente ler a respeito no cardápio, porque elas parecem bem nojentas." Ela sorri quando vê a expressão de preocupação no meu rosto. "Não vou pedir nada que seja exótico demais." Ela bate com o dedo na ponta do meu nariz.

Por que ela sempre faz isso? E por que eu acho tão lindo?

Irene, a garçonete bonita com batom escuro e sotaque hispânico, anota nosso pedido. Nora me faz um favor e trata de pedir tudo. Sua voz assume um lindo tom cantado quando faz isso. Fico em silêncio, encantado, até a garçonete se afastar e Nora puxar assunto de novo.

"Você já foi pra França?" Seus olhos examinam a decoração de tema francês nas paredes.

Faço que não com a cabeça. *Você já foi pra França?* Ela perguntou isso com a maior naturalidade, como se estivesse falando do mercadinho da esquina.

"Não, nunca fui. E você?" Minha voz sai trêmula.

Por que não consigo me manter calmo e tranquilo nem que seja só por alguns momentos?

"Já fui. Duas vezes com a minha família nas férias. Mas só vi as coisas mais turísticas mesmo. Queria conhecer a verdadeira França. Queria ir aos lugares que os franceses frequentam. Não onde vendem por trinta dólares uma miniatura da Torre Eiffel que brilha no escuro. Quero comer os crepes mais autênticos, e me esforçar ao máximo para me comunicar em francês. Quero tomar um café que não precisa de um envelopinho de açúcar inteiro para não ficar intragável." Nora respira fundo e cobre a boca. "Quando começo a tagarelar não paro mais." Ela dá risada.

Dou um gole na minha água e penso em alguma coisa inteligente para dizer. Não conheço nenhum termo descolado e cosmopolita, então, faço outra pergunta: "Sua família viaja bastante?"

Sei pouquíssima coisa sobre sua família. Sei que os pais dela moram perto da minha mãe e do Ken, e que o pai dela é médico cirurgião, e gostaria que Nora também fosse. Ela não é de contar muita coisa e, quando faz isso, é na forma de pequenas pistas que me permitem montar um determinado quebra-cabeça.

"Sim, viajam. Minha irmã está grávida, então, a viagem de Natal não vai rolar, mas, em geral, a gente viaja junto uma ou duas vezes por ano. Eu não fui na última por causa do acidente..."

Nora faz uma pausa. Sente que está falando demais. Dá para notar isso no ar.

"Mas agora, com a Stausey grávida e dando à luz perto do Natal, meu pai acha melhor ficar por aqui mesmo."

Acidente?

Gravidez da irmã?

"Quantos anos tem a sua irmã?", pergunto, pisando em ovos.

"Trinta. É cinco anos mais velha que eu. Vai ter o primeiro filho agora com Todd, o marido. Esse bebê vai ser a criança mais mimada do mundo." O sorriso de Nora assume um contorno mais suave. Dá para dizer que ela está gostando da ideia de ser tia. "Por falar nisso" — ela passa os dedos pelo vapor condensado no copo —, "você vai ganhar uma irmãzinha em breve. Como é que está sua mãe?"

Nora tão boa na arte de redirecionar conversas que, quando percebo que ela fez isso, já estamos quase acabando de comer. No fim, ela estava certa sobre a comida. Absolutamente tudo estava uma delícia. A caçarola de couve-flor e alho-poró foi meu prato favorito, e não tenho certeza nem do que seja um alho-poró.

Me senti culpado enquanto devorava meu hambúrguer, por saber que Nora não come carne. Isso nem passou pela minha cabeça quando fiz o pedido. Só quando ofereci uma mordida na carne vermelha e sangrenta que me lembrei. Mesmo assim, estava bom demais para não comer. Só tomei o cuidado de não falar com a boca cheia.

"Você só precisa provar mais uma última coisa antes de ser deixado em paz", Nora me avisa quando limpo o prato. Não gosto dessa ideia, de ser deixado em paz. "Só por enquanto", ela esclarece, e preciso me segurar para não sorrir. Ela enfia a colher em uma tigela com uma crosta de queijo queimado nas bordas. "Feche os olhos."

Eu obedeço. Uma coisa molenga e quente encosta nos meus lábios quando abro a boca.

"Continue de olhos fechados", Nora pede.

Sinto cheiro de cebola, e uso os dentes para pegar a comida da colher. Mastigo aquela coisa molenga, e o gosto é bom, apesar da textura.

"É só uma sopa de cebola, nada de muito especial. Gostou?" A voz de Nora soa ainda melhor quando estou de olhos fechados.

Faço que sim com a cabeça e abro a boca, pedindo mais. Mantenho os olhos fechados, e ela me dá outra colherada. Nem penso na outra mesa perto de nós. Nem passa pela minha cabeça que a garçonete pode voltar a qualquer momento. No momento, só consigo me concentrar na habilidade de Nora de transformar sopa de cebola numa coisa sexy. Juro que, se ela tocasse numa árvore, imediatamente faria meu interesse nisso crescer também.

Os segundos se passam, um minuto talvez, sem interrupção. "Você já viajou pra algum lugar, Landon?"

Faço que não com a cabeça e abro os olhos. "Fui pra Flórida uma vez quando era mais novo. A minha tia Reese e o marido dela me levaram à Disney. Mas tive uma intoxicação alimentar no segundo dia, e passei quase o tempo todo doente. Acabei ficando mais tempo vendo filmes da Disney no quarto do hotel."

Minha tia Reese teve tanta pena de mim que até comprou umas coisas na loja de presentes para decorar o meu quarto. Nos criados-mudos, havia dois Mickeys de pelúcia, e a mesa foi coberta com uma toalha de praia com o castelo da Cinderela estampado.

"Que péssimo." Nora está bem mais perto de mim do que me lembrava antes de fechar os olhos. Seus cotovelos estão apoiados na mesa, e ela está se inclinando para a frente o bastante para que eu não precise me curvar para a frente se quiser tocar seu rosto.

Ela é muito linda.

"Se você pudesse ir pra algum lugar, qual seria?"

Antes que eu possa responder, Irene volta e tira os pratos da nossa mesa. "Querem mais alguma coisa? Dar uma olhada no cardápio de sobremesas?"

"Vou querer um café expresso", Nora diz. "Você quer um?"

"Hã, claro?"

Irene sorri para mim. "Dois expressos. Já volto."

"É uma coisa que as pessoas fazem na Europa. Às vezes,

tomam café depois das refeições", Nora me explica.

"Eu gosto de ver o quanto você é inteligente."

Nora sorri para mim do outro lado da mesa. Ela se recosta na cadeira, se distanciando de mim. "Eu também gosto de ver o quanto você é inteligente."

"Não consegui ***nem*** ler o cardápio." Dou risada ao me lembrar.

Ela baixa os olhos, mas não os desvia dos meus. "Você sabe um monte de coisa que eu não sei. É um bom aluno e já leu dez vezes mais livros que eu. Só porque você não consegue ler um cardápio metido a besta ou não viajou pelo mundo não significa que não seja inteligente."

Eu não esperava que a conversa tomasse um rumo tão sério, mas percebo que ao dizer essas últimas palavras Nora fica chateada. Seus lábios se curvam para baixo, e suas sobrancelhas se franzem.

"Eu falei alguma coisa que não deveria?", pergunto.

"Não."

Olho para o cesto de folhas, meio que torcendo para que caia na minha cabeça e ponha um fim nesta conversa.

"Bom, sim. Você fica se rebaixando o tempo todo. Nem sei se você percebe isso, mas toda vez que faço um elogio você tenta desmerecer. Quem disse que você não é bom o suficiente? É isso o que eu quero saber." Ela baixa o tom de voz. "Quero ter uma boa conversa com quem te disse isso."

Irene serve os expressos, trazendo junto a conta, que Nora e eu pegamos ao mesmo tempo.

"Pode deixar." Meio que fico esperando que ela insista. Me surpreendo ao ver que não.

Tomamos o café quase em silêncio. Fico pensando que ninguém nunca me falou o que ela acabou de dizer. Não que eu me lembre. Não sou o cara mais confiante do mundo, longe disso, mas não sabia o quanto me rebaixava, e não sei como corrigir isso.

Quando saímos do bistrô, Nora tira uma foto da fachada. Não pergunto por que, e ela não explica.

"Acho melhor deixarmos o sorvete de lado." Ela dá um tapinha na barriga. A camisa de brim está abotoada até em cima, e consigo ver o contorno do sutiã agora que estamos de volta à luz do sol.

O celular de Nora toca, e ela olha para a tela. Seu rosto assume uma expressão de desânimo. "Saco. Preciso ir."

Bem agora? No meio da minha turnê de apresentação do Brooklyn?

"Agora?" Dou um passo em sua direção e pego sua mão. Fico com medo de que ela recue, mas isso não acontece. Sua mão está quente. Eu corrijo a postura e olho para ela. "Você precisa ir agora mesmo?"

Ela confirma com a cabeça. "Preciso ir pra Scarsdale. Nem poderia ter ficado fora por tanto tempo."

"O que tem lá em Scarsdale? É lá que você está morando agora? Você não me contou o que rolou com a Dakota e a Maggy."

Nora ajeita os ombros e entrelaça os dedos com os meus. "E você nunca me contou por que vocês terminaram."

Ela está mudando de assunto de novo. "Eu não quero falar sobre a Dakota." Tem pelo menos cem coisas que prefiro fazer no momento a conversar sobre Dakota, principalmente depois da tarde incrível que tivemos juntos.

Nora fica na ponta dos pés, aproximando os lábios a poucos centímetros da minha orelha. "E eu não quero falar sobre Scardale", ela murmura, se encostando em mim, e eu me derreto todo, sentindo seu corpo se aquecer junto ao meu.

"Quero conhecer você. Me deixa fazer isso", digo, baixinho.

Nora levanta o rosto na direção do meu, e chego a esquecer que estamos no meio de uma calçada movimentada. "Estou tentando."

Seus lábios macios roçam os meus. "Eu vou voltar" — as palavras de Nora soam delicadas, e ela fala com a boca ainda colada à minha —, "passo na sua casa daqui a

algumas horas. Certo?"

Faço que sim com a cabeça, sem saber o que dizer, e ela vai embora.

10

Quando volto ao meu apartamento, ainda consigo sentir os lábios de Nora nos meus, e o cheiro de coco de seus cabelos. Ela é intrigante, frustrante e viciante. Enquanto subo de elevador, penso em dar meia-volta e pegar o metrô. Agora já sei como chegar a Scarsdale.

Será que ela ficaria incomodada se eu fizesse isso?

Sim, com certeza ficaria.

O apartamento está vazio quando chego. Sei que Tessa está no trabalho, mas pensei que fosse encontrar pelo menos Hardin aqui. Na verdade, fico contente por ter um tempo sozinho para pensar em Nora, sobre quem ela é, o que tem a esconder.

Nosso almoço de hoje pode ser considerado um programa romântico? Eu paguei a conta; ela me alimentou. Nora literalmente me deu comida na boca, e a lembrança disso me acende todo por dentro. Preciso de uma distração. Se ficar aqui pensando em Nora me dando comida, em Nora me beijando, vou enlouquecer.

Vou para a cozinha, pego um Gatorade e sento no sofá. A pasta de Hardin está largada bem no meio da mesa. Quando a empurro para o lado, algumas páginas caem para fora. Pego uma folha e nem me dou ao trabalho de tentar decifrar seus garranchos. O que é tudo isto aqui? Minha curiosidade fala mais alto, e começo a folhear as páginas.

Parece um tipo de diário, uma coisa em que eu não deveria estar fuçando de jeito nenhum.

Desse dia em diante, suas palavras sangravam de suas veias. Era impossível conter, por mais pressão que ele aplicasse ao ferimento. As palavras sangravam de dentro dele, manchando páginas e mais páginas com lembranças dela.

Baixo a folha de papel e a enfio de volta na pasta. Não sei o que é isso, mas com certeza Hardin não vai querer que eu saiba.

Estou vendo episódios de *Arrested Development* na Netflix e olhando para o relógio da TV desde que cheguei.

O apartamento está em silêncio. Por mais que eu tente me concentrar em algum pensamento aleatório, o tempo não se move. O tempo é uma das forças incontornáveis que a humanidade não tem como controlar. Uma das poucas, aliás. Os seres humanos são obcecados pelo tempo e pela ideia de manipulá-lo. Algumas das histórias mais incríveis que conhecemos têm como foco o conceito de tempo. Em geral, a ideia é que, se alguém tivesse uma máquina do tempo, poderia mudar o passado e o futuro. Poderia se tornar uma pessoa rica e famosa, ou talvez até governar o mundo. No momento, se eu dispusesse de uma máquina dessas, não daria uma de louco e tentaria mudar minha vida inteira, muito menos o mundo. Simplesmente pularia algumas horas para poder ver Nora.

Quer dizer, isso se ela ainda tiver a intenção de vir.

Jason Bateman está na minha tela tentando manter sua família disfuncional unida, e eu tentando afastar meus pensamentos de Nora. Hoje ela se mostrou mais acessível que o normal. Me contou sobre suas viagens de família à Europa e sobre Stausey, sua irmã. É estranho pensar na

família dela na Europa, tomando sol, comendo coisas exóticas e tomando cafezinhos enquanto eu corria pelo quintal, gastava o tempo com Carter e Dakota, comia batata frita de pacotinho e bebia água da torneira. Às vezes, tomava um refrigerante, mas era uma espécie de agrado ocasional. A realidade dela estava a anos-luz da minha.

Uma batidinha na porta me faz levantar em um pulo. Quando a porta se abre, a linda Nora está lá, com sacolas de compras em ambas as mãos. Depois de se despedir de mim em frente ao Juliette, ela vestiu uma camiseta preta e limpou um pouco a maquiagem. A camisa é tão comprida que nem sei se ela está usando short... Não que eu fosse me incomodar se não estivesse.

Seus cabelos agora estão presos em uma trança caída sobre os ombros. As sandálias são pretas, com duas tiras que cobrem quase toda a extensão dos pés. A fivela parece a do cinto de um pioneiro dos filmes de faroeste.

"Você está muito linda." As palavras escapam sem que eu tivesse tempo de pensar a respeito.

Eu não ligo, e ao que parece ela também não. Seus olhos se voltam para o chão, e sua boca se curva num sorriso. Pela primeira vez desde que a conheci, é um sorriso aberto, completamente natural, como andar ou falar. É lindo, e eu fico apaixonado.

Bom, não ***exatamente*** apaixonado. Eu mal a conheço, mas ela tem um sorriso capaz de fazer qualquer homem se sentir assim.

"Oi, Landon." Nora passa por mim e entra no apartamento. A energia aqui dentro vai mudando a cada passo que ela dá. Sua presença confere luz às coisas. Até o teto parece mais alto quando ela está aqui.

Em vez de falar tudo isso, respondo com um simples "oi".

Ficamos em silêncio quando vamos para a cozinha e eu a ajudo com as compras. Ela pega um dos sacos da minha mão e põe no ponto da bancada mais próximo do fogão, a alguns passos de mim.

Começo a tirar as coisas dos sacos de papel pardo: uma cebola, uma garrafa de azeite de oliva. "O que é tudo isso? A Tessa pediu pra você passar no mercado e trazer algumas coisas?" Pego um pedaço de queijo redondo. Queijo de cabra, para ser mais exato.

Nora abre a geladeira e põe uma garrafa de leite na primeira prateleira. "Não. Eu vou fazer uns cupcakes."

Aproximo o item seguinte do rosto. Geleia de figo. "Com figo?" Aponto para a cebola no balcão. "E cebola?"

Ela confirma com a cabeça, fecha a geladeira e vem até mim. "Sim e sim."

Não parece um dos cupcakes mais apetitosos, mas tudo bem.

Enquanto ela se movimenta pela cozinha, fico fascinado ao observá-la assim tão segura de si, tão confortável consigo mesma. Quando ergue os braços para abrir um armário, um short jeans preto aparece por baixo da camiseta comprida. Então, tem *alguma coisa* por baixo. Então... tudo bem.

Ela não abre a boca faz alguns minutos. Acendeu o forno em silêncio; untou com manteiga a forma de cupcakes sem dizer nada.

Ao que parece, eu vou ter que puxar assunto. Ela está na frente do fogão, onde deixou a forma em cima dos queimadores.

"Como é que foi lá em Scarsdale?", pergunto.

Nora se vira para que eu possa ver seu rosto. "Normal", ela responde, secamente. "Como é que foi aqui no Brooklyn?"

Eu sorrio. "Normal."

Ela se vira de novo para o fogão, mas seus ombros se movem como se estivesse rindo baixinho consigo mesma.

Não sei o que falar. Sinto vontade de dizer muitas coisas, mas é difícil caminhar na corda bamba e conversar ao mesmo tempo. Penso na última vez em que estivemos nesta cozinha, suas mãos apertando meus braços, seu

corpo se movendo contra o meu. O gosto de sua boca quando gemeu junto à minha. A lembrança da curvatura de seus quadris balançando no meu colo.

"Algum problema?", Nora pergunta quando mais uma onda de sentimentos me invade. Penso na primeira vez em que ela me tocou. Foi tudo tão sem rodeios, seu dedo passeando pela minha barriga descoberta. O ar dentro da cozinha se tornou tão pesado com o silêncio constrangedor que mal consigo respirar.

Decido mentir e fazer que não com a cabeça.

Eu me sento à mesa, e Nora passa por mim para pegar os ovos na geladeira. O forno apita, avisando que chegou à temperatura certa para assar os cupcakes misteriosos de Nora. Ela solta um suspiro, e sinto vontade de gritar, porque tenho tanta coisa para dizer, mas não sei como me expressar. Quero tocá-la, mas não encontro forças.

"Tem certeza?" A voz de Nora sai bem baixa, e seus ombros ficam rígidos. "Porque você está estranhamente calado, e está ***na cara*** que tem alguma coisa errada."

Eu não digo nada. Não sei o que posso falar sem fazê-la querer ir embora. "Se eu disser alguma coisa, você se manda. Lembra?" Minha voz soa com um tom de irritação não intencional.

Nora se vira para mim. Ela limpa as mãos num pano de prato e vem até onde estou sentado à mesa. "Por que você acha isso?"

Essa mulher é maluca. "Foi você que falou. Disse que, se eu tentar dar um jeito em você, vai desaparecer da minha vida. É uma coisa frustrante." Faço uma pausa para capturar toda a atenção dos seus olhos. "É uma frustração querer estar com você, mas sentir que estou pisando em ovos usando coturno. Não sei como conversar com você, nem o que dizer. Sei que você não está pronta para deixar que eu me aproxime, mas precisa abrir pelo menos uma frestinha para mim, porque eu estou pirando aqui, torcendo pra que você esteja pelo menos ***pensando*** em permitir

minha entrada na sua vida."

Nora olha bem para o meu rosto. Seus olhos vão da minha boca para os meus olhos, e então voltam para os meus olhos. Sua expressão está mais suave agora, apesar das sobrancelhas levemente franzidas. "Landon" — ela se senta ao meu lado —, "não era essa a minha intenção. Não quero que você esconda o que sente, nem que fique com medo que eu fuja de uma hora pra outra."

Meus dedos percorrem o revestimento de madeira da mesa, que está descascando. Mais um produto defeituoso da IKEA, mas pelo menos desta vez está me proporcionando uma distração.

"Landon, olhe pra mim." Os dedos de Nora estão quentes quando levantam meu rosto pelo queixo. "Vamos fazer uma brincadeira, certo?" Ela aproxima a cadeira de mim. Quero sentir seus dedos na minha pele de novo. Antes que eu responda, ela recomeça. "A única regra é que a gente tem que dizer a verdade, tudo bem?"

Gostei da ideia dessa brincadeira, mas isso está me parecendo fácil demais. "Somente a verdade?"

"E nada mais que a verdade."

"Com a ajuda de Deus?"

Ela abre outro sorriso que faz com que eu me sinta apaixonado. "Pelo resto das nossas vidas?", Nora diz, e nós dois caímos na risada. "Acho que isso é o que se fala no casamento, não no tribunal." Sua risada é tão natural quanto sua beleza. "Ops." Ela abre um sorriso bem-humorado.

Tento conter meu riso. "Gostei da ideia dessa brincadeira. Qual é o prêmio do ganhador?"

Nora passa a língua pela boca e prende o lábio inferior entre os dentes, sugando-o por um instante. "A verdade", ela anuncia.

Não consigo pensar em nada melhor para fazer do que tocar esses lábios. Com a boca, com a língua. Até com o dedo. Só quero tocá-la. Simplesmente preciso.

Preciso de seu toque tanto quanto do ar que respiro.

"A verdade de quem? Minha ou sua?" Sei que são coisas diferentes uma da outra.

"As duas", ela responde, convicta.

Dou uma encarada em seus olhos resolutos. "E quando é que a gente começa?"

A trança em seu ombro está se desfazendo, e alguns fios estão se soltando do resto. Ela passa os dedos pelo cabelo como se tivesse ouvido meus pensamentos. "Agora. Eu começo."

Eu assinto com a cabeça. Ela respira fundo e puxa o elástico da trança. Seus dedos passam por entre os cabelos escuros, desfazendo o penteado. "Quando a gente estava na estação em Scarsdale, você disse que estava com saudade de mim. Era verdade ou mentira?"

Não hesito nem por um instante. "Verdade."

Ela sorri. Observo seus dedos trançando de novo os cabelos.

"Minha vez." Continuo cutucando o revestimento lascado da mesa. "Você sente a minha falta? Verdade ou mentira?"

Ela faz que sim com a cabeça. Isso está bem parecido com aquele jogo da verdade que as pessoas fazem na adolescência. Fico olhando para Nora, esperando que ela se pronuncie, o que não acontece.

"As palavras só se concretizam quando você fala."

Ela me olha, pensativa. "Mentira." Meu peito dói ao ouvi-la dizer isso. Ela levanta uma das mãos. "Eu estava me referindo ao que você acabou de dizer. As palavras só se concretizam quando a gente escreve. Quando ficam registradas de forma permanente."

Faço que não com a cabeça, discordando. "As palavras ainda podem ser apagadas depois de escritas. Mas o que foi dito nunca vai deixar de existir."

Nora se inclina para trás e se recosta na cadeira. "As palavras só existem enquanto ainda são sinceras."

Olho bem para ela, e dou uma resposta cautelosa. "Eu

prometo não dizer nada que não seja sincero."

Minha mão procura a sua, mas Nora encolhe o braço.

Depois de um instante de hesitação, ela responde: "E eu prometo não dizer nada que depois queira apagar".

11

Nora aponta para a manteiga e para os ovos que colocou sobre a bancada. "Quer me ajudar com os cupcakes?"

"Se com essa 'ajuda' você quer dizer 'apoio moral durante o processo de preparo', a resposta é sim, fico feliz em fazer isso."

Ela parece se divertir com minha resposta, e adoro ouvir sua risada reverberar pela cozinha pequena. Sou um imprestável na cozinha — minha mãe é testemunha disso. Nora fica na ponta dos pés para pegar mais ingredientes nos armários. Começo a me perguntar por que ela guardou todas as compras se sabia que iria usá-las. As mulheres são esquisitas.

"Vamos continuar nossa brincadeira", Nora sugere.

Eu me levanto e me coloco de pé ao seu lado. Suas mãos estão ocupadas, medindo um pó branco dentro de um copo. Farinha, talvez?

O fato de ela querer voltar ao jogo da verdade significa que está disposta a revelar mais coisas. Isso me deixa feliz. Nunca me senti tão desesperado em busca de informações sobre uma pessoa na minha vida. Ela fala tão pouco, e eu sinto tantas coisas. Como isso é possível? Nora me faz questionar tudo o que eu sabia sobre relacionamentos. Com Dakota, foi bem mais simples. Demorei meses, talvez anos,

para me dar conta de que gostava dela mais do que como amiga. Dakota revelou seus sentimentos por mim primeiro, o que tornou mais fácil compartilhar os meus.

"Vamos fazer uma brincadeira minha em vez disso." Só não sei ao certo *qual* brincadeira seria essa.

Nora se vira para mim, passando a língua nos lábios. É como se ela soubesse o quanto é sexy, e usasse isso para me torturar. Essa mulher vai me deixar ainda mais louco do que já estou me sentindo.

"A minha brincadeira..." Procuro alguma coisa na minha mente sobrecarregada. "A minha brincadeira é que eu posso fazer três perguntas. Você tem que responder pelo menos duas, e pode passar uma. Aí, na minha vez, você pode fazer a mesma coisa."

Nora levanta uma sobrancelha e se recosta na bancada. "E qual é o prêmio dessa sua brincadeira?"

Olho para ela e torço para que a minha empolgação não fique tão evidente no meu tom de voz. "A verdade, assim como na sua."

Ela assente e me dá uma encarada, me olhando de cima a baixo. "Você não se trocou." Nora aponta para minha camiseta suja de café.

Olho para baixo e me pergunto por que não troquei de roupa quando cheguei em casa. Tempo para isso não faltou. Fiquei deitado no sofá por quase três horas. Com certeza, poderia ter feito isso.

Espera aí... Me viro para ela e balanço negativamente a cabeça. "Nada de distrações." Dou um passo em sua direção. Conheço suas táticas, e desta vez não vou deixá-la desconversar. "Está com medo de fazer uma simples brincadeirinha comigo?" Baixo o tom de voz e percebo que ela engole em seco.

Nora tem um pequeno acúmulo de sardas no peito, que desce da base do pescoço até a gola da camiseta enorme. Sigo a curvatura de seu pescoço até encontrar seu rosto. Seus olhos estão cravados nos meus, e desta vez não vou

ser o primeiro a virar a cara. Quero estar no controle da brincadeira.

"Nora." Dou mais um passo em sua direção. Uma eletricidade me percorre, fazendo minhas costas ficarem eretas e minha voz se tornar mais firme. "Você está?"

Ela engole em seco de novo. Seus olhos estão arregalados, e suas mãos agarradas à bancada mais atrás. Seu coração está disparado. Juro que consigo ouvir isso daqui. Estendo o braço. Meus dedos roçam a pele de seu ombro, e traço uma linha pelo seu peito até seu coração, e em seguida vou até seu pescoço. Sua respiração está pesada, seu peito sobe e desce sob meu toque. Meu coração está a mil, assim como o dela. Fico me perguntando se ela consegue sentir minha pulsação na ponta dos dedos.

Elimino o espaço restante entre nós, e o corpo de Nora se encosta no meu. Ela está bem perto. Seus olhos não abandonam os meus, e sinto vontade de beijá-la pelo resto da vida.

Nora pisca algumas vezes, e meu coração congela. *Será que eu falei isso em voz alta? Por favor, alguém me confirme que eu não disse isso em voz alta.*

"Eu começo." Nora pisca mais uma vez e se afasta. O alívio toma conta do meu corpo. Minha boca não consegue se controlar quando ela está muito perto.

Nora abre um dos armários de baixo e pega uma tigela grande. "Quanto tempo você pretende ficar aqui em Nova York? Qual foi a última música que você ouviu? Onde está o seu pai biológico?" A primeira rodada de perguntas de Nora é bem séria, para dizer o mínimo.

Não quero falar sobre o meu pai, mas não posso pedir para que ela se abra comigo sem que eu faça o mesmo.

"Não sei. Pensei em voltar pra Washington, mas estou começando a gostar daqui. A última música que ouvi foi...". Faço uma pausa, tentando me lembrar. "Foi 'As You Are', do The Weeknd. E, quanto ao meu pai, ele morreu."

A expressão de Nora muda, e fico com a impressão de

que ela achou que eu fosse pular a última pergunta. Ela, no meu lugar, faria isso. E eu bem que queria fazer.

"Minha vez", digo, antes que alguma expressão de condolências possa ser expressa. "Há quanto tempo seus pais são casados? Qual foi o último livro que você leu? Quanto tempo durou seu último relacionamento?"

Os olhos de Nora se voltam para mim. Eu viro o rosto. Já sei até qual vai ser a questão que ela vai pular.

Ela respira fundo e finge estar totalmente concentrada nos preparativos dos bolinhos. Depois de mais um suspiro, começa a falar: "Meus pais são casados há trinta e dois anos. O aniversário de casamento deles é daqui a algumas semanas. O último livro que li se chamava *Marrow*. É muito bom, e perturbador também. A última pergunta eu vou pular".

Eu assinto com a cabeça e assimilo suas respostas. Gostaria de estar errado, mas não vou reclamar. Pelo menos ainda não.

Nora não perde tempo antes de começar a próxima rodada. "Do que você gosta mais: esportes ou livros? Qual é a sua melhor lembrança da infância? E como foi que o seu pai morreu?"

Eu me afasto alguns passos e me apoio na bancada.

"De livros. Mas gostos de esportes quase tanto quanto. Minha melhor lembrança da infância é bem difícil de escolher." Repasso mentalmente os momentos mais felizes que vivi. "A primeira coisa que me vem à mente são jogos de beisebol. Minha tia e o marido dela me levavam quando eu era pequeno. A gente foi várias vezes, e cada uma delas ia se tornando a minha favorita. O meu pai morreu de causas naturais."

"Ninguém morre de causas naturais na vida real."

O cheiro de cebola invade meus sentidos, e me afasto um pouco. Nora pica a cebola como os chefs que aparecem na TV. É bem bacana de ver.

"O meu pai, sim. Teve um infarto quando eu era

pequeno."

Nora me observa em silêncio, e sua mão move a colher em movimentos circulares para misturar a massa.

"Minha vez. Como foi que os seus pais se conheceram? Se não fosse chef confeiteira, o que você iria querer fazer? Por que a Dakota expulsou você do apartamento?" Incluí a última pergunta de uma forma bem suave, eu diria.

Usando a colher para ajudar, Nora despeja a massa na forma de cupcakes. "Meus pais se conheceram em uma viagem a trabalho do meu pai pra Colômbia. Ele faz várias parcerias com instituições de caridade, e levou uma equipe pra Bogotá pra dar um treinamento para os cirurgiões de um hospital de lá. Ele é do Kuwait, mas nessa época já morava no estado de Washington. A minha mãe trabalhava no refeitório desse hospital em Bogotá, e o meu pai se apaixonou por ela."

Dou uma boa olhada em Nora, analisando suas feições. Que bela mistura de etnias ela tem.

"Se não fosse chef confeiteira, eu teria um food truck, do tipo daqueles que há nas ruas de Williamsburg. A Dakota me expulsou do apartamento porque se sentia ameaçada por mim. Ela me pediu para manter distância de você, e eu nem dei bola." Nora sorri, e depois dá uma risadinha. "Então, agora sou uma sem-teto."

Eu fecho a cara, incomodado. "Não tem graça você ter sido expulsa do seu apartamento."

Nora revira os olhos e vai até o forno, com a fôrma na mão. Vou até lá e abro a porta do forno. Ela posiciona a fôrma na prateleira do meio e fecha a porta.

Em seguida se vira para mim. "Minha vez. Com quantas pessoas você já dormiu? Como conheceu a Dakota? Com que
frequência fica pensando em como seria trepar comigo?"

Não sei nem como descrever o ruído que fiz ao ouvir a última pergunta. Meu corpo todo fica tenso, e o sangue desce pelo meu corpo diretamente para o pau. Faço de tudo

para direcionar meus pensamentos, mas as imagens de Nora montada em cima de mim são difíceis de afastar.

"Eu só fiz sexo com uma pessoa. Acho que você vai saber quem é. Conheci a Dakota quando ainda era criança. Ela era minha vizinha... E eu vou pular a última pergunta."

Ela me lança um olhar de quem está puta. Mas no sentido de irritada, e não com vontade de arrancar minhas roupas e me atacar.

"Hmmm...", Nora resmunga e bate com o indicador nos lábios.

Eu pigarreio para limpar a garganta e torço para que minha calça jeans consiga esconder meus pensamentos.

"Minha vez." Até eu percebo que minha voz mudou. Está carregada de desejo, e de fato só consigo pensar em prensar o corpo macio de Nora contra a bancada, arrancar essa camiseta por cima de sua cabeça e saborear sua pele.

Faço as três primeiras perguntas que me vêm à mente sem nem pensar a respeito. "Como você conheceu seu último namorado? O fato de eu só ter ido pra cama com a Dakota incomoda você? E com que frequência você fica pensando em como seria trepar *comigo*?"

Ela desvia os olhos às pressas, leva a tigela até a pia e abre a torneira. "A gente se conheceu através dos meus pais. O meu pai trabalhava com o dele. Sim, isso me incomoda de um jeito que você não pode nem imaginar. E penso em trepar com você em quase todos os minutos dos meus dias."

Minha voz fica presa na garganta, e não consigo respirar. Meu estômago se revira como se houvesse uma tempestade dentro de mim.

Não sei o que dizer para Nora, essa mulher de vinte e cinco anos que por alguma razão quer trepar comigo. Suas palavras abalam todos os nervos do meu corpo, e não sei se conseguiria dar conta dela. Na minha cabeça, ela já está sem roupas, de pernas abertas na minha cama, me chamando.

Ah, e ela me quer, de verdade. E pensa em trepar comigo. E não vê problema em me dizer isso. Estou totalmente desconcertado, mas meus dedos estão coçando de vontade de tocá-la.

"Ah," eu digo. Cerrando os punhos para não agarrá-la.

Nora não olha para mim, e não sei qual seria a minha reação se ela se virasse. Ela lava a tigela e seca com um pano de prato.

"Minha vez. Você confia em mim? Qual é o seu programa de TV favorito? E..." Ela inclina a cabeça para a frente e para trás, pensativa. "Se a Dakota entrasse aqui, agora, e implorasse pra vocês reatarem, o que você faria?"

Por que foi que inventei essa brincadeira idiota mesmo?

Em vez de desistir, respiro fundo e prossigo com mais uma rodada de respostas. "Confio. Não sei se deveria, mas confio em você. Meu programa de TV favorito é *Arrested Development*. E não, acho que não reataria com ela."

Nora enfim se vira para mim. Depois de um breve contato visual, ela baixa os olhos para o chão às pressas. "Você *acha* que não? Ou não *mesmo*? Você não parece ter muita certeza."

Pego um pano de limpeza na bancada para tentar manter as mãos ocupadas. "Eu não reataria com ela."

Nora assente com a cabeça e endireita a postura, apoiando as costas na bancada, ao lado da geladeira. Emendo logo a rodada seguinte de perguntas, me mantendo deliberadamente a alguns passos de distância.

"Você confia em *mim*?" Eu roubei sua última pergunta, e ela percebe, e reage revirando os olhos. "O seu último relacionamento terminou bem ou mal? E, por último, você sente alguma coisa por mim? Além de atração física?"

Os dedos de Nora puxam as partes soltas da trança. Suas unhas compridas e de formato amendoado estão pintadas de preto, e seus dedos estão sujos de farinha. "Eu confio em você. Não confio em mais ninguém no mundo da mesma forma, e isso me assusta, porque a gente mal se conhece...

e você não me conhece nem um pouco."

Sinto vontade de interrompê-la e dizer que a conheço melhor do que ela pensa. Quero garantir que vou conseguir entendê-la além do que ela pode imaginar. Vou conhecê-la melhor do que ela conhece a si mesma, e estou disposto a continuar esta brincadeira todos os dias até conseguir chegar a esse ponto.

Mas, na verdade, eu não saberia descrevê-la. Saberia listar alguns fatos, mas não fazer um retrato nas cores vívidas que ela merece. Estou aprendendo mais a respeito do que ela esconde cada vez que nos encontramos, e não é uma tarefa fácil derrubar barreira após barreira, mas ainda chego à sua alma. Vou estudar cada página de seu livro até conseguir recitar tudo de cor.

"Meu último relacionamento terminou mal. E mal é pouco, na verdade. Vou pular a última pergunta." As mãos de Nora ainda estão nos cabelos, e ela remexe os pés.

Olho para baixo, e ela se mexe mais um pouco. Está inquieta, assim como eu.

"Quero fazer a próxima rodada. Aí depois você pode ir duas vezes. Certo?", proponho.

Ela assente, continuando em silêncio.

Chego mais perto dela. Nora parece menor agora, aqui na minha cozinha, com as bochechas vermelhas e os olhos baixos. Ainda é a guerreira que conheci, mas não está com suas armas.

"Você sente alguma coisa por mim além de atração física?", pergunto mais uma vez, dando um passo largo em sua direção. Ela continua mexendo nos cabelos, mas não sai do lugar. Distraidamente, assente com a cabeça, e paro bem diante de seu corpo.

Ela me olha, e eu toco seu queixo com a ponta do indicador e do polegar. Nora suspira.

"Próxima pergunta." Dobro o pescoço apenas o suficiente para posicionar meu rosto bem diante do seu.

Ela fica esperando, paciente, sem desviar os olhos dos

meus. Seus cílios escondem a parte mais alta das maçãs do rosto quando ela pisca. Continuo segurando seu queixo para que ela não possa olhar para o outro lado.

"Isso assusta você, esse sentimento que tem por mim?" É uma pergunta pesada, e sinto todo esse peso recaindo sobre Nora.

Ela assente.

Seguro seu rosto, acariciando sua pele até encontrar seu pescoço. Me inclino para perto, tão perto que consigo ouvir cada respiração que escapa de seus lábios. É possível ver muitas coisas daqui. A preocupação em seus olhos, a boca franzida. Tento manter minhas mãos firmes enquanto observo tudo isso. Levo a mão livre às suas costas e me apoio na bancada. Ela é inebriante, tão doce e viciante que não consigo desviar meu olhar. Eu a deixei encurralada agora, entre o meu corpo e a bancada.

Um fogo sobe pela minha espinha e inflama meu peito.

"Qual é a última pergunta?", Nora murmura, e sinto o gosto de seu hálito.

Deixo minha mão escorregar pelo seu braço, em um toque bem leve, apenas roçando a pele. Percebo quando ela se arrepia e estremece. "Você quer me beijar?"

12

NORA

Sei que, se eu fizer que sim com a cabeça de novo, está tudo perdido. Landon vai colar sua boca à minha, e não vamos conseguir conversar sobre mais nada. Isso não pode acontecer. Não porque eu não quero, ***porque, nossa, como quero***.

"Eu pulo essa", digo com a boca pertinho da sua.

Ele baixa os olhos, só um pouquinho, e eu detesto ver essa expressão no seu rosto. Já vi antes no Scarsdale, e quando saímos do Juliette. A tristeza nunca deveria atingir Landon, ele não.

"Vou pular essa pergunta. Se eu não fizer isso, nunca mais vamos conseguir conversar assim." As palavras saem queimando minha garganta. Quero suas mãos sobre mim mais do que sou capaz de ser idiota a ponto de admitir.

Vivo dizendo a mim mesma para manter distância desse menino. ***Ele é novo demais pra você, Nora. Novo demais.***

Vejo a barba por fazer em seu queixo. Ontem ele estava muito bem barbeado. Nem acredito que prestei atenção nisso, mas não consigo deixar de reparar. Os pelos ao redor do queixo são mais grossos. Ele não parece tão novo agora, parado na minha frente, com os olhos cravados em mim. Seus olhos não parecem tão jovens quanto seu corpo.

Parecem guardar alguma coisa mais antiga, mais sábia. Não sei o que é, mas alguma coisa o fez sofrer muito mais que o fim do relacionamento com Dakota.

"Você está pulando a pergunta?" Seus lábios se curvam para cima, formando um sorriso tímido, e seus braços se fecham com mais firmeza ao meu redor. Ele ainda está segurando o beiral da bancada, mas o espaço de segurança entre nós está ficando cada vez menor.

Confirmo com a cabeça, e seu sorriso se alarga. Sem mal se mover, ele sacode a cabeça bem de levinho.

Nossa, como ele é convincente.

E bonzinho até demais. ***Bonzinho demais para você, Nora.***

Muito, muito, muito mais do que deveria.

Porra, eu me transformei no tipo de mulher que sempre imaginei desprezar. Detesto mulheres assim; elas são literalmente as piores.

É assim que uma mulher desse jeito funciona:

Fase um: ela conversa com as amigas mais próximas, bebendo vinho e de pijama. "Já saí com babacas demais. Por que todos os homens precisam ser tão babacas?", ela resmunga entre um gole e outro de moscatel barato. "Já chega de babacas pra mim." Ela ergue a caneca cheia de vinho.

Fase dois: ela sai para tomar um café com as amigas. De repente, começa a gostar de café sem açúcar porque o cara também gosta, e ele é legal e inteligente, e ela nunca mais vai sair com um babaca. "Ele é tão gracinha", ela diz para as amigas. E tem razão — não é do tipo que corre para o bar na sexta-feira à noite e acorda de ressaca no sábado. É do tipo que a acompanha na Anthropologie, segurando seu café enquanto ela experimenta a loja inteira.

Fase três: ela está com as amigas numa casa noturna, usando um vestidinho preto novo, depois de enrolar os cabelos pela primeira vez em um mês. Está toda maquiada, e não fez isso para o cara legal, nem para si mesma. "Já não

sei mais se ainda quero ficar com ele. Está virando meio que um tédio", ela reclama, abrindo sorrisos à distância para algum bonitão no bar.

Fase quatro (a última e derradeira): ela está no sofá vendo reprises de *Grey's Anatomy*. As amigas ao redor estão todas com seu vinhozinho nas mãos. "Os homens são todos babacas", ela diz, porque o bonitão que conheceu na noite a traiu e a mandou de volta para a primeira fase.

Eu estou sendo essa mulher no momento.

"Não acho justo pular justamente essa." A boca de Landon encosta na minha orelha, e eu estremeço.

Minha nossa, esse cara.

Esse cara é o melhor amigo da Tessa.

Não posso me esquecer disso. É uma das milhares de razões para terminar agora mesmo isso que estou fazendo. Ele é o melhor amigo dela *mesmo* e, se eu interferir nisso, jamais iria me perdoar.

Tessa já passou por muita coisa este ano, depois de ter sua vida arruinada por Hardin e ainda não ter sido aceita na NYU. Ela perdeu o pai e o amor da sua vida, e já vi o quanto conta com Landon para se manter de pé; se eu tirar o ponto de apoio de Tessa, não mereceria tê-lo de jeito nenhum.

"Nada nesta vida é justo." Eu dobro os joelhos e saio da armadilha que ele fez ao meu redor.

Não consigo pensar com clareza suficiente para fazer qualquer coisa produtiva com Landon assim tão perto. Toda vez que entro no elevador deste prédio, penso comigo mesma: *Segure sua onda. Não fique olhando muito, não exagere nas perguntas pra Tessa sobre ele*.

Percebi que a coisa era séria quando, toda vez que vinha aqui, me pegava torcendo para ele estar em casa. A onda de decepção que me atingia quando Landon não estava me deixava apavorada, e ainda deixa.

"O que está achando da NYU? Está animado com a chegada da pequena Abby? Se pudesse pegar um avião para qualquer lugar agora mesmo, para onde iria?" Faço

essas perguntas em uma tentativa nada convincente de mudar o rumo da conversa, antes que eu acabe de joelhos no chão desta cozinha.

Ele me lança um olhar, e eu me afasto mais um passo. "Eu gosto de lá. E, sim, estou animado. Iria pra Espanha, ver um jogo do Real Madrid."

Landon claramente não está gostando das minhas perguntas sem graça, e claramente não estou fazendo um bom trabalho nesta tentativa de manter as coisas num nível platônico. Landon vai até a geladeira e pega um Gatorade azul. Faço uma careta, e ele sorri para mim.

Ele abre a tampa e continua me olhando. Está me observando com toda a atenção, e dá para ver que está tramando alguma coisa.

"Na minha brincadeira tem uma rodada bônus."

Ah, sim, grande surpresa. "Ah, é?" Tento não sorrir, mas é inevitável. "Então, me conte."

Ele se encosta no balcão, e eu mantenho uma distância segura entre nós. Cinco passos; é o suficiente. Ainda me afasto mais um pouco, fingindo que vou pegar um copo d'água.

Dessa distância não dá para ver tão bem como ele me olha. E eu não consigo observar tão bem a curvatura masculina de seus ombros largos. Não posso ficar obcecada pelas suas mãos fortes e seus dedos grossos. Se mantiver distância, ele não vai conseguir perceber que estou doida para tocá-lo.

É mais que um simples formigamento. Isso pode ser curado com uma boa coçada, e a atração que sinto por ele não tem uma solução assim tão simples. Os meus sentimentos por Landon precisariam ser cauterizados dentro do meu corpo para me darem sossego. Eu precisaria de um quilômetro de bandagem para fazer um curativo que cobrisse todas as feridas.

Landon dá um longo gole antes de responder. Ele larga a garrafa sobre a bancada e se vira para mim. A cozinha

parece pequena.

"Certo, lá vai. Você precisa responder uma das perguntas que pulou, ou então você perde."

"Hmmm." Eu penso a respeito. *Perco* o quê*, exatamente?* Olho bem para Landon. Esse cara legal, atencioso e sexy com essa camiseta suja me cativou de jeito, e tento me lembrar das perguntas que pulei. Deixei de responder coisas sobre o meu último relacionamento, mas foi para o bem dele. Na verdade, foi para o meu próprio bem, mas um pouco por ele também. Não quero que ele conheça esse lado meu.

E também pulei a pergunta sobre meus sentimentos por ele. Isso eu não deveria responder de jeito nenhum.

"Você só pulou uma pergunta", argumento.

Ele confirma com a cabeça, sabendo muito bem que essa tal "rodada bônus" foi inventada para favorecê-lo. Landon dá um sorrisinho e bebe mais um pouco de Gatorade.

Preciso levar em conta que quero, sim, que ele me conheça. Quero que sinta que não vou fugir se fizer a pergunta errada na hora errada. Mas, para ser bem sincera, provavelmente seria isso que aconteceria. Seria mais fácil e, pela primeira vez na vida, eu resolveria tudo do jeito mais simples. Estamos entrando numa brincadeira perigosa aqui, e não estou em condições de perder.

"Vou responder uma", digo a ele.

Landon assente. "Eu posso escolher qual é?"

"Não seja ganancioso."

Ele dá outra risadinha, e meu primeiro instinto é gemer. Meu corpo está gritando por ele, e consigo imaginá-lo direitinho em cima de mim, dentro de mim, com esse sorrisinho idiota ainda fixo no seu rosto inocente.

"Regras são regras, mocinha."

Suas palavras tiram o meu cérebro do prumo. Seu sorriso está mais largo agora, mais ousado. É fascinante a maneira como ele passa de adolescente a homem, de submisso em um instante a dominador no outro. Ele se aproxima,

afastando ainda mais o lado menino, e segura minha mão. Eu permito. Estou hipnotizada.

Corrijo a postura das costas quando ele se aproxima. Suas mãos estão frias quando envolve as minhas. Adoro me sentir pequena ao lado dele, apesar de ser quase da sua altura. Isso costumava ser um motivo de insegurança para mim. Lembro que minha *abuelita* dizia que os homens adoravam mulheres que podiam guardar no bolso. Ela mesma era miudinha, tanto que a chamávamos de *abuelita*. Todas as mulheres da minha família do lado da minha mãe são baixinhas: silhueta magra, quadris estreitos, pés pequenos. Mas não eu.

Com meu um metro e setenta, sou mais alta que a minha mãe e a mãe dela. Sou mais alta que Stausey, e os meus quadris largos sempre foram motivo de comentários nos jantares em família. Segundo a lenda, herdei essa silhueta da *abuela* da minha mãe. Diziam que ela precisava fazer as próprias calças, porque tinha uma bunda grande demais.

"Por que esse silêncio agora?", Landon pergunta.

Ele me encurralou de novo, mas soltou minha mão. Eu posso tocá-lo; uma carícia de nada não vai fazer mal a ninguém.

Levo a mão ao seu rosto e acaricio a curvatura de seu queixo. As maçãs do seu rosto são bem proeminentes, e às vezes me lembra um desses garotos de fraternidade. Landon tem a aparência de um babaca e o coração de um cachorrinho fofo.

Digo que ele precisa responder primeiro. Quero saber com que frequência seus pensamentos se voltam para mim. Passo o dedo em seus lábios rosados, traçando seu contorno. A curva de seu nariz é suave, e ele fecha os olhos sob meu toque.

"Com que frequência você fica pensando em como seria trepar comigo?", repito.

Os olhos dele se mexem rapidamente sob as pálpebras fechadas, mas ele não os abre.

"É tanto quanto eu penso em você?" Minhas palavras saem como um mero suspiro, mas sei que ele conseguiu ouvir. Continuo a tocá-lo, a admirar os ângulos agudos de seu queixo. "Porque penso em trepar com você de vários jeitos. E fico me tocando enquanto penso em você, e não ligo de admitir isso." Eu me aproximo um pouco mais, e o peito dele sobe e desce depressa.

A tensão aqui dentro vai acabar sufocando nós dois.

"Você sente a mesma coisa, Landon? Fica imaginando como seria comigo?"

Seguro seu rosto entre as mãos, e seus olhos se abrem um pouco. Sob os olhos semicerrados, seu corpo procura o meu. Ele mexe a perna e enfia uma coxa entre as minhas. Em seguida, ergue um pouco a perna, para esfregar a coxa em mim. Meu estômago se comprime tanto que até dói.

"Fico, sim." Um toque de rouquidão se mostra em sua voz. "Penso em você o tempo todo. A última vez..." Ele olha para a mesa da cozinha e de novo para mim, cravando os olhos na minha boca. Está tão perto de mim que consigo sentir o cheiro doce do Gatorade em sua língua.

"A última vez foi..." Eu não consigo terminar. Estou me sentindo zonza.

Landon abre melhor os olhos, e suas mãos agarram meus quadris. Sua boca se cola à minha antes que eu consiga clarear meus pensamentos.

13

As mãos de Landon estão nos meus cabelos, me puxando para mais perto. Sua boca é bem macia, mas seu toque é firme, dominador. Fico impressionada com ele, e minha mente navega no tesão que isso me provoca. Suas mãos descem para os meus quadris, e ele me coloca em cima da bancada. Seu corpo se posiciona entre as minhas coxas, e enlaço suas costas com as pernas. Seria melhor se a bancada fosse mais baixa, para eu poder sentir seu pau se esfregando em mim.

Por que é que sempre terminamos assim? Com as bocas coladas e enroscados um no outro?

"Nora", Landon diz, com os lábios colados aos meus. A maneira como ele fala o meu nome, com tanta ternura, me dá vontade de gemer. Resisto a esse impulso, mas o meu corpo está a um passo de sair do controle da mente.

Envolvo seu pescoço com os braços, puxando-o o máximo possível para mais perto.

"Não tente resistir", ele diz, como se soubesse que a minha mente está tentando repelir sua investida.

Balanço a cabeça, afasto a boca da sua e colo os lábios na sua orelha: "Eu quero dar pra você, Landon." Vou descendo lentamente pelo seu rosto, até chegar ao queixo.

Ele estremece sob o meu toque, e eu puxo a sua camiseta pela bainha e a arranco por cima da cabeça. Seu

corpo me atrai tanto que até dói. A musculatura de seu abdome não é trabalhada demais; as linhas são leves e suaves, mas definidas. A trilha de pelos em sua barriga é mais uma parte de seu corpo em que quero colocar a minha boca. Minhas mãos parecem pequenas enquanto meus dedos abrem rapidamente o botão de sua calça jeans.

Landon está usando uma cueca preta apertadinha. Por que precisa ser assim tão gostoso? Por que me faz esquecer o bom senso e arrancar suas roupas desse jeito? Já li um monte de livros de romance, e sempre revirei os olhos com a ideia de que o corpo de um homem possa ter a capacidade mágica de transformar o cérebro de uma mulher num pudim. Mas aqui estou eu, diante do meu carinha sem camisa — em uma *cozinha*, acima de tudo —, sem conseguir formar um único pensamento coerente.

Meus pensamentos até são muitos, porém nenhum é puro.

Minha boca se move mais devagar, para sugar a curvatura suave da musculatura do ombro dele no ponto em que se encontra com o pescoço. Ele geme, então, chupo com mais força, sem me importar se vou deixar marca. Se eu fizer uma mancha roxa, isso quer dizer que ele é meu? Se Dakota encontrar provas da passagem da minha boca por ele, vai fazer tudo o que estiver ao seu alcance para me destruir?

Provavelmente.

Estou preocupada com isso?

No momento, não.

Minhas mãos vão descendo pelo seu peito até a cueca. O elástico é bem apertado, mas enfio a mão por baixo e o seguro. Ele está durinho para mim, todo duro.

Landon solta o ar com força e baixa a cabeça até o meu ombro. Seus cabelos têm cheiro de pinho e de sabão, uma mistura estimulante. Apoio a mão livre em sua nuca e o abraço enquanto o acaricio com a outra, com movimentos lentos, para cima e para baixo.

Sinto-o pesado na minha mão, e só consigo pensar em querer ver a transformação em seu rosto à medida que se aproximar do orgasmo. Adoro o jeito dele de fechar os olhos quando goza. Pensei muitas vezes — muitas mesmo — na gozada que ele deu na cueca quando o cavalguei no outro dia.

"Isso é melhor que a imaginação, né?", pergunto.

Mal consigo reconhecer minha própria voz.

Landon ergue a cabeça de leve, e suas mãos vão para os meus quadris. Sinto seus dedos puxarem minha camiseta, e levanto o corpo para ele poder tirá-la. Assim que a peça cai no chão, sua boca já está a poucos milímetros do meu peito. Seus olhos arregalados se voltam para os meus, me pedindo permissão.

Faço que sim com a cabeça e levo as mãos às costas para desabotoar o sutiã, que começa a escorregar. Landon pisca os olhos várias vezes, ansioso. Ele faz com que eu me sinta desejadíssima. Me faz esquecer dos anos de insultos do passado e de todos aqueles que inflijo a mim mesma no presente.

Ele agarra meus seios com avidez, e percebo que suas mãos estão trêmulas quando seus dedos fazem movimentos circulares ao redor dos meus mamilos, que se enrijecem na hora sob os movimentos suaves. Quando segura com mais força entre o indicador e o polegar, eu solto um gemido. Os olhos de Landon permanecem fixos no meu peito enquanto suas mãos desfrutam de mim, explorando meu prazer. Eu paro de masturbá-lo; meu corpo não consegue dar conta das duas sensações ao mesmo tempo.

"Você..." Sinto o hálito quente de Landon nos meus seios. "Você é tão... não existe uma palavra para descrever o quanto você é linda."

Suas palavras recaem sobre mim e me envolvem. Eu o observo quando ele baixa a cabeça. Seus lábios abocanham um mamilo, e ele dá uma chupada. Quando falo seu nome com um gemido, ele chupa mais forte. Sua outra mão

acaricia meu outro seio em movimentos circulares, e meu corpo inteiro sente um vazio que precisa ser preenchido por ele.

Nunca um homem tinha me pegado de uma forma assim tão cuidadosa. O toque de Landon é ao mesmo tempo firme e suave, possessivo e libertador. Ninguém nunca me admirou como ele está fazendo agora. Seu pau está para fora, preenchendo solidamente o espaço entre nós. Quero guardar na memória cada segundo do que está acontecendo, para poder relembrar tudo mais tarde, quando não puder mais tocá-lo.

Sua boca passa para o outro seio. É arrebatador vê-lo assim e sentir a vibração de seus gemidos contra a minha pele.

"Quero arrancar o seu short", ele diz com um tom de voz grave.

Balanço a cabeça de leve, acho. Ele me agarra e me tira da bancada com facilidade. Suas mãos não estão mais trêmulas quando desabotoam meu short jeans. Mesmo com seus puxões, a peça não desce. Eu o ajudo, forçando o tecido para baixo, e depois de passar pela bunda o short vai para o chão. Os dedos de Landon se engancham nas tiras da minha calcinha, e ele se ajoelha diante de mim. Levo minha mão à sua cabeça e acaricio seus cabelos macios. Lentamente, ele começa a mover a cabeça para trás e para a frente por cima da minha calcinha. Dá para sentir que já está toda molhada. Estou latejando.

Ele respira bem fundo, e sinto meus joelhos fraquejarem. Como é que alguém tão doce consegue ser tão sensual? Landon é bem mais imprevisível do que imagina.

Seu nariz roça meu clitóris, bem de levinho, e começo a gemer. Suas mãos passeiam pelo meu corpo, tirando minha calcinha enquanto descem pelas minhas pernas, me fazendo estremecer.

Landon ergue os olhos para mim, e o nervosismo é evidente nos seus olhos. Ele está apreensivo. Claro que sim,

só esteve com uma mulher antes. Não tem a mesma experiência que eu. É uma pessoa pura, enquanto eu estou coberta de lama. Preciso assumir um pouco mais as rédeas da situação.

"Eu quero você. Confio em você", garanto a ele, e seu olhar suaviza. "Vem experimentar." Puxo seus cabelos de leve. "Quero que você me experimente com a língua, Landon."

Quando digo isso, ele abraça minhas coxas, e afasto as pernas o suficiente para posicioná-lo.

Minha cabeça se inclina para trás no momento em que sua língua me toca. Minha umidade misturada com seu calor e sua língua molhada me obrigam a me segurar na bancada para me equilibrar. O prazer que sinto é avassalador, com sua língua deslizando pelos meus nervos sensíveis, e eu mordo o lábio, tentando não emitir nenhum som.

Minha barriga se comprime, e sinto a pressão do orgasmo subindo pela minha espinha. Com certeza, ele vai me deixar maluquinha; ele é demais.

Landon Gibson é a definição da palavra demais.

Ele vai fazendo pequenos círculos com a língua; não se afasta de onde preciso de sua presença. Seu nome escapa dos meus lábios repetidas vezes. Seus braços são fortes, e me mantêm segura no lugar enquanto meu corpo se derrete inteiro. Quando gozo com o toque de sua língua, não consigo mais me manter sentada. Ele me agarra com mais força, e eu solto seus cabelos para cravar as unhas na bancada.

Quando termino, ele fica de pé com gestos lentos. Seu rosto está vermelho, assim como seus lábios, também um pouco inchados e úmidos por minha causa.

"Me deixa pegar você. Eu preciso pegar você", digo com um gemido, toda necessitada. Agora.

O olhar de Landon é intenso, cravado no meu. "Vamos pra minha cama", ele diz. É uma voz diferente, de um tom

tão dominador que imediatamente assinto e o sigo até o quarto.

A caminhada pelo corredor é bem longa. Entre as pernas, sinto um latejar. Entre os ouvidos, sinto um pulsar. Minha dúvida começa a dominar o corredor, ameaçando me obrigar a dar meia-volta. Estou indo longe demais, sei que sim, mas não consigo parar agora, assim como sou incapaz de deter um trem em movimento.

O quarto de Landon é simples. Sua cama fica encostada à parede, e conta com apenas um edredom cinza e dois travesseiros. Fico parada na porta, totalmente sem roupa, e tento me concentrar na decoração do cômodo e não nos meus pensamentos. Não sei ao certo o que fazer. Sei o que *quero* fazer, mas também desejo que ele tome a dianteira da situação, para eu ver o que acontece. Quero me sentir menos culpada quando este barco afundar, sabendo que ele também foi um dos comandantes responsáveis por lançá-lo ao mar.

Landon vem até mim, se inclina para fora, fecha a porta e em seguida passa a chave. Meu coração dispara.

Sem dizer uma palavra, ele me enlaça pela cintura e me puxa para perto. Está apenas de cueca, que ajeitou de novo quando saímos da cozinha. Sinto sua ereção contra mim, e o beijo. Consigo sentir meu gosto em sua língua, e ele solta um gemido quando agarro o tecido de sua cueca.

"Deite aí. É a minha vez de experimentar você", digo.

Ele fica hesitante, como se sua boca não quisesse se afastar de mim. Essa ideia me deixa satisfeita, e a recebo de braços abertos.

Meu corpo está ficando impaciente. Olho para Landon quase sem roupa, e não consigo segurar a vontade de ver o que falta. Eu o empurro pelo ombro, e ele vai para a cama. Segurando o tecido macio da cueca, deslizo-a pelas suas pernas. Ela acaba presa em seu pé, mas ele a chuta para longe.

Ponho as mãos espalmadas em seu peito descoberto

para fazê-lo deitar. Sua respiração está tão pesada que dou uma conferida em seus olhos antes de seguir em frente. Pressentindo a pergunta silenciosa, ele assente, e se deita de volta na cama. Seus cabelos castanhos se espalham no travesseiro, e eu volto para a cama. Vou subindo pelo seu corpo, pressionando minha pele nua contra a dele, para provocá-lo.

Nossas bocas se encontram e eu o beijo. E continuo beijando até seus ombros relaxarem e eu senti-lo suspirar. Comprimo a umidade entre as minhas pernas contra sua ereção, fazendo-o gemer e agarrar o edredom. Dou mais uma esfregadinha, escorregando sobre seu corpo, cobrindo-o com o meu. Quero que sinta o quanto eu o desejo. Ele solta um grunhido, e meu nome escapa dos seus lábios. Uma de suas mãos pousa sobre minhas costas. Seus dedos encontram meus cabelos, e baixo a cabeça para levar a boca à sua orelha.

"Pode puxar", eu digo. Ele pisca algumas vezes, surpreso, e solto um pouco mais do meu peso sobre o seu corpo. Se eu me mover só mais um pouquinho, ele vai estar dentro de mim. "Puxe o meu cabelo, Landon."

Vejo sua garganta subir e descer quando ele engole em seco e puxa meu cabelo. Jogo a cabeça para trás, e ele ajeita os quadris sob o meu corpo. Uma de suas mãos vai para os meus quadris, para me manter no lugar. Seu pau está colado em mim no ponto de contato exato que preciso.

Porra, esse cara vai acabar comigo. Ele puxa minha trança de novo, e vejo o desejo se inflamar nos seus olhos.

Para me testar, ele puxa mais forte, e baixo a cabeça para o seu peito para beijá-lo ali também, abaixo da clavícula. "Não precisa pegar leve comigo. Não quando a gente está a fim de tudo, menos pegar leve."

Beijo seu pescoço, pouco abaixo da orelha.

"Você está me deixando louco", ele me diz.

"Eu sei", respondo e beijo sua boca.

"Nunca senti nada assim antes", ele confessa, com a

boca tocando a minha. "As coisas que quero fazer com você nunca nem me passaram pela cabeça antes." A sinceridade em seu tom de voz faz meu peito se comprimir.

"Você pode ser quem quiser comigo, Landon. Pode tentar todo tipo de novidade." Mordo seu lábio inferior e sinto seus quadris se remexendo de novo. Nesse momento, ele puxa meu cabelo. Sabia que iria aprender rápido.

Saio de cima de seu corpo e começo a percorrê-lo com beijos mais para baixo, e sua mão solta meu cabelo.

"Não precisa ser tímido." Eu o beijo logo acima do umbigo. Seus músculos se retraem. "Se quiser fazer alguma coisa, é só falar. Por exemplo, agora eu quero enfiar seu pau grosso na boca e sentir o gosto da sua porra."

Ele tem um sobressalto quando ouve minhas palavras, e seus olhos em chamas se cravam nos meus.

"É isso o que você quer?" Vou beijando mais para baixo.

Ele assente furiosamente, e eu sorrio. Sigo a trilha de pelos com a boca e o beijo uma última vez, no ponto sensível entre a coxa e o pau, que se movimenta e bate no meu rosto. Eu o seguro com uma das mãos. Quero admirá-lo, assim como ele fez comigo.

Tento ser paciente e dou um beijo bem na cabecinha, mas o ruído que ele emite me obriga a deixar isso de lado. Eu o tomo com a boca, e ele goza de imediato. Meu nome nunca me soou tão agradável quanto no momento em que Landon o gemeu enquanto enchia a minha boca.

Quando ele termina, me segura pelo ombro e puxa meu corpo para junto do seu. Deito a cabeça em seu pescoço, sentindo-a subir e descer no ritmo de sua respiração. Seus dedos me acariciam, fazem cócegas na minha pele quando se arrastam até meus quadris e depois sobem de novo.

As mãos de Landon sobre mim são, ao mesmo tempo, firmes e suaves, e não me lembro da última vez em que fui abraçada desse jeito. Deve fazer o que... pelo menos dois anos. Mesmo quando estávamos juntos, ele nunca me abraçava assim. Momentos de tranquilidade eram bem

raros na nossa casa, e só percebi isso quando já era tarde demais. Os dedos de Landon sobem para os meus cabelos e massageiam de leve meu couro cabeludo. Fecho os olhos e curto a sensação do contato.

A sensação aguda de perda que vinha se mantendo latente dentro de mim durante anos parece ir se dissipando a cada carícia de Landon nos meus cabelos. Adoro esse seu jeito carinhoso, sua alma sem máculas. Nunca conheci ninguém assim, e é inevitável querer mais com ele. Mais tempo, mais beijos, mais marcas de seus dedos na minha pele. Dakota tem muita sorte por ter passado tanto tempo com ele, compartilhado tantas experiências. Nunca vou entender por que ela não o valorizou. Simplesmente nunca vou compreender.

Um som alto de impacto vem da sala de estar, e nós dois temos um sobressalto. Procuro alguma coisa para cobrir meu corpo. Landon já vestiu uma calça de moletom, e está enfiando uma camiseta da NYU pela cabeça.

Mais uma pancada. Landon se vira para mim. "Não saia daqui." Ele parece meio em pânico, mas não com medo.

Quando abre a porta, o som de vidro se quebrando invade o quarto.

14

LANDON

Quando chego ao corredor, uma saraivada de palavrões preenche o ar. A voz responsável pelos insultos é baixa demais para que eu possa reconhecer a princípio, mas já faço uma ideia de quem pode ser...

Se Hardin estiver quebrando alguma coisa na minha sala de estar, vai ter que dar o fora daqui rapidinho. Meu cérebro demora alguns segundos para assimilar o que está acontecendo quando vejo o estado da sala. A mesinha da minha avó está tombada, com uma perna quebrada, e o vaso que havia sobre o móvel está no chão, lançando cacos de vidro nos pés de um desconhecido. Hardin está ajoelhado, com um fio de sangue descendo pelo canto da boca e o braço firme em torno do pescoço do estranho.

O rosto do homem está vermelho; uma trilha de sangue escorre pelo seu rosto, manchando sua boca. O sangue acrescenta ainda mais dramaticidade à cena. Quando consigo prestar mais atenção, vejo que é um cara baixinho, e provavelmente está morrendo de medo, porque acha que Hardin está prestes a matá-lo.

Paro a alguns passos dos dois. ***Que diabos está acontecendo aqui? Quem é esse cara?***

Observo seu rosto mais uma vez. Parece até um pouco

familiar, mas de onde é que o conheço mesmo?

"Se não quiser matar o sujeito, é melhor largar o pescoço dele", aviso para Hardin. Uma passagem pela cadeia com certeza estragaria seu fim de semana de reencontro com Tessa.

Ele olha para seu novo amigo e depois para mim. "Certo." Hardin afasta os seus braços do sujeito.

Com dificuldade para respirar, o desconhecido cai de lado no chão e leva as mãos ao pescoço.

"O que está acontecendo aqui?", questiono. Seja o que for, tudo ocorreu bem depressa. Eu nem sabia que Hardin já tinha chegado.

Hardin fica de pé. "Não se mexa." O desconhecido leva uma das mãos ao nariz, enquanto mantém a outra espalmada no chão.

Hardin não tira os olhos do invasor. "Quando cheguei aqui, ele estava com a orelha colada na porta. Sei lá que porra estava ouvindo. Provavelmente queria arrombar a fechadura ou alguma merda do tipo. Deu pra ver."

"Bom, então por que você trouxe o cara pra dentro?" Olho de novo para a mesa arruinada da minha avó.

Hardin me encara como se eu tivesse perguntado por que o céu tem uma cor verde neon. "Pra ele não fugir?", ele diz, revirando os olhos.

O homem tenta se sentar, e Hardin pisa em sua mão aberta no chão com a bota. "Eu mandei ***não se mexer***, caralho." Hardin ergue a mão e tira os cabelos da testa com a maior naturalidade, ignorando os gritos do homem caído no chão com a mão pisoteada.

"O que você estava fazendo aqui?", pergunto ao homem desconhecido.

Hardin tira o celular do bolso. Imagino que vá chamar a polícia. Estou me sentindo como se estivesse em um filme.

"Se ele chamar mesmo a polícia, você vai direto pra cadeia", argumento.

O homem move o braço quando Hardin se afasta um

pouco, agarra a mão ferida e fica de joelhos. Quando Hardin volta a investir em sua direção, ele promete que não vai se mexer e apoia a cabeça na parede. Quanto mais o observo, mais familiar ele me parece.

"Eu estava procurando o apartamento de um amigo", ele diz. "Só isso."

Não sei se dá para acreditar nisso. Meu apartamento foi invadido algumas semanas atrás, então desconfiar é sempre bom. Quando meus olhos registram seu casaco preto, seus olhos escuros e sua jaqueta cinza, uma memória se forma na minha mente. Eu já o vi no corredor do prédio antes, é isso.

"Acho que é verdade mesmo. Eu já vi o cara no prédio antes", digo a Hardin.

O homem se levanta, e Hardin enfia o telefone de volta no bolso.

A porta do meu quarto se abre, e Nora aparece na sala usando uma cueca e uma camiseta branca minha. Dá para ver seus mamilos escuros por baixo do tecido. Os olhos de Hardin e do desconhecido se voltam para ela, e meu peito se inflama.

"É melhor você voltar para o meu quarto." Espero que ela me escute. Não quero que esses dois a vejam tão exposta.

"Como assim?" Ela olha para Hardin e depois para o homem. "Cliff?" Os olhos dela se enchem de desconfiança. "Que diabos você está fazendo aqui?"

"Você conhece o cara?" Olho para ela e depois para o invasor.

"Ela conhece o cara?", Hardin me pergunta, apesar de saber que não faço a menor ideia do que está acontecendo.

Os olhos de Nora se voltam para mim, mas ela não responde.

"Eu estava procurando o apê do meu amigo. Ele mudou para o prédio faz pouco tempo", o tal Cliff justifica.

Nora o encara por um bom tempo, e vejo uma comunicação não verbal se estabelecer.

Quem diabos é esse cara?

"Ele já está indo embora; está tudo certo", Nora diz, por fim, apontando para a porta, sem perder a calma, tratando a situação como algo natural. Sua tranquilidade é desconcertante.

Cliff esfrega a nuca e fica de pé diante da porta. Sem dizer nenhuma palavra, desaparece pelo corredor.

Hardin se vira para Nora e joga as mãos para o alto. "Você deixou o cara ir embora? Sem nem descobrir que porra ele queria fazer aqui?"

Nora se afasta para dentro da sala, com os olhos voltados para Hardin. "Descobri, sim. Vocês ouviram a justificativa dele para ter vindo aqui." Ela põe as mãos na cintura, e penso em ir até lá e baixar um pouco a bainha da cueca que está usando, só para cobrir um pouco mais de seu corpo lascivo.

Acabamos de ter uma cena de filme de ação no meio da nossa sala de estar, e só consigo pensar nas coxas de Nora. Acho que preciso me tratar.

"Era mentira!", Hardin berra.

Nora se aproxima dele. "Pra começo de conversa, não grite comigo", ela diz por entre os dentes, desafiadora. "E, além disso, você não sabia se ele estava mentindo. Nem conhece o cara."

Hardin joga a cabeça para trás. "Ah, é verdade. E você, sim. E como você explica aquela joia de pessoa?"

"Pessoal." Eu me coloco entre os dois. "Hardin, ele já foi. Nora, volte lá para o meu quarto." Estou me sentindo como um pai separando dois filhos temperamentais. Nora se vira e abre a boca. Antes de falar, no entanto, fecha de novo e passa por mim para voltar ao corredor. Eu esperava ser afrontado por pelo menos um dos dois.

"É melhor você descobrir com ela que porra de cara era aquele", Hardin exige.

E aqui vamos nós... "Cale a boca e pegue a vassoura", digo, apontando para o closet na entrada da cozinha. "Eu

vou esclarecer tudo. Você trate de limpar esses cacos de vidro."

Hardin olha feio para mim. "É sério. A questão aqui não é só você. A Tessa mora aqui, e se alguma coisa acontecer com ela..."

O forno apita na cozinha, e eu me lembro dos cupcakes de Nora. Tinha me esquecido completamente deles. Será que só faz vinte minutos mesmo que fomos para o quarto?

Vou até a cozinha, pego uma luva térmica e tiro a forma do forno. Os bolinhos estão com um cheiro delicioso, e bem moreninhos em cima. Fico com água na boca, e deixo a forma descansando sobre o fogão para voltar à sala, onde está Hardin.

Um milhão de perguntas passam pela minha cabeça. O intruso seria o último namorado de Nora, de quem ela se recusa a falar? Seria um ladrãozinho qualquer, o mesmo que invadiu meu apartamento da outra vez? O que ele teria feito se não tivesse ninguém em casa ou se Hardin não tivesse aparecido bem naquela hora?

Preciso limpar a bagunça que a briga produziu para poder voltar ao quarto e conversar com Nora. Hardin está varrendo sem reclamar; pego a mesa da minha avó e viro de cabeça para baixo. Vou precisar consertar isso antes que a minha mãe venha me visitar. Ela ficaria arrasada se visse o móvel nesse estado.

"Pode deixar", respondo à reprovação silenciosa de Hardin. "Vou descobrir quem ele é e se Nora acredita mesmo que o cara estava só procurando o apartamento do amigo."

Hardin fica resmungando para mim enquanto termina de varrer o resto dos cacos de vidro. Quando vou abrir a porta do quarto, ouço sua voz atravessando o corredor: "Não conte nada disso pra Tessa. Já tem muita coisa rolando com ela ao mesmo tempo."

Meu silêncio serve a ele como uma garantia de concordância, e então entro no quarto. Nora está sentada

na cama, ainda com as minhas roupas. Eu me encosto na porta e espero a maçaneta fechar. Para garantir, passo o trinco na fechadura antes de me dirigir até ela. Com o telefone na mão, ela volta seu olhar para mim, mas não conseguimos estabelecer uma comunicação visual. Ela parece distante outra vez.

Mantenho um tom de voz bem suave. "Você sabe que a gente vai precisar conversar sobre o tal cara."

Nora baixa a cabeça e se mexe, posicionando as pernas sob o corpo. "Vamos mesmo?"

Eu não vou deixá-la escapar dessa. "Ah, vamos, sim."

Vou até a cama, me sento ao seu lado e fico à espera dos barulhos na sala. Está tudo em silêncio. Ou Hardin saiu ou resolveu dar uma de intrometido e está escutando a conversa do corredor, assim como o tal Cliff.

"Ele é o seu ex-namorado?"

Seu corpo se exalta ao ouvir a pergunta, e ela sacode a cabeça. "Não. Não é, não."

Chego mais perto e seguro suas mãos. "Então quem é? Isso é sério, Nora." Aperto de leve suas mãos. "O cara estava bisbilhotando na minha porta. Você tem motivos suficientes para acreditar que foi só um mal-entendido? Tem mesmo?" Olho em seus olhos e suplico silenciosamente pela verdade.

Eu gostaria de acreditar que a última hora que passamos juntos tivesse significado um novo patamar de confiança entre nós. Preciso que ela confie em mim o suficiente para ser sincera no que vai me dizer. A voz dentro da minha cabeça começa a duvidar dela, mas minha boca permanece fechada.

"Sim", é só o que ela me diz.

Começo a coçar o queixo com a barba por fazer, e ela se levanta da cama. "Aonde você vai?"

Ela só responde quando chega à porta. "Só vou pegar minhas roupas do trabalho e já volto. Tenho que trabalhar amanhã cedo."

Eu saio da cama, mas mantenho a distância. "Eu vou com você."

Nora faz que não com a cabeça. "Eu já volto. Prometo. Eu volto para passar a noite aqui com você. Na sua cama." Sua voz sai trêmula, insegura.

Ela vem até mim e segura minhas mãos. Eu a puxo para junto de mim.

"Eu volto mesmo." Nora me beija na boca. Eu retribuo o gesto, tomando-a nos braços, e ela se derrete toda para mim.

Fico parado, apenas curtindo a sua língua junto à minha. Adoro o jeito como ela beija: sem pressa, se entregando por inteira, cheia de um ardor cauteloso. Seus dedos se cravam no tecido da minha camiseta.

Depois de alguns segundos, ela se desvencilha do meu abraço. "Volto daqui a pouquinho." Ela me beija no rosto. "Não vou demorar." Suas palavras soam mais seguras.

Eu me sinto numa espécie de transe. Faço que sim com a cabeça e deixo os braços caírem na lateral do corpo. "Suas roupas estão na cozinha", lembro.

Meu rosto fica vermelho, e ela morde o lábio inferior.

"Vou me trocar no banheiro." Nora me olha. "Não gostou de me ver vestida assim?" Um brilho de malícia surge em seus olhos.

"Acho que gostei até um pouco demais."

"Eu vou voltar aqui", ela promete, mas isso não evita o meu mau pressentimento.

Quando ela sai do quarto, deito na cama e fecho os olhos. Onde é que eu fui me meter me envolvendo com essa mulher?

15

NORA

Sinto a rigidez da calçada sob os meus pés, e cada passo me traz mais uma lembrança de Landon. As rugas ao redor de seus olhos quando ele abre seu sorriso doce e tímido. O jeito como suas mãos me tocam. Eu fiz uma tremenda cagada. Por que eu sempre preciso estragar tudo em todo lugar para onde vou?

As últimas semanas me despertaram para sensações já esquecidas. Me senti feliz. Pode parecer simples se sentir feliz, mas para alguém como eu é um feito. Viver a vida em função de outras pessoas, em uma prisão de preocupação e obediência, me fez esquecer como era simplesmente se sentir feliz.

"Ei!", uma voz feminina grita atrás de mim. A familiaridade da voz faz minha pele se arrepiar até o couro cabeludo.

Eu me viro e dou de cara com Dakota, perto da vitrine de uma loja de materiais para artes. Seus cabelos cacheados estão presos e afastados do rosto, e ela está vestida como se estivesse indo a um funeral. A saia preta chega até pouco acima dos joelhos, e o blazer azul-marinho é grande demais para seu corpo miudinho. É estranho vê-la em roupas que não sejam de ginástica ou de balé.

Não tenho tempo a perder com ela, não hoje. Não tenho energia para desperdiçar com suas afrontas. "Eu estou indo pra um compromisso", digo quando ela se aproxima. Olho para o prédio de Landon para me certificar de que ele não me seguiu. A parte mais idiota da minha cabeça gostaria que isso tivesse acontecido, apesar de saber que as coisas não terminariam bem.

"Eu também. A gente precisa conversar."

Faço que não com a cabeça e passo direto por ela. Definitivamente, não precisamos de nada disso. "A gente não tem nada pra conversar, Dakota."

"Você sabe que isso não é verdade." Há um leve tom de ameaça em sua voz.

Eu me viro para encará-la e jogo as mãos para o alto, irritada. "Que foi? Sobre o que você quer falar?"

"Você acabou de sair do apartamento do Landon. Pensei que a gente tivesse feito um acordo."

Reviro os olhos e jogo a cabeça para trás. Ela não pode estar falando sério. Estou velha demais para esse tipo de palhaçada, e essa pirralha mimada está querendo decidir o destino de um brinquedo que já jogou fora.

"Está falando sério? Porra, Dakota, nós somos *adultas*. Eu tenho vinte e cinco anos de idade. Não tenho saco para entrar nesse tipo de joguinho com você. O Landon já é bem crescidinho para fazer suas próprias escolhas na vida e no amor." A última palavra cria uma impressão estranha em mim mesma ao sair da minha boca.

Eu deveria ter virado as costas e continuado andando assim que a vi, mas não consegui.

"Amor?", ela repete, engasgada. "Amor? Está achando que o Landon ama você?"

Faço que não com a cabeça. Não acho nada disso. Sei que ele não me ama. Não vamos avançar até o ponto em que toda a merda seja jogada no ventilador.

"Ótimo. Porque não é nada disso mesmo. E você não pode ir entrando na vida dele desse jeito. Ele é bom demais

para você." Dakota estende um dos braços e apoia a mão na cintura.

Eu me aproximo dela, mantendo uma expressão neutra. "Não estou interessada."

Se ela achar que não estou interessada, vai virar as costas e ir embora? Os lábios de Dakota se curvam em um sorriso falso. Ela é pequenininha, mas às vezes me dá medo. Como na noite em que chegou ao apartamento com hálito de bebida e os olhos enlouquecidos. Ficou pedindo sem parar o meu telefone para ligar para o irmão, dizendo que precisava falar com ele. Dakota nunca se abriu o suficiente comigo para explicar como ele morreu, mas nessa noite eu sabia melhor que ela que aquela chamada não seria atendida. Ela estava fora de si. Maluquinha. Chorou um monte na cozinha, sem parar, escondida debaixo da mesa. Brigou comigo quando ofereci água, e jogou o copo para o outro lado da cozinha. E nem ao menos piscou quando o vidro se arrebentou contra a parede.

Na manhã seguinte, eu a tirei do chão e Maggy me ajudou a levá-la para a cama. A partir desse dia, eu soube que tinha alguma coisa muito errada com ela.

Os olhos de Dakota estão cravados em mim, furiosos. "Ótimo. Ele também não. É que ele gosta de dar um jeito nas coisas e nas pessoas, só isso." Os olhos dela penetram nos meus, tentando me engolir por inteira. "Aí quando ele viu *você*..."

"Já entendi. Agora me deixe em paz." Não estou com tempo para ouvir o que ela acha que precisa ser corrigido em mim.

Começo a me afastar, mas Dakota me puxa de volta pelo braço. Respiro fundo, me desvencilho de seu toque e continuo andando. Meus dedos estão loucos para voar em cima dela, mas eu os mantenho sob controle.

Ela vem atrás de mim. "Por que você fez isso? Pelo menos pode me dizer por que fingiu que queria ser minha amiga só para se aproximar do meu namorado?"

"Uma coisa não tinha nada a ver com a outra. Eu não..."

"Sim, você fez isso, ***sim***. Pode parar de mentir, Nora. O Landon sabia que você me conhecia durante todo esse tempo?"

Eu cerro os dentes. "Cala a boca."

A questão não é tão simples assim. É um assunto complicado demais para ser discutido no meio de uma calçada. ***Claro*** que ele não sabe. Eu o levei a acreditar que Dakota não compartilhava seus sentimentos nem tocava no nome dele. Landon não sabe de nada a respeito de nada. Por mais que eu sinta uma proximidade entre nós, na verdade, ele não sabe de nada.

Dakota ainda está andando atrás de mim, mas pelo menos agora já estou quase na estação do metrô. Ela não vai me seguir até Scarsdale. Essa ousadia, ela não tem.

"Acho que, se ele soubesse o quanto tudo isso foi calculado, iria fugir correndo de você. Ele não gosta de gente que mente, nem que persegue as pessoas. E imagino que não faça ideia do que está à sua espera em Scarsdale." As palavras de Dakota cortam fundo em mim, e o ar começa a queimar minha garganta enquanto caminhamos. "Eu confiei em você, Sophia. Pensei que fôssemos amigas. Deixei você vir morar com a gente."

Dou uma encarada nela. Eu não reajo bem a ameaças, e isso é uma coisa que Dakota vai descobrir rapidinho se continuar falando assim comigo. "Eu postei um anúncio on-line e acabei indo morar com vocês. Não foi nenhum favor pessoal."

Dakota ajeita a bolsa no ombro. Por que estou aqui perdendo meu tempo discutindo com ela? Ainda?

"Sim e, quando a gente se conheceu, você ficou de olho naquele porta-retratos por um bom tempo. Sabia desde o início quem ele era." Dakota pisca algumas vezes, e seus olhos se voltam para o prédio ao lado. "Todas aquelas perguntas sobre ele, sobre a nossa relação. Eu fui legal com você, Sophia. A Maggy também."

Maggy, que passava horas se maquiando no único e minúsculo banheiro do apartamento, sempre foi simpática comigo, era a mais legal das duas. Mesmo assim, desde que coloquei os pés naquele lugar, senti uma divisão entre nós. Era eu contra elas.

"O que é que você quer, Dakota?", pergunto, por fim. Desço as escadas do metrô com passos lentos, e ela vem atrás de mim.

Por um instante, passa pela minha cabeça que ela pode me empurrar escada abaixo se quiser.

"Quero saber o que está acontecendo entre você e o Landon, e também pedir — bom, ***na verdade*** implorar — para você sair da vida dele. O Landon é a única coisa que eu tenho na vida." Suas palavras ficam pairando ao meu redor, me envolvendo por trás.

Seria bom se o metrô no Brooklyn estivesse mais lotado para eu poder me misturar à multidão e desaparecer. Espero até descermos a escada para responder. Dakota quer que eu mantenha distância de Landon, uma coisa que não consigo fazer. Mesmo quando tentei.

Ela não para de falar. "Você já não tem tudo o que precisa? Uma família rica, com casarões espalhados por todo o país. O dinheiro que recebe todo mês por..."

"Escuta só, Dakota." Ela não tem ideia do que está falando. O dinheiro da minha família não tem nada a ver com meu interesse por Landon. O fato de Dakota fazer um paralelo entre uma coisa e outra mostra a maneira como ela o vê. Só não sei se o encara como um simples objeto ou algo equivalente a uma espécie de riqueza. "Na verdade, não sei o que dizer. Você terminou com o Landon meses atrás, e andou saindo com..."

Dakota sacode a cabeça com força ao ouvir isso. "Eu estava ***confusa***. Agora entendo isso. Estava precisando de atenção, e não podia contar com Landon. Estava me sentindo muito sozinha, e a Maggy vivia dizendo que eu precisava entrar solteira no primeiro ano de faculdade. Todo

mundo fala isso. Em todos os filmes, também é sempre a mesma idiotice."

Eu nunca entendi esse conceito de precisar entrar na faculdade sem compromisso com ninguém. Sim, é importante ser independente, e essa é a época em que a pessoa descobre quem é, e o que quer. Mas, se você já tiver alguém incrível, por que jogar isso fora só para poder cair na farra e transar com uns carinhas aleatórios?

"Então, você quer que eu mantenha distância do Landon pra poder reatar com ele?", pergunto, por fim.

"Se ele me quiser de volta, sim. Ele era meu desde o começo. Desde antes de conhecer você. Antes de você ver aquela foto."

"Eu já conhecia o Landon antes disso. Meus pais conhecem os dele, esqueceu?"

Dakota é especialista em me fazer parecer mais louca do que já sou.

Ela balança a cabeça. "Não, eu não esqueci. Mas também me lembro das várias horas em que passamos falando dele, e das muitas vezes em que eu disse que o amava e sentia sua falta... e não me esqueci de quando você me incentivou a dormir com o Aiden."

"Eu estava tentando ajudar você, como amiga. Você vivia dizendo que queria sentir como era a vida na cidade grande!" Tento manter um tom de voz baixo, mas me saio muito mal nisso. "Foi você quem me falou que achava Aiden um gato, que queria ir pra cama com ele." Estreito os olhos ao encará-la. "Você já estava decidida a fazer isso... eu só dei um empurrãozinho pra você se sentir menos filha da puta quando trepasse com ele."

Dakota respira fundo e, por um brevíssimo instante, quase chego a sentir medo dela.

"Está brincando comigo? Eu já estava decidida? E, aliás, quem é você para me julgar, hein, ***mulher***?", ela questiona, exagerando na entonação da última palavra.

Meu corpo inteiro está coberto de pequenas feridas

agora. A cada palavra, me sinto cada vez mais um monstro. E é como se Dakota estivesse jogando sal sobre os cortes. Quando ela me diz que ama Landon, é como se estivesse pondo a culpa de tudo em mim — provavelmente com razão —, o que só torna a situação ainda pior.

"Você pode parar de andar e conversar comigo, por favor?" O tom de voz dela é suave, triste, até.

Eu a encaro. "Isso vai fazer você feliz? Se eu mantiver pelo menos cinquenta metros de distância dele o tempo todo? A Tessa é minha amiga também, e os dois moram juntos. E o Landon está feliz comigo. Dakota, você precisa pensar na felicidade dele."

Seu lábio começa a tremer, e ela engole em seco. "Como é que você sabe que ele está feliz?"

Que pergunta mais complicada. *Porque dá para sentir*, sinto vontade de falar, mas não vou dizer isso.

"Como é que você sabe que ele está feliz, Nora?"

Então, agora eu voltei a ser Nora. Meus olhos se enchem de lágrimas. "Eu sei que ele está. Mas posso estar errada; não o conheço tão bem quanto você."

Os olhos dela continuam fixos nos meus. "Não. Não conhece mesmo."

Solto um suspiro e olho ao redor da estação. Um homem e uma mulher esperam o trem de mãos dadas. Devem ter no mínimo sessenta anos e, quando ele se inclina para beijar os cabelos grisalhos dela, sinto um aperto no coração. *Como é possível meu coração pesar tanto mesmo estando tão vazio?*

Dakota detém o passo e franze a testa. "Eu não tenho ninguém na vida, Nora. Pensei que tivesse você, mas uma amiga não faria o que você fez."

Ela tem razão. Nunca fui sua amiga. Nunca quis ser. Só estava interessada ***nele***. Deveria me sentir culpada, mas não é fácil, considerando a maneira como ela o trata: como um cachorrinho. Landon não é uma porra de um cachorrinho. É muito mais que isso. E nenhuma de nós duas

o merece.

"Me desculpe pelo rumo que as coisas tomaram", digo, não exatamente com sinceridade. "Eu não queria magoar você. Mas foi assim que aconteceu."

Dakota fica me observando, e vejo uma lágrima escorrer pelo seu rosto antes que ela possa limpá-la. Sei que essa demonstração de vulnerabilidade vai acabar com ela, então, resolvo ser legal e fingir que não vi. "O que existe entre o Landon e mim é uma coisa de verdade, Nora. A gente se ama desde criança. Ele passou por tudo ao meu lado. Os abusos do meu pai, a morte do meu irmão... nós sofremos juntos de um jeito que você não é capaz nem de entender. Ele é meu, Nora. A única pessoa que tenho na vida, e não foi tratado por mim como merece, mas eu fui muito idiota, e agora entendo isso. Agora sei que preciso fazer de tudo para mostrar todo o meu amor e a minha gratidão por ele."

Suas palavras me fazem estremecer. Sinto que vou vomitar, dá para sentir. A bile queima a base da minha garganta. Não aguento mais ouvi-la falar sobre ele assim. Fisicamente, não suporto ouvir o nome dele na voz dela, muito menos ela falar sobre a profundidade da ligação entre os dois.

Permaneço em silêncio, incapaz de dizer o que quer que seja.

Ela volta a falar, e nesse momento seria bom se eu pudesse apertar um botão e desligar os meus ouvidos.

"Para você, ele é só parte de um joguinho. Está só se divertindo com ele, e ele com você. Uma diversão, só isso", ela diz, convicta. "Mas, para mim, ele é a minha cara-metade. A única pessoa com quem posso contar neste mundo. Passamos anos e anos juntos e, apesar de você achar que sim, não tem como competir com isso." Ela faz uma pausa. "Não quero magoar você."

Por alguma razão, acredito no que ela diz. Mas nem por isso fico menos abalada.

"Perdi minha mãe e meu irmão, e meu pai está à beira da

morte. Não posso perder o Landon também." A voz dela fica embargada e se arrebenta em soluços. Dakota cobre o rosto com as mãos. As pessoas ao redor começam a olhar para nós ao passar.

Desde quando eu me tornei uma pessoa tão merda?

"Por favor, Nora. Me dê mais uma chance de ser a pessoa que preciso ser para ele." Ela passa o dorso da mão no nariz e volta a me olhar. Seus ombros se sacodem em soluços, e não consigo deixar de sentir pena.

Quem sou eu para me meter na vida dos dois e separá-los? Ela pode ser péssima, mas tem um lado mais suave que sempre me agradou. Eu não a odeio; nunca odiei. Só sabia que ela não merecia Landon. Mas agora que ela está na minha frente, chorando de soluçar, toda trêmula, quem sou eu para decidir isso?

Ela tem razão, eu mal o conheço.

Ela, sim.

Não sou apaixonada por ele.

Ela, sim.

Eu não o mereço.

Talvez ela, sim.

"Certo." Eu afasto as mãos dela do rosto.

Ela limpa os olhos de novo antes de me olhar. Não sei mais o que dizer.

"Eu vou sair de cena", prometo, e saio andando, me misturando a uma multidão de desconhecidos antes que ela possa fazer alguma coisa para me impedir.

16

LANDON

Faz duas horas que Nora saiu para buscar as roupas do trabalho. Bom, a desculpa dela foi essa, mas não dá para ignorar o timing tão conveniente. Um desconhecido aparece no meu apartamento e Nora por acaso sabe como o cara se chama? E, logo em seguida, precisa dar uma saída, quando poderia tranquilamente acordar mais cedo amanhã e ir buscar as roupas?

Que dia foi esse que tive! Nora me mostrou um lado seu que eu não conhecia; além de ser absurdamente sexy, ela consegue abafar todo o ruído dentro na minha cabeça com o simples som de sua voz. Me senti reconfortado e, por mais idiota que isso possa parecer, me senti confiante, apesar da minha inexperiência, com ela me guiando, me dizendo que posso ser quem quiser quando estiver ao seu lado. A ideia de mostrar uma versão completamente nova de mim mesmo é estranha. Com ela, posso ser mais que o cara bonzinho; posso ser mais que o melhor amigo de alguém. Não sinto a necessidade de resolver os problemas de todo mundo e negligenciar os meus quando estou com ela.

Minha cabeça está latejando, e minha sala enfim voltou a ficar em ordem. Hardin discutiu um pouco comigo antes de sumir e voltar vinte minutos depois com uma tranca extra

de correntinha para colocar na porta.

Para sorte dele, pegou Ellen pouco antes de ir embora, e ela foi prestativa o bastante para reabrir a loja para que a compra fosse feita. Acho que ele não conseguiria dormir à noite se não fizesse isso e, como se trata de *Hardin*, seria bem capaz de arrombar o mercadinho da esquina para conseguir uma tranca. Penso no que ele falou sobre Tessa, no estado transtornado em que ela ficou quando o apartamento foi invadido, e vou até o closet pegar minha pequena caixa de ferramentas para instalar a tranca.

Ken me deu essa caixa quando decidi me mudar para Nova York. Não tem nada de mais, mas parecia algo importante para ele, então tem sua importância para mim também. Dava para ver isso em seus olhos quando ele me entregou a caixinha vermelha, e percebi que seu tom de voz mudou enquanto ele me explicava a função de cada ferramenta. Preferi não mencionar que ele estava dizendo coisas que eu já sabia.

Não contei para ele que passei a vida inteira consertando coisas, que essa é uma especialidade minha. Em vez disso, deixei que ele explicasse tudo em detalhes. Até fiz perguntas do tipo: "*Qual é a diferença entre uma chave Philips e uma chave de fenda?*"

Achei que ele estivesse precisando compartilhar essas coisas simples com o enteado, para compensar o tempo que não teve com o filho.

Quando a tranca está firme e instalada, eu me sento no sofá e ligo a TV. O que posso fazer para me distrair e não ficar olhando para o relógio? Abro a Netflix e navego.

E navego. E navego mais um pouco.

Nada parece proporcionar uma distração suficiente para desviar meus pensamentos de Nora. Quando vejo os filmes recomendados para a minha conta, é impossível deixar de reparar na ironia.

Julie & Julia e *Chocolate* são as duas principais recomendações: histórias relacionadas à culinária, claro.

Isso me faz pensar em Nora com seu uniforme, e depois sem nada. É possível que esses filmes tenham sido sugeridos por causa do histórico de programas assistidos por ela e Tessa, mas chego à conclusão de que é alguma espécie de sinal. Continuo navegando. Nora deveria ser a estrela de seu próprio filme, sobre uma mulher linda, inteligente e misteriosa. Uma mulher que, por acaso, faz doces que são paraísos comestíveis. Se a nossa vida fosse um filme, seria bem mais fácil descobrir seus segredos.

Penso nos filmes que costumava ver com a minha mãe no canal Lifetime. Por mais que eu deteste admitir, alguns eram muito bons. Sempre tinha umas tramas malucas, tipo babás psicopatas tentando seduzir maridos, ou maridos que se revelavam estelionatários, às vezes até assassinos. Se Nora fosse a estrela de um filme do Lifetime, poderia ser uma espiã ou até uma matadora de aluguel. Tento organizar na minha mente tudo o que sei a seu respeito.

Com esses deslocamentos misteriosos até Scarsdale, poderia ser tanto uma coisa quanto outra. Pelo que encontro sobre Scarsdale no Google, trata-se de uma área com uma população endinheirada e envelhecida. A família dela vive no estado de Washington, então, a relação não deve ser essa. Meu telefone vibra em cima da mesinha de centro, e vejo o nome na tela quando apanho o aparelho.

Dakota.

Por que ela está me ligando?

E, o mais importante, por que não quero atender?

A culpa acaba falando mais alto. Eu não deveria evitá-la. Ela não merece esse tipo de tratamento. Mas não posso continuar andando na corda bamba entre as duas; uma hora vou acabar caindo.

A voz de Nora dizendo que ia voltar para mim continua a ressoar na minha cabeça. Penso na maneira como seus olhos brilham de malícia quando ela me desafia, e do som do meu nome quando sai da sua boca. Ponho o telefone sobre o peito e deixo a ligação cair na caixa postal para

continuar criando enredos para o filme de Nora no canal Lifetime.

Na noite em que a segui, ela trocou de roupa antes de descer do trem. Podemos denominar essa ocasião como Noite em Scarsdale. Ela trocou de camisa e soltou os cabelos. Inclusive penteou com os dedos para apagar os sinais da trança, deixando os fios caírem sobre os ombros. E também sacudiu a cabeça. Neste momento, lembro de ter pensado que ela deveria estrelar um comercial de xampu.

Mas já chega de pensar nos atributos dela... quero me concentrar na minha teoria da conspiração em torno dessa garota. Levanto a mão e fecho bem diante do rosto. Levanto um dedo para contar as viagens aleatórias de metrô de uma hora de duração. O que mais? Hmmm...

Ela recebeu umas ligações misteriosas enquanto estava aqui comigo e logo depois foi embora. Levanto mais um dedo. Quanto a desaparições, isso aconteceu mais de uma vez, e eu seria um idiota de não levar isso em conta ao erguer um terceiro dedo. Se precisar usar os cinco, vou precisar entrar num programa de proteção a testemunhas e sumir das vistas dela.

Por falar em proteção a testemunhas, será que ela faz parte de um programa desses? Ela usa dois nomes diferentes...

Seu ex-namorado era da máfia ou coisa do tipo?

Será que ela tem um namorado atual e, se tiver, será que *ele* é da máfia?

Não sei por que meus pensamentos se voltaram imediatamente para a máfia; com certeza ando vendo filmes demais. E assisti a *O poderoso chefão* na adolescência. Mais de uma vez, inclusive.

É divertido pensar assim, mas não sou do tipo que põe a culpa pela inadequação social de alguém em um filme visto na idade errada. Outro dia, Tessa me fez ver um filme com uma cena em que uma mulher conversava com a mãe, dizendo que era um fracasso na vida porque não pôde ver

Cinderela na infância. Foi o que aconteceu comigo: fiquei vendo *O poderoso chefão* e telefilmes do Lifetime com a minha mãe e agora estou achando que a minha namorada é matadora de aluguel ou teve envolvimento com alguém da máfia.

E se Nora tiver um filho e ninguém souber? Ela é mais velha que eu, e tem um jeito *bem* tranquilo de falar. Com certeza, consigo vê-la como uma mãe.

E se ela estiver escondendo algo maior, como o fato de que na verdade *gosta* de Gatorade?

Seria melhor descobrir que ela é uma matadora de aluguel do que uma garota que decidiu desprezar falsamente minha bebida favorita.

Estou viajando demais aqui. Preciso de alguma coisa para fazer.

E agora.

Deixo o controle remoto na mesinha de centro e me sento. Será que posso ligar para ela?

Ela me prometeu que vai voltar. Será que vai mesmo?

Ela disse isso olhado bem na minha cara. Seria muita burrice minha duvidar que estivesse mentindo? Será que posso confiar em suas promessas?

"*Prometo não dizer nada que depois queira apagar*", ela me falou.

Nós fizemos um trato. Isso virou uma regra de ouro para mim a partir daquele momento, e espero que ela cumpra sua parte no acordo.

Se Nora voltar hoje, posso prometer a mim mesmo que vou confiar nela. Se ela mantiver sua promessa, eu cumpro a minha. E vou dar tempo ao tempo para que ela se abra comigo. Suas pétalas merecem mais tempo para florir.

Enquanto isso, me ocupo indo até a cozinha e abrindo a geladeira. Eu deveria ter conversado com Tessa hoje para ver como ela está. Na última vez em que nos encontramos, parecia tudo bem com ela. E com Hardin também, apesar de ele ter tentado estrangular aquele cara na sala de estar.

Meus olhos percorrem a cozinha, e me lembro do gosto de Nora em minha língua. Sua doçura arrebata meus sentidos, e pego um cupcake na fôrma enquanto minhas fantasias correm soltas. A maneira como ela cravou os dedos na bancada quando passei a língua em sua carne úmida vai ficar guardada para sempre na minha memória.

Os ruídos que fez quando gozou, que despertaram um desejo animalesco em mim. Só o que preenchia minha cabeça naquele momento, e agora também, é ela. Nora está se tornando rapidamente uma obsessão minha, e acho que não tenho como impedir isso, nem mesmo se quisesse. As roupas de Nora estavam todas espalhadas pela minha cozinha poucas horas atrás. Há duas horas e dezenove minutos para ser mais exato. Ela deve ter recolhido tudo e se vestido antes de sair. As minhas roupas também ficaram muito boas nela.

Boas até demais.

Tudo o que ela usa fica sensacional. Seu corpo faz camisetas largas e shorts jeans parecerem mais provocantes que qualquer lingerie.

Quando dou uma mordida no cupcake, meu estômago rosna, reclamando por ficar tanto tempo sem ser alimentado. A única coisa que passa pela minha cabeça é Nora, Nora, Nora. Como descobrir mais ao seu respeito? Dou mais uma mordida no bolinho de cebola e vou até o quarto buscar o laptop.

Quando volto ao sofá, vejo mais uma ligação perdida de Dakota. Deixo o celular com a tela virada para baixo para que as notificações não me distraiam. Não sei nem o que estou procurando, mas meu primeiro instinto me manda ir ao Facebook. Esse, com certeza, é o ponto de partida para stalkear na internet. Clico no mecanismo de busca e digito seu nome. Nora... espera aí, qual é o sobrenome mesmo?

Ah, não. Eu não sei o nome completo dela.

Passo a mão nos cabelos e pego o celular. Toco a tela sobre o nome da minha mãe e ponho a ligação no viva voz.

Ela atende no terceiro toque. "Eu estava falando justamente de você." Dá para ouvir o sorriso em seu tom de voz.

Eu dou risada. "Falando bem, espero."

"Claro. Nós fomos beber — não eu, claro — no South Fork e encontramos os pais da Sophia. Então, literalmente, estávamos falando de você; que estranho." Seu tom de voz é suave, e tento manter a conversa leve, apesar do nervosismo que sobe pela minha espinha.

Olho para o laptop e dou uma espiada ao redor da sala. Os pais dela estão com os meus neste exato momento. Dá para acreditar na coincidência?

"Hã. Di-diga que eu mandei um oi?", gaguejo.

De repente, pode aparecer na conversa alguma coisa relacionada ao sobrenome deles. Não sei exatamente como perguntar isso à minha mãe com ela bem na frente deles.

"O Landon mandou um oi", minha mãe diz, e escuto vozes abafadas ao fundo. Alguns segundos se passam. "Eles contaram que a Sophia se mudou de volta para Scarsdale. Eu não sabia disso, querido." Fico com a impressão de que se trata de algo que minha mãe esperava que eu comentasse com ela.

Se fosse verdade, eu provavelmente falaria.

Por que os pais de Nora pensam que ela se mudou, e como assim "de volta" para Scarsdale? Se eu ouvir o nome Scarsdale mais uma vez, vou acabar pirando.

Talvez dê para conseguir algumas informações com os pais dela. Isso poderia ajudar a resolver parte do mistério.

"Faz quanto tempo mesmo que ela morou lá?", pergunto à minha mãe, que repassa o questionamento.

"Pouco tempo. Alguns meses antes de você se mudar para o Brooklyn", ela explica. "Eles mandaram lembranças, e esperam que você esteja gostando da nova cidade. Eles já estão acostumados com os filhotes longe do ninho." Em seguida ela provoca: "Eu, não."

"Diga para os...", faço uma pausa, esperando que a

minha mãe preencha a lacuna faltante.

"Eu vou falar para os Rahal que você agradece, e volto a ligar mais tarde. Pode ser?"

Bingo.

Escrevo Nora Rahal no mecanismo de busca, e algumas páginas aparecem, mas nenhuma dessas pessoas é ela.

"Landon?"

"Hã, sim. Claro. Valeu, mãe, eu amo vocês." Desligo o telefone e jogo o aparelho no sofá ao meu lado.

Escrevo o nome da irmã de Nora, torcendo para acertar na grafia. Não encontro nenhuma Stausey Rahal, mas uma Stausey Tahan, sim. Quando clico no perfil, a foto de Stausey aparece. Sei que é ela imediatamente; dá para ver pelas feições do rosto. Olhos castanho-esverdeados e maçãs do rosto salientes. Ela é um pouco mais magrinha que Nora; o rosto é mais estreito, e os lábios não são tão cheios. Navego pelo seu perfil e logo descubro pelas fotos e os comentários que o marido dela, Ameen Tahan, é médico cirurgião. Parece ter uma carreira de sucesso. Abro foto atrás de foto de Stausey e o marido mostrando placas e diplomas com o nome dele.

E eu trabalhando num café...

Eu precisaria me encaixar nessa família.

Continuo navegando pelas fotos e encontro um álbum chamado "Bandol", com data de dois anos atrás, e clico na pasta. Pelo menos cinquenta miniaturas de fotos aparecem na minha tela. A irmã de Nora deveria aprimorar suas definições de privacidade. Qualquer maluco pode descobrir um monte de coisas sobre ela em questão de segundos. Principalmente levando em conta as fotos que ela publicou aqui. A primeira imagem a chamar minha atenção mostra Stausey com um biquíni vermelho minúsculo beijando o marido, que ostenta um abdome todo definido, sob as estrelas.

Sigo em frente à procura de fotos de Nora. Um biquíni amarelo chama minha atenção, e amplio a foto. É mesmo

Nora, com um biquíni amarelo de tiras finas que mal consegue conter a curvatura de seus quadris. Tem um homem ao lado dela; seus cabelos são grossos e volumosos. Ela está rindo, e o braço dele a envolve pela cintura em uma postura possessiva, e dá para sentir o tamanho do ego do sujeito pela maneira como posiciona o queixo. Sério mesmo, o cara tem um queixo de super-herói. Passo a mão pelo meu maxilar. Eu poderia passar pelo que, um soldadinho?

Fico olhando para a fotografia por tanto tempo que meus olhos começam a doer.

Quem é esse cara?

Passo o cursor por cima da foto, torcendo para que alguém tenha sido marcado, mas não tenho sorte. Apreensivo, passo para a imagem seguinte. Nora com os pés na água e um caderno no colo. Está usando o biquíni amarelo de novo, mas o cara da outra foto não aparece desta vez. Seus cabelos estão presos em duas tranças, e ela parece ainda mais bronzeada do que hoje.

Nossa, como ela é linda.

Alguém bate na porta, e tenho um sobressalto. *Nora, por favor, que seja Nora*.

Limpo as mãos suadas nas calças e abro a porta.

Para minha leve surpresa, é *mesmo* Nora, vestindo uma calça preta e uma blusa vermelha com um decote cavado. Os lábios estão pintados de um vermelho vivo, e os olhos estão delineados com maquiagem escura.

"Oi", ela diz.

Sua boca está tão... tão... não consigo pensar em nada a não ser no alívio tremendo de vê-la aqui na minha porta.

"Oi." Seguro a porta para ela, que passa por mim roçando o ombro no meu.

Quando fecho a porta e entro, ela me agarra pela camiseta e cola os lábios aos meus.

17

Os lábios de Nora contra os meus são mais que bem-vindos, apesar de não ser essa a primeira coisa que pensei que ela faria ao chegar. Mas aqui está ela, empurrando meus ombros contra a porta, com seu hálito quente contra a minha boca. Suas mãos estão agitadas, e seu corpo se cola ao meu enquanto tento recuperar o fôlego. Levo a mão aos seus quadris, e seus dentes mordem de leve meu lábio inferior. Ergo uma das mãos para agarrar seus seios, e meus dedos passeiam por cima do mamilo durinho. Ela está sem sutiã.

Quando ela se afasta, estendo os braços em sua direção. Estou encostado na porta, mas Nora está se afastando de mim. O batom vermelho faz seus lábios cheios brilharem, e instintivamente passo a língua pelos meus para me lembrar do seu gosto.

"Eu...", Nora começa e interrompe, buscando as palavras certas. Seus olhos circulam pela sala e voltam a pousar em mim. Sua boca permanece aberta, mas ela não diz nada.

Fico com a sensação de que não quero ouvir o que ela tem a dizer. Nora é boa em inventar motivos para não fazermos o que estamos fazendo, e no momento quero ignorar o que pode ser certo ou errado e simplesmente agarrá-la pela cintura e colar seu corpo ao meu. Seus seios são grandes, mal conseguem ficar dentro do decote da

blusa, que tem o mesmo tom de vermelho do batom.

"O que é isso que você está vestindo?" Estou hipnotizado por sua blusa.

Nora inclina a cabeça para o lado e me encara. Em seguida, olha para baixo e depois de novo para mim. "Roupas?"

Pensar antes de falar é uma coisa que, com certeza, preciso aprimorar. Tento disfarçar o momento constrangedor puxando Nora pelo braço para perto de mim. Ela não faz nada para impedir que eu a abrace.

"Eu senti sua falta. Desde a hora em que você saiu", digo com os lábios colados aos dela. Seu corpo é quente como as noites de verão em Michigan: exala uma umidade lânguida, e me faz pensar nos vagalumes piscando na escuridão no quintal. Nora me lembra uma libélula, sempre vívida e surpreendente. Não serve para ser aprisionada num pote. E jamais se sujeitaria a isso.

Ela emite um som parecido com um suspiro, e sua mão pousa na minha barriga e começa a descer, erguendo minha camiseta. Quando suas unhas tocam minha pele descoberta, a lembrança da primeira vez em que ela encostou em mim acende na minha mente. Seu dedo passeou pela minha barriga daquela vez também, e eu deveria tê-la agarrado pelo rabo de cavalo e beijado sua boca. Deveria ter provado seus lábios e sentido seu corpo se derreter junto ao meu, assim como está acontecendo agora. Mas não fiz isso, e mesmo assim estamos aqui agora.

Ela continua descendo, e sente minha excitação com a mão. Dominou completamente meu corpo, assumindo o controle sobre mim da forma mais visceral possível. Sua língua provoca a minha, e puxo o tecido de sua blusa macia e sedosa para expor seus seios.

Nora pega no meu pau, e sinto uma familiar pressão na parte inferior do abdome. Solto um grunhido, e ela aperta com mais força. A pressão chega quase a doer, mas o prazer é mais forte, e baixo a mão para desabotoar a calça.

Ela me ajuda e a empurra para baixo pelas pernas.

"Estamos sozinhos aqui?", ela pergunta, baixinho.

Não consigo evitar que uma risadinha escape dos meus lábios quando olho para a calça abaixada até o tornozelo. "Você pergunta isso agora?"

Mordendo o lábio, ela ri e se ajoelha. As mãos de Nora são firmes ao abaixar minha cueca, e fico com inveja da naturalidade com que ela parece encarar a sexualidade. Ela não hesita ao me despir; seus lábios não estremecem quando minha língua passeia por eles. Da minha parte, eu sou puro nervosismo, mãos trêmulas e gemidos desajeitados. Não conseguiria ser sexy nem com muito esforço.

Talvez, se eu fingir que sou outra pessoa por um tempo, posso ser sexy. Posso ser como um personagem de romances femininos, que faz as mulheres quererem arrancar a calcinha só de ouvir o som de sua voz. As mãos de Nora estão me acariciando, e é impossível me esforçar para ser sexy em meio a uma sensação tão deliciosa.

Olho para essa garota linda e misteriosa e tento não gozar tão depressa quanto da última vez — mas ela está dificultando um bocado a tarefa com essa boca vermelha e esses lábios famintos. Ela dá um beijo molhado bem na pontinha, solto um grunhido e me agarro ao batente da porta para não perder o equilíbrio.

"Hmmm" — ela me beija lá de novo — "Seu gosto é tão bom."

A pressão sobe da minha barriga para o meu peito. "Nora..." O nome dela derrete como algodão doce na minha língua. Solto outro gemido, sem me preocupar nem um pouco se vou soar sexy ou não.

Os lábios de Nora se afastam, e ela me abocanha. Que visão mais linda, a dela com o meu pau na boca. Seus olhos escuros estão voltados para mim, e é difícil pensar em outra coisa que não seja encher essa boca de porra. Preciso demorar um pouco mais — *Por favor, me deixe aguentar*

mais que da última vez.

Observando enquanto ela me saboreia, imediatamente penso no gosto divino ***dela***, melhor que qualquer doce que a minha mãe já tenha feito na vida. Certo, já chega de pensar na minha mãe, mas preciso voltar meus pensamentos para coisas não sexuais para poder aguentar mais tempo. Quando a língua de Nora roça de leve a cabeça do meu pau, eu me obrigo a pensar na faculdade.

Tenho prova na semana que vem.

E no trabalho — amanhã preciso ir trabalhar.

Quando desvio os olhos de Nora, ela se afasta um pouco e olha para mim. "Algum problema?"

"Hã?" Pisco algumas vezes. "Nada."

Nora ajeita o corpo e apoia as mãos nas coxas, cravando os olhos nos meus. "Mentiroso." Depois, acrescenta em um tom gentil: "Fala comigo."

Eu respiro fundo. Que diabos posso dizer? ***Desculpa aí, estou tentando não gozar em menos de cinco segundos desta vez?***

Nem debaixo de pauladas.

"Só estou pensando, acho."

Ela inclina a cabeça para o lado. "Pensando em quê?" Seu rosto fica um pouco vermelho e, ah, não, ela não pode ficar com a impressão de que estou pensando que tem alguma coisa errada aqui... E também não pode achar que não estou totalmente concentrado no momento que estamos compartilhando agora.

"Pensando?", ela repete, baixando um pouco a cabeça. Seu corpo se afasta um pouco do meu, uma distância que se transforma em um abismo gigantesco dentro do meu peito.

Estendo o braço para baixo e seguro seu rosto, forçando-a a olhar para mim. "Nada de ruim", prometo. "Só estou nervoso. Sendo bem sincero, é isso mesmo. E não sei por quê." Melhor parar de falar para não passar ainda mais vergonha.

"Nervoso? Por quê?"

"Sei lá." Passo o polegar em sua bochecha, e os olhos dela se fecham. "Estou tentando manter a compostura e tal, mas da última vez eu" — faço uma pausa — "da última vez eu fui um idiota."

Nora se inclina para trás, e seu rosto escapa da minha mão. "Um idiota? Como assim?"

Sinto minhas bochechas vermelhas de vergonha. "Eu gozei depressa demais, e..."

Nora fica de pé antes mesmo que eu termine o que estava falando. "Nunca mais se xingue na minha frente de novo." Seu tom é áspero, e seu olhar ainda mais. "Se chamando de idiota, você está contrariando a minha opinião a seu respeito, e na prática está dizendo que eu me rebaixei ao ficar com um idiota." Ela olha ao redor da sala e de novo para mim. Fico com a sensação de que seu discurso não está nem perto de acabar. "E não precisa fica envergonhado por isso. Eu gostei, e nunca é ruim perceber que a pessoa está tão excitada que mal consegue esperar para gozar."

O alívio toma conta de mim, e meus ombros relaxam. "Não é uma coisa muito sexy."

Ela olha feio para mim. "Não é você quem tem que me dizer o que eu acho sexy." Suas mãos estão na cintura agora.

"Desculpa."

"E pare de se desculpar sem necessidade, Landon. Você não fez nada de errado. Você vive pedindo desculpas."

Acho que é verdade. Pensando bem, devo ter passado metade da minha vida me desculpando. Mesmo sem ter feito nada de errado. Começo a mexer no botão da minha camisa, tentando cobrir pelo menos uma parte do meu corpo.

"Se eu não achasse você sexy, nem estaria aqui, de joelhos na sua frente. Não precisa se esforçar para ser uma versão sua que considere sexy, seja qual for. Basta estar aqui comigo. Você quer estar aqui comigo, agora?"

Faço que sim com a cabeça.

"Preciso que você fale comigo, Landon."

É claro que ela precisa. *As palavras só se concretizam quando você fala.* "Sim, eu quero, sim. Mais do que tudo."

"Certo." Nora volta para o chão.

Por mais sexy que seja a visão dela diante de mim, parece errado vê-la ajoelhada na minha frente. *Eu* deveria estar ajoelhado para *ela*.

Seguro sua mão e a puxo para cima. A perplexidade em seu rosto é evidente quando ela se levanta.

"Vamos para minha cama. Quero você na minha cama."

"Ah, é?", ela diz, com um sorriso malicioso.

Sem pensar duas vezes, eu a pego nos braços e tomo o caminho do quarto. Minha calça está presa no tornozelo, então arranco uma das pernas. Ainda está difícil caminhar, mas prefiro passar um ano em Azkaban a derrubar Nora ou precisar colocá-la no chão. Nora afunda a cabeça no meu pescoço, e adoro senti-la nos meus braços.

Quando chego ao corredor, termino de tirar a calça e sinto sua risadinha junto ao meu pescoço. Tento abrir a porta do quarto só com uma das mãos. Nora percebe que estou com dificuldades e estende o braço para fazer isso por mim. Quando atravesso a porta, escuto o som de seu pé se chocando contra a madeira.

"Ai!"

Merda. "Desculpa!" Dou mais dois passos apressados e a deito na cama. Ela solta meu pescoço.

"Acho que quebrei o pé." Ela dá risada, levando a mão à marca vermelha em cima do pé.

Nem me lembro de ela ter tirado os sapatos. Por outro lado, não consigo ser muito atento aos detalhes quando ela está por perto. "Está vendo, é por *isso* que estou nervoso." Vou até a cama e me sento ao seu lado. Nora estende as pernas. Quando olho para ela, me distraio com sua blusa outra vez.

Nora apoia a cabeça no meu ombro. "Eu também senti

sua falta quando estava fora", ela comenta, finalmente dando uma resposta para o que falei alguns minutos atrás.

Fico em silêncio por alguns instantes, então pergunto: "Aonde você foi?"

Ela se vira para mim e sacode a cabeça. Nada de resposta.

"Você está me traindo?"

Era para ser uma piada, mas as costas delas ficam rígidas, e a energia entre nós muda. Nora sorri, mas é um gesto falso, como o de uma boneca de plástico. "Não sabia que estava numa situação em que poderia trair você."

Agora, o jogo virou. Quem está nervosa é ela; dá para sentir. Tem alguma coisa a mais também, e de repente detecto um grande sofrimento dentro dela.

Eu me inclino para a frente e observo seu rosto. "Você gostaria de estar?"

Seus lábios tremem quando ela abre a boca, mas fecha logo em seguida. Acho que não.

"Não me olhe assim", ela resmunga. "Estou pensando."

"Você está sempre pensando." Tento ignorar o aperto que sinto no peito com a ideia de que ela possa não querer ter algo mais comigo.

Depois de alguns instantes de silêncio, sua voz quebra a imobilidade do ar, irreconhecivelmente baixa e incerta. "Não tem nada que eu queira mais do que ser sua..."

Eu não a deixo terminar, nem retirar nada do que disse. Aproximo meu rosto do seu e beijo sua boca. Minhas mãos seguram seu rosto e descem pelo seu pescoço, e eu enfio a língua por entre seus lábios.

Nora solta um grunhido com a boca colada à minha, e eu me coloco diante dela. Suas pernas se abrem para mim, e posiciono o corpo entre elas, beijando-a com vontade. O beijo continua, mais longo, mais faminto, mais profundo. Minha boca está sedenta, minhas mãos estão ferozes, e minhas entranhas parecem estar se liquefazendo. Me afasto um pouco para observar seu rosto. Meus olhos assimilam

sua imagem — cada centímetro do seu rosto merece ser admirado; eu poderia ficar olhando para ela por cem anos seguidos e não seriam suficientes. Passo a mão em seus cabelos e a pouso na base de seu pescoço. Ela está me olhando, com os braços imóveis ao lado do corpo. Seus lábios estão curvados para cima, mas não é exatamente um sorriso.

Estou em cima dela agora, com o rosto a poucos centímetros do seu. Eu me inclino e roço meu nariz no seu; os olhos dela se fecham de leve, e um barulhinho suave escapa de sua garganta.

"Ainda está pensando?"

"Só sobre uma coisa."

Ela mantém um olhar firme e cauteloso. "E o que seria?"

Em vez de responder, me inclino em sua direção e colo meus lábios aos seus. Minha mão agarra seus cabelos compridos, e levo um braço às suas costas, levantando-a para colar seu corpo ao meu. Proximidade nenhuma parece ser suficiente; a vontade de trazê-la cada vez mais para perto é avassaladora.

Não me lembro de ter me sentindo assim em relação a ninguém, de querer ficar tão próximo a ponto de virar uma pessoa só.

Com uma das mãos ainda segurando seu pescoço, baixo a outra até seu traseiro, acariciando a carne macia. Seu gemido preenche meus ouvidos, meu quarto, meu apartamento, meu quarteirão, minha cidade, meu mundo.

O corpo dela foi feito para isso. Ela foi feita para mim.

Sua mão quente segura a minha, e ela me guia para a frente, para o meio de suas pernas. A calça preta é apertada, e o tecido é fino. Quando a toco, dá para sentir sua umidade por cima da roupa. Minha nossa, essa mulher vai acabar comigo.

"Não pare, Landon. Por favor."

Suas palavras são como faísca em mato seco, e eu não respondo mais por mim. Não estou mais neste quarto, estou

flutuando nos céus, me perguntando como consegui ter a sorte de estar assim com ela.

Meus dedos se movem para a cintura de sua calça, que desabotoo às pressas. Ela ergue as costas para me ajudar, e cometo o erro de olhá-la — da blusa sedosa e decotada com os peitos grandes quase para fora até a calcinha vermelha. Meu coração dispara dentro do peito, ameaçando sair pela boca.

Reconheço a expressão no seu rosto, e não entendo o que fiz para merecer esse olhar tão lindo para mim. Ela está ofegante, com os lábios afastados, me olhando. Um dedo trêmulo se ergue até o meu rosto e traça o contorno dos meus lábios. Eu beijo seu dedo e ela geme, ainda acariciando meus lábios molhados. Abocanho a ponta do seu dedo e dou uma mordida de leve. Os quadris dela se erguem da cama.

"Landon", ela diz, ofegante, com uma suavidade absurda.

"Nora."

Ela me instiga a senti-la por dentro ao baixar a calcinha vermelha pelas coxas. "Você tem alguma?"

Se eu tenho o quê? "Alguma...?"

"Camisinha."

Ah, dã. "Hã?" Com certeza, devo ter alguma por aqui. Mas onde? *Se eu fosse uma camisinha, onde estaria...?*

Dentro de Nora, claro.

"Eu tomo pílula...", ela diz, mas com uma voz insegura.

Desço da cama e corro para a cômoda. Remexendo entre as cuecas e as meias, sinto uma embalagem plástica. "*Bingo!*"

"Bingo?", Nora repete com uma risadinha.

Minha boca idiota nunca espera a autorização para falar. Nem tento me justificar. Em vez disso, dou risada junto com ela e volto para o meio de suas pernas. Com suas mãos firmes, ela me ajuda de novo e me guia até sua abertura. Encosto meu rosto no seu e beijo sua boca, suas bochechas, seu queixo e até seus olhos fechados.

Ela suspira e me abraça, me puxando para dentro de si. Porra, ela é... Ela é diferente de tudo o que já senti. Talvez seja perfeita para mim. Seu corpo, imóvel e macio sob o meu, é todo curvilíneo e bronzeado. Não tirei sua blusa, mas estou vendo boa parte dos seus seios. Ela me surpreende olhando e puxa o tecido para baixo, agarrando os peitos e pondo para fora da roupa. Curvo o pescoço para levar um dos mamilos macios e escuros à boca. Dou uma mordidinha de leve, arrancando dela um gritinho agudo.

Seus braços voltam para as minhas costas, me puxando para si. "Está tudo bem, Landon?"

Minhas estocadas são lentas, para desfrutar da sensação incrível do corpo dela acolhendo o meu. Faço que sim com a cabeça e levo minha boca à sua. Continuo me movendo devagarinho, entrando e saindo. Entrando e saindo. Tocando-a de leve, tomando-a para mim.

Ela me beija até eu não conseguir sentir mais nada além de seu peito pulsando com o meu, seu corpo esquentando com o meu. Suas pernas enrijecem, e ela murmura para eu não parar. E eu não paro até meu corpo se partir em dois e desabar sobre o dela em um acesso de suspiros de peitos ofegantes.

Saio de cima de seu corpo quente e me deito ao seu lado. "Isso foi..." Tento recuperar o fôlego.

"Perfeito", Nora conclui para mim.

18

Metade do corpo de Nora está sobre o meu, acomodada sobre o meu peito. Seu queixo está em meu peito, e seus dedos brincam com meus pelos. Seu indicador se mexe em movimentos circulares, e eu a observo em silêncio. O ar-condicionado está zumbindo ao fundo, e minha mente repassa sem parar os últimos minutos. Com o rosto ainda rosado, ela está vívida e linda. Já tirou a blusa, e está usando nada além de seus lindos olhos, seus lábios curvados e a tatuagem de dente-de-leão que tem nas costas.

"Eu nunca tive um amante assim tão carinhoso comigo, sabe", Nora diz, sem me olhar nos olhos. Ela só olha para o meu peito, enquanto seus dedos continuam acariciando minha pele.

E eu nunca tive ninguém que me considerasse um amante, sabe, sinto vontade de dizer, mas acho melhor não. "Isso é bom?" Faço uma careta, pensando nos chicotes e nas algemas que o pessoal tanto parece curtir hoje em dia. Eu sou suave demais? Dakota com certeza acha, mas não quero pensar nisso agora...

Nora sorri. "Sim. É muito bom." Sua voz se torna um sussurro, apesar de estarmos a sós. "Mas" — ela me lança um olhar cuidadoso — "vai ter vezes em que eu vou querer pegar mais pesado."

Fico surpreso com a maneira como as palavras dela fazem com que eu me sinta, e também em êxtase por ela querer repetir a dose. Ainda não recuperado por completo, meu corpo está ansioso para voltar para dentro dela. Pegar pesado como? Fico intrigado pelo amplo espectro sexual que desconheço, mas não sei se minha mente consegue distinguir entre pegar pesado e machucá-la. Sei que existe toda uma margem de manobra entre o sexo selvagem e o sexo convencional, mas como saber o que ela curte entre uma coisa e outra?

"Pesado como?", questiono.

Uma de suas mãos segura a minha, e a leva até seus cabelos. Ela envolve nossos dedos em uma mecha de cabelos e puxa. Meu pau lateja.

"Só o suficiente." Ela abre um sorriso cheio de malícia, se esfregando em mim. É como se seu corpo estivesse em sintonia total com o meu. "Será que você iria gostar?" A voz de Nora está mais rouca. Ela baixa a cabeça para o meu peito e passa a língua pelo meu mamilo endurecido. A sensação se desloca diretamente para a região da minha virilha. Ninguém nunca tinha me encostado nesse ponto, muito menos com a boca. Meu coração está disparado — ainda mais que o normal —, e estou ao mesmo tempo excitado e um pouco temeroso. Não por não querer deixar rolar, mas porque isso tudo é uma novidade para mim. Já ouvi falar que existe um ponto de prazer entre a euforia e o medo, e acho que acabei de descobrir isso.

Balanço a cabeça em uma reação retardada.

Ela pressiona os lábios contra o meu peito, soltando um cantarolar suave do fundo da garganta. "Eu adoro seu corpo."

Seus dedos se movimentam pela minha pele suada, e meu rosto fica vermelho pelo elogio. Suas mãos percorrem meus ombros e voltam para o meu peito. Preciso me esforçar demais para não estremecer todo.

"Você é do tipo que não precisa malhar pra ter um

corpão, né?" Nora abre um sorriso meio conspiratório. "Na verdade, não precisa responder. Prefiro pensar que você malha duas vezes por dia para ficar assim." Seus dedos abandonam meu peito e descem pela minha barriga. Suas unhas compridas roçam minha musculatura.

Levo a minha mão até seu traseiro descoberto. "Eu adoro o seu corpo." Dou um apertão em sua bunda grande, e ela ronrona. Literalmente, solta um ronronado com meu toque, e sinto vontade de ouvir esse som de novo. "Você tem o tipo de corpo que os homens veneram desde o início dos tempos." Penso nas belezas da antiguidade, e nos feitiços que lançavam sobre os homens. Apesar de gostar de história, neste momento, deitado sem roupa com ela, não consigo pensar em nenhum nome.

"Até parece." Ela dá uma risadinha. "Eu adoro o meu corpo", ela diz, convicta, "mas demorei um bocado para chegar até este ponto. Minha adolescência foi péssima, vendo todas aquelas meninas magricelas na TV, cheias de glamour e maquiagem. Até as meninas da minha escola... Eu estudei num colégio particular, e as meninas eram umas loirinhas magrinhas com papaizinhos ricos. Nas revistas, nos filmes e nos corredores, não tinha nenhuma garota parecida comigo."

Essa parte dela, a adolescente insegura, mexe com o meu coração. Como convivi com Dakota, que tem a pele mais escura que a de Nora, eu me lembro bem desse tipo de problema. Se a sociedade determina que todas as mulheres devem ter um determinado visual, bastante específico, em quem as meninas como Nora, com um sangue miscigenado correndo nas veias, poderiam se espelhar?

Tento pensar em Nora como uma menina feliz, o que me faz sorrir. "Como você era na adolescência? Acho que eu gostaria de ter conhecido você nessa época."

Ela ri baixinho. "Ah, não ia, não. Eu era maluquinha, louca demais para o seu gosto."

Louca demais para o meu gosto? Mais uma vez, ela me lembra que não sou exatamente chegado em farras. Desde quando ser
bem-comportado é tão ruim? Por que as garotas e as mulheres preferem sempre o drama e as noites loucas? Por que os rachas nas ruas e as discussões furiosas são considerados mais divertidos que ficar deitado no sofá abraçadinho vendo Netflix? Como é que as pessoas dizem hoje em dia?

Relaxar na Netflix?

Sim, é isso mesmo. Por que as mulheres não podem se contentar em relaxar na Netflix? Os melhores programas e filmes estão lá.

"Eu dei bastante trabalho para a escola, para os meus pais. Dizer que eu fiz os dois passarem muita vergonha seria o eufemismo do século."

Fico observando essa mulher impulsiva e feroz, passando os dedos em suas costas descobertas. Até suas costas são sensuais
— quem imaginava que isso poderia ser possível? As linhas suaves de sua coluna se curvam na direção do traseiro grande, e vou deslizando os dedos até lá, agarrando uma boa quantidade de carne. "Todo mundo tem sua maneira de chamar atenção."

Sua expressão muda; pequenas tempestades se formam nas profundezas de seus olhos. "Não sei se era isso que eu queria."

Agora eu a ofendi. Que maravilha.

"Eu não queria deixar você chateada." Faço pequenos círculos em sua pele e torço para que ela não se levante e se afaste de mim. Gosto do seu corpo encostado ao meu assim. Gosto de sentir seu calor me envolvendo.

Ela suspira. Depois, passa a língua nos lábios. "Tudo bem. Quer dizer" — ela olha para o teto com uma expressão pensativa — "acho que, pensando bem, eu queria chamar atenção, sim. A Stausey, minha irmã, ela era o centro do

universo dos meus pais, e eu era só uma poeira cósmica perdida no abismo, que nem tinha brilho suficiente para ser uma estrela."

Nem mesmo uma estrela? Olho para ela com atenção, assimilando o sentimento em sua voz. Memorizo seu rosto, as sardas na testa e a pequena cicatriz perto do queixo. É tão discreta que nunca tinha reparado antes. Passo o polegar por cima da marca, me perguntando o que pode ter provocado o ferimento. Meus olhos se erguem até os seus e depois se concentram em sua boca. Penso em sua risada radiante. Sua ousadia implacável. Sua confiança inabalável. Com certeza, ela é uma estrela. Se as pessoas fossem astros, ela seria a Estrela Polar.

"E você?" Nora se aconchega um pouco mais. "Como você era na adolescência? Uma ferinha indomável?" Ela dá uma risadinha.

Faço que não com a cabeça. "Acho que não dá para dizer isso. Eu lia bastante e gostava de passar o tempo com meus amigos."

Os dedos de Nora passeando em mim são deliciosos. "Você tinha muitos amigos?"

"Não. Só dois."

"Bom, o pessoal da sua escola devia ser muito burro pra não perceber que você é um ótimo amigo." Ela diz isso com a maior certeza do mundo.

Dou uma risadinha. "Está aí uma forma de encarar a coisa."

Os dedos de Nora sobem pelo meu pescoço até o meu queixo. "É a única forma. Se eu tivesse uma amizade como a sua na época de colégio, a minha vida teria sido bem mais fácil. Por falar nisso" — ela me olha enquanto acaricia minha barba por fazer — ", você tem sido o porto seguro da Tessa nos últimos meses. Que bom para ela poder contar com você."

Desvio o olhar ao ouvir o elogio, mas ela me puxa de volta pelo queixo. "É sério, você é um tipo de pessoa muito

raro. Acho que não percebe o quanto é especial. Pode parecer uma coisa boba, esquisita e cafona, mas *especial* é pouco para você."

Meu rosto está em chamas. "É que eu faria qualquer coisa pela Tessa."

"Eu sei que sim." Desta vez é Nora quem desvia o olhar. "Enfim, que tipo de livros você lia?"

De volta às questões supérfluas. Por mim, tudo bem. Não consigo lidar com tantos elogios, ainda mais depois do sexo, em um período tão curto.

"A maior parte de fantasia. Adorei todos os livros da série O senhor dos anéis e Harry Potter. Gostei de algumas distopias também. Quer dizer, eu lia praticamente de tudo."

"Eu *odeio* distopias", Nora resmunga.

Dou uma sacudida de leve em seu ombro e abro um sorriso. "Quê? Como assim?"

Ela revira os olhos e se apoia nos cotovelos. Em seguida, prende os cabelos atrás da orelha e lambe os lábios. "Certo, vou explicar por quê. Em quase todos esses livros, tem sempre uma menina guerreira de uns quinze anos com amigos incríveis, e juntos eles são fortes o bastante até para salvar o mundo, claro. Vou contar uma coisa para você, aos quinze anos eu não sabia nem quem era, e com certeza não teria a menor condição de salvar a porra do mundo."

"Eu discordo. Você poderia salvar o mundo, sim, com toda certeza."

Ela balança a cabeça. "Sim, claro, *hoje*. Mas na adolescência? Eu me sentia impotente e confusa, e às vezes fazia umas escolhas bem cagadas. Onde estão esses tipos de livros?"

Seu jeito passional e feroz me faz gostar dela ainda mais. "Sei lá. De repente você deveria escrever um."

Ela sorri para mim, e minha respiração fica presa na garganta. "Ah, sim. Deveria mesmo. Aposto que ia ser um sucesso."

Eu não duvido que seria. E adoraria ler qualquer coisa

que ela escrevesse. Já pensei em escrever alguma coisa muitas e muitas vezes, mas não sei se tenho experiência suficiente para isso.

"Está com fome?" Nora se senta, e eu a acompanho com os olhos.

Nossa, como ela é gostosa. Nem acredito que acabei de transar com ela. "Estou sempre com fome."

Ela me pega pela mão e me puxa. "Vamos lá. Vou preparar alguma coisa para gente comer."

"Prefiro fazer outra coisa", respondo a Nora, me sentindo mais corajoso.

Nora levanta as sobrancelhas, surpresa. "A noite ainda não acabou. Dá para fazer as duas coisas", ela diz com um sorrisinho malicioso e me arranca da cama.

19

Estamos mais ou menos vestidos — ela sem sutiã, com uma camiseta da WCU e uma cueca minha, eu com uma calça de malha fina —, mas, quando tento vestir uma camiseta, Nora arranca a peça da minha mão e joga para o outro lado do quarto.

Sacudindo a cabeça, ela me pega pela mão e me puxa para fora do quarto. Nora me segura com força, e sua mão está sempre quente. Depois de caminharmos de mãos dadas até a cozinha, ela vai direto para a geladeira. Eu me apoio na bancada e observo enquanto ela põe as mãos à obra.

Ela põe a cabeça para fora da geladeira. "Você gosta de repolho?"

Faço uma careta. "Alguém por acaso gosta?" Os charutinhos de repolho da minha mãe faziam a casa inteira ficar com aquele cheiro por dois dias. Eram horríveis.

Um sorriso aparece no rosto dela. "Você já tentou experimentar de novo mais recentemente?"

Faço que não com a cabeça.

Ela assente e fecha a geladeira. "Quer provar o meu? Se não gostar, faço uma pizza."

Consigo pensar em umas trinta coisas melhores para fazer do que comer repolho. Vinte e nove delas envolvem Nora sem roupa... E se eu comer o repolho direto da pele

dela?

Acho que seria difícil convencê-la a topar fazer isso.

Nora vem até mim com um repolho inteiro na mão. Eu me afasto com um sorriso, e ela avança na minha direção, com um sorriso ainda maior.

"Que tal se a gente fizer assim?" Ela esconde o repolho atrás das costas. "Se você prometer dar duas garfadas, posso fazer biscoitos também."

Ela dá um passo provocador para trás, lambendo os lábios, e não digo que, por uma boca dessas, eu faria um monte de coisas.

"Hmmm." Apoio o dedo no queixo, fingindo que estou pensando na oferta. Adoro provocá-la e ver seus olhos sorrirem e brilharem, e a expressão que surge em seu rosto me oferece a gratificação imediata que eu buscava. "E você vai dar os biscoitos na minha boca?"

Ela confirma com a cabeça, abrindo um sorrisão. "E o repolho também."

Vou até ela e me inclino para prensá-la contra a geladeira. Em seguida, levo a boca à sua orelha. "Trato feito, mocinha."

Quando ela se afasta de mim, está toda ofegante.

Alguns minutos depois, enquanto o forno está sendo preaquecido e Nora já separou as folhas do repolho, decido tentar montar mais algumas peças do quebra-cabeça que ela representa.

Começo com perguntas mais simples. "Você foi criada lá em Washington?"

Ela faz que não com a cabeça. "Não. Morei na Califórnia por um tempo quando pequena. Depois, a gente se mudou pra Las Vegas, e só depois pra Washington."

"Uau." Eu me lembro da minha mudança de Michigan para Washington, quando senti que meu mundo estava sendo virado de cabeça para baixo. Durante os dois primeiros meses, morri de saudade da minha casa, da minha escola, da minha namorada. Bom, de Dakota eu

continuei sentindo falta, até há bem pouco tempo. Uma pontada de culpa surge dentro de mim. Ainda sinto falta dela às vezes.

Eu nunca estive na Califórnia, nem em Las Vegas. "Como é que foi lá em Vegas? Foi lá que você pirou?", provoco.

Em vez de responder, ela me pede para pegar o azeite de oliva, e vou até o armário procurar.

Quando encontro, ela estende a mão para mim. Eu levanto a garrafa lá no alto. "Foi em Vegas que você pirou?", pergunto de novo, tirando o azeite de seu alcance.

Ela olha para mim, para a garrafa e, então, para os meus olhos. Está bem-humorada, e parece surpresa com a minha brincadeira. "Sim e não. Eu tinha dezesseis anos." Nora se aproxima de mim, roçando o corpo no meu enquanto tenta pegar a garrafa.

"Me conta a parte do *sim*."

Ela se encosta mais em mim. Seus peitos ficam prensados na minha barriga, e preciso começar a me esforçar para manter a mão lá no alto. Sinto seus dedos acariciando de leve minha calça e, quando seus dedos envolvem meu pau, não consigo segurar um grunhido.

Ela começa a mover a mão para cima e para baixo, para cima e para baixo, por cima do tecido. Minha visão fica borrada, e meus pensamentos se dissolvem quando ela aproxima o rosto do meu pescoço com sua respiração quente.

"Peguei", ela diz, e demoro um tempo para me dar conta do que está falando.

Só então vejo a garrafa de azeite em sua mão. "Você trapaceou!" Estendo os braços para puxá-la de volta para mim. "Muito, muito injusto isso."

Seus cabelos têm cheiro de coco, e o toque deles nos meus lábios é pura maciez. Beijo sua cabeça de novo, e ela se derrete toda. Com um abraço apertado, seguro seu queixo com o indicador e o polegar, e levanto seus olhos para mim.

"Ninguém disse que eu jogo limpo", ela diz, com um sorriso perigoso.

Me inclino para a frente para colar meus lábios aos seus, mas ela se esquiva e se desvencilha de mim. Quando volta ao fogão, a mulher diabólica ainda dá uma piscadinha para mim. Uma piscadinha! Eu adoro esse jeito perverso dela.

Tento manter minhas mãos quietas enquanto ela fala. Nora me conta sobre seus pais, seu casarão em Las Vegas, o verão que passou aprendendo a tocar piano. Aulas de piano, piscina em casa, o sol de Nevada — parece um paraíso.

Ela rega as folhas de repolho com azeite e me conta histórias sobre as brincadeiras que sua irmã fazia para irritá-la, e sobre o inverno do sul da Califórnia, onde, na verdade, nunca faz frio. Nora tinha uma amiga chamada Pedra, e sua irmã Stausey conheceu seu marido, o irmão de Pedra, nesse inverno. O marido médico que vi na internet, percebo. Seu sorriso branco e perfeito e seus zilhões de certificações me vêm à mente. Nora se recorda desse inverno com uma expressão incomodada, e eu me lembro do boneco Ken que vi na foto no Facebook.

"Você tinha namorado lá?", pergunto, intrometido.

Nora não se vira para mim ao responder: "Algo do tipo".

Por que ela faz tanto segredo? Isso me deixa maluco. Mais que maluco.

"Como ele era?" Sei que ela não quer falar sobre isso. Mas eu, sim.

Antes de responder, Nora abre o forno e põe a forma com as folhas de repolho para assar. Ela programa o timer e só então se vira para mim.

"Tem certeza de que quer entrar nessa?" Os olhos questionadores de Nora se voltam para mim. "Depois, a gente não vai ter como voltar atrás. Só estou avisando."

Se eu quero entrar nessa? Onde exatamente estou *entrando*?

Quero descobrir o máximo possível sobre ela, mas o que

eu não ia gostar de saber quando for colocado sobre a mesa? E se a realidade for muito pior que o mundo da fantasia em que estamos agora?

Não podemos ficar aqui mais um pouquinho? E qual é o problema de não saber? Chego à conclusão de que a expressão "a ignorância é uma bênção" foi feita para momentos como este.

Dou uma boa olhada para ela, com as mãos juntas diante do corpo e os olhos voltados para mim, e decido desfrutar da bênção da ignorância por mais tempo.

"Qual é o seu prato favorito?" Tento não dar atenção ao calafrio que percorre minha espinha quando noto que ela parece estar um pouco mais aliviada do que normalmente deveria.

20

Nora tinha razão. Seu repolho é uma delícia. Não tem nada a ver com os charutinhos fedorentos que a minha mãe fazia. Ela tirou as folhas da fôrma, fatiou e serviu em um prato para nós dois. Só isso. E ficou muito, muito melhor do que eu imaginei. Nora se sentou na bancada e me deu garfada após garfada na boca. Senti o gosto do alho e do sal e, como ela me beijava depois de cada bocado que eu comia, acabei com a fôrma inteira.

"Eu falei que ficava bom." Ela joga detergente na fôrma que usou para assar o repolho. Fico observando, imaginando se deveria oferecer ajuda.

Provavelmente, sim. "Você quer ajuda?"

Nora se vira com uma expressão meio surpresa e meio sorridente, como se eu tivesse acabado de oferecer um cachorrinho fofo de presente. "Vamos esclarecer uma coisa aqui." Ela lambe os lábios, e eu chego mais perto. "Além de ter a língua de um santo, o corpo de um deus e o cérebro de um filósofo, você também lava louça?"

Meu peito se infla a cada elogio.

A expressão dela é de divertimento, e adoro ver o sorriso aberto em seus lábios. Assim como adoro ver minha cueca abraçando seus quadris. Minha camiseta não a esconde por inteiro; o caimento do tecido é mais justo no peito e na cintura, mas folgado nos braços. E agora vai ficar com o

cheiro dela. Nunca mais vou lavar essa camiseta. Certo, talvez algum dia, mas não tão cedo.

Fico atrás dela enquanto ela finge lavar a mesma fôrma há dois minutos. Com o que está tão distraída? Com a minha ajuda com a louça? É tão simples assim conquistar seu coração?

Por fim, resolvo dizer: "Isso eu faço, mocinha".

Seus dedos compridos espremem a esponja, que ela enfia de novo dentro da água ensaboada. "De novo esse papo de *mocinha*?"

Ela inclina a cabeça de leve, expondo o pescoço. Não sei se foi de propósito, para incentivar uma investida, ou se seu corpo está me chamando de forma involuntária. Seja como for, sorte minha.

"Eu sou mais velha que você", ela observa.

Dou uma risada baixinha, e vejo seu pescoço se arrepiar. Isso foi por minha causa? Puta merda! Acho que foi. Envolvo sua cintura com o braço, e ela se recosta em mim, com seu pescoço descoberto me chamando. Eu a beijo bem ali, perto da curvatura da garganta.

"Eu sou maior que você." Beijo seu pescoço outra vez. Minha língua passeia por sua pele quente, e ela começa a gemer, ofegante. Minhas mãos se movem para os seus quadris, e eu aperto de leve.

"Maior, é?" Sua voz sai baixa e áspera. Ela se empurra para trás, comprimindo a bunda contra mim.

"Sou, sim." Minhas mãos vão até seus seios, que acaricio de leve. Quando meus dedos encontram os mamilos, cobertos apenas pelo tecido fino da camiseta, meus dedos os seguram, e eles enrijecem sob meu toque. Dou um beliscãozinho neles; a cada movimento da mão, meu toque fica mais pesado, e seus gemidos se transformam em gritinhos, e sua respiração ofegante me deixa latejando de vontade dela.

Suas mãos imóveis ainda estão na água, e levo uma das minhas até sua barriga. É lá que eu paro, sem saber até

onde posso ir. Como se estivesse lendo meus pensamentos, ela me olha por cima do ombro. "Você pode ser o que quiser comigo, esqueceu?"

Posso ser o que quiser com ela. Sem pressão, sem preocupação de parecer descolado ou patético, forte ou fraco. Não tenho motivo para alimentar as dúvidas da minha mente; não preciso questionar cada coisa que disser ou fizer. Posso deixar tudo isso de lado. Com ela, existe um silêncio na minha cabeça que nunca experimentei antes.

Ela fecha a torneira, e observo enquanto ela enxagua o sabão das mãos. "O que você quer, Landon? Me diga." Nora remexe os quadris, esfregando a bunda em mim. "Não precisa ficar com medo. Eu quero você." Sua mão me agarra por cima da calça. "Preciso de você."

"Vira", digo em um grunhido, mal conseguindo reconhecer minha própria voz.

Nora não hesita; ela se vira para mim. Sua expressão um tanto sem jeito não é a que estou acostumado a ver. Seus olhos estão tímidos, ela está ofegante, e esse seu outro lado é muito estimulante.

"Quer que eu diga o que quero fazer com você?" Minha voz parece bem mais clara que os meus pensamentos. Na minha mente, estou nervoso e excitado. Totalmente eufórico com a perspectiva de tocá-la. Mas, na aparência, estou sob controle, devorando-a com o meu olhar firme, e não consigo acreditar na sorte que tenho.

Ela faz que sim com a cabeça, me olhando bem nos olhos.

"Quero que você se sente nesta cadeira." Puxo a cadeira mais próxima e a afasto da pia. Suas mãos ainda estão molhadas e pingando, e a parte da frente da minha calça está molhada. Ela se acomoda na cadeira, com as mãos cruzadas sobre o colo.

"Levanta de novo", eu mando.

Quando ela faz isso, abaixo a cueca que está usando até suas coxas. Arranco a camiseta por cima de sua cabeça e

vejo, maravilhado, seus seios bronzeados em toda a sua glória, com os mamilos durinhos e à espera. O corpo dela é para ser admirado, e eu me ajoelho para idolatrá-la.

"Agora, senta", digo quando meus joelhos se apoiam no chão.

Ela obedece, e passo os dedos por suas pernas até o alto das coxas. Ela estremece, com os olhos cravados em mim, respirando fundo cada vez que nossos olhares se cruzam. Com um gesto suave, afasto suas coxas e baixo a cabeça para beijá-las. Os dedos de Nora se enroscam nos meus cabelos, e ela me acaricia enquanto eu demonstro toda minha devoção pelo seu corpo. Eu a provoco com os dedos, passando por sua abertura, e enfio um dentro dela. Seu rosto e seus olhos se jogam para trás, e seus lábios se afastam, em êxtase.

Movo os dedos devagar e a provoco com os lábios, roçando-os de leve por todo seu sexo. Ela geme e grunhe a cada estocada do meu dedo. Adoro seu jeito de vocalizar o que sente. Isso faz maravilhas pelo meu ego. Depois de mais alguns segundos de provocação, termino a tortura passando a língua pela sua carne úmida.

"Ai, nossa", ela diz, e eu repito o movimento. Seu gosto é de mel açucarado, e sempre fui tarado por doces.

Quando suas pernas enrijecem na cadeira, abraço suas coxas e as levanto apenas o suficiente para oferecer apoio quando ela gozar. Depois, pressiono a boca com mais força.

Ela diz o meu nome.

Diz o quanto sou gostoso.

Você é bom nisso, Landon. Muito, muito bom.

Eu a saboreio enquanto Nora chega ao clímax, e mantenho suas pernas imóveis até que ela se recupere. Ela está completamente nua, sentada na cadeira, respirando fundo, e não quero parar. Consigo sentir seu latejar com a língua, o pulsar do orgasmo que acabou de experimentar.

Ainda não terminei. Ela me falou para ser o que quiser, quem eu quisesse ser. Esse é quem eu quero ser. Alguém

que idolatra seu corpo e sente prazer com o prazer dela.

Quando ela goza pela terceira vez, seu corpo fica todo mole. Ela se joga para trás, totalmente saciada, e eu a puxo para o chão, para os meus braços. Nora se derrete toda para mim quando acaricio suas costas com toques suaves, e depois de alguns minutos chego a pensar que pegou no sono.

"Eu peço para dizer o que quer de mim e você me faz gozar três vezes", ela murmura, enterrando a cabeça no meu peito. Seus braços me apertam com força, e sinto uma imensa satisfação de estar agarrado a ela no chão da cozinha.

Passo a mão no seu rosto, afastando os cabelos grudados. "Era isso que o eu queria fazer."

Nora se senta apenas o bastante para me olhar e reposiciona o corpo, colocando as coxas uma de cada lado dos meus quadris e os seios na altura do meu rosto. Seios descobertos, preciso acrescentar. Preciso me esforçar demais para não lambê-los.

"Posso manter você aqui?" Ela abre um sorriso brincalhão.

Decido lamber seus seios e, quando faço isso, ela me pega pelo pescoço e puxa meu rosto para junto deles. *Eu poderia viver aqui para sempre, enterrado na sua beleza*, penso comigo mesmo, na maior cafonice. *Com certeza, eu não me incomodaria de passar noite e dia aqui, com o rosto enfiado em seu busto*. *Alguém ainda usa a palavra busto*? Acho que não.

Ela dá uma risadinha quando a mordo de leve. "Isso foi um sim?"

Confirmo com a cabeça, esfregando a cabeça em seu peito.

Depois de me deixar curtir por mais alguns minutos, ela me levanta do chão e eu termino de lavar a louça enquanto ela prepara a massa do biscoito que vou ganhar por ter comido o repolho. Se Nora prometer que vai dar as verduras

na minha boca todos os dias, posso me transformar num herbívoro sem pensar duas vezes. Posso até beber suco de couve e comer aquelas misturas malucas de grãos se ela preparar.

Quando termino de lavar a louça, me junto a ela na bancada e a vejo enrolar a massa em bolinhas. Tem gotas de chocolate branco e umas frutinhas na receita.

"Que tipo de biscoito é esse?"

"De chocolate branco com framboesa."

Enquanto os biscoitos estão no forno, o apartamento minúsculo é preenchido por um aroma doce e familiar, e chego à conclusão de que Nora deveria vir aqui todos os dias. Eu ficaria muito, muito feliz com isso.

Onde será que ela mora agora? Quase esqueci que um dia ela apareceu aqui com todos os seus pertences na mão.

"Você voltou para o seu apartamento?", pergunto, quando ela senta sobre a bancada e eu me acomodo entre suas pernas.

"Não."

E é só isso que eu ganho. Um *não*.

"Onde você está ficando? Precisa passar um tempo aqui?"

"Não." Desta vez ela sorri, e eu roço meu nariz no seu. "Minha irmã chega amanhã, e vai me deixar ficar no apartamento dela do outro lado da ponte."

"Em Manhattan? É longe do seu trabalho?"

"Nem tanto."

"Você pode ficar aqui."

Ela enlaça os braços no meu pescoço e me puxa mais para perto. "Não posso, não."

"Por quê?"

Mas Nora se limita a sacudir a cabeça.

"Então, se a sua irmã chega amanhã, isso significa que eu não vou ver você?"

Ela faz que sim com a cabeça.

"Eu gostaria de conhecer a sua irmã."

As costas de Nora enrijecem de leve, e ela sacode a cabeça. "Conhecer a minha irmã? Ah, péssima ideia." Ela sorri para mim, mas eu não retribuo o gesto. Nora está usando sua beleza como um escudo contra mim de novo.

Péssima ideia? Por que seria uma péssima ideia? Se a gente está a fim de se conhecer melhor, por que eu não posso ser apresentado à irmã dela? Não é que estou pedindo a garota em casamento; só quero conhecer uma pessoa da sua família.

"E por que isso?" Espero que ela não note a incerteza na minha voz.

Nora se afasta de mim e se recosta no armário. "Minha irmã... Hmmm... Ela não é uma pessoa que pode ser só *apresentada* — tem que rolar toda uma produção para isso. A gente precisaria planejar tudo muito bem. Eu não acho que seja uma boa ideia. Quer dizer, ela e o Ameen não são do tipo que se contentam em serem *apresentados* para as pessoas."

À medida que Nora fala, seu tom vai ficando cada vez mais frenético, bem diferente de poucos instantes atrás. De que ela tem tanto medo? Por que seria uma coisa tão absurda eu ser apresentado à sua irmã?

Olho ao redor da minha cozinha minúscula, e para o corredor estreito do apartamento. Me lembro do pouco dinheiro que tenho no banco, e reparo na calça que estou usando. E me recordo de como a irmã dela estava vestida naquelas fotos do Facebook. Cabelo e maquiagem impecáveis, dentes brancos e perfeitos, vestido branco imaculado. Em uma das imagens, seus pulsos estavam cobertos de diamantes reluzentes como seus dentes, enquanto ela exibia uma das premiações do marido. E não eram poucas. Eram prêmios em cima de prêmios...

Desta vez sou eu que me afasto. "Certo, então não precisa me apresentar."

Não me dou ao trabalho de explicar por que mudei de ideia tão de repente, e Nora também não pergunta.

21

É uma feliz descoberta que a minha cama tenha o espaço perfeito para abrigar dois corpos. É do tamanho exato para Nora se aconchegar ao meu lado. Seu corpo está quentinho, como sempre, e ela está acomodada sobre o meu braço, me olhando com seus olhos sedutores. O brilho neles é mais que provocante, e a felicidade combina muito bem com ela.

O impacto de alguma coisa batendo contra a parede é alto demais para ser ignorado. Sons abafados vêm do quarto de Tessa, e tentamos deixar para lá, mas a coisa está chegando ao extremo.

De repente, me sinto de volta à casa da minha mãe em Washington, ouvindo Hardin e Tessa transarem do outro lado do corredor. Acho que esses dois nunca nem tentaram fazer silêncio.

"Como eles são barulhentos", Nora comenta, aos risos.

"Pois é. Mas isso não é nada em comparação a quando estão brigando. Até em Nova Jersey daria para ouvir." Já tive essa experiência antes. Não existem paredes grossas o suficiente para esses dois.

"Eles são sempre assim tão barulhentos?", ela sussurra.

"São. Mas espere só até ouvir eles brigando."

"Mas ele encontrou uma adversária à altura. A Tessa não é do tipo que aceita ser feita de capacho." O tom de Nora é

de pura admiração.

"Pois é, encontrou mesmo." Nem sei dizer quantas lágrimas foram necessárias para chegar a esse ponto. Muitas vezes, achei que acabaria precisando matar esses dois. São teimosos como ninguém.

Meu telefone toca no criado-mudo, e eu pego o aparelho. O número de Dakota aparece, piscando e praticamente berrando dentro do quarto às escuras.

Nora se inclina sobre mim e lê o nome na tela. "Dakota."

Sinto um aperto no peito. Detesto essa parte dos relacionamentos, se é que posso dizer que temos um.

"Atende."

Faço que não com a cabeça e ignoro a chamada.

Nora se apoia sobre o cotovelo. "Por que você não atendeu?"

Por quê? Hã, talvez porque seria mais do que constrangedor falar com ela na sua frente? Porque ela é minha ex e as coisas estão esquisitas entre nós dois, e ainda mais entre vocês duas?

"Você não ficaria incomodada?", pergunto, sem saber ao certo como lidar com a situação.

Nora se senta na cama. "Se ainda tiver alguma coisa rolando entre vocês, sim. Mas, se não tiver nenhum problema se eu ouvir o que tiverem para conversar, então, não, não ficaria incomodada. O que me incomoda são as mentiras. Não as verdades."

Engraçado justamente você dizer isso, sinto vontade de falar. Nora não mente, mas é craque em omitir as coisas e manter suas verdades para si.

"Acho que não tenho nada para esconder, sério mesmo. Só não quero criar uma situação esquisita. Sei que vocês duas eram amigas..."

Nora solta um risinho de deboche. "Nós ***nunca*** fomos amigas!"

"Enfim, colegas de apartamento. Mesmo assim, tinham alguma relação. Não sei o que aconteceu para as coisas

azedarem entre vocês, a não ser eu. Essa foi a única razão mesmo?"

"Sim."

Um ***sim,*** isso é tudo o que consigo. Que mulher mais difícil...

"Por que você não quer me apresentar à sua irmã?", pergunto de repente. Se ela prefere se esquivar das perguntas sobre Dakota, posso colocar o foco em outra coisa.

Olho bem para ela, que prende uma mecha de cabelo atrás da orelha.

"É por que eu sou um universitário sem grana?"

Ela tem um sobressalto, toda ofendida. "Não. Que tipo de pergunta é essa?"

Um questionamento razoável, srta. viajante com uma família de médicos cirurgiões. "Uma pergunta justa", respondo, de cara feia.

"Não tem nada de justa", ela rebate.

Como é que eu posso contar que resolvi dar uma de ***stalker*** e encontrei sua irmã no Facebook? Será que eu devo mencionar isso? Acho que sim, porque exijo sinceridade da parte dela. Seria mais justo, e ela gosta que as coisas sejam justas, certo? Então é melhor eu falar alguma coisa... Mas ela vai ficar brava.

Qual é a importância de ser justo, aliás? Às vezes, é melhor omitir certas coisas, não? Por exemplo, se eu estivesse usando uma camiseta feia e perguntasse para Nora o que achou, ela mentiria? Sim. Minha mente é invadida por imagens minhas usando aquelas camisas de tiozão de férias, daquelas com estampas floridas. Eca. Faço uma promessa a mim mesmo de nunca ser esse tipo de tiozão. Quero ser um tiozão descolado e, se Nora mentir a respeito do bom gosto das minhas camisas, não vou conseguir ser um.

Então, talvez omitir as coisas seja tão ruim quanto mentir.

"Eu encontrei sua irmã no Facebook e dei uma olhada no perfil dela. Vi o marido dela, com seus zilhões de certificados e prêmios. Vi fotos das suas férias na praia, do seu biquíni amarelo."

O rosto de Nora fica pálido, e ela permanece em silêncio.

"Vi o casarão onde ela mora, e o carrão que o marido comprou, e o cara que estava abraçado com você."

A respiração de Nora fica entalada na garganta. Eu a deixei em choque e, depois de alguns segundos só me olhando, ela por fim consegue dizer: "Por quê... Por que você fez isso?"

"Isso o quê? As coisas que estão no Facebook são públicas." Defendo o meu ato de stalkear com a desculpa mais esfarrapada que passou pela minha cabeça. É uma resposta ridícula. E um péssimo pretexto para ser um enxerido.

Nora sacode a cabeça e se afasta de mim. "Quando foi que você fez isso?"

"Hoje, enquanto esperava você voltar." Sério que foi hoje mesmo? O tempo não faz mais muito sentido desde que a conheci.

"O que mais você descobriu?" As mãos dela estão ligeiramente trêmulas.

Olho para elas, mas Nora imediatamente esconde o tremor, entrelaçando os dedos.

"Nada. Pelo jeito você não tem um perfil no Facebook."

Ela confirma com a cabeça, sem olhar para mim.

E, então, me dou conta de uma coisa: com certeza ela tem um perfil no Facebook.

"O que exatamente você estava querendo descobrir?" Suas mãos continuam entrelaçadas em cima do colo.

Vamos com calma... Eu a seguro pelos braços e a puxo de volta para mim. Ela não resiste, e coloca a coxa em cima da minha cintura.

Um relacionamento novo é sempre assim — essa sensação angustiante de que, não importa o que aconteça,

sempre parece ter alguma coisa escondida esperando o momento de maior felicidade para vir à tona e estragar tudo?

"O que você está escondendo de mim?" Meu tom de voz é tranquilo, ao contrário dos meus pensamentos no momento.

Nora faz que não com a cabeça. "Por que você acha que estou escondendo alguma coisa?"

Reviro os olhos e ponho um dos braços atrás da cabeça, para poder vê-la melhor sobre o meu colo. A outra mão está apoiada em sua perna. Parece ser a única ligação entre nós dois no momento, como se estivéssemos pendurados por um fio. "Talvez porque você esteja mesmo. Não quer que eu conheça sua irmã. Tem um perfil secreto no Facebook. Não fala sobre o ex-namorado — e nenhum outro relacionamento, por falar nisso — e fica na defensiva sempre que tento entender por que esconde tantas coisas de mim."

Solto um suspiro e me ajeito para apoiar as costas na cabeceira da cama e ficar melhor acomodado.

Nora respira fundo e abre um sorriso amarelo. "Quer saber? Se você quer mesmo conhecer minha irmã, então, vamos lá. Eu apresento você para ela depois do trabalho amanhã. Que horas é o seu turno?"

"Saio às duas horas."

Ela balança a cabeça. "Ótimo. Está combinado, então. Agora pare de fuçar nos meus podres se não quiser que eu exponha os seus também."

Eu fecho a cara e me viro para ela. "Meus podres? Eu não tenho nenhum podre para ser exposto."

Nora dá risada. "Ah, tem. Claro que tem."

Eu a agarro pelos quadris e a puxo mais para perto, deixando sua bunda sentada na minha barriga. Eu a abraço e a coloco sobre meu peito. "Explique-se." Dou um beijo nela, um pouco abaixo da orelha.

"Você e a Dakota. Com certeza, é uma coisa para ser

conversada. Você esconde o seu relacionamento — ou o que restou dele — de mim. Não atende quando ela liga e eu estou por perto. Isso é bem suspeito para quem está tentando se colocar como o santinho desta história."

Essa mulher é completamente maluca. Viro seu rosto para mim, para que ela não tenha alternativa a não ser aceitar meu beijo. "Não estou escondendo nada de você, além do fato de que Dakota e eu somos amigos. Ela quer mais, eu acho, só que não tenho mais nada a oferecer." Seguro o rosto de Nora com minhas mãos inquietas. "Você me pegou por inteiro. Não sobrou nada para ela. Sou todo seu."

Nora me dá um beijo de leve no canto da boca. Em seguida, seus lábios ficam mais agressivos, e sua língua se enrosca na minha em movimentos circulares.

"Hmmm, parece ótimo", ela diz com a boca colada à minha.

"Você é que é ótima", murmuro, e fico contente por ela não ter percebido, nem dado bola. Sua boca está uma delícia colada à minha.

22

NORA

Puxa, como ele é bom nesse negócio de me distrair. Eu me afasto um pouco, para conseguir recuperar o foco. Poucos centímetros separam nossos corpos, mas mantenho minha boca colada à dele. Seus lábios são muito macios. Suaves demais para eu conseguir prestar atenção em qualquer outra coisa.

Preciso recobrar a compostura. Abro os olhos enquanto ele me beija. Sua mão não está mais na minha coxa, então, tenho um pouquinho de controle sobre o meu corpo agora.

Olho ao redor do quarto, procurando por alguma coisa em que me concentrar. Vejo um pôster de hóquei na parede; duas fileiras de grandalhões de olhos arregalados me encarando. Cada um deles, com seu taco de hóquei na mão, me encara como se eu tivesse feito alguma coisa para merecer aqueles olhares cheios de reprovação, mas surpreendentemente sedutores à sua própria maneira.

Por que diabos Landon tem uma coisa dessas pendurada em cima da cama? Às vezes, sua idade fica ***tão evidente*** que é como se tivesse um letreiro de neon sobre sua cabeça, piscando para mim. Como neste momento, em que estou deitada na sua cama vendo o calendário da temporada de um time de hóquei. Ele claramente não

recebe visitas femininas aqui com frequência, o que me faz gostar um pouco mais do pôster.

Mas, em outros momentos, ele é muito *homem*. É como se tivesse uma alma mais madura, com um sorriso à frente de sua idade e um coração de ouro. Ele é cauteloso, e cada um de seus toques tem um significado. Seus olhares, seus beijos, tudo tem um sentido. Landon não se limita a colar a boca à minha, ele oferece sua alma para mim, e leva um pedaço meu a cada suspiro que me arranca.

Isso sem falar de seu corpo. Ele tem um corpo de homem; os braços têm uma musculatura definida. A barba cresce em seu rosto, e os ombros largos carregam o peso do fardo de muita gente. Ele é a pessoa mais atenciosa — e isso vale para mulheres e homens — que já conheci. Mas, não importa o quanto eu tente justificar, ainda assim é cinco anos mais novo que eu. Quando nossas idades vêm à tona, o que vale são os números, e eles mudam as coisas. Ele parece novinho; eu, muitas vezes, me sinto velha.

O clima parece mudar; a energia entre nós vibra com um pouco mais de força. Ele só está no segundo ano de faculdade — o que nós dois temos em comum?

Sua boca baixa para o meu pescoço, e sua língua faz movimentos circulares contra minha pele.

Talvez eu possa citar algumas coisas que temos em comum...

Mas por outro lado tem Dakota. Ela ligou de novo. O que eu faço com essa garota? Não tenho saco para esse lance de triângulo amoroso de colégio. Estou velha demais para isso. Já passei dessa fase. Já briguei com amigas por causa de garotos e afoguei as mágoas com vinho barato. Landon não teve tempo nem de superá-la por completo antes que eu aparecesse e o arrastasse na direção contrária.

Uma parte de mim não consegue entender o que ele vê nela além da aparência. É uma menina linda, que se esforça muito para manter o corpo que tem. Mas, por dentro, é grosseira, dramática, infantil e...

Sério mesmo que estou fazendo isso? Deitada na cama dele, aos beijos, e fazendo uma lista de motivos pelos quais sua ex não presta? Foi a esse nível que me rebaixei?

Esfrego os dedos nas costas de Landon enquanto ele continua a lamber meu pescoço. Nunca me senti assim tão satisfeita com um homem, e com certeza nunca conheci um cara que, depois de eu ceder o controle total do meu corpo, preferiu usar a boca em mim até que eu me acabasse e caísse extasiada sobre ele no chão.

Por outro lado, ele nunca teve um relacionamento de verdade. Nunca namorou ninguém ***além dela***. Está morando sozinho pela primeira vez; eu já paguei a hipoteca de um apartamento. Ele não experimentou quase nada na faculdade; eu já vivi minha fase de acordar de ressaca no meio do gramado da casa de alguém. Ele nunca foi a uma festa universitária. Nunca teve uma transa que durou uma noite e nada mais. A experiência que ele tem com mulheres se resume a Dakota.

Suas raízes estão fincadas nela. Dakota tem uma parte dele que nunca vou conseguir tirar dela. Essa parte, todas as primeiras lembranças de Landon, nunca vão ser minhas. Mas eu preciso disso mesmo? O mesmo vale para ele em relação a mim. Tudo isso eu vivi com outra pessoa. Por que me incomodar tanto a respeito, então? Talvez porque o meu ex não esteja rondando por perto, ligando para mim enquanto estamos na cama juntos?

Minha mente produz a imagem de uma lembrança: a expressão na cara de Cliff enquanto levava uma gravata de Hardin. Os estalos de seus ossos quando a bota de Hardin o manteve preso ao chão. Cliff foi mandado aqui para me vigiar. Eu sei disso, mas não tive coragem de perguntar. Prefiro não ter a confirmação das minhas piores suspeitas.

Dakota me implorou quando saí deste prédio para que eu mantivesse distância de Landon. Ela quer mais uma chance de fazer as coisas entre os dois darem certo. Eu gostaria de saber o que é que os torna tão próximos. O que ainda existe

entre eles, ainda não resolvido e cicatrizado, uma ferida aberta e purulenta?

Eu vou ser forte o bastante para pressionar essa ferida e encontrar a parte que precisa ser costurada?

Isso depende do que os dois compartilharam. Sei que existe uma razão para ele não querer deixá-la sozinha no mundo; só não faço ideia do que pode ser. Não deve ser só ter tirado a virgindade dela; deve ter mais coisas envolvidas.

Mesmo assim, não seria justo exigir saber se eu também não estou disposta a compartilhar meu passado com ele.

Por que o universo permite que isso aconteça? Por que deixar que duas pessoas que claramente ainda estão presas no limbo de seus últimos relacionamentos se aproximem tanto?

Não sei por que estou deixando tudo isso rolar, aliás. Eu deveria vê-lo como um crush que é amigo de uma amiga, mas não foi assim que aconteceu. Principalmente porque ele se transformou em uma coceira que eu não podia coçar, e em parte porque não consegui manter distância. Meus pensamentos em relação a ele logo se tornaram incontroláveis, assim como sua boca nos meus seios neste instante. Eu o seguro pela nuca, forçando sua boca a ser bem gulosa.

Provavelmente não é o melhor momento para pensar em tudo isso, mas é o único tempo de que disponho. Fiz uma promessa a Dakota com toda a intenção de não cumprir, mas a pontadinha de culpa se faz presente mesmo assim. Ela não é tão ruim quando não está ameaçando abrir a boca sobre a minha vida por aí ou me colocando para fora de um apartamento que era tão meu quanto seu. Dakota sabe ser divertida, e até mesmo uma companhia agradável. Quando nós nos conhecemos, ela me chamou para sair para dançar. Eu tinha acabado de desencaixotar minhas coisas e queria conhecer minhas novas colegas de apartamento, ela e Maggy.

Dakota se arrumou toda, pôs um vestido vermelho justinho e um par de sapatos pretos bem brilhantes. Os cabelos cacheados estavam alisados e caídos sobre os ombros. Estava maravilhosa, pronta para conquistar o mundo. Me falou que havia acabado de sair de um relacionamento e precisava espairecer a cabeça. Sugeri que dançasse com Aiden, o loirinho alto da academia de dança que ela frequenta. Se eu soubesse que tipo de rompimento ela havia "sofrido", jamais teria feito essa sugestão.

Eu estava acostumada com o rompimento padrão: os namorados das minhas amigas as traíam, ou então, um dos dois resolvia se concentrar mais na carreira. Esses são os tipos de fim de relacionamento que costumo amenizar com uma noitada entre amigas. Se eu soubesse que a outra parte de seu rompimento era Landon, não a teria jogado nos braços daquele outro cara. Nessa época, Landon não passava de uma fotografia em um anuário de formatura do ensino médio. Era um calouro universitário que vivia do outro lado do país. Só quando conheci Tessa em Nova York que juntei as peças.

Eu já tinha começado a prestar atenção em Landon; já tinha rolado aquele lancezinho no banheiro entre nós. Dakota age como se eu tivesse ido atrás dele só para magoá-la. Eu não sou maldosa desse jeito. Poderia ter dado um passo para trás quando percebi que o colega de apartamento perfeito para Tessa — a imagem de tudo o que sempre quis das pessoas resumida em um só homem — era também o ex-namorado da minha colega de apartamento.

Landon era o garoto nerd e dedicado de Michigan, aquele que tinha medo de machucar até uma mosca na hora de transar. Dakota contou para nós um monte de histórias sobre o medo de Landon de tentar coisas novas. Contou que, quando tentou convencê-lo a comê-la de quatro, a coisa toda terminou antes mesmo de começar direito. O que, convenhamos, não é nada bom.

Olho para Landon, o Landon que é meu e que quero

manter para mim, pelo menos enquanto seu corpo estiver sob o meu. Suas mãos estão agarradas nos meus quadris. Sua boca é toda possessiva. Ele está dizendo coisas que não combinam com a imagem de garoto tímido que eu tinha dele. Adoro o jeito como me sinto plena quando estou com ele. É difícil de explicar. Ele faz com que eu me sinta protegida, satisfeita, importante, simplesmente ***plena*** — de vida, de felicidade, sei lá. Mas tenho uma sensação de paz quando estou ao seu lado.

Passo as unhas em sua barriga, com força suficiente apenas para deixar umas marquinhas vermelhas. São como as linhas de um campo de batalha. ***Ele é meu!***, sinto vontade de gritar para Dakota — mas será que é mesmo? Talvez ele seja bom demais para nós duas, e faríamos um belo favor saindo da vida dele.

Mas ela jamais faria isso. Não se afastaria do cara que usa como sua muleta por tempo suficiente para deixá-lo respirar, e eu gosto de pensar que sou como uma lufada de ar fresco em sua vida. Quero que comigo ele se sinta livre para ser quem quiser e pôr suas próprias necessidades como prioridade na vida, só para variar. Dakota parece querer mantê-lo preso em um romance adolescente que ela sente medo de deixar para trás. Se eu soubesse o que de fato rolou entre eles, poderia ter mais segurança para saber o que fazer.

Depois de todas as vezes que Dakota veio tirar satisfações comigo por causa dele, eu deveria ter aprendido a lição. Ela não vai sair de cena sem uma boa briga, e eu não tenho energia para isso. Alguma coisa aconteceu entre os dois que transformou Landon em seu cavaleiro de armadura e ela na imagem perfeita da dama em perigo.

Mas e eu?

Onde é que eu fico nessa situação?

Não preciso de Landon pelo mesmo motivo que ela, mas isso me torna menos merecedora, porque quero que ele cresça e seja tudo o que pode ser, e que merece ser?

Não tenho um passado para compartilhar com ele, mas posso ter um ótimo futuro, se tiver a chance.

Landon solta um grunhido quando esfrego os quadris nele. Está todo duro. Para *mim*. Suas mãos estão passeando pelo meu corpo, me puxando e apertando inteira. É uma espécie de fúria desesperada que estou adorando conhecer. Puxo seus cabelos e aproximo a boca de sua orelha.

"Você é bom nisso, Landon. Muito, muito bom", incentivo, e ele começa a ofegar embaixo de mim. Landon faz com que eu me sinta uma rainha — para mim, ele não é como um plebeu; é um rei justo e amado. O meu rei, e com ele vou poder reinar em pé de igualdade, não vou ser uma prisioneira de vestido justinho e salto alto para um cara qualquer exibir por aí. Não vou ser como Stausey.

Isso não é justo. Ameen é apaixonado por ela. Eu sei que sim, e uma parte de mim tem inveja da vida que eles levam. Não que eu deseje essa vida; só queria ter alguém para ser meu parceiro. Não preciso de uma mansão com toalhas combinando e aparelhos de jantar de porcelana, só quero ter alguém com quem viver. Prefiro ter alguém que me ouça e converse comigo durante um filme a uma Mercedes novinha embrulhada num laço vermelho.

Landon toca os meus seios e os acaricia com suas mãos fortes. Eu prefiro isso a qualquer coisa material. Poderia passar horas, dias, semanas assim. Mas o meu prazo está acabando; o tempo não está ao meu lado nessa disputa. Ao contrário de Dakota. Ela tem anos de vantagem sobre mim. Isso torna seu relacionamento com Landon muito mais do que uma coisa de criança. Com isso eu consigo lidar — mas só se a coisa tivesse terminado de verdade. É a velha história dos vizinhos que são criados juntos e tomam lanchinho um na casa do outro. A amizade se torna algo mais, e o resto é história. Eu também vivi isso. Apesar de ser uma coisa previsível e bem clichê, é impossível negar a conveniência desse arranjo.

Só que estou me referindo a algo mais profundo; alguma

coisa acontece quando duas pessoas vivenciam juntas uma tragédia. Disso eu sei por experiência própria. Lembro que a pior coisa no meu relacionamento com o irmão mais novo de Ameen foi quando ele me disse que achava minha irmã bonita. Fiquei com ciúmes, e tinha só catorze anos. Mas superei isso e nos tornamos amigos depois que o namoro terminou. Bom, depois que terminou pela primeira vez.

Depois disso, nos envolvemos em nossos próprios problemas de adultos, e agora que nossos irmãos são casados a coisa toda ficou complicada demais para ser superada. Nosso relacionamento não existe mais há um bom tempo, apesar de um ou outro detalhe.

Nossos irmãos são um lembrete de como nos damos bem, e dos anos que passamos comendo queijos caros e bebendo vinhos com o dobro da minha idade. E agora vamos ter uma sobrinha em comum. Um anjinho que meus pais esperam que sirva para restaurar a ponte entre as duas famílias. Eu vou ser tia. Ele vai ser tio. Mas não vamos estar juntos. Eu, no lugar dos meus pais, não contaria com isso.

Sei que a minha irmã e os meus pais me culpam pela má relação com os pais dele, mas só fazem isso porque é mais fácil que admitir a verdade.

O que eu estava pensando quando disse para Landon que podia apresentar a minha irmã para ele?

"No que você está pensando?" Landon faz uma trilha de beijos do meu pescoço até o meio dos meus peitos. Esse homem doce e gentil. Não posso falar que estou analisando cada aspecto da nossa relação e decidindo nosso futuro enquanto ele me beija desse jeito.

"Estou pensando que eu quero você." Meus lábios grudam em seu queixo, dando uma mordidinha de leve, antes de partirem para sua boca. Levanto meus quadris até ele, para mostrar o que quero, e como quero.

23

LANDON

A corrida de Uber até o apartamento da irmã dela parece estar demorando bem mais que os trinta e sete minutos previstos. O meu aplicativo diz que ainda faltam seis minutos para chegarmos ao prédio na West 34th Street. Eu queria vir de metrô, mas de carro o deslocamento seria bem menos caótico. Quando cheguei do trabalho, recebi uma mensagem de Nora me passando o endereço da irmã e me dizendo para encontrá-la por lá às oito. Ela não deu mais detalhes. Só o endereço, o horário e um emoji de sorriso.

Nora estava meio acanhada de manhã quando foi embora. Ela me beijou e murmurou que tinha adorado passar aquele tempo comigo, mas Hardin e Tessa estavam lá, então, não deu para dizer muita coisa.

Fiquei com a sensação de que ela queria chegar mais cedo por algum motivo. Talvez só quisesse conversar um pouco a sós com a irmã. Só vou descobrir onde estou me metendo quando puser os pés no apartamento. Durante o caminho, mandei duas mensagens para Tessa, mas ela não respondeu. Com certeza, deve estar ocupada com Hardin.

Olho para o celular de novo e mando uma mensagem para Ken e minha mãe para saber se está tudo bem. Não

menciono meus planos para a noite. Não quero criar mais agitação na vida deles, nem dar mais munição para fofocas quando nossos pais se encontrarem. E eu vou conhecer a irmã de Nora, então, minha mãe vai ficar sabendo mais cedo ou mais tarde.

"É aqui?", o motorista cabeludo pergunta. O sinal na tela para ele virar não para de piscar, e espero que não seja uma via de mão única desta vez. Acho que ele está mais acostumado a dirigir no Brooklyn do que em Manhattan. É um cruzamento movimentado; estamos em algum lugar entre a nona e a décima avenida. Não passei muito por Manhattan desde que me mudei para Nova York. Agora entendo por que os novaiorquinos sempre evitam os lugares frequentados por turistas.

O motorista repete a pergunta e finalmente abaixa o som. Pelo jeito, ele gosta muito, muito mesmo, de ouvir Linkin Park. Não sabia que ainda existiam pessoas no mundo que ainda escutavam o álbum *Hybrid Theory*, mas essa fatídica corrida de Uber me mostra que estou errado. Esse álbum foi lançado quando eu estava no colégio, e gostar de Linkin Park era uma prerrogativa para ser descolado na época, o que eu não era, mas, quando as calças largas entraram na moda, fiz de tudo para me adaptar. Tinha até uma carteira com uma correntinha para prender no passador do cinto.

Puxa, ainda bem que não existiam redes sociais naquele tempo. Se eu tivesse um perfil no Facebook ou Twitter na época, haveria um monte de provas da minha tentativa de parecer grunge. Até hoje, não suporto cheiro de limão, porque passei o verão inteiro borrifando as pontas do meu cabelo com o spray Sun In da minha mãe. E tenho a impressão de que esse motorista também tem uma história para contar sobre sua relação com Sun In.

Olho pela janela e leio o letreiro em letras garrafais na fachada do prédio à nossa esquerda: 408 WEST 34TH STREET. "É, acho que sim." Aqui vamos nós...

Desço do carro e aliso a minha camisa. Escolhi um visual simples e nada chamativo para hoje. Todo de preto. A camisa é um pouco mais justa do que eu gostaria, mas isso é que dá fazer compras pela internet. Mas não é aquela coisa absurdamente apertada; acho que ela cai bem.

Bom, pelo menos é o que espero.

Quando me aproximo do porteiro, ele acena para mim. Está a postos na entrada do prédio, sentado em um banquinho alto. Tem um rosto familiar, como um personagem de um desenho animado ou um filme. Seu corpo é meio roliço, e o nariz parece um pequeno bulbo coberto de vasinhos estourados.

Passo os dedos nos arbustos bem podados diante da parede de tijolos da fachada. Até a parte externa do lugar parece luxuosa. Pego uma florzinha rosa, mas jogo de volta na moita. Por que foi que eu fiz isso? É muito estranho sentir um impulso de arrancar uma flor do lugar onde está plantada? Não sei nem dizer quantas vezes já fiz isso sem pensar. Eu sou algum tipo de sociopata enrustido que adora matar flores e jogar de volta na terra?

Eu estou pensando demais no momento? Provavelmente.

Troco algumas palavras cordiais com o porteiro, e então ele me pergunta quem eu vim visitar. Enquanto ele interfona para o
apartamento da irmã de Nora, olho ao redor do saguão do prédio, que me lembra um hospital. Paredes brancas, superfícies reluzentes, e um cheiro de Pinho Sol e produtos artificiais. É bacana, mas as únicas peças de decoração presentes, flores de plástico, só fazem crescer a impressão de estar em um hospital.

O porteiro me fala o número do andar e aponta para o elevador. Estava distraído e não ouvi direito, mas sou tímido demais para pedir que ele repita, então, vou andando pelo corredor tentando adivinhar a direção apontada. Enquanto isso, fico torcendo para Nora aparecer do nada e me conduzir para o lugar certo. Não dá para ficar circulando à

toa nesse prédio sem correr o risco de que alguém chame a polícia.

Quase como um milagre, a porta do elevador se abre, e Nora está lá dentro. Seus cabelos escuros e grossos estão lisos e brilhantes, caídos sobre os ombros. Estão lindos; ela está linda. Seus olhos estão maquiados, delineados com pontinhas pretas, e as sobrancelhas estão mais escuras, mais definidas. Ela parece diferente — não de um jeito ruim, só não como de costume.

Estou habituado a vê-la maquiada — o batom vermelho de ontem ficou demais —, só que hoje ela está parecendo uma mulher mais velha. A blusa preta impecável e a calça da mesma cor parecem brilhar, assim como os cabelos escuros. O verde de seus olhos está mais proeminente, porque as cores escuras fazem seu tom colorido vir à tona. É uma roupa sexy; a blusa preta é aberta nos ombros, e o formato aponta meio que uma seta para o decote. É quase inapropriado da parte dela estar tão linda num dia em que preciso me comportar na frente de sua família.

"Esse elevador é pequeno demais", comento quando entro.

Ela abre um sorriso tímido. Seguro sua mão e beijo a palma. Quando a porta se fecha, Nora aperta um botão com a mão livre e eu a abraço de leve.

"Como foi o trabalho?" Dou um beijo em sua testa, depois no nariz, depois no canto da boca. E, no fim, um último nos cabelos.

Os lábios de Nora se afastam, ela aproxima o corpo do meu, e nós dois nos encostamos na parede. "Tudo bem." Seus lábios estão com gosto de gloss. "Sentiu minha falta?", ela sussurra.

O elevador se abre, e olho para ela enquanto se afasta. "Isso é o mesmo que perguntar se o céu é azul", rebato, inclinando a cabeça e abrindo o sorriso mais carinhoso de que sou capaz.

Seu rosto se ilumina, e ela sacode a cabeça para mim.

Ela leva o dedo de unha comprida ao queixo e retribui meu sorriso. "Na verdade, acho que o céu está meio cinza hoje." Estendo os braços na direção de sua cintura, mas ela se afasta antes que eu possa tocá-la. "Paciência, pequenino."

Olho para trás de Nora no corredor e, quando ela cai no truque e se vira para lá, aproveito para agarrá-la, prendendo seus braços junto ao peito. Uso a mão esquerda para afastar seus cabelos do pescoço e beijar sua pele perfumada.

"Acho melhor você olhar de novo." Eu a prenso contra a parede do corredor. Não tem ninguém aqui. Ótimo. "O céu está bem limpo."

As pontas dos meus dedos seguem a curvatura de seus seios grandes. É melhor blusa que já vi na vida. O peito de Nora sobe e desce, acelerado. Ela está usando uma gargantilha preta, e estou morrendo de vontade de puxá-la de volta para o elevador e apertar o botão de travamento da porta.

Nora passa a língua nos lábios, e sinto suas mãos no bolso de trás da minha calça jeans preta. "Acho que você tem razão; está bem limpo mesmo."

Ela morde meu lábio, e solto um grunhido, prensando-a com mais força contra a parede. Uma porta se abre, e eu me afasto de Nora ao ouvir o clique-claque de saltos sobre o piso. É uma mulher, que imediatamente reconheço como Stausey, a irmã dela, com a mão sobre a boca e os olhos arregalados. Ela baixa a mão no momento em que nossos olhares se encontram, mas segue sem piscar.

"Stausey...", diz Nora, e eu me afasto, ajeitando a camisa. "Esse é o Landon."

Atravesso o corredor às pressas para cumprimentar Stausey. Ela estende a mão para mim, e dou um beijo nela. Stausey se inclina para a frente para me dar um beijo no rosto. Fico sem saber para que lado virar e — bum! —, nossos lábios se tocam e ela se afasta, horrorizada. Os olhos de Nora estão arregalados, mas sua expressão é de

divertimento. Sua irmã, que aliás está com uma barriga de grávida enorme, também está com um meio sorriso no rosto, parecendo entender que esse tipo europeu de cumprimento pode ser meio confuso para a maioria dos americanos, e para quem é recém-chegado a Nova York.

"Prazer em conhecer." Stausey me olha, analisando cada parte da roupa que estou usando, meu cabelo, minhas mãos, até chegar aos meus sapatos. Ela passa a mão pelo vestido, e seus dedos se enroscam na faixa em volta da cintura. Seu corpo parece miúdo demais para carregar uma... uma bola desse tamanho com um bebê dentro. "Como foi a viagem até aqui? Bem longa, né?" Stausey nos encaminha para a porta da qual acabou de sair.

"Até que não foi tão ruim." Vejo um homem no centro da sala mais à frente, atrás de um balcão de bar. A sala de estar é gigantesca, do tamanho do meu apartamento, e o marido perfeito de Stausey está servindo vinho tinto em taças de haste comprida.

"Eu tento ficar deste lado da ponte quando estamos na cidade. O Brooklyn é tão longe", Stausey bufa. Seus saltos estalam contra o piso quando entramos. Nora resmunga alguma coisa sobre Miranda de *Sex and the City* e me oferece uma bebida.

Fico sem saber o que dizer, e uma dose de coragem cairia bem. Então, aceito a oferta e sigo Stausey até o bar.

24

"É uma garrafa bem antiga de Château Moulin de Roquette, Landon. De Bordeaux", Stausey explica com um leve sotaque francês. Não faço a menor ideia do que ela está falando. Será que está se referindo ao vinho? Eu não saberia diferenciar mesmo.

Balanço a cabeça e digo que parece ótimo; por mim, poderia ser uma garrafa de seis dólares que eu diria a mesma coisa.

O marido de Stausey contorna o balcão do bar e aperta minha mão. Suas roupas são mais casuais que as da esposa. A calça jeans escura está gasta, e ele está descalço. A camiseta branca e lisa transmite a impressão de uma pessoa mais informal do que eu esperava.

"E aí, cara, prazer em te conhecer." Ele sorri, revelando dentes brancos. "Eu sou o Ameen, mas pode me chamar de Todd." Ele encolhe os ombros e olha para a mulher. "Ou de Ameen mesmo."

"A Sophia falou muito de você. Ouvi dizer que os seus pais moram bem ao lado dos nossos. Que mundo pequeno", Stausey comenta, olhando para a irmã.

Então, ela a chama de Sophia? Está aí uma coisa a prestar atenção. "É mesmo." Não sei muito bem o que falar. O mundo é pequeno mesmo, Stausey, mas pelo jeito você já chegou ao topo.

Olho ao redor da sala, observando o piano de cauda e a mobília moderna. Tudo aqui combina com perfeição, das almofadas decorativas empilhadas no sofá à pintura pendurada no hall.

"Vamos lá" — Stausey me pega pela mão —, "o jantar está quase pronto." Ela me leva para a sala de jantar e me indica para sentar à cabeceira da mesa.

"Landon, vem sentar aqui comigo." Nora dá um tapinha na cadeira ao seu lado.

Assinto com a cabeça e vou até ela. Stausey acaba sentada na minha frente, com Todd ao seu lado, diante de Nora.

"O Todd cozinha muito bem", Stausey anuncia enquanto Nora enche minha taça de vinho. A comida parece ótima: frango assado com arroz e vários outros tipos de carboidratos. Stausey dá um beijo no rosto do marido, com um sorriso de admiração. "Não é mesmo?"

Me viro para Nora, que está com os olhos voltados para o prato. Quando os ergue para mim, ela sorri mordendo o lábio, para conter o gesto. Em seguida, pega uma pinça no centro da mesa e se serve da outra travessa, a que está cheia de vegetais.

"Então, Landon...", Todd começa, tomando a iniciativa de puxar conversa, já que nenhum de nós parece disposto a isso. Só seria melhor se não fizesse isso depois de eu enfiar uma garfada de frango na boca. "A Sophia falou que você estuda na NYU. O que está achando? Tenho um monte de amigos que se formaram lá."

Nora enfia mais comida na boca, e eu mastigo depressa para poder responder. "Estou adorando. Vou me formar em pedagogia, então, no segundo ano é que as coisas começam a ficar divertidas."

Stausey engasga com o pão, e pego minha água para aliviar a coceira na garganta. "Segundo ano? Pensei que você já estivesse se formando na Universidade de Nova York." Pelo jeito, usar siglas como NYU é uma coisa vulgar

demais para alguém como Stausey.

"Não, eu sou segundanista. Estou com alguns créditos adiantados, mas acabei de me transferir da Washington Central, onde fiz o primeiro ano."

Nora me encara com uma expressão indecifrável, e Stausey se volta para ela, claramente confusa. "Hmmm", Stausey resmunga, e surpreendo seu olhar se voltando para minha taça de vinho. Ela deve estar se dando conta de que legalmente não tenho idade para beber nada alcoólico. Além de receberem um zé-ninguém do Brooklyn, agora também estão desrespeitando a lei.

"Eu devo ter entendido errado." Stausey lança um olhar cheio de significado para a irmã mais nova. "Enfim, o que está achando de Nova York? É uma cidade tão linda, e sempre tem alguma coisa para fazer. Se bem que, às vezes, detesto esse excesso de gente. Nós passamos a maior parte do tempo entre Nova York e o estado de Washington, mas eu gosto mais de lá."

Nora me diz que sua irmã está sempre se mudando, e Stausey acrescenta que tem sorte por seu marido ser um médico cirurgião tão bom e tão competente nos seus investimentos em imóveis. Que beleza. Essa é a parte em que eu posso dizer que sei de cor quase todas as falas do primeiro filme da série O senhor dos anéis? Minhas qualificações estão no outro extremo das dele. Não tenho muita coisa a acrescentar a essa conversa.

"Dá para entender por que vocês gostam de Washington", digo, decidindo concordar com tudo o que ela fala, para facilitar as coisas.

A irmã de Nora começa a falar de videiras, e eventos beneficentes, e uma sinfonia com fila de espera de um mês. Eu vou balançando a cabeça, e Nora acrescenta uma ou outra palavra aqui e ali. Stausey não para de falar. Limpo meu prato e repito, não deixando sobrar nada.

Quando termino, Nora pergunta se estou satisfeito, e logo que faço que sim com a cabeça Stausey se levanta da mesa

e volta com um bolo. Está ótimo: bolo de chocolate marmorizado com cobertura de marshmallow.

Pergunto se foi Nora que fez, e ela confirma com a cabeça. "Foi o melhor bolo que já comi", digo, e ainda repito.

"A Sophia é uma confeiteira incrível, né? Eu considerei uma maluquice dela desistir da medicina. É tão difícil entrar na faculdade, e ela conseguiu. Achei que ela estivesse louca quando falou que preferia estudar para fazer cupcakes." O tom de Stausey é no mínimo passivo-agressivo. Ela dá suas alfinetadas com um sorriso tão doce que é capaz de a pessoa nem perceber que está sendo ofendida.

Mas Nora sabe, e revira os olhos para a irmã. "Pelo jeito, a família não está acabando por ter um médico a menos." Seu prato está vazio, e ela já está na terceira taça de vinho. Ou seria a quarta?

Não quero que a noite azede assim tão rápido. Quero todo mundo à vontade, e quero causar a melhor impressão possível na irmã dela e no marido. A energia no recinto está ficando carregada, e sinto que estamos caminhando numa corda bamba. Um passo em falso e a tragédia é certa.

"Ela é uma ótima chef, com certeza." Dou uma de Leonardo di Caprio fazendo o papel de Gatsby e ergo a taça para a minha garota. Os olhos de Nora se voltam para mim, e ela morde o lábio. "É impressionante o que ela consegue fazer. A Tessa, minha colega de apartamento, trabalha lá no mesmo restaurante, e me disse que nenhuma outra chef de sobremesas foi promovida assim tão rápido quanto ela."

Continuo enchendo a bola de Nora, sem esquecer sua reação de irritação quando a chamei de *confeiteira*.

Todd é o primeiro a se manifestar. "Que incrível, Soph. Eu sempre soube, desde que você era criança, que ia ser uma cozinheira e tanto. Lembra daquele forninho que você tinha e passava os dias fazendo bolo?" Ele dá um gole no vinho e olha para Nora e para mim. "Uma vez ela me cobrou vinte pratas! Por um bolo!" O cunhado de Nora olha para ela

cheio de orgulho. Isso é bom. Deve ser um cara legal se está disposto a admitir que se impressiona com os feitos dela, como, aliás, deveria.

"Sempre malandrinha", brinco, cutucando sua coxa. Ela segura minha mão sob a mesa, e entrelaço meus dedos com os dela.

"Ela e o meu irmão inventavam todo tipo de empreitadas comerciais", Todd continua. "Uma vez me pediram para comprar um carrinho para vender as coisas que faziam na rua." Todd tem a sorte de compartilhar com Nora lembranças que eu adoraria conhecer.

Dou mais um gole de vinho, ciente de que não posso pedir mais uma taça depois que terminar essa. "Há quanto tempo você conhece a Nora?", pergunto, mas é Stausey quem responde.

"Desde que ela tinha dez anos. Foi quando começamos a namorar. Nós somos apaixonados um pelo outro desde o ensino médio." Stausey segura a mão do marido e olha para mim. Lembro que Nora me falou sobre a irmã dele de quem era amiga — o nome dela era Pedra, certo? Mas não falou nada sobre um irmão. Será que entendi errado?

"Sim, mas demoramos um pouquinho pra perceber isso", Todd acrescenta, lembrado a Stausey que os dois não são perfeitos, apesar da necessidade dela de fazer parecer que sim. Eu nem a conheço tão bem. Não sei por que a estou julgando assim. Se não tivesse feito aquela pesquisa no Facebook, o que acharia dela?

"Stausey e o meu irmão eram bem próximos", ele comenta, olhando para mim.

Stausey dá um beijo no rosto do marido. "Nós também. Ameen e eu somos inseparáveis desde o dia em que nos conhecemos."

Nora acaricia minha mão com movimentos circulares com o polegar, e eu gostaria de ter alguns minutos a sós com ela. Para perguntar como estou me saindo, e como ela está se sentindo.

"Quando vocês voltam para Washington?", pergunto para quem quiser responder.

Para minha surpresa, não é Stausey. Ela ficou mais silenciosa nos últimos minutos, ao contrário do restante da noite. "Quinta-feira", informa Todd. "A Stausey vai ficar por aqui enquanto participo de um congresso em DC. Depois dou uma passada por aqui para pegarmos um voo quinta à noite de volta para Washington. Temos um evento beneficente na sexta; vai ser uma semana bem cheia." Ele sorri, parecendo um pouco preocupado, o que me faz gostar um pouco mais do sujeito. Essa coisa de dizer que vai "dar uma passada" para pegar a mulher como se fosse uma simples viagem de metrô quando se está vindo de outro estado me faz rir por dentro.

Nora olha para mim, e eu seguro o riso.

"Você tem tempo pra fazer umas comprinhas de coisas de bebê comigo, Soph?", Stausey pergunta.

Se já é estranho ouvir Nora ser chamada de Sophia, por esse apelido é mais ainda. O que aconteceria se eu me referisse a ela assim? E qual é o lance de todo mundo por aqui ter dois nomes? Nora-Sophia, Todd-Ameen. Será que eu devo pedir para me chamarem de Matthew? É o meu nome do meio, e eu não teria problemas em pedir para as pessoas mais próximas só me chamarem assim. Será que isso deixaria Nora tão confusa quanto estou me sentindo agora?

Nora faz que sim com a cabeça para a Stausey, e parece interessada de verdade em participar dessas compras. Seja qual for o problema que ela tem com a irmã, isso claramente não afeta o que Nora sente pela criança que está por vir.

25

Depois de mais meia hora de papo furado, a mesa é tirada. As irmãs foram para a cozinha, e eu estou sentado no sofá com Todd e um exército de almofadas decorativas. Uma delas tem raposinhas estampadas, espalhadas como se fossem bolinhas. As demais têm cores sólidas. Por que tantas? Alguém por acaso usa tudo isso? Apoio o cotovelo na almofada de raposas para testar a maciez. Meu cotovelo afunda nela, então talvez seja confortável...

"Está se divertindo aí?" O sorriso de príncipe da Disney de Todd me deixa com um pouco de inveja do cara. Quer dizer, ele conhece Nora desde criança, é médico cirurgião e tem um apartamento montado em Nova York para o caso de decidir visitar a cidade. Eu moro de aluguel em um lugar minúsculo que divido com a minha amiga e estou aprendendo só agora a separar as roupas na hora de lavar. Nora está acostumada a conviver com esse tipo de gente. Pessoas que estão com a vida ganha e têm imóveis próprios e milhas aéreas.

Ajeito melhor o corpo e ponho a almofada de raposa no colo, assentindo com a cabeça.

"Ela adora essas almofadas." Todd aponta para a que está colocada sobre o meu colo.

"Acho que é uma coisa de mulher. Minha mãe é

igualzinha." Minha mãe? Sério? Estou em um apartamento com vista para a parte mais nobre de Manhattan e só consigo falar sobre a minha mãe.

Essa noite como um todo está totalmente fora dos meus padrões. Penso na antiga casa da minha família, com aquele carpete que nunca parecia limpo. Minha mãe alugava aquelas máquinas a vapor e passava horas esfregando, mas os anos de manchas acumuladas insistiam em se fazer presentes.

Como Nora se sentiria na cidade onde eu nasci? Seria uma estrela brilhante demais para um lugar esquecido do meio-oeste? Olho ao redor da sala e conto o número de lustres pendurados no teto alto. Só no meu campo de visão são três. Examino os enfeites perfeitamente alinhados sobre o aparador da lareira elétrica. Uma estatueta de metal, uma peça de madeira cortada em forma de triângulo...

"Elas devem ficar lá por um bom tempo." O cunhado de Nora começa a esfregar o pescoço. "Ainda bem que elas voltaram a se falar." Ele suspira e abre uma garrafa que pega num carrinho perto do sofá. Está cheio de diferentes tipos de bebidas e misturadores. Além disso, tem laranja, limão e até canudinhos. Acho que ser adulto é assim, o marido equipa a casa com apetrechos de bar enquanto a esposa coleciona quantas almofadas esquisitas der na telha.

Seria uma boa eu perguntar por que elas não estavam se falando? Ou será que vai parecer que ela não me conta nada — o que, aliás, é a pura verdade.

Resolvo fingir que sei de tudo. "Pois é, ainda bem."

Todd faz um drinque para ele. Diz que o nome é gimlet; eu não entendo essa linguagem dos ricos, mas finjo que sim e balanço a cabeça enquanto ele descreve a origem toda elaborada do gim que usou no coquetel. Todd me oferece um, mas eu recuso.

"Stausey ama muito a irmã. Sei que ela às vezes se irrita e pega meio pesado." Ele dá um belo gole. "Mas só está preocupada com ela. Quase não dorme mais, e não só

porque o bebê está do tamanho de uma porra de uma melancia."

Todd sorri, e acho a comparação engraçada. Parece mesmo que sua mulher está escondendo uma melancia debaixo do vestido.

Continuo dando uma de joão-sem-braço durante o resto da conversa. A única opção seria dizer a Todd que não faço ideia do que pode ter acontecido entre as duas irmãs.

"Com certeza, a Nora aprecia essa preocupação. Ela só não é muito boa em aceitar compaixão das pessoas. Você sabe como ela é", digo, apesar de eu mesmo nem imaginar como ela seja.

"É, você tem razão." Ele se recosta no sofá e olha ao redor da sala como se estivesse procurando alguma coisa. Eu faço a mesma coisa, e observo uma enorme ampliação de uma foto do casamento dele com Stausey. Nora está lá, com um vestido rosa bonito, os cabelos enrolados e caídos sobre os ombros. O cara ao lado dele me parece familiar, assim como o outro ao lado dela. Meu desconforto aqui está claramente me fazendo imaginar coisas.

"Escuta, eu sei que a gente acabou de se conhecer e que estou passando um pouco dos limites ao falar isso, mas todo mundo aqui está na torcida para que a sua presença faça bem pra Nora. Sabe como é, ela não apresentou ninguém para a família desde o acidente, e a gente estava começando a achar que nunca mais iria namorar de novo. Parecia que ela nunca iria assinar aqueles papéis."

Papéis? Acidente?

Que diabos de conversa é essa?

"Hã..." Eu pigarreio. Por que eu recusei aquela bebida? "Fico feliz em saber." Minha garganta está em chamas. Me inclino para a frente e olho para o corredor. Onde está Nora?

"Nós estamos do lado dela. É por isso que queremos que ela assine. Minha família está em pé de guerra por causa disso." Ele passa a mão pela barba, com os olhos cansados.

Estou sem saída aqui. Só posso fingir que sei o que está

acontecendo até determinado ponto. Ele está falando de coisas específicas demais, e estou mais perdido do que nunca. Não acredito que Nora me trouxe aqui sem me dar nem um aviso primeiro. Ela falou que não era uma boa ideia me apresentar para sua irmã, só que eu não imaginava nada envolvendo dramas familiares, papéis para assinar e um acidente misterioso.

"Eu posso falar com ela", ofereço, sem saber o que dizer.

"Sério?" O rosto dele se ilumina. "Qualquer ajuda é bem-vinda. A gente não entende por que ela não quer assinar. Eles já estavam separados antes dessa coisa toda. Não precisava ser assim tão difícil, e sinceramente" — ele respira fundo — "eu adoraria ter tudo isso resolvido antes da chegada da bebê."

Sim. Eu também. E adoraria ter alguma ideia do que está acontecendo aqui.

"Pois é, eu entendo. Vou ver o que posso fazer." Eu me levanto. Preciso encontrar Nora, antes que a minha cabeça exploda. "Você tem um banheiro que eu possa usar?"

"Claro, é só ir em frente e entrar à esquerda", ele aponta.

Eu agradeço, e sinto as palavras queimarem minha garganta. Ele não se levanta do sofá quando saio da sala.

Vou ao banheiro e jogo água fria no rosto. Sempre ajuda nos filmes, quando as pessoas fazem isso. Mas, quando enxugo o rosto com uma toalha com iniciais bordadas, me sinto ainda mais deslocado.

Tem muita coisa acontecendo ao mesmo tempo. Nora, este apartamento chique, e os segredos de ricos que esconde.

Faço xixi e lavo as mãos. Quando me olho no espelho, pareço diferente. Será que a culpa é da luz ou as falhas na minha barba me fazem parecer ainda mais novo?

Meu lugar não é aqui, com essas pessoas.

26

Quando encontro Nora na cozinha, ela está guardando batatas picadas em um saco plástico. Stausey está sentada junto a uma mesinha redonda no canto do recinto. Dá quase para ouvir seus pés gritando para ser libertados das sandálias de salto alto. Sem chance de não estarem inchados a esta altura.

"Nora, posso conversar com você um pouquinho?" Paro bem na frente dela, ignorando a presença de Stausey. Não quero ninguém me tirando dos eixos no momento. Preciso falar com Nora, e ela vai ter que me explicar onde é que fui me meter.

Ela dá uma olhadinha para mim e continua a guardar as sobras do jantar. "Sim, só espere uns minutinhos."

Eu deveria assentir e sair andando.

Deveria ser educado e não causar constrangimentos. Mas as palavras ficam se repetindo na minha cabeça: "*papéis*", "*acidente*", "*antes da chegada da bebê*".

Fico parado na entrada da cozinha.

Meu rosto está quente, e minhas pernas estão loucas para fugir, mas não posso recuar agora. Preciso saber que diabos está acontecendo. "É importante", insisto.

Nora me olha, e percebo que está avaliando a situação. Um brilho de entendimento surge em seu rosto, e ela assente, deixando o saco plástico sobre a bancada e

dizendo para Stausey que já volta. Em seguida, me leva até o terraço do prédio para conversar. Lá, vamos ter mais privacidade, ela garante.

"O que está acontecendo?" Nora pergunta assim que saímos. Não é um terraço privativo, mas não tem ninguém usando no momento. Ótimo. Nora caminha até um sofá perto da maior mesa do recinto, e eu a sigo. Ela se senta, e eu me acomodo na poltrona em frente. Não quero chegar perto demais, para a coisa não acabar tomando outro rumo. Tenho certeza de que ela vai fazer de tudo para se esquivar quando eu exigir uma explicação.

"Me diga você o que está acontecendo." Depois disso, fico só olhando para ela, à espera.

A vista daqui de cima é incrível. Dá para ver o Empire State Building e, se eu não estivesse tão bravo com Nora, poderia desfrutar melhor deste momento em Nova York. Não tive muitas chances como essa desde que cheguei. Passo a maior parte trabalhando e me deslocando pelo campus entre uma aula e outra. As luzes são intensas, a cidade é ruidosa e cheia de vida, e estar aqui seria muito mais agradável em outras circunstâncias.

Nora se recosta no sofá. "Você quer me explicar o que aconteceu ou vou ter que adivinhar?" Seu tom de voz é firme — frio, até.

"Boa pergunta. Ótima pergunta, Nora. Ao que parece, o Todd acha que eu posso convencer você a assinar algum tipo de papel, e me contou que você e sua irmã não estavam se falando até pouco tempo, e ainda mencionou algum 'acidente' que pelo jeito é o pivô de toda história, de uma forma ou de outra."

O rosto de Nora está escondido pela sombra da noite, então, não consigo ver sua expressão. Seu corpo não se mexe nem um centímetro. "Ele o quê?"

Se eu não a conhecesse, poderia até pensar que essa surpresa não é fingida. "Não tente se fazer de desentendida. Só me conte tudo, Nora. Você me trouxe aqui

sabendo que eu ignorava a sua relação com a sua irmã. Então, só me fale se vai me contar ou não. Eu é que não vou continuar nesse joguinho. Ou você quer que eu faça parte da sua vida ou não quer."

Nora se remexe no sofá e fica me olhando, boquiaberta. Parece chocada, de verdade, e não consigo acreditar na sua audácia, nem na minha. Me sento na ponta da poltrona e desvio o olhar.

"Claro que eu quero que você faça parte da minha vida."

Só isso. Ela não diz mais nada.

Só pode ser brincadeira. Nem consigo me lembrar da última vez em que fiquei tão irritado. Estou me sentindo uma marionete, e de saco cheio desse vai-não-vai. Se Nora não se abrir comigo, eu desisto.

"Se é verdade, então me prove. Porque, por enquanto, só o que tive de você foram sinais ambíguos, e estou cansado de tentar adivinhar o que é verdade e o que não é."

Nora se inclina para a frente e segura minhas mãos.

Eu as puxo de volta. "Fale comigo. Se quiser encostar em mim, ***fale*** comigo."

"O que o Todd falou para você? O que você quer saber?" Isso é só mais uma maneira de não me dizer nada.

A frustração me faz levantar da poltrona. "Sério mesmo? Até mesmo agora você vai fugir das minhas perguntas?"

"Você não fez pergunta ***nenhuma***."

Eu jogo as mãos para o alto. "Não me venha com joguinhos semânticos. Só me diz que porra está acontecendo aqui. Por que você e a Stausey estavam sem se falar? Eu estava mais que disposto a esperar para conquistar sua confiança, dar um tempo para você se abrir. Mas assim não dá. O Todd está lá, agindo como se você estivesse sentada em cima de uma bomba atômica, uma coisa que pelo jeito eu deveria saber, mas não sei."

Nora suspira, mas continua sentada no sofá. "Eu não iria tão longe assim. Escuta, eu não quero envolver você no meio de um drama familiar. É uma coisa confusa, e está se

arrastando faz um tempo. Meus pais mal falam comigo, e minha irmã escolheu ficar do lado deles. Ela não quer que ninguém pense que tem uma opinião própria, por isso, ficou do lado deles e, por mim, foda-se, a escolha é dela. O Todd é que não deveria despejar essa merda toda em cima de você. Ele é o menos pior aqui, claro, mas não confio nele. O cara é um mestre em andar na corda bamba entre mim e meus pais."

Essa explicação só torna as coisas mais nebulosas. Meu telefone toca no bolso pela terceira vez só na última hora. Pego o aparelho, vejo o nome de Dakota na tela e, mais uma vez, ignoro a chamada.

"*Puta que pariu*, por que não atende logo?", Nora esbraveja.

"Não. Quero que você me conte sobre esse acidente. Quem sofreu um acidente? Foi você?"

Me afasto alguns passos para respirar um pouco de ar fresco. Apoio as mãos no gradil do terraço e olho para a rua lá embaixo. Aqui é bem mais movimentado do que no meu bairro. Os táxis buzinam mais, e a música alta se mistura, vinda de várias direções.

Nora aponta para uma construção circular com luzes no topo. "O Madison Square Garden fica bem ali. Tem show da Halsey hoje."

Falar sobre música me distrai da minha raiva. É um alívio bem-vindo — ainda que temporário.

"Por que você não foi?" Sei que Nora é fã dela.

"Porque estou aqui." Nora se levanta e vem até mim. "Agora, pare de brigar comigo e me deixe tocar em você." Ela estende os braços, e as pontas de seus dedos percorrem meu braço por cima da camisa. "Landon."

Ela diz meu nome de um jeito bem suave que não me dá escolha, a não deixar que me abrace pela cintura e enterre a cabeça no meu peito.

27

"A gente pode ficar aqui em cima um pouco?" Os lábios de Nora estão no meu pescoço. "Ainda não estou pronta pra encarar aqueles dois."

"Podemos, sim. Vamos fazer aquela brincadeira", digo, mas com muito menos bom humor do que da outra vez em que fizemos isso. "Eu pergunto primeiro."

Não dou tempo para ela dizer se aceita ou não. Eu a conduzo para o sofá e olho ao redor de novo, para me certificar de que estamos sozinhos.

O vento está mais forte no terraço, e seus cabelos estão caindo sobre o rosto. Eu me sento do outro lado do sofá e me preparo para começar a perguntar. Não preciso de muito tempo para pensar dessa vez.

"Por que você e sua irmã brigaram? Que papéis todo mundo quer que você assine, e como você me traz aqui sem eu saber de nada? E há quanto tempo você sabe que eu era o namorado da Dakota?"

Nora solta um suspiro dramático, ergue as pernas e apoia os pés na mesa diante de nós. "São quatro perguntas, mas vou deixar passar, por causa das circunstâncias." Ela me encara. "Briguei com a minha irmã por causa da falta de apoio nos últimos três anos, e eu precisava me afastar da minha família por uns tempos. Vou pular a segunda, e trouxe você aqui para deixá-lo contente, na esperança de

que por uma noite minha irmã não fosse ser babaca, e de que eles gostassem de você tanto quanto eu. E já sabia fazia um tempinho."

Nora encolhe os ombros e se inclina para a frente para tirar os sapatos. Ela larga as sandálias na superfície de madeira escura, e vejo seus dedos roçando o decote de sua blusa. Ainda estamos sozinhos aqui, e por um instante consigo imaginar nós dois bebendo vinho espumante em um terraço como este. Quando estivermos mais velhos, e sem carregar um peso tão grande nos ombros.

Essa divagação termina com a buzina insistente e irritante de um táxi. Nunca vou entender o motivo dessas buzinas, como se isso adiantasse alguma coisa. E sinto falta do luxo de ter um carro e da liberdade que isso proporciona.

"Minha vez." Nora apoia os pés sobre a mesa. Eu gostaria de ter pedido mais uma taça de vinho. Não para mim, para ela. "Por que você quis vir aqui hoje? E o que rolou entre você e Dakota para vocês serem tão próximos? E..." Ela bate com uma unha contra o queixo. "Se eu conhecer a sua família" — mais uma pausa — "e eles não me conhecessem, como você me apresentaria?"

Depois disso, Nora se vira para apreciar a vista dos prédios. Daqui de cima é mesmo muito linda.

"Vim aqui porque queria conhecer você melhor. Esperava conseguir isso conhecendo sua irmã e seu cunhado. Isso não deu muito certo..."

Fico hesitante, mas entendo que preciso responder às perguntas que Nora me fez. Se eu quiser que nosso relacionamento vá para a frente, não posso ficar pulando perguntas. Nós já passamos dessa fase, certo?

Dakota... Dakota, Dakota. Por onde posso começar?

"Bom, para começo de conversa, ela está sozinha no mundo. A não ser por mim. E só. Então, seja o que for que aconteça entre nós, e por mais irracional que ela possa ser, sempre vou estar ao lado dela. Sei que isso não deve fazer muito sentido para você." Eu me aproximo de Nora e

estendo as pernas sobre a mesa a poucos centímetros das dela. "Mas para mim é como se ela fosse da família. Não posso simplesmente virar as costas."

"Virar as costas?" Nora franze as sobrancelhas, porém chega mais perto de mim.

"É, cortar relações com ela. E a terceira pergunta..." Olho para Nora para mostrar que não vou pular nada. E abro um sorrisão. "Se fosse apresentar você à minha família, diria: 'Mãe, Ken, Hardin, esta senhorita é a minha amiga, Nora'." Faço um gesto dramático com as mãos em direção a um grupo imaginário da família Scott.

Nora dá risada e leva o dedo à boca. Ela começa a chupá-lo, e não sei se é de propósito, mas isso com certeza parece um plano para me desarmar.

Desta vez, não.

Bom, pelo menos não se eu não puder evitar.

Desvio os olhos de sua boca sedutora e finjo que ela não está fazendo insinuações vulgares e sensuais para mim.

"Esta 'senhorita'?" Seu tom de voz agudo reverbera pelo ar de outono. O vento enfraqueceu um pouco, e seus cabelos estão caídos sobre os ombros. As pontas estão começando a se enrolar. Eu me inclino para a frente para tocá-los. Esfrego os dedos nos fios, e Nora observa o meu rosto. Seu cabelo é tão macio. Ela inteira é tão macia.

"Pois é. Acho uma apresentação digna para uma moça com as suas qualificações." Prendo uma mecha de cabelo atrás de seu ombro. E passo os dedos pelo seu corpo.

Seu peito sobe e desce a cada palavra que ela diz: "E que qualificações são essas?"

Solto um grunhido leve e continuo acariciando sua pele. Nora é como uma gatinha que quer ser mimada e acarinhada o dia todo. De repente, me vejo como alguém que gosta de gatos. Não que eu ache que vá me dar bem com a questão das bolas de pelo, e do cocô dentro de casa. Então, melhor deixar para lá: só gosto de gatinhas que sejam como Nora.

"Bom, você tem isso." Passo o dedo sobre seus lábios e seus olhos. "E isso." Toco sua boca. Meus dedos descem até seus seios, e paro sobre um mamilo, fazendo movimentos circulares. "E isso." Ponho a mão sobre seu coração e o sinto disparado. "Minha parte favorita." Ponho a mão espalmada sobre seu peito, e nesse momento ela pula em cima de mim.

Com as mãos abertas, ela empurra meus ombros sobre o encosto do sofá. O "Opa!" que eu exclamo se perde no ímpeto dela. Nora está no meu colo, beijando meu rosto, meu queixo, minha boca, meus lábios. Ela é tão macia nos meus braços, tão quente. E está em um frenesi que nunca vi antes.

Mantenho minha encenação rolando, lembrando por que ela é tão especial para mim. "Além disso, você fez faculdade."

Seus lábios tocam minha testa, e ela dá risada. Quando ela segura meu rosto e me beija, preciso abrir os olhos para me certificar de que é tudo real. Estou sentindo uma pontada no peito, cutucando meu coração já fragilizado, e avisando que o pior ainda está por vir. Consigo ver imagens nossas na minha mente, claras como o dia. Mas, quando me concentro em alguma, todas desaparecem rapidamente, uma a uma. Com ela, nada parece permanente. Por que será?

"Mais alguma coisa?" Ela esfrega os quadris em mim.

Quando impeço seu corpo de se movimentar mais, ela me olha feio. Levanto-a pela cintura até quase interromper o contato entre nós. "Vamos com calma. Ainda não terminamos a brincadeira." Eu me inclino para a frente para tocar seu peito com o rosto. "Você quase me enganou."

Dou uma mordida em seus seios, e ela solta um gritinho e desce do meu colo.

"Tudo bem, tudo bem," Nora diz, recuperando o fôlego. Sua pele fica linda sob as luzes da cidade. A lua está mais visível do que pensei que seria em Manhattan. Ainda não

me conformo com a diferença entre o Brooklyn e o coração de Nova York.

"É a vez de quem?" Ela acomoda a bunda do outro lado do sofá e se vira para mim, com as pernas cruzadas sob o corpo.

Bom, se ela não lembra... "Minha."

"Mentiroso!", ela grita com um sorriso. Eu encolho os ombros, bancando o inocente. "Você acha que pode continuar comigo? Acha que estamos sendo loucos por levar isso adiante?" Ela aponta o dedo para mim e depois para si. "E qual é o seu maior defeito?"

Meu maior defeito? Se eu posso continuar com ela? Se estamos sendo loucos?

Estamos?

Não posso deixar nenhuma dúvida nem ao menos me insinuar neste momento que estou vivendo com Nora. Este momento só nosso, sem nenhuma voz além da sua.

"Eu estou aqui, com você", digo a ela.

Ela desvia o olhar, mas vejo que está segurando um sorriso.

"Meu maior defeito é me doar demais para todo mundo que conheço. Isso vira um peso nas minhas costas às vezes." Me sinto culpado por admitir isso, mas quero ser o mais sincero possível. Ela me olha nos olhos por um instante e, então, se volta para a vista do terraço. "E, sim. Acho que estamos sendo loucos."

"No bom ou no mau sentido?"

Nós dois temos bons motivos para considerar o outro... eu não diria *louco*.

Interessado demais?

Obcecado?

Não sei em que categoria nosso comportamento se encaixa, mas não pode ser só duas pessoas querendo se conhecer melhor? Eu a segui do trabalho até outra cidade durante mais de uma hora? Procurei sua família no Facebook, e ela sabia quem eu era mesmo fingindo que não.

Nós dois fomos "intrometidos" em certo sentido, mas não pode ser por isso que nos entendemos tão bem?

"Isso faz diferença? No fim o resultado é o mesmo, não?"

Ela respira fundo, pensativa. "Sim. É mesmo."

Nós não nos encaramos enquanto continuamos a brincadeira. As perguntas se tornam neutras e impessoais. Do tipo que qualquer um faria a um amigo. *Qual é sua estação do ano favorita?* A dela é verão, a minha é inverno.

Neve ou chuva? Escolhi neve; ela falou chuva, e me contou sobre sua festa de aniversário de treze anos, em que ninguém apareceu, mas sua irmã a levou para dançar no terraço de casa no meio de um temporal. Seus pais ficaram furiosos quando as duas entraram em casa encharcadas, estragando o piso de madeira recém-encerado. Stausey assumiu toda a culpa, dizendo que achava que a gata tivesse fugido.

A menção ao gato a levou a me contar sobre Tali, a gata da família, que uma vez pulou nas costas de sua mãe quando estava descendo a escada. Nora jura que isso foi um favor pessoal para ela, que estava de castigo por duas semanas. Não consegue terminar a história porque está rindo às gargalhadas, e chego à conclusão de que a minha coisa favorita no mundo é isto: adoro a maneira como ela conta histórias, recordando cada detalhe, e também oferecendo todo o contexto. Talvez devesse tentar ser escritora. Ela me fala sobre quando sua irmã fazia tranças em seus cabelos e a ensinou a passar batom. Fico sabendo que sua mãe foi mudando ao longo dos anos. De funcionária de um café em Bogotá, virou uma socialite, casada com um dos médicos mais prestigiados do país.

Nora não parece muito interessada no estilo de vida da mãe. Não entendo bem o porquê.

"Que mais? Quero saber as coisas importantes, não o que ela faz da vida. Quero saber suas coisas favoritas nela. Coisas assim."

Nora se aproxima, acariciando meu peito com os dedos.

Seu indicador começa a enrolar alguns pelos. "Por que você sempre faz as perguntas mais intrusivas?"

"Elas só são intrusivas se você não quiser que eu saiba." Minha voz sai muito mais triste do que eu gostaria.

"Tudo bem. Minha mãe é... bom, ela é..." Nora não consegue encontrar as palavras. "Ela fazia o melhor ***arroz con leche*** que já comi."

"É a sua sobremesa favorita?"

"É a única de que gosto."

Fico boquiaberto. A única? Eu devo ter entendido errado. "A única?"

"Sim. A única." Sua voz baixa para um sussurro. "Uma confissão: não sou muito fã de doces; tenho um paladar mais voltado para os salgados."

"Quê? Mas que fraude...!" Eu me finjo de horrorizado. "Mas você é uma boleira... quer dizer, uma chef confeiteira!"

"E daí?" O sorriso de Nora se alarga, e adoro ver seus olhos se estreitarem sob as luzes da cidade.

"E daí? Isso é tão... Acho que nem conheço mais você". Digo aos risos.

Ela esfrega o nariz no meu peito. "Então, você me questiona quando admito que não gosto de doces, mas não quando digo que a minha vida é uma zona?" Dá para ouvir o tom de mágoa em sua voz, a vergonha impregnada em cada palavra.

"Bom, todo mundo faz besteira de vez em quando." Queria ter como aliviar a dor que ela sente no peito. "Mas acho que isso eu não consigo aceitar."

Começo a me afastar dela. Nora me puxa pelo braço, mas continuo saindo de perto. "Isso é demais para mim." Finjo que estou chorando. Por um instante, me sinto um bobalhão total, fazendo palhaçada no terraço de um prédio chique onde nem deveria estar, mas isso logo passa, e decido que estou pouco me fodendo. "Essa traição!" Eu enterro o rosto entre as mãos.

Nora solta uma gargalhada aguda. "Ah, para com isso." Aos risos, ela tenta afastar minhas mãos do rosto.

Eu não paro. Ela está rindo, e eu adoro fazê-la rir. Fico sacudindo a cabeça em desespero, escondendo com as mãos o sorriso no meu rosto. "Pensei que eu conhecesse você!", digo, em um grito fingido, e ela não consegue parar de rir quando tenta, de novo, tirar minhas mãos da frente do rosto.

Quando ela puxa com mais força, paro de resistir. Seus braços se abrem de repente, e eu a agarro pela cintura e a deito no sofá. Sua expressão é de surpresa e divertimento, e seus olhos se cravam nos meus. O decote de sua blusa está ridiculamente baixo agora que baguncei seu visual perfeito e imobilizei seu corpo sob o meu. Passo o nariz de um lado a outro de seu peito, seguindo a curva suave do tecido sobre seus seios macios.

"O que eu faço com você?", pergunto, e ela solta um gemido sob meu toque febril. Começo a lamber sua pele, mas então me afasto. Mantenho nossos corpos separados pela distância dos meus braços, me apoiando sobre as mãos como se estivesse fazendo flexões.

"Eu posso pensar em algumas coisas", ela diz, a poucos centímetros da minha boca.

Se eu tivesse a certeza de que nenhum vizinho de sua irmã iria aparecer, já teria caído de boca no meio de suas pernas.

28

NORA

"Você acha melhor voltar lá pra dentro?", ele pergunta depois de mais duas rodadas da nossa brincadeira. Passei a adorar nosso joguinho, e ele ainda não pulou nenhuma pergunta, mas acha que não percebi isso.

Eu presto atenção a tudo o que ele faz. Minha cabeça agora está no seu colo, e seus dedos massageiam de leve meu couro cabeludo. Seria bom poder dormir assim. Depois de passar tanto tempo sem sentir o toque de outra pessoa, a gente esquece o quanto isso é importante. É uma coisa entranhada no cérebro: a de que precisamos do contato com outros seres humanos do primeiro dia da nossa vida até o último.

"Mais uma rodada", sugiro. Guardei as perguntas mais premeditadas para a última rodada.

Landon acaricia minha cabeça. "Só mais uma."

Fecho os olhos e me preparo para a mudança de rumo na conversa. "Você acreditou quando eu falei sobre as traições da Dakota? O desaparecimento do irmão dela deixou você se sentindo na obrigação de protegê-la?" Os dedos de Landon ficam imóveis na minha cabeça. "E..."

"O irmão dela não desapareceu." Landon põe as mãos nos meus ombros e me levanta do seu colo.

É isso. Esse é o pavio do barril de pólvora dos dois.

"É isso o que eu quero saber", explico, com cautela. Essa foi a história que Dakota me contou quando a encontrei gritando o nome do irmão no meio da noite. Não consigo imaginar o que possa ser pior que isso.

Quando me volto para Landon, ele está virado para o outro lado. Eu me sento e olho para a escada atrás do sofá.

"Você não sabe de nada, então." O tom de voz dele é impassível.

"Então, me conte. Porque isso é uma barreira que existe entre nós. Você quer respostas para todas as suas perguntas, mas sem me dar nada em troca. Assim fica bem conveniente. É isso que liga vocês dois dessa forma tão ferrenha."

Ele sacode a cabeça, ainda sem me encarar. "A história não é minha, não sou eu quem tem que contar."

"É sua, sim. Você foi parte da história... ela é sua também." Estou começando a ficar irritada. Se soubesse o que aconteceu, poderia ser mais compreensiva. "Landon, confie em mim. Só preciso que você se abra comigo."

A ironia da situação também não me passa despercebida.

Landon parece pensar um pouco a respeito. Está todo sem jeito, e me sinto meio sacana por pressioná-lo dessa maneira. Também tenho segredos envolvendo meu ex, e sempre me desvencilhei dos esforços de Landon para esclarecer isso. Vou contar tudo para ele algum dia, em breve. Só preciso de um pouco mais de tempo para entender o que está acontecendo. Pensei que já estivesse decidida, mas Landon está tornando tudo muito nebuloso, me deixando insegura em relação ao futuro.

Quando começa a falar, sua voz sai bem silenciosa, e mantenho a boca fechada e a mão perto da sua, para o caso de ele querer pegá-la. "Carter estava passando por maus bocados na escola. Tinha virado o alvo de um monte de gente no bairro, inclusive do próprio pai. Nosso bairro era o pior de todos, cheio de famílias de Kentucky e da Virginia

Ocidental. Um pessoal preso a velhos hábitos e preconceitos. Era uma dessas áreas em que se viam bandeiras confederadas fazendo o papel de cortinas nas janelas. O desemprego estava altíssimo, e os adultos não tinham nada com o que se ocupar além de fofocar sobre o que os mais jovens estavam fazendo. Surgiu um boato de que o Carter e o melhor amigo dele, o Julian..." Landon faz uma pausa, olhando apenas para a frente. Seus olhos parecem sem foco. "Diziam que eles andavam se beijando."

"E era verdade?" Meu estômago começa a se embrulhar e, por mais que não queira ouvir isso, eu sei que preciso. Gostaria de ter poderes mágicos e poder aliviar um pouco a dor que Landon está revivendo, como ele faz comigo.

"Era. Os adultos ignoravam, faziam piadinhas sobre as roupas do Carter serem meio apertadas e sua voz um pouco aguda demais. Mas ficava só nas piadinhas, nas demonstrações de ignorância. Estava tudo tranquilo até começarem a inventar que ele tentou beijar outro garoto, e aí um menininho lá da rua falou que o Carter tentou mexer nele. Aí, todo mundo se virou contra ele."

Meu coração vai parar na boca. Minhas entranhas começam a se remexer, desacostumadas com tamanha comoção. Fazia tempo que eu não prestava tanta atenção a mim mesma, às minhas reações às coisas que acontecem ao meu redor. Pelo jeito, estou bem mais atenta ao meu mundo agora que Landon faz parte dele.

"E isso aconteceu?" De alguma forma, sei a resposta.

Landon sacode furiosamente a cabeça. "Não. Ele jamais faria isso. As pessoas que viviam ao nosso redor eram tão baixas, tão venenosas e simplórias que nem conseguiam entender o quanto tinham a mente estreita. É o tipo de gente que diz — Landon faz aspas no ar — 'tolerar os gays' desde que não tentem dar em cima deles, e mesmo assim insistem em afirmar por aí que não são homofóbicos."

Eu conheço pessoas assim. A maioria das Barbies com quem frequentei a escola, por exemplo. Elas diziam coisas

terrivelmente ofensivas para mim, mas, no caso delas, acho que sabiam muito bem o que estavam fazendo. Por causa da cor da minha pele, uma garota veio me perguntar se meu pai era dono de posto de gasolina, ou se meu pai precisou salvar a minha mãe do câncer de pele por ficar tanto tempo no sol.

"Então, o Carter passou de piada do bairro a vilão do bairro. E a coisa virou uma caça às bruxas. Quantos daqueles garotos tinham sido expostos ao Carter? De todos os moleques com quem ele andava de bicicleta, quantos teria tentado molestar? De todos os garotos que ele ajudou a fazer lição de casa ao longo dos anos, quantos teria atacado? Apesar de ninguém mais ter falado nada sobre Carter, e do próprio menino que fez a acusação dizer depois que era mentira — que foi forçado a falar isso pelo irmão mais velho, que 'tinha nojo de Carter' —, as acusações pegaram. E o pai dele não precisava de muita razão para descontar toda a raiva que sentia no filho. Quando os cochichos viraram gritos, e os gritos viraram uma pichação na lateral da casa, o pai dele perdeu a cabeça. Dakota e eu precisamos tirá-lo de cima dele naquela noite. O Carter não conseguiu nem ir à escola no dia seguinte."

A voz de Landon fica embargada, e eu volto ao seu colo. Ele me envolve com os braços, me abraçando como se isso pusesse fornecer algum consolo. Limpo as lágrimas no meu rosto, que nem sei quando começaram a cair. As palavras de Landon estão pintando um quadro vívido demais. Eu me lembrei da noite em que Dakota se escondeu embaixo da mesa da cozinha. Meu estômago se revira. Coitada da menina.

"Só quando chegamos em casa foi que nós o encontramos. Ela não queria sair do quarto..." Landon pigarreia, e eu lanço meus braços ao redor de seu pescoço, grudando sua cabeça ao meu corpo. "Eu tive que arrastá-la para fora do quarto, Nora. Ela pirou, estava totalmente fora de si quando a gente saiu do quarto dele. Ela gritava sem

parar, e tentou voltar lá para dentro antes mesmo de a polícia chegar para levá-lo. Ele se enforcou naquela noite, todo ferido depois de ser espancado pelo pai."

Um estremecimento atravessa o corpo de Landon, e estou soluçando com o rosto colado aos seus cabelos. Não consigo nem imaginar o sofrimento e o trauma de ser exposto a uma situação como essa na idade em que os dois tinham. Não é à toa que são como são. Se Dakota não tivesse Landon, onde estaria hoje?

"Eu lamento muito. Me desculpa." Passo a mão em suas costas. Eu não deveria tê-lo pressionado para contar tudo. É uma coisa muito pior do que eu esperava quando comecei essa brincadeirinha idiota. "Eu não deveria ter arrancado isso de você desse jeito." Peço mil desculpas, com a boca colada à sua cabeça. As imagens do tratamento recebido por aquele garoto só por quem ele gostava de beijar me vem à mente, e são de partir o coração. Qualquer suicídio é uma coisa trágica, mas entre os adolescentes é ainda mais difícil de aceitar. Nessa idade, tudo ganha uma importância desmedida — cada crise provoca um colapso no mundo da pessoa, e se torna impossível ver uma luz no fim do túnel. Não existe consolo ao pensar no futuro perdido de uma criança inocente.

"Shh." Os braços dele envolvem minhas costas. "Shh. Está tudo bem."

Ele está me consolando? Levo as mãos ao seu queixo e ergo seu rosto para a altura do meu. "Eu poderia viver mil vezes e nunca ser digna de você."

A verdade pesa sobre mim quando ele me aninha junto ao peito. Estou me apaixonando sem que ele precisasse fazer nada para isso. Vou me apaixonar totalmente por ele, que não vai precisar nem retribuir esse amor.

29

LANDON

No trajeto de Uber de volta ao meu apartamento, Nora está quieta, e eu me sinto mais leve do que antes. Depois de uma despedida constrangida de Stausey e seu marido, por algum motivo me sinto melhor. Um alívio me dominava a cada palavra que Nora e eu trocamos naquele terraço.

Temos menos coisas com que lidar agora que derrubamos algumas barreiras entre nós. Os obstáculos ainda existem, mas os relacionamentos não são coisas simples. Quanto mais conheço Nora, mais percebo que aquilo que tive com Dakota não era o mais adequado para nossa idade. Nós acabamos presos a um padrão confortável de dependência, mas, não importa o que aconteça, vou sempre estar ao seu lado. Nora parece entender isso um pouco melhor agora.

Depois de reviver o pior dia da minha vida com Nora, me sinto mais próximo dela. Por que preciso despejar a carga do meu sofrimento sobre ela para conquistar mais proximidade? O sofrimento não deveria ser uma coisa mais fácil de suportar quando compartilhado. O sofrimento deveria ser uma coisa individual, não?

Porra, sei lá.

Apesar de pensar naquele dia com frequência, fazia tempo que não precisava reviver tudo. A morte de Carter teve uma influência brutal sobre a pessoa que me tornei. Foi um acontecimento que mudou tudo o que eu sabia sobre perda, amor e sofrimento. Eu não sabia nada sobre dor e sofrimento até derrubar o corpo esperneante de Dakota no chão frio de linóleo enquanto os paramédicos retiravam o cadáver imóvel de seu irmão do quarto.

Ela precisou de uma injeção de tranquilizante para se acalmar. Dakota dormiu na minha cama, aninhada junto ao meu peito, e eu conseguia sentir seu coração se partindo cada vez que ela acordava e se dava conta de que não era um pesadelo. Seu irmão estava morto. O paradeiro do pai deles era desconhecido, mas, com certeza, se alguém procurasse, iria encontrá-lo em algum bar.

Nora continua estremecendo nos meus braços, e agora não sei mais se contar a ela foi uma boa ideia. Acho que eu poderia ter dado uma versão com menos detalhes. Gostaria que as lembranças desse dia se desbotassem. Vivo esperando que isso aconteça, mas até agora não rolou.

Quanto mais nos afastamos de Manhattan, maior eu sinto a distância entre mim e Nora. O que aconteceu naquele terraço, com certeza, nos aproximou, mas, à medida que a escuridão toma conta, vamos ficando mais longe da cidade cheia de luzes.

Será que vamos conseguir continuar o que estamos fazendo? Ou a escuridão vai tornar mais fácil a tarefa de nos escondermos um do outro?

"Me desculpe por hoje à noite", Nora diz por fim quando chegamos ao meu prédio. Ela se desvencilha de mim e desce do carro com gestos lentos. A noite silenciosa do Brooklyn estourou nossa bolha de ruído de Manhattan.

"Não foi tão ruim." Dou de ombros, tentando fazê-la se sentir um pouco melhor.

Dá para ver pela expressão em seu rosto que não está dando certo. Ela não diz nada quando saímos para a

calçada.

"Quer subir comigo?"

Ela assente com a cabeça, e seguro sua mão.

Escuto uma respiração ofegante, e então a voz de Dakota corta a escuridão. "Você não atendeu às minhas ligações."

Nora solta minha mão. Dakota se levanta da mureta onde estava sentada. Está com uma folha na mão, que estava picotando, deixando os pedaços espalhados na calçada.

"O que você está fazendo aqui, Dakota?" Meu tom de voz é tranquilo.

Eu adoraria que nós três pudéssemos ter uma conversa civilizada aqui na calçada. Um grupo de garotos entra no mercadinho embaixo do meu prédio, e meu olhar os segue lá para dentro até o balcão. Ellen está trabalhando, ao que parece, sozinha. Fico de olho neles, sem perder de vista as duas mulheres aqui perto de mim. Nora está um pouquinho atrás de mim, evitando encarar Dakota, que por sua vez está imóvel, ainda cutucando a folha entre os dedos. Fico me perguntando se Nora vê Dakota sob outra perspectiva agora — se talvez a entenda um pouco melhor.

Meus olhos observam as duas, e sinto minhas lembranças se fundindo com a realidade. Pouco tempo atrás eu estava no passado, com uma Dakota aos prantos e em pedaços, e agora ela está na minha frente, com a mão na cintura, os cabelos armados e a postura abusada de sempre. Ela não parece mais estar em pedaços. Mas será que isso significa que não esteja mesmo?

Com certeza, não. Tess não parece estar em pedaços, mas mal consegue se reerguer para cicatrizar suas feridas.

"Tentei ligar pra você o dia todo." A voz de Dakota sai baixinha, mas mesmo assim dá para perceber sua irritação. "É a segunda vez que venho aqui. Já estava indo embora." Dakota dá uma encarada em Nora. "Você ficou de me responder sobre Michigan."

Michigan... como foi que eu pude me esquecer? "Como ele está?", pergunto, buscando uma justificativa na minha

mente.

"Na mesma. Como você ignorou minhas ligações..." Os olhos de Dakota se voltam para o chão. Suas palavras parecem magoá-la. "Vou encarar esse silêncio como um não. Você só poderia ter me falado."

E, então, chega a culpa. Eu mereço isso? Não consigo decidir.

Às vezes, as situações que parecem preto no branco não são tão claras assim para terem uma resposta certa, como se os tons de cinza não existissem. Este é um desses momentos para mim.

Sou um bom sujeito, certo? Um amigo fiel e um bom cidadão. Ajudo as mulheres a carregarem suas compras, e uma vez devolvi um envelope cheio de dinheiro — duzentos dólares, para ser mais exato — à polícia de Saginaw.

Nunca me considerei o tipo de pessoa que sente prazer em causar arrependimento para os outros. Nunca duvidei das minhas intenções, mas também nunca questionei que talvez não seja assim tão perfeito.

Pensar assim é estranho. Passei tanto tempo julgando as pessoas ao meu redor, os caras que traíam as namoradas e os amigos, encarando-os como se fossem a escória da espécie, mas por acaso sou melhor que isso?

Menti para Dakota sobre Nora na cara dura. Dormi com Nora e nem me passou pela minha cabeça contar para Dakota. Eu poderia pensar que isso não é da conta dela — mas por que não seria? Ela é uma pessoa importante na minha vida, e confia em mim, e mesmo assim eu estava disposto a não revelar nada sobre Nora? Para piorar as coisas, eu estava escondendo Nora como um segredinho sujo e fazendo com que ela se sentisse mal por não me revelar coisas sobre o ***seu*** passado?

Eu não sou o bonzinho, o amigo legal. Virei um jogador, um manipulador. Não que esteja fazendo crianças inocentes se matarem entre si.

Será que nessa história Nora seria Peeta ou Gale? Sou

inclusive mais manipulador que Katniss, que pelo menos está lutando para se salvar nos Jogos Vorazes. Eu estou simplesmente enrolando duas mulheres que gostam de mim, e pelo jeito não sei o que fazer a respeito. Então, é como se eu estivesse brincando com os sentimentos delas. Se isso acontece de forma intencional ou não, isso não muda em nada a realidade. Eu poderia ter respondido sim ou não para Dakota, em vez de ignorar suas ligações enquanto seu pai está morrendo!

Qual é o problema comigo? É isso que significa se envolver com alguém? Perder o contato com a realidade às custas de outras pessoas?

Isso não me parece justo.

Nem algo que valha a pena.

"Desculpa. Eu deveria ter atendido quando você ligou...", começo, sem conseguir evitar as olhadelas para Nora, e depois para Dakota. "Foi uma noite bem longa."

Só percebo o quanto minhas palavras foram insensíveis depois de pairarem alguns segundos no silêncio da noite.

"Enfim, desculpa interromper a sua *longa noite*." Dakota escancara os dentes. "Pego o avião amanhã cedo. Sua tia Reese vai me buscar no aeroporto e me deixar no hospital."

Ao ouvir a menção ao nome da minha tia Reese, sinto um aperto no peito. Estou com saudade dela. Era ela quem me proporcionava uma sensação de normalidade durante minha infância. Ela e meu tio são duas das minhas pessoas favoritas no mundo. Bom, eram. Quando ele era vivo.

"Desculpa, Dakota." Dou um passo em sua direção.

Uma voz me interrompe. "Vá com ela."

É a voz de Nora.

Eu me viro para encará-la. Devo ter entendido errado. Seus olhos estão tristes quando pousam sobre mim. "Vá com ela, Landon."

"Quê?", murmuro, pondo as mãos sobre seus braços, que agora estão cruzados sobre o peito.

Ela assente e repete baixo. "Vá com ela. É a coisa certa a

fazer."

Inclino a cabeça para o lado, claramente sem entender o que está acontecendo.

"É sério. Se comover com a situação dela não diminui o que a gente tem um com o outro. É a coisa certa a fazer."

"O Landon sabe responder por si mesmo." A voz de Dakota revela uma tensão que remonta até a nossa infância.

"Eu estou tentando ajudar *você*." Nora dá um passo à frente, e Dakota avança em sua direção. Não sei se vou conseguir manter algum clima de paz essa noite. Não estou com energia suficiente para separar uma briga.

"Parem com isso, vocês duas." Estendo os braços para os lados, posicionando-os entre uma e outra.

Dakota mantém a distância, mas não a boca fechada. "A Maggy também anda procurando você."

Dakota estreita os olhos para Nora, que dá de ombros. "E daí? Eu não moro mais lá... não tenho mais nada para conversar."

Dakota pelo jeito não gostou da resposta. Olho para dentro do mercadinho para checar como está Ellen. Não estou conseguindo vê-la atrás do balcão. Começo a andar na direção da loja, e Nora me agarra pela manga.

"Me larga", esbravejo. Solto um pedido de desculpas apressado, que ela não deve ter ouvido.

Quando abro a porta, os caras estão indo para o caixa. São bem barulhentos, e os dois menores estão arremessando um chocolate um para o outro. Só um dos garotos parece notar minha aproximação. Ele me olha, mas não parece dar bola para a minha presença.

Olho para o lado de fora, e vejo Dakota e Nora conversando. Nenhuma das duas parece estar brigando; é um bom começo.

"Quanto deu?", um dos garotos pergunta. Tem a voz bem grossa para um adolescente, e estão no mercadinho há tempo demais para o meu gosto. Ellen está ensacando um

pacote de Doritos, distraída, mas com movimentos eficientes. Ela pega uma nota de dez dólares que um dos garotos paga e faz o troco.

O moleque olha para a nota de cinco em sua mão. "Eu paguei com uma de vinte." Ele comprou um Mountain Dew e os salgadinhos.

"Você me deu uma de dez", Ellen diz, sem se alterar. Ela começa a olhar para os lados, como se tentasse entender o que está acontecendo. Percebo que está começando a se questionar.

Eu levanto a voz atrás dos garotos. "Você pagou com uma de dez. Agora pegue as suas coisas e se manda."

Com gestos lentos (ainda bem que não estamos em um videogame, porque eu já teria mandado os três para o chão a essa altura), eles se viram e me medem dos pés à cabeça. Dou uma boa encarada nos moleques e, enquanto avalio se vão ficar agressivos, ouço Dakota gritar atrás de mim: "***Fora daqui, caralho!*** Seja qual for a merda que vocês estão pensando em fazer aqui, isso vai foder a vida de vocês. Se quiserem continuar tendo uma vida, ***caiam fora***."

O grupo de garotos (o mais velho deve ter no máximo quinze anos) se retira às pressas, resmungando baixinho enquanto passa. Dakota nem olha para eles. Está com os olhos cravados em mim.

Não sei o que fazer. Faz tempo que nós aprendemos a nos comunicar sem palavras. Houve um tempo em que podíamos ter conversas inteiras sem dizer nada. Penso em como ela era antes. É difícil relacionar sua versão mais jovem a essa que está me encarando agora. É desconcertante reconhecer alguém de forma tão profunda e ao mesmo tempo se sentir desconectado com a pessoa. A expressão de Dakota é de perplexidade quando me forço a desviar os olhos dela. A lembrança de Carter está bem viva na minha mente hoje, e olhar para Dakota só me faz sofrer.

Vou até o balcão e me aproximo da atordoada Ellen, que está ajeitando os sacos plásticos embaixo da caixa

registradora. "Você precisa ter cuidado quando trabalhar sozinha até tarde. Tem alguma coisa aqui que possa usar para se defender?"

Olho para trás do balcão. Há caixas com papéis empilhadas aos seus pés, junto com uma caixa de ferramentas aberta. Bom, acho que se a coisa ficasse feia, ela poderia recorrer a um desses martelos...

"Está tudo bem — e eu sou a única que pode ficar trabalhando até tarde", ela diz, de um jeito meio brusco.

Gostaria que fosse verdade que ela pudesse trabalhar aqui à noite em segurança, mas a realidade não é essa. E não quero causar ainda mais embaraço perguntando ***por que*** só ela pode ficar aqui até tarde. Não duvido que seja mesmo, e não é um assunto em que eu possa ajudar de alguma forma.

"Só tome cuidado, tá?", digo. "E ligue pro seu pai quando um grupinho como esse aparecer."

Ellen revira os olhos, mas acredito em suas palavras quando ela me diz que vai fazer isso. Depois de sugerir que ela encerre o expediente por hoje, eu volto lá para fora.

Quando saio pela porta, dou de cara com Dakota. "Tudo bem com ela?"

Faço que sim com a cabeça, desviando o olhar de Dakota à procura de Nora.

"Landon, eu tentei avisar você sobre a Nora. Sei que não acredita em mim, mas ela está mentindo para você desde o início." O tom de voz de Dakota parece apressado, e consigo sentir a raiva que irradia do seu corpo. "Ela sabia que a gente namorava. Mentiu para mim e para você. Ela é..."

"Já chega", interrompo, sem um pingo de hesitação na voz.

Olho para Nora sozinha na calçada, com os lábios entreabertos e os ombros levantados. Está se esforçando para manter uma expressão neutra no rosto. Dá para ver que está especulando todo tipo de teorias entre mim e Dakota. Para piorar, Dakota segura minha mão. Nora faz

uma careta, mas se mantém impassível.

"Não acredito que você ainda estava com ela, e que vocês vieram juntos para sua casa, depois de eu passar o dia todo ligando. Teria me magoado muito menos se você tivesse me contado. Tive que tentar adivinhar e dar uma de ex-namorada obsessiva porque não consigo respostas de nenhum dos dois. Vocês criaram um enrosco tão complicado que agora não conseguem sair."

Pela primeira vez presto atenção no que Dakota está usando, e tento entender o que ela pretendia vindo aqui está noite. Ela está com uma blusa apertada com um decote em V bem cavado. A calça jeans preta tem uma grande diferença em relação às habituais roupas de ginástica, e a maquiagem em seu rosto brilha sob a luz do poste.

No que ela estava pensando quando veio até aqui? Estava querendo me seduzir para ir a Michigan? Ou para me afastar de Nora?

Ou as duas coisas?

"Dakota" — minha raiva transparece a cada sílaba de seu nome —, "eu disse que já chega. Você não pode vir aqui e começar a se comportar assim na frente do meu apartamento. Não estamos em Saginaw... em vez de fofocar com os vizinhos, o pessoal daqui chama a polícia."

"Landon" — ela aperta minha mão, mas eu afasto seu toque —, "pergunte para Nora sobre a família rica dela, e sobre o marido mais rico ainda. Ele..."

A voz de Dakota continua a falar, entrando por um ouvido e saindo pelo outro. Não consigo escutar uma palavra do que está me dizendo.

Marido?

"Quando a gente pediu pra Nora sair do apartamento, ela fingiu que não tinha para onde ir. Mas tinha sim — uma mansão perto da cidade. Eu mesma vi."

Scarsdale. As roupas trocadas. O fato de não ter me deixado segui-la.

Isso e aquilo, isso e aquilo, isso e aquilo... Dakota continua. Nora está me encarando, e suas sobrancelhas se franzem. Consigo sentir minha expressão mudar, o que se reflete em seus olhos confusos.

Ela é *casada*?

Era só o que me faltava.

30

Me sentindo um zumbi, eu passo por Dakota e paro em frente a Nora. "Marido?" Meu tom de voz é desesperado, ou no mínimo aflito.

Ela pisca algumas vezes, e ouço Dakota se aproximar por trás de mim. Nora suspira. "É uma longa história."

Uma longa história? Uma longa história é uma narrativa cheia de detalhes. Uma longa história não necessariamente precisa envolver casamentos secretos. Isso é pior do que ela ter agido como uma espiã. Muito pior. Nora tem um ***marido*** e está agindo como se eu tivesse descoberto que em vez almoçar ela comeu só um lanchinho. Não sei se ela não percebe o quanto a situação é séria — coisa de adulto ***mesmo*** —, ou simplesmente não me leva a sério. Estou me sentindo como se meus sentimentos tivessem sido ignorados desde o início, e isso me deixa exaurido. Não posso continuar nesse joguinho de gato e rato se ela não tem a menor intenção de seguir adiante comigo. Preciso de respostas agora.

"Uma história que você decidiu não me contar", retruco baixinho. "E não é qualquer história."

Nora assente com a cabeça, contida e tranquila, o oposto perfeito de como me sinto agora. Eu estou me sentindo como se tivesse sido trancado em um armário impossível de abrir por dentro. Vale mesmo a pena passar por tudo isso

por causa dela? Por que ela não me conta o que está acontecendo? Pensei que tivesse conquistado sua confiança.

Olho bem para ela e tento ver além das aparências. Observo com atenção, pensando no progresso que fizemos hoje à noite. A lembrança de seu riso ressoa na minha cabeça. Relembro a sensação de seus dedos massageando minha pele, o gosto de sua boca. Ela deixou uma marca significativa em mim. Não sei se vou voltar a ser o mesmo depois da sua entrada na minha vida.

Outra coisa que não posso esquecer é que ela faz com que eu me sinta bem comigo mesmo. Capaz. Normal. À vontade com o que eu sou.

Mas qual é o peso desse pontinho de verdade boiando em um mar de segredos e mentiras?

"Eu não vou passar a noite aqui de pé brigando com ela", Nora murmura para mim, ciente de que Dakota não pode ouvir.

Mas está na cara que os planos de Dakota são outros. "Ah, você *não* contou para ele?", ela questiona, em alto e bom som. "Bom, não precisa ficar se sentindo tão mal, porque a gente também só descobriu depois de receber uma conta no nome dele." Atordoado, não escuto o que mais ela diz, mas Dakota continua tagarelando, e sei que uma hora isso vai fazer alguém perder a paciência. É como o vento que chega antes da tempestade, dá para sentir que a tormenta vai vir em breve.

Nora é a primeira a explodir. "Isso não era da sua conta, Dakota. E ainda não é. Não falei nada sobre a minha vida porque isso não lhe diz respeito. Você não tem o direito de saber de nada do que faço fora daquele apartamento. Sua única preocupação deveria ser se o aluguel está ou não sendo pago."

Dakota estala a língua e abre a boca para retrucar. "Você..."

"Vocês duas... parem com isso! Não vamos ficar aqui de

picuinha a noite inteira." Olho para as duas, cujas expressões no momento são idênticas. "Vamos *parar* com isso." Ambas estão surpresas demais por terem sido repreendidas.

Dakota é a primeira a se manifestar. "Não estamos fazendo picuinha nenhuma. Estou só falando para essa mentirosa..."

"Pare com isso!", eu levanto o tom de voz.

Dakota arregala os olhos. Nora está em silêncio, me observando com olhos tranquilos. Preciso conversar com ela a sós. Com Dakota aqui, nada vai ser resolvido. "Dakota. Vá para casa. Eu busco você lá amanhã de manhã. Me mande o número do seu voo e eu vejo se consigo uma passagem. Mas você precisa ir embora daqui agora." Dou uma encarada nela para mostrar que estou falando sério.

"Você está preferindo a companhia dela em vez da minha?", Dakota questiona, e sinto meu estômago doer.

Sei o que ela está pensando: depois de tanto tempo, de tantas lembranças juntos, estou colocando uma desconhecida como prioridade em relação a ela. Deve ser estranho para Dakota. Será que ela está sentindo seu mundinho ser sacudido, assim como eu? Nunca fiz nada no passado que possa ser considerado nem remotamente uma tentativa de colocar outra pessoa na frente dela. Sempre estive ao seu lado desde criança, desde quando ela raptou o cachorro do velho sr. Rupert e tentou entregá-lo no abrigo municipal para protegê-lo dos maus-tratos. Uma atitude meio desorientada, mas ela achava que o cachorro estava em perigo. Nessa época, eu conseguia ver só o melhor daquela mulher de personalidade forte que se esboçava desde então, uma coisa difícil de enxergar agora. A Dakota que conheço está escondida sob essa desconhecida ciumenta e imatura que tenho diante de mim agora.

Eu me recuso a alimentar esse monstrinho que a está corroendo por dentro.

"A questão aqui não é uma competição. Se você não for

embora, não tenho como acompanhar você na viagem amanhã."

Dakota fica me encarando, esperando que eu diga mais alguma coisa. Fico em silêncio. Não tenho mais nada a falar.

Eu me viro para Nora, que observa quando Dakota vai embora atrás de mim. Consigo vê-la pelo canto do olho e, se disser mais uma palavra, posso perder a cabeça. Estou furioso, irritadíssimo com essas duas mulheres imprevisíveis e comigo mesmo, por não ter mais controle sobre os rumos da minha própria vida.

Nora volta os olhos para os meus com um gesto lento. "Eu..."

Levanto a mão para mostrar que é a minha vez de falar. É curioso que ela escolha justamente esse momento para querer falar comigo.

Mantenho o tom de voz sob controle e espero um homem passar com seu cachorro. O animal para e faz xixi num saco de lixo na calçada. Ouvir tudo isso é uma forma interessantíssima de passar todos esses segundos de tensão.

"Antes que você me diga alguma coisa, fique sabendo que eu não quero mais saber de joguinhos. Não estou mais interessado em fazer perguntinhas aleatórias e pular respostas. Se quiser fazer parte da minha vida, você vai ter que se abrir sobre a sua. Pense bem nisso antes de responder. Estou falando sério, Nora."

Não sei até que ponto estou disposto a isso, mas sei que nada pode ser pior do que estar apegado a uma mulher sobre a qual não tenho o mínimo nível de certeza a respeito de quase nada. Gostaria de conseguir pensar que, pelo que a conheço, posso ter certeza de que existe uma explicação perfeitamente aceitável para todos os seus segredos. Mas, olhando para ela neste momento, simplesmente não sei de nada. Gostaria de conhecê-la de verdade, e sinto falta do momento que compartilhamos naquele terraço em Manhattan. Pelo menos isso eu tinha com Dakota: sempre

conheci seus segredos. E fiz parte deles.

Os olhos de Nora estão marejados quando volto a encará-la. "Eu posso subir?" Ela estende a mão para mim.

Eu não a pego, mas a conduzo para dentro do prédio mesmo assim.

31

NORA

O elevador sempre foi barulhento assim? A mudança na pressão do ar e os ruídos mecânicos na cabine estão me deixando tonta. Ou talvez seja a conversa inevitável que preciso ter com Landon que esteja revirando minhas entranhas. Quando descemos, até as luzes do corredor parecem mais fortes que o normal. E estamos andando mais devagar do que nunca. Uma parte de mim sente vontade de dizer a Landon que preciso ir e fugir para nunca mais voltar.

Posso apagar sua presença na minha vida com a mesma rapidez que a incluí.

Ele enfia a chave na fechadura e mantém a porta aberta para mim. Passo por baixo de seu braço, e ele acende o abajur. Iluminado assim, de baixo para cima, ele parece mais durão, cheio de ângulos retos, e a suavidade de seus lábios se perde na sombra.

Assim fica mais fácil abandoná-lo. Quando uma luz mais forte brilha sobre ele, consigo ver sua luminosidade interior, e fica claro que a coisa não seria tão simples.

A noite de hoje mudou a maneira como vejo Landon. Antes de Dakota aparecer, eu estava conhecendo um novo lado dele. Senti seu sofrimento, sua culpa e passei a encará-

lo como um protetor, um homem fazendo seu melhor em uma situação horrível.

"Quer beber alguma coisa?"

Vou com ele até a cozinha, mas pensando: ***Não, a não ser que você tenha uma garrafa de vodca que eu possa virar.***

Landon não acende a luz, e fico à espera de algum sinal da presença de Tessa. O apartamento está em silêncio. Ela deve estar dormindo, ou então saiu. É tarde. Nem sei que horas são.

"Uma água. Por favor."

Ele pega uma água, um Gatorade para si e fecha a geladeira.

Será que está bravo?

Que pergunta idiota, claro que está.

Eu o sigo até seu quarto, e ele avisa que vai tomar um banho rápido. Não sei se adiar a conversa vai facilitar ou só piorar as coisas. Assinto com a cabeça, e ele acende a luz, pega suas roupas na cômoda e me deixa sozinha no quarto. Deito na cama e fico olhando para o teto.

Então, Landon vai para Michigan com Dakota. Somente os dois, suas lembranças e sua cidade natal. Dou uma risadinha patética de mim mesma e limpo as lágrimas dos olhos. O pai dela está morrendo. Estou sendo absurdamente egoísta por pensar só em mim mesma em um momento como esse. A verdade lamentável do que aconteceu com o irmão de Dakota é só mais uma camada da história profunda que os dois compartilharam. Eu não deveria nem ter tentado me meter no meio dos dois, para começo de conversa. Me deixei levar, e agora todo mundo ao meu redor está pagando o preço disso.

Landon merece uma vida sossegada. Merece um amor tranquilo e pacífico. Ele é firme, o tipo de cara que consegue manter as coisas no rumo certo. Com ele, eu não teria nada com que me preocupar. Mas ele sairia perdendo nesse acerto. Em troca do conforto que me proporcionaria, seria atirado na teia caótica que é a minha vida. Ele tem uma

família bacana, que não é guiada pela ganância, nem pelo desejo de conseguir fama.

As lágrimas queimam meus olhos, e faço força para sentar e me controlar. Chorar nesta cama em um acesso de autopiedade não vai me levar a lugar nenhum. Esta é a última noite em que posso tê-lo para mim, em que posso sentir suas mãos no meu corpo, se tiver a sorte de conseguir pelo menos isso.

Desço da cama e vou para o banheiro. A porta está destrancada, e o vapor escapa para o corredor. Fecho a porta às pressas e passo o trinco. Tiro a roupa, jogo no chão e respiro fundo antes de entrar no chuveiro. O corpo de Landon está debaixo d'água, que escorre por sua pele nua. Seus olhos estão fechados e sua cabeça está erguida para deixar o rosto bem embaixo do jato da ducha. Ele não faz nada que me permita saber que está ciente da minha presença, mas não esboça reação quando o envolvo nos meus braços.

Encosto o rosto em suas costas molhadas e o abraço. Ficamos assim por alguns minutos, horas, quem sabe, e então ele, enfim, se vira para mim. Suas mãos se posicionam nas minhas costas, e me aninho em seu peito. Seu coração bate por mim, e o meu sofre por ele.

Quando ponho os dedos sob seu queixo e tento beijá-lo, ele vira a cabeça. É melhor eu me acostumar com essa sensação. Depois que eu contar tudo e ele passar esse tempo a sós com Dakota, vamos nos afastar de vez. Eu sabia que esse dia iria chegar desde a primeira vez em que o beijei, mas não esperava sofrer tanto com isso. Era para ser uma coisa divertida, eu seria a mulher mais velha com quem ele treparia por algumas semanas, e aí cada um seguiria seu caminho. Mas agora já não tenho essa perspectiva, e não sei como viemos parar neste ponto. Quando foi que passamos da amizade para isso?

O que é isso?

Preciso começar a me desculpar. "Me desculpe por..."

Não sei nem por onde começar.

"Espere. Vamos conversar depois que..." Ele olha para mim. "Vamos vestir as roupas primeiro."

Eu concordo com ele, não por vontade própria, mas por ser a vontade dele. Neste momento, a vontade dele é o que conta para mim.

Quando saímos do chuveiro, ele pega uma toalha e se vira para mim. Landon se abaixa e esfrega a toalha nos meus pés e minhas panturrilhas, secando minha pele. Está ensopado e pingando, e ainda assim ajoelhado aos meus pés, preocupado em me enxugar.

Minha garganta queima de palavras para lhe dizer, mas não consigo encontrar nenhuma. Eu o puxo pelos braços e o faço se levantar. Com a mesma toalha usada em mim, eu seco seu corpo. Ele não me impede. Só fecha os olhos, e aproveito para enxugar sem pressa as gotas d'água espalhadas por seu corpo. Peço para que ele se sente no vaso para eu alcançar seus cabelos, e ele obedece. Seus olhos e sua boca estão fechados, e eu gostaria de poder voltar para o primeiro dia em que o conheci. Se eu estivesse em um dos livros de fantasia de que ele tanto gosta, poderia evocar um feitiço e viajar no tempo. Depois, prepararia algum soro da verdade para injetar em mim e me forçar a abrir o jogo desde o início.

Estendo a mão em direção à pilha de roupas dele na tampa do vaso e pego sua cueca preta nas mãos. Me abaixo, dou um toque em sua coxa, e ele me deixa vesti-lo. Landon cerra o punho, depois flexiona os dedos, e fica repetindo o gesto até eu terminar. Sua camiseta verde está amarrotada, e seus cabelos estão molhados e desarrumados. É doloroso para mim vê-lo assim.

Enxugo o resto do meu corpo e pego minha calça preta do chão. Ele a puxa da minha mão. "Vou arrumar alguma coisa pra você vestir." Landon recolhe as minhas roupas do chão.

Enrolo a toalha no corpo e volto para o seu quarto.

Quando a porta se fecha atrás de nós, largo a toalha. Os olhos de Landon percorrem meu corpo nu, e estremeço sob seu olhar. Ele abre a gaveta da cômoda e me entrega uma cueca cinza-claro e uma camiseta sem manga.

Ele não me olha enquanto me visto, e me sinto vazia por dentro. Sei que é uma coisa superficial, querer que ele me deseje, mas essa ação deliberada de virar a cabeça para o outro lado só alimenta a minha insegurança.

Quando estou vestida e me sentindo ainda mais vulnerável do que antes, sento na beirada da cama. Ele dá um gole no Gatorade e se junta a mim para entregar minha água.

Não tenho motivos para adiar mais o início da conversa.

"Eu me casei quando tinha dezenove anos." Landon respira fundo e mantém os olhos voltados para a parede. "E por vários motivos. Para me rebelar contra os meus pais, para irritar os pais dele, para poder fazer faculdade de graça. Eu não queria entrar na universidade com um tostão do dinheiro dos meus pais. Casar com Amir era uma forma de garantir isso. Depois de casada, minha renda não iria estar mais vinculada ao patrimônio da minha família."

Landon parece pensativo e, como sempre, vai direto ao ponto. "E onde está o seu marido agora?"

Como se as coisas pudessem ser tão simples. "Meu marido está em algum lugar entre Nova York e Scarsdale."

Pelo menos em espírito.

Landon franze a testa, e ele se vira para mim.

"No começo, éramos duas crianças que assinaram um papel e de repente se viram em um casamento. Nós dois nos sentíamos sufocados pelos nossos pais. Éramos jovens e apaixonados, o tipo de relação em que tudo parece ótimo até o primeiro problema aparecer."

Eu faço uma pausa. *Será que é assim que você me ama?*, sinto vontade de perguntar para Landon.

"Então, quando os problemas de verdade apareceram, como as bebedeiras dele e o abandono da faculdade" — eu

deveria ter colocado essa história no papel, seria muito mais fácil contar essa história complexa por escrito —, "os pais deles puseram a culpa em mim e ameaçaram parar de dar dinheiro para ele. Mas eu não tinha como controlar o comportamento dele, mal conseguia reconhecê-lo naqueles dias. Mas tentei, e obviamente ele se irritou comigo. Só que me contou também que sua família queria que ele abrisse mão de umas terras que foram compradas em seu nome. Não me disse o porquê, mas mexi meus pauzinhos e descobri que os pais dele iam ganhar uma fortuna vendendo essas terras. Claro que eles gostam do filho, mas vinham planejando sua vida durante anos antes do acidente e, quando viram seus planos arruinados, passaram para o plano B: tirar o dinheiro do meu controle e vender as terras. Com a grana, eles poderiam construir outro hospital e colocar o nome da família nele. Por isso, queriam que ele abrisse mão das terras, como o irmão dele fez, mas Amir se recusou. Eu me lembro do dia em que precisei arrastá-lo para fora do escritório do pai. Estava transtornado, gritando que seu pai era uma fraude, um mentiroso. Não disse nada durante todo o caminho para casa, e foi nesse dia que descobri que eu tinha me casado com um amigo, não com o amor da minha vida. Em teoria, tudo era perfeito. Nossos pais eram sócios, nossos irmãos estavam noivos, e nós dois éramos pessoas viajadas de famílias ricas. O problema era que ele detestava as pequenas coisas que eu mais amava, como a confeitaria. Tudo bem se ele não se interessasse pelo processo, mas podia pelo menos comer o que eu fazia. Mas nem isso; na maioria das vezes, ele nem experimentava. Sua verdadeira paixão era o mercado imobiliário, uma coisa que não me despertava o menor interesse. Nossas famílias eram unidas pelo dinheiro e pelo ego, e nós dois entramos no jogo sem saber o que estava em disputa. Não seria perfeito se a gente se rebelasse e se casasse em grande estilo? Nossas famílias materialistas ficariam putas da vida, e só por isso já valeria a pena. Nós

conspiramos juntos, mas nunca tivemos intimidade de verdade, nem física, nem emocional."

Depois de tudo isso, comigo sem fôlego após ter contado tantas coisas para ele — mais do que para qualquer pessoa na minha vida —, só o que Landon diz é: "E o que isso tem a ver com a sua vida hoje? Vocês não estão separados?"

Landon é bem novinho. Jovem demais para entender sobre casamentos, separações, documentos legais e escrituras de posse. Só o que consegue entender são seus sentimentos. Não sabe o que é uma disputa de poder dentro de uma família rica. Nesse sentido, ele é puro, e eu estou poluindo sua percepção da vida.

"É que..." Respiro fundo, enchendo os pulmões. "Agora que ele não pode assinar nada sozinho, eles querem que eu simplesmente abra mão das terras. Mas não vou fazer isso. Amir não deve coisa nenhuma à família dele, e eu muito menos. Por eles, os aparelhos já teriam sido desligados. Ele já estaria morto se não fosse por mim."

Landon tem um sobressalto e se vira para mim. Ele está se esforçando para amarrar as pontas soltas.

Por que eu não contei tudo logo de uma vez? Agora que fiz isso, não parece tão ruim. Seria bom se tudo fosse mais simples. Meus problemas provavelmente soam como um sofrimento de menina rica, mas nem por isso deixam de ser relevantes na minha vida.

"Nós nunca tivemos um casamento feliz. Éramos amigos de infância que tomaram uma decisão adulta sem ter o preparo para isso. Era mais fácil manter o casamento, mas a gente já estava saindo com outras pessoas. Bom, pelo menos ele estava."

"Tem uma parte que ainda não entendi." Landon começa a esfregar a nuca. "Faz quanto tempo que ele está..."

"Internado? Ele está num regime de *home care* agora. Tem uma enfermeira particular na casa dele."

"A *sua* casa."

"Tecnicamente, sim."

"E como pode uma coisa dessas? Em teoria, você é casada e tem uma parte da sua vida que manteve escondida de mim até aparecer alguém para forçar a verdade a vir à tona. Por que você não me contou nada disso? Eu iria aprender como lidar com essas coisas, com a sua ajuda. Mas agora tudo entre nós parece falso e desonesto e, na verdade, não sei mais o que pensar."

Engulo em seco. "Pois é. Me desculpa por ter envolvido você nessa confusão."

Landon se vira para mim com um movimento rápido. Seu olhar é bem duro. "Não. Você não me envolveu em nada. Me manteve por fora até não poder mais fazer isso. Só Deus sabe por quanto tempo você continuaria a omitir as coisas."

Eu encolho os ombros. Não tenho como responder isso.

"Você achava mesmo que não podia confiar em mim a esse ponto? Eu simplesmente não entendo."

"Não é uma questão de confiança, é que é um puta assunto pesado. Você ainda está na *faculdade*, Landon." Olho para as mãos trêmulas em seu colo e de novo para os seus olhos. "Tem provas para estudar, e uma vida inteira pela frente. Ainda é bem jovem, não teria por que se preocupar com um rolo como esse."

Ele fica de pé e balança os braços, batendo com força na cabeceira da cama. "Não vem você me dizer com o que eu tenho que me preocupar!"

Eu fico de pé também. "Não era nem pra você ter se envolvido na minha vida a este ponto!", grito em resposta.

"Tudo bem, Nora, pode virar tudo ao contrário e botar a culpa em mim. Mas decide: ou você me quer, e nesse caso a gente lida com isso juntos, ou não me quer."

Pisco algumas vezes os olhos. "Quê?"

"Que o quê?", ele rebate, com as mãos ainda erguidas.

Antes que eu possa fazer alguma coisa a respeito, sinto uma lágrima escorrer pelo meu rosto. "Não acredito que depois de tudo isso você ainda está tentando me aceitar... e disposto a me dar outra chance." Poderia viver mil vezes, e

mesmo assim nunca o merecer.

Ele sacode a cabeça e para de andar de um lado para o outro pelo quarto. "E então, o que vai ser? Você decide."

"E a Dakota?"

Seus olhos cospem fogo na minha direção. "O que é que tem a Dakota?"

"Você vai pra Michigan com ela. E vão ficar a sós..."

"Está falando sério? É com *isso* que você está preocupada?" Ele senta na cama e esconde o rosto com as mãos.

Eu esperava que isso tomasse um rumo bem diferente. Pensei que ele fosse se trancar para pensar melhor e concluir que a situação era complicada demais para seguirmos adiante. Até ficaria triste com a minha saída de cena, mas isso logo passaria. Sinto minha cabeça doer.

Então, existe uma *chance* de competir com Dakota? Existe uma *chance* de ele me escolher?

A história do irmão morto ainda me assombra, e paira sobre ele também. Dakota foi voando para dentro do mercadinho atrás de Landon, enquanto eu fiquei parada na calçada. Vi que ela pegou na mão dele, que não recusou o toque. Quando ela finalmente foi embora, estava chorando. A verdade é que o meu primeiro amor não existe mais há muito tempo, mas o deles talvez, sim.

"Me abrace", peço a ele. Eu me aproximo, paro diante dele e imploro por um toque. Preciso de uma última noite com ele. Suas mãos se aproximam do meu rosto, e fecho os olhos quando ele acaricia meu rosto com os polegares.

"Desculpa", digo quando seus dedos deslizam pelos meus lábios. Não explico por que estou me desculpando, mas logo ele vai entender. E vai me agradecer por ter saído de cena neste momento. Antes tarde do que nunca.

Eu sei como pôr um fim em tudo isso, como dominá-lo e distraí-lo enquanto abandono tudo o que existe entre nós.

Minhas mãos se dirigem para sua barriga, para seus músculos firmes, e arranco sua camiseta para senti-lo mais

perto de mim. Sua boca é suave quando encontra a minha. Eu poderia beijá-lo, e beijá-lo, e beijá-lo sem jamais ficar satisfeita. Eu o empurro para a cama. Pressiono seus ombros para montar em seu corpo. Eu o acolho por inteiro, fazendo movimentos circulares com os quadris. Meus cabelos escorrem sobre as minhas costas, molhados e frios, e as mãos de Landon acariciam meus seios. Faço tudo sem pressa, passando as unhas de leve em sua barriga dura enquanto me movo em cima dele. Ele suspira, arfa, diz meu nome. Digo que com ele quero sempre mais, e Landon concorda, puxando meu corpo para junto de si depois de gozar. Sinto-o estremecer de prazer e tento não chorar.

O que aconteceu comigo? Quem é esta mulher fraca, chorando em cima de um menino que ela é complicada demais para poder amar?

Encosto a cabeça em seu peito e fecho os olhos antes de as lágrimas começarem a cair. Respiro fundo e solto o ar com força, torcendo para que ele não perceba meu turbilhão de sentimentos.

Quando ele dorme, recolho as minhas roupas e o abandono ao silêncio do Brooklyn.

Quando chego ao portão da casa, meus olhos estão inchados e ardendo. Meu peito está apertado, e meu corpo sem forças. O caminho até aqui é longo, e estava tarde demais para chamar o motorista. Durante toda a viagem de trem, fiquei olhando para o assento diante do meu, me lembrando da noite em que Landon me seguiu. Quanto mais afasto as lembranças, com mais força elas voltam.

Digito o código para abrir o portão pesado de metal, e o táxi vai embora. O portão se abre com um rangido, e ando lentamente pela enorme entrada para carros. Árvores bem podadas e arbustos de flores ladeiam o caminho, como se houvesse vida nesta propriedade. Olho para a casa às escuras no alto da elevação. Não existe vida aqui.

A casa está em silêncio, a não ser pela água corrente do aquário e dos bipes do maquinário que ouço quando me aproximo da suíte principal. O carro da enfermeira está parado lá fora, então, sei que ela está aqui em algum lugar. Meus passos ecoam pelas paredes, e me pergunto se conseguiria amar esta casa enorme se as circunstâncias fossem outras.

Eu teria aprendido a amar meu marido e criado uma família aqui? Olho para os lustres suspensos sobre mim e para as obras de arte caríssimas penduradas nas paredes. Pinturas originais e lustres de cristal para um homem que nunca vai poder vê-los.

O quarto está destrancado, claro, e eu entro.

Amir está sentado na cadeira.

Seus olhos estão fechados.

O rosto está bem barbeado, e a camisa de algodão está abotoada até o alto.

Ele era um homem muito bonito.

Ainda é um homem muito bonito.

Quando amanhecer, vou dar uma bronca em Jennifer, a enfermeira, por deixá-lo na cadeira de rodas a noite toda, mas, por ora, deixo minha bolsa de lado e me sento aos seus pés. Levanto seu braço pesado e deito a cabeça em seu colo. Seu respirador sibila, afasto a mangueira dos meus pés e coloco seu braço sobre minha cabeça.

Não estou chorando e, pela primeira vez em muito tempo, consigo me imaginar vivendo aqui, neste quarto, com meu marido silencioso, pelo resto da minha vida.

32

LANDON

O voo parece demorar bem mais que três horas. Eu tive sorte de conseguir uma passagem com tão pouca antecedência, mas nada me faria dizer que está tudo dando certo para mim nesta manhã. Acordei antes de amanhecer com uma mensagem de Dakota, numa cama vazia. Nora foi embora no meio da madrugada, deixando minha cabeça girando a mil outra vez.

Sinto ter muito mais que meus vinte anos, e Dakota tem um ar muito mais pesado que o da bailarina que eu costumava amar. Seus olhos estão carregados quando aterrissamos, ainda inchados por causa das lágrimas de ontem à noite.

Não fico olhando para ela por tempo suficiente para me sentir culpado. Essas lágrimas não foram por mim. Foram por ela mesma.

Enquanto Nora estava na minha cama, Dakota estava às lágrimas na dela.

Quando chegamos à esteira de bagagens, Dakota fica com os olhos fixos na esteira. Peço que vá se sentar, e ela assente. Aponto para uma fileira de cadeiras ali perto, onde ela se acomoda.

Ao meu lado está uma mulher com um bebê, e fico

pensando em Nora com a filhinha da irmã no colo. Quando vejo outra mulher com cabelos compridos e escuros, volto a pensar em Nora; até um comercial de *Game of Thrones* na TV durante o voo me fez pensar nela. Tudo me lembra Nora, e uma pequena parte de mim ainda alimenta a esperança de que ela também pense em mim da mesma forma.

A bagagem não demora a aparecer, e eu pego nossas malas e vou até Dakota, que parece prestes a cair no sono a qualquer momento.

"Tudo certo aí?"

Ela me encara com olhos castanhos vazios e balança a cabeça. "Eu vou ficar bem."

Em uma tentativa de romper com meu hábito de sempre querer saber mais, simplesmente assinto com a cabeça em vez de falar que ela não parece nem um pouco bem.

O Kia que aluguei é bacana, mas está com cheiro de cigarro apesar dos avisos de PROIBIDO FUMAR espalhados por todo o interior do carro. Dakota fica em silêncio durante a maior parte da viagem, e estou tão concentrado em seu estado emocional que demoro um tempo para começar a reconhecer minha antiga cidade, até que a paisagem surge do outro lado do para-brisa. Dirijo em silêncio, segurando com firmeza o volante enquanto passamos pelo local onde ficava a Blockbuster onde minha mãe me levava às sextas à noite. Todas as sextas nós pedíamos comida na Pizza Hut e alugávamos um filme. Agora o local parece abandonado, como o velho videocassete da minha mãe na casa dela em Washington. Arrisco uma olhada para Dakota, me perguntando se ela se lembra da vez em que roubou um doce de garrafinha no balcão do caixa da Blockbuster. Saímos correndo pela rua enquanto Carl, o gerente loiro e baixinho da loja, vinha atrás de nós. O que se dizia na cidade era que Carl tinha acabado de sair da cadeia, o que talvez fosse verdade, mas nós nunca fomos pegos por ele. A partir daquele momento, comecei a falar para minha mãe que preferia ver TV em vez de alugar filmes, e para minha

sorte ela acreditou.

Quanto mais passeio por Saginaw, menos as raízes que tenho na cidade vêm à tona. Estou me sentindo um forasteiro aqui, um invasor. Aos vinte anos de idade, já viajei muito mais pelo país do que a maior parte do povo daqui.

Quando paro em um sinal fechado no cruzamento da Woodman com a Airway, eu me viro para Dakota. "Demoliram o McDonald's daqui." Havia um McDonald's em estilo clássico bem nessa esquina, que agora não passa de um terreno vazio.

Dakota não me olha, mas se vira para a janela. "Fizeram um novo." Ela aponta para uma construção estilo caixote com arcadas douradas mais adiante, mas logo em seguida baixa a mão para o colo.

Aponto a cabeça para o quadrado cimentado onde ficava um bar famoso na cidade. "O que aconteceu com o Dizzy's?" As lembranças de levar o pai de Dakota arrastado de lá me invadem, mas continuo impassível, sem um sorriso nem uma careta no rosto.

Dakota dá de ombros. "Ouvi dizer que pegou fogo. O que não é uma surpresa."

Uma memória distante surge no meu cérebro e toma conta da minha consciência.

Dale, o pai de Dakota, encostado na parede do bar lotado. Em uma das mãos, segurava uma cerveja, e com o outro braço abraçava a cintura de uma loira baixinha. O corpo da mulher era atarracado, compacto. Seus cabelos eram cacheados em torno do rosto, e seus melhores dias claramente já haviam ficado para trás nos anos oitenta, mas ela insistia em manter o estilo.

Dakota abria caminho entre os presentes, e eu ia atrás. Ela encontrou o pai, inebriado pelo álcool e pela tal mulher. Sem que ele notasse sua presença, Dakota arrancou a cerveja da mão dele e jogou na lata de lixo ali perto.

"Que porra é essa?" Quando ele ergueu os olhos, deu de cara com a filha.

Ela corrigiu a postura, respirou fundo e se preparou para a batalha. “Vamos”, disse Dakota, cerrando os dentes.

Ele a encarou e teve a cara de pau de dar risada, de rir da cara da única filha.

A mulher de cabelos armados olhou para Dakota e depois para seu patético pai e, por fim, para mim. Dei uma encarada nela como quem diz que é melhor cair fora, mas ela não se moveu. Em vez disso, deu um gole em sua bebida e endireitou os ombros.

Dakota puxou Dale pela camisa. “Vamos.”

Ele fechou a cara e olhou para as mãos vazias. “Que diabo você está fazendo aqui?”, questionou, com a fala arrastada.

Meu estômago se revirou. A candidata a sósia de Farrah Fawcett deu um passo à frente e passou sua mão suada pelo pescoço de Dale. Os olhos castanhos de Dakota ficaram vermelhos de raiva sob a luz fraca do bar. Ela detestava ver seu pai com outra mulher, apesar de saber que sua mãe não voltaria mais de Chicago.

Dakota cravou os olhos na mulher, e eu a puxei pela blusa, trazendo-a para o meu lado. “Vamos lá, Dale, já está tarde. Você tem que trabalhar amanhã de manhã”, falei.

“O que os dois pirralhos estão fazendo num bar, aliás? Vão para casa e me deixem em paz.” Dale falou alguma coisa no ouvido da mulher, e Dakota avançou. Durante todo o dia, ela se comportou de forma bem tranquila para uma menina de quinze anos que tinha enterrado o irmão naquela manhã. Mas, naquele momento, ela estava frenética e selvagem, e passou por mim em um piscar de olhos para empurrá-lo pelos ombros e cravar os punhos pequenos no peito do pai.

Eu a puxei pela cintura, trazendo-a para junto de mim. “Se ele não quer ir embora, problema dele. Vamos.”

Ela sacudiu a cabeça furiosamente, mas acatou o que eu disse. “Odeio você!”, Dakota gritou enquanto eu a tirava de lá...

"Ainda bem que essa porra de lugar virou um monte de cinzas. Foi mais do que merecido." A voz de Dakota me transporta para o presente.

"Também acho."

Continuamos atravessando nossa cidade natal. Parece que faz décadas que fui embora daqui, e uma pontada de desconforto no estômago faz com que eu me sinta culpado ao virar à esquerda na Colonel Glen Highway. Quando chegamos ao hotel, encontramos uma mulher no estacionamento, quase sem roupa, cheia de marcas no rosto. Está cambaleando.

"Bem-vindos à Saginaw, terra das prostitutas viciadas em heroína." Dakota pretendia dizer isso num tom neutro, mas dá para sentir o tremor em sua voz nas últimas palavras.

Desligo o motor e fico olhando para o estacionamento quase vazio. "Duvido que seja heroína." Mas, na verdade, não sei do que estou falando.

Quando fazemos o check-in, peço para a mulher da recepção um quarto com duas camas. Dakota tenta esconder, mas percebo sua careta quando fiz o pedido. Ela sabe que estamos aqui como amigos de longa data e para a vida inteira — nada mais, nada menos.

Sharon, a funcionária do hotel, me entrega duas chaves, e depois de uma rápida caminhada encontramos nosso pequeno quarto, que tem cheiro de naftalina e parece todo amarelado à luz do abajur da escrivaninha. A cidade não tem muitas opções de hospedagem e, como viemos de última hora, tive que me virar do jeito que dava. Não contei com todas as letras para minha mãe que viria, então não pude usar seus pontos de fidelidade no único hotel realmente bom por aqui.

Enquanto eu procuro na parede por um interruptor para acender as demais luzes, Dakota põe a mala na cama mais próxima da janela e me diz que precisa de um banho. Para mim, também cairia bem. Pego o celular e leio as mensagens de Tessa: Se precisar de alguma coisa, estou

aqui, e Muito cuidado, em todas as acepções da palavra.

Respondo que vou, sim, tomar cuidado, e lembro mais uma vez para ela não mencionar minha pequena escapada para minha mãe e Ken. Não que eu não tenha idade para viajar quando quiser, mas é uma preocupação a menos para eles, que certamente ficariam apreensivos.

Quando Dakota sai do chuveiro, já passa um pouco das dez horas. Seus olhos estão vermelhos, e seu rosto está inchado. A ideia de que estivesse chorando no chuveiro me deixa sem conseguir respirar. O instinto, essa coisinha maligna, me põe louco de vontade de abraçá-la até toda essa vermelhidão em seus olhos desaparecer.

Em vez disso, eu digo: "Vou pedir alguma coisa pra comer", e pego o folheto em cima da escrivaninha em busca do cardápio do serviço de quarto. Não encontro nada disso. "Não tem serviço de quarto", murmuro.

Dakota me diz que não está com fome. Vejo seu corpo magro enrolado numa toalha branca e seus cabelos ensopados, pingando água nos ombros e no peito.

"Você vai comer, sim. Vou pedir alguma coisa no Cousin Peppy's", digo a ela, que quase sorri. "Lembra quando a gente pedia comida lá e pedia para o entregador levar tudo para a janela do meu quarto pra não acordar a minha mãe?" Pego o celular na cama e procuro o número.

Dakota fica em silêncio, remexendo na mala. Peço uma pizza, palitinhos de pão e um refrigerante de dois litros para dividirmos. Como nos velhos tempos, penso. Então, olho para Dakota, que está indo para o banheiro para não se trocar na minha frente, e percebo que isto não tem nada a ver com os velhos tempos.

Ela sai do banheiro, usando uma camiseta grande que chega até a metade das coxas. Sua pele morena brilha, e consigo sentir o cheiro de seu creme de manteiga de coco de longe. Quando aviso que vou tomar um banho, ela assente e deita na cama. Está tão distante, parece quase um zumbi, só que pior. Seria melhor ela tentar devorar a

minha carne do que ficar deitada desse jeito, toda encolhida de lado, olhando para a janela.

Com um suspiro, pego uma cueca limpa e vou para o banheiro. A água é quente, mas o chuveiro não tem nenhuma pressão. Eu precisava de uma ducha bem forte para me livrar desses nós doloridos no ombro que não querem ir embora de jeito nenhum.

Uso o creme da Dakota. É o mesmo que ela compra desde nem me lembro mais quando. Adoro esse cheiro, e preciso fazer força para não deixar meu cérebro se perder nas lembranças. Escovo os dentes duas vezes, apesar de saber que vamos comer em breve. Eu penteio os cabelos. Dou uma ajeitada na barba que comecei a deixar crescer. Estou enrolando, sei disso, mas não sei o que dizer para ela, nem como confortá-la sem um contato físico. Só sei fazer isso de um jeito, que não é o ideal para nós. Não mais.

Depois de mais alguns minutos de covardia, saio do banheiro. Dakota ainda está na cama, de costas para mim, com as pernas encolhidas junto ao peito. Quando estou indo apagar a luz, ouço uma batida na porta.

A pizza! Claro, a pizza. Eu pago o entregador universitário com bafo de maconha e fecho a porta. Passo a chave e o trinco, e chamo Dakota. Ela se vira na cama e se senta. Como não pedi pratos e o maconheiro também não trouxe, pego duas fatias e ponho na tampa da caixa dos palitinhos de pão.

Passo a pizza para Dakota, que pega em silêncio. Vou acabar enlouquecendo se ela não disser alguma coisa em breve. O que é uma hipocrisia da minha parte, já que também não falei nada que não fosse relacionado à pizza.

Comemos em silêncio, um silêncio tão ensurdecedor que resolvo quebrá-lo ligando a TV. Escolho um canal local, e faço uma careta quando começa o falatório sobre política. Já chega disso. Vou mudando de canal até encontrar o Food Network. *Lanchonetes clássicas* é um programa bem menos propenso a me provocar dor de cabeça que um debate

sobre política. Não acredito que esperei vinte anos para votar e, no fim, acabar com essas opções.

Depois de comer apenas uma fatia de pizza, Dakota põe a caixa sobre a escrivaninha e volta para a cama.

"Coma mais."

"Estou cansada", ela responde, baixinho.

Fico de pé, pego a caixa de pizza, abro e dou mais uma fatia para ela. "Come. Depois, você pode ir dormir."

Ela suspira, mas não me olha nos olhos, nem contesta. Come depressa, engole um copo de refrigerante e volta para a cama. Depois, se vira de costas e não faz mais ruído nenhum.

Como até deixar meu estômago ganancioso cheio e inchado, e então fico deitado olhando para o teto até meus olhos arderem de sono.

33

Na manhã seguinte, está frio, mais do que eu imaginava. Saio do hotel para comprar cafés no Starbucks enquanto Dakota ainda está dormindo. Desde que eu me mudei, construíram um com drive-thru no shopping. Depois que fui morar em Nova York, até me esqueci do quanto sinto falta de usar o drive-thru. Sinto falta de poder comprar refrigerantes, doces e até papel higiênico sem descer do carro. É o cúmulo da preguiça, mas é uma das poucas conveniências do meio-oeste que me fazem falta.

Para minha desagradável surpresa, a pessoa que está atendendo na janela é Jessica Reyes, uma garota com quem estudei na época de ensino médio. Pensando bem, fiz o ensino fundamental inteiro com ela também. Está igualzinha, só com um pouco menos de vida. Dá para ver suas olheiras inchadas, e seu sorriso não é tão radiante quanto me lembrava.

"Ai, meu Deus! Landon Gibson!", ela diz com uma voz lenta e arrastada. Eu sorrio, sem saber o que dizer. "Ouvi dizer que você está morando em Nova York! Como é por lá? Aposto que é cheia de gente de todos os lugares, igualzinho nos filmes, né?"

Faço que sim com a cabeça. "Sim, é bem lotado por lá." Tento desviar a conversa de mim da melhor forma possível.

"Como vai você?"

Ela se inclina um pouco mais para fora da janela do drive-thru. "Estou bem. Com um emprego fixo aqui, e eles têm um bom plano de saúde para mim e para o meu menino. Tenho um filhinho agora. Nasceu logo depois da formatura do colégio. Lembra do Jimmy Skupes? Ele é o pai, mas não me ajuda em nada." Ela fecha a cara de raiva, e tento imaginar Jimmy Skupes, com suas calças largas e os cabelos espetados e com as pontas descoloridas, no papel de pai.

Conviver com desconhecidos nos últimos dois anos me fez notar que nem todo mundo está disposto a compartilhar detalhes de sua vida em uma conversa casual. É estranho estar de volta a um lugar onde isso é a normal. Se eu entrasse no Facebook agora, saberia o que Jessica almoçou, ou o motivo pelo qual terminou com o namorado. Conseguiria acompanhar sua vida pela tela. É uma ideia realmente perturbadora.

"Que legal que você está bem." Vejo as bebidas que pedi apoiadas na bancada atrás dela, mas fico com a sensação de que ela não vai me entregar imediatamente.

Ela fala alguma coisa para uma colega e se vira de novo para mim. "Ouvi dizer que você e a Dakota terminaram." Seus olhos verdes assumem uma expressão de culpa. "Você sempre foi bom demais para ela. Nunca gostei daquela garota, aliás. O irmão dela era muito mais legal. Puxa, por que não foi ela que..."

"*Jessica*." Gostando ou não de Dakota, ela não tem o direito de dizer um absurdo desses. "Eu preciso ir, sério mesmo." Aponto com o queixo para as bebidas atrás dela.

Ela acena para mim e diz para eu me manter firme. Depois de colocar as bebidas no porta-copos do carro, desejo um bom dia para ela e saio; as coisas que estão passando pela minha cabeça no momento são do tipo que eu jamais diria para uma mulher. Segurando o volante com força, dirijo de volta para o hotel. Quando abro a porta, encontro Dakota andando de um lado para o outro pelo

quarto, e seu corpo fragilizado parece prestes a desabar a qualquer momento.

"Landon, onde você estava?"

Ponho as bebidas em cima da TV e me viro para ela. "Fui comprar café. Pensei que você ainda estaria dormindo quando eu voltasse. Não quis acordar você."

Dakota balança a cabeça, e consigo detectar uma mudança física em seu corpo depois que me explico. "Pensei que você tivesse ido embora."

"Para onde eu iria?", pergunto, encolhendo os ombros.

"Para o Brooklyn", ela responde, baixinho.

Ponho o canudo em cima da mesa e rasgo o plástico. "Que absurdo. Eu não iria deixar você aqui sozinha em Michigan." Dou um gole no meu frappuccino, e Dakota pega o seu. Pensei em pedir um americano, mas alguma coisa no céu cinzento daqui me impediu de trazer meus hábitos nova-iorquinos para cá, fora a nostalgia da escolha.

"Adivinhe quem eu encontrei." Eu me viro para Dakota, que está sentada na cama com as pernas cruzadas. Faço questão de não observar por muito tempo nem com muita atenção que ela está usando apenas uma camiseta e uma calcinha de malha cor-de-rosa.

"Quem?", ela pergunta, entre um gole e outro. Seus cabelos estão secos agora, em ondas indomáveis ao redor do rosto. Sempre adorei os cabelos dela.

Adorava a maneira como seus cachos voltavam ao lugar depois que os puxava. Adorava a maneira como se sacudiam quando ela ria. O cheiro deles, a textura macia.

Pare com isso, Landon.

Eu retomo a concentração. "A Jessica Reyes. Está trabalhando no Starbucks. Aquele novo, perto do shopping."

Dakota não precisa fazer força para se lembrar da garota. Esta cidade é assim mesmo: a pessoa pode passar anos longe daqui, mas nunca vai esquecer.

"Ela mandou um oi para você," eu minto.

Dakota mexe o canudo com os dedos para desfazer uma

bolinha de nata no creme batido. "Hmmm, nunca gostei dela. Muita energia negativa."

Depois que Dakota conversa com a minha tia, enfim vamos ao hospital para ver seu pai. Ele está no Sion, o novo estabelecimento de saúde da cidade, construído no ano passado. Com todo mundo reclamando da penúria econômica vivida por estes lados, não deixa de ser estranha a quantidade de construções novas que vêm aparecendo. O novo McDonald's e Starbucks eu entendo, mas um shopping cheio de lojas de departamento importantes e novos restaurantes caros, não. Se ninguém tem dinheiro por aqui, quem anda consumindo tudo isso?

Quando passamos pela recepção, digo nossos nomes para uma das enfermeiras. Ela me informa que está indo nessa direção, e com um sorriso no rosto e uma prancheta debaixo do braço nos conduz até o quarto. Odeio o cheiro de hospitais. Me faz lembrar de morte e doença, o que me deixa apavorado. Sempre dá para sentir um cheiro diferente por trás dos desinfetantes antissépticos.

Seguimos a enfermeira por um corredor comprido, e é impossível para mim não olhar para cada quarto por qual passamos. Sei que é falta de educação, mas meus olhos examinam cada pessoa que está morrendo naqueles leitos. Foi isso que elas vieram fazer aqui: morrer. É um pensamento enlouquecedor. E se eu for a última pessoa que elas virem antes de morrer?

Puxa, minha mente está se tornando uma coisa bem sinistra e mórbida.

Finalmente, chegamos ao quarto dele. Quando entramos, Dale está sentado no leito com os olhos fechados. Depois de alguns segundos sem que seus olhos se abram, um calafrio percorre minha espinha. Ele já *morreu*?

Se ele tiver morrido enquanto nós dois bebíamos café do Starbucks...

"Sr. Thomas, sua filha e seu genro vieram fazer uma visita." A enfermeira tem uma voz tranquilizadora, e seus cabelos escuros e grossos estão presos em um rabo de cavalo bem arrumado. Os olhos escuros são bem sérios, e o fato de achar que Dakota e eu somos casados me incomoda, mas tem alguma outra coisa estranha nela. Talvez seja a falta de compaixão em seu rosto quando olha para Dale. Quando olha para Dakota, dá para sentir alguma coisa, mas não quando se vira para o monstro diante de nós. A pele branca dele está cheia de manchas amarelas e marcas roxas, e seus olhos estão bem fundos. O rosto está magro e chupado.

Os olhos de Dale se abrem um pouco, e ele vira levemente a cabeça para examinar os arredores. Por se tratar do quarto de um moribundo, o cômodo está bem vazio. Não há flores, nem cartões, nenhuma prova de que alguém além da equipe de enfermagem chegou ao menos perto daqui. Não que eu estivesse esperando um comitê de boas-vindas. Depois de me encarar como se não tivesse ideia de quem sou, ele se volta para a filha, levanta um braço fino e faz um sinal para que ela se aproxime.

"Eu..." Ele limpa a garganta. "Eu não esperava que você viesse." Sua voz está bem rouca, e um chiado acompanha cada respiração sua. Os braços são pouco mais que gravetos, e os ossos aparecem sob a pele como as pedras de um penhasco.

Dakota tenta não parecer abalada. Se eu não a conhecesse tão bem, não perceberia que ela estava apavorada e arrasada por dentro. Está se segurando muito bem, e por causa disso levo a mão às suas costas e começo a acariciá-las.

"Eu também não esperava que fosse vir." Dakota se aproxima do leito. Seu pai está conectado a mais máquinas do que eu esperava ver. "Me disseram que você está morrendo."

Ele nem pisca. "Me disseram a mesma coisa."

Mantenho os olhos ocupados lendo os cartazes na parede. Um gráfico de dor, graduado de zero a dez. O nível zero é um rosto sorridente; o dez é um rosto vermelho. Não tem ninguém sorrindo aqui, então, qual será o nível de dor que Dale está sentindo? E, se for algo além de cinco, será que o fez se arrepender de ter destruído sua vida com a bebida? Ou será que isso não faz diferença para alguém como ele? Aposto que nem passou pela cabeça dele que sua morte vai deixar sua filha sozinha no mundo. Não que Dale tenha sido muito útil em algum momento, mas agora ela não tem ninguém, e ainda precisa lidar com as repercussões das escolhas de vida dele. Ela é uma garota de vinte anos de idade tendo que cuidar do enterro do pai.

Depois de olhar para mim pela primeira vez desde que entramos no quarto, ele ainda tem a cara de pau de perguntar: "Por que é que ele está aqui?"

"Porque você está morrendo e ele teve a decência de vir fazer companhia para mim desde Nova York", Dakota responde em um tom de voz grave e frio. Odeio o fato de esse homem diminuí-la. A voz dela muda, e até a postura, quando esse babaca está por perto. Moribundo ou não, nunca detestei tanto alguém quanto esse cara.

Ele me olha com uma cara de condescendência. "Quanta gentileza dele."

Tento encontrar dentro de mim alguma coisa — qualquer coisa — que me faça sentir pena dele.

Dakota e eu ignoramos o comentário, e ela se senta na beirada da cama. "Como está se sentindo?"

"Como se estivesse morrendo."

Dakota sorri. É um sorriso discreto, mas inegável.

Ele acena com um braço magro na minha direção. "Não dá para conversar com você com ele aqui. Pede para ele sair."

"Pai." Dakota não se vira para mim.

Eu nem queria estar aqui, aliás. "Tudo bem. Com certeza, ele não vai querer lembrar todas as merdas que fez na vida.

Eu saio." Mas, antes disso, me aproximo de sua cama.

Ele se vira para o lado. O máximo que consegue. "Saia daqui. É muita cara de pau sua vir aqui depois de tirar minha filha de mim. Você e sua mãe..." Ele começa a tossir, e tem dificuldade para respirar.

Não estou nem aí. Passo por Dakota e fico de pé diante dele, me sentindo todo-poderoso. Eu poderia facilmente acabar com todo esse sofrimento aqui e...

"Landon!" Dakota me puxa pelos braços.

Que diabos estou fazendo? Percebo que meus punhos estão erguidos. Estou ameaçando um cara com o pé na cova e sem nada a perder. Não consigo nem acreditar no nível de ódio que borbulha dentro de mim neste momento. Agora, entendo como é possível que as pessoas, mesmo as mais puras, façam besteiras depois de perder a cabeça.

Respiro fundo e me afasto. "Vou deixar o carro no estacionamento para você." Eu saio do quarto.

Na última vez em que olho para aquele monstro, o que vejo é um homem fraco e destruído, e a expressão em seu rosto sem vida é quase suficiente para apagar a imagem dele espancando o próprio filho. Quase.

Saio do hospital ofegante, e fico sentado em um banco do lado de fora por quase meia hora. Depois de me cansar de ver gente doente demais para um só dia, eu me levanto. Não sei para onde ir, mas não posso continuar aqui. Que ideia foi essa de vir para cá, para começo de conversa?

Circulo pelo estacionamento e começo a contar os carros. Verifico meu celular. Depois conto as caminhonetes. Verifico de novo o celular. Por fim, resolvo ligar para minha tia Reese. Depois de brigar comigo por não ter avisado que vinha — que eu era a razão para Dakota dispensar a carona —, ela me encontra no novo Starbucks. Jessica já encerrou seu turno no dia, o que é ótimo para mim.

Depois de me dar um abraço, minha tia se senta e logo percebe que tem alguma coisa errada. "O que aconteceu, Lan?" Ela inclina a cabeça, mas seus cabelos permanecem

imóveis. É o mesmo penteado que usou a vida toda. Será que a fábrica de laquê tem programa de fidelidade?

Eu encolho os ombros. "O Dale está morrendo. Minha mãe vai ter bebê, e eu estou prestes a levar bomba no próximo exame. Nada de mais."

Reese dá uma risadinha seca. "Bom, o seu senso de humor continua o mesmo. Como vai você? Está gostando da cidade? Estou com saudade de você e da sua mãe. E o marido dela, como é? Você gosta dele? E o filho dele? Como é que o nome mesmo... Harding?"

"Hardin. E você fala com a minha mãe o tempo todo." Dou um gole no meu terceiro café do dia.

"Não é a mesma coisa. Ela pode estar mentindo. Mas ela é feliz por lá mesmo, né?"

"Sim." Confirmo com a cabeça. "Ela é feliz. Muito."

"Você vai ficar muito tempo?"

Faço que não com a cabeça. "Não. Só dois dias."

Converso com a minha tia durante três horas. Nós damos risada, falamos sobre os velhos e os novos tempos. Fico me sentindo bem mais leve do que de manhã. Não toco no assunto Nora nenhuma vez. Não sei o que ela acharia disso.

Quando volto ao hotel, Dakota está sentada na cama. Ainda está claro lá fora. Ela ainda está de sapatos, e seus ombros miúdos estão sacudindo quando fecho a porta. E, assim, descubro que ele está morto.

Até que enfim ele se foi.

Que coisa mais terrível para se pensar.

Só que, por pior que seja, é a verdade.

Atravesso o quarto e me sento ao lado dessa garota fragilizada. Quando puxo seu ombro para olhar melhor, vejo seu rosto contorcido de dor.

Eu a levanto e a aninho nos meus braços. Ela se acomoda no meu colo, leve como um passarinho.

"Eu lamento muito", digo, massageando suas costas enquanto ela soluça no meu ombro.

Seus braços apertam no pescoço, e ela chora alto. "Eu

não."

Sua sinceridade é dolorosa, assim como a minha, e não consigo julgá-la mal por isso. A morte de um homem que não valia nada é difícil de lamentar, mesmo que seja um pai. Ao que parece, as pessoas devem fingir que o morto era perfeito e dizer coisas glorificantes sobre ele no funeral. É uma situação bem desconfortável, e moralmente dúbia, para dizer o mínimo.

Abraço Dakota até suas lágrimas secarem. Ela sai do meu colo para usar o banheiro, mas não demora. Eu me lembro do dia em que enterramos seu irmão, e as lembranças tomam conta de mim. Estamos mesmo prontos para deixar o passado no passado? Com tudo incluído? Com todas as lágrimas, é verdade, mas e quanto aos bons momentos? E as noites em que passamos perseguindo vaga-lumes e os dias em que passamos curtindo o sol? Todas as primeiras vezes, e as segundas, e as terceiras. Essa mulher foi uma parte importante da minha vida — estou mesmo disposto a abrir mão dela?

Dakota mexe a cabeça, como quem pede para voltar ao meu lado, e com um suspiro decidido abro os braços para ela.

34

Tudo está em silêncio. Dakota está dormindo, e meu laptop brilha em silêncio no quarto de hotel às escuras. Hoje assinamos a papelada para a cremação do corpo de Dale. Dakota não quis uma cerimônia de funeral, e eu entendo o motivo.

São quatro da manhã. Verifico meu celular de novo. Nenhuma palavra de Nora.

Eu deveria saber que ela estava decidida a se afastar de mim. Deveria ter percebido pelos movimentos lentos de seus quadris e pelos beijos suaves na minha testa quando cheguei ao clímax dentro dela. Sinto falta do seu corpo, do seu riso. Parece que se passaram meses, não dias, desde que nos despedimos.

Abro o Facebook de novo. Sei que isso não é muito saudável, e que não vou descobrir nada de novo desta vez, mas digito o nome da irmã dela de novo. Vou até a foto da praia, em que Nora parece o próprio sol com seu biquíni amarelo, com um homem a abraçando pela cintura. Se ele pudesse, será que a escolheria?

Eu não tenho nenhuma limitação física, mas será que sou capaz de escolhê-la?

Por que tudo precisa se resumir a uma escolha, isso ou aquilo? E se eu quiser as duas coisas? E se eu quiser passar meus dias a abraçando e as noites me dedicando a amá-la?

Olho para Dakota. Será que ela pensa em mim da mesma forma como penso em Nora?

É justo da minha parte pensar em Nora enquanto Dakota está de luto, e eu estou aqui para dar apoio a ela?

Olho para a tela e ponho o cursor na frente do rosto de Nora. Um nome aparece. O dela. Clico no nome e chego a um perfil que não tinha visto antes. Ela deve ter mantido escondido de mim. Não sei se me sinto contente ou triste por ela não sentir mais a necessidade de escondê-lo.

Não há muitas postagens na página, a maioria é de coisas relacionadas a horóscopo e marcações que as pessoas fizeram em correntes e receitas aleatórias.

"Ela está no Instagram."

A voz de Dakota me provoca um sobressalto. "Hã?" Meu rosto está vermelho de vergonha e culpa.

"Ela tem um perfil no Instagram." Dakota se mexe no escuro e estende seu celular no espaço entre as duas camas. A tela está cheia de fotos em quadradinhos. O nome de Nora está no canto, com um X ao lado.

Olho para Dakota, mas ela se vira de novo para o outro lado. Ou está querendo me dar privacidade ou está chateada por eu fazer isso na sua frente. Ligo a TV no mudo, para talvez parecer que estou fazendo outra coisa em vez de olhar aquelas imagens.

Comida, um monte de pratos, preenche a tela. Lindos macarons coloridos e uma infinidade de cookies confeitados. Uma foto de um bolo com flores roxas faz meu peito latejar. A foto seguinte é de Nora e Tessa, com cobertura cor-de-rosa no nariz e abraçadas. O braço de Tessa está esticado, pois foi ela que capturou a imagem, e rio sozinho pensando na minha melhor amiga, que é tão pouco ligada em tecnologia, tentando tirar uma selfie com algum sucesso. Continuo vendo as fotos.

Meu rosto está lá, mais de uma vez. Tem uma foto nossa na frente do Juliette e outra da minha careta enquanto tento ler o cardápio. Depois, aparecem imagens espontâneas

minhas na cozinha, e até uma com Hardin, com a legenda: *Luz & Escuridão*. As roupas escuras e a cabeça baixa de Hardin contrastam com a minha aparência; estamos andando lado a lado, eu virado para ele com um sorriso bobalhão estampado na cara. É estranho deparar com isso, mas a foto em si, na verdade, ficou muito, muito legal. Todas elas. As legendas são abstratas e poéticas. Às vezes, tem só um símbolo de hashtag sem texto, e outras imagens têm legendas mais longas, como um parágrafo sobre a beleza de ver uma criança sorrir pela primeira vez. Tem uma imagem de Nora com o cabelo mais claro e a maquiagem mais escura usando um vestido tão justo que parece até pintado em sua pele, especificamente desenhado para as curvas generosas do seu corpo voluptuoso. À sua frente, está um drinque, e ela segura um pedaço de papel junto aos lábios pintados. A legenda: *Vejo a luz vindo na minha direção e vou fazer o meu melhor para manter você assim*.

Há fotos de sua irmã, com uma barriga redonda de grávida, e outras anteriores à gestação, parecendo uma rainha com sua maquiagem impecável. Vejo meu rosto mais algumas vezes, e meu coração palpita; me sinto ao mesmo tempo perplexo e arrependido. Sinto saudade dela, mas também estou com raiva. Dizer que estou confuso seria o eufemismo do século.

Tem uma composição de duas fotos minhas, olhando para um ponto distante da câmera, com o sol brilhando com força ao fundo. As duas imagens são quase idênticas. Mas as legendas são diferentes. A primeira tem a frase do drinque de inspiração amorosa. Eu me lembro da noite em que descobri que Dakota e Nora eram colegas de apartamento. A noite que começou promissora azedou rapidinho. Todos os detalhes desse meu momento com ela inundam minha memória.

Já a flagrei tirando fotos de coisas antes, mas nunca dei muita bola para isso. Desde que Tessa se juntou ao mundo dos produtos Apple, vive grudada no celular o tempo todo.

Eu também uso bastante o meu, para ver placares de jogos ou a minha escala no trabalho. Sempre tem alguma coisa para ver na internet.

O tempo todo eu foquei no fato de ela não ter perfil no Facebook, ou de ter mentido para mim em suas várias tentativas de escondê-lo de mim. Mas agora aqui estou eu, diante de uma colagem completa de imagens de sua vida.

Até Dakota aparece algumas vezes: ela e Nora sentadas de pernas cruzadas no chão do apartamento, com um jogo de tabuleiro no meio e garrafas de vinho espalhadas. E, quando vejo o telefone cor-de-rosa, lembro de ter jogado esse jogo com Dakota e Carter quando éramos mais novos. Em geral, éramos Carter e eu jogando enquanto Dakota fazia o jantar e seu pai dormia no sofá — ou, então, nem se dava ao trabalho de aparecer em casa.

Preciso afastar os pensamentos dessa época da vida. O vazio da perda que compartilhei com Dakota parece sugar todo o ar do recinto quando estamos juntos. Com a perda de tanta gente...

A tristeza dela paira no quarto, apesar de seus esforços para não demonstrar. Ela se mexe na cama e puxa o tecido da camiseta, o que me faz ver que está acordada. E sabe que eu sei disso. E sabe que eu sei que ela sabe — e por aí vai, numa coisa sem fim.

Decido ser egoísta pelo menos uma vez na vida e me concentrar na telinha do celular, e não nela. A legenda da segunda foto diz: ***Você persegue o inverno e eu o verão. E, querido, os dois nunca vão se encontrar.***

Um arrepio me percorre, e desligo a tela e jogo o celular de volta para a cama de Dakota.

O silêncio sinistro se quebra com uma respiração funda. A voz dela sai bem baixinho na escuridão: "Landon?"

"Sim?"

Ela não se vira quando faz a pergunta: "Você está apaixonado por ela?"

Penso na minha resposta, e no efeito que vai provocar

nela.

"Sim. É, acho que sim."

Dakota suspira na cama. "Quando foi que você deixou de me amar?"

Como é que eu vou conseguir responder a uma coisa dessas? Não sei nem se ***existe*** uma resposta para isso. Aliás, não sei se deixei de amá-la. Olho em sua direção e me lembro da sensação de tê-la nos braços enquanto dormia. E, acima de tudo, são quatro da manhã — depois de eu confessar que estou apaixonado por outra pessoa. Por acaso é a hora certa para ter esse tipo de conversa?

Por outro lado, não posso continuar me escondendo para sempre.

"Não sei se algum dia vou deixar de amar você, Dakota."

"Pare de mentir."

O tom dela é áspero. Ela está de costas para mim. Preciso de um tempo para preparar uma resposta. Estou cansado demais para brigar, mas preciso que ela entenda que desapareceu da minha vida por seis meses. Parece muito mais neste momento, em um quarto de hotel com duas camas e copos vazios do Starbucks no lixo. Ela ainda tem o mesmo cheiro, e seu corpo magro se tornou mais atlético e bem torneado. Dakota se esforça para valer, e está maravilhosa. É estranho pensar na diferença entre seu corpo e o de Nora — as duas são lindas, mas bem diferentes; e nenhuma é melhor que a outra. Eu seria a pessoa feia do casal em comparação com qualquer uma delas. A diferença, porém, é mais que as aparências — é a energia, a conexão, as expectativas de cada uma. Está parecendo que estou preenchendo um perfil em um site de relacionamentos.

Espero alguns segundos para ver se Dakota vai se pronunciar sobre meu silêncio. Ela está deitada sem se mexer, de costas para mim, e a TV velha não oferece muita iluminação para o quarto vampiresco. Encontrei uma seringa usada no estacionamento, então, talvez a escuridão

seja um atrativo a mais.

Quando eu era mais novo, a coisa não estava tão feia. A cidade era bacana, e tenho muitas lembranças boas daqui. Mas as drogas tomaram conta depois que a economia entrou em decadência, e não existem empregos decentes para amenizar o impacto.

Balanço negativamente a cabeça, apesar de saber que ela não está me vendo. "Não é mentira. Não tenho nenhum motivo para mentir para você."

O corpo de Dakota se move tão depressa que sua camiseta cor-de-rosa vira um borrão na escuridão. A televisãozinha está exibindo episódios antigos de ***Maury***[1]. Bom, pelo menos espero que seja antigo, e que as pessoas não vejam mais essa coisa. Minha mãe costumava assistir. Enquanto fazia a lição de casa, ouvia a frase "Você ***não*** é o pai!" infinitas vezes.

"Ah, é? Tem certeza, Landon? Porque, para mim, parece que você anda mentindo há um bom tempo. E agora, viemos pra Saginaw ver meu pai morrer, e você nem se dá ao trabalho de conversar comigo."

O quarto está em silêncio, e a mulher gesticulando na TV, apontando para a cara do ex e gritando: parece uma imagem feliz demais para o momento dramático que está sendo vivido ali.

"Você transou com ela?", Dakota pergunta. Antes que eu possa responder, ela acrescenta: "Eu preciso saber se você transou com ela".

Sério que isso está acontecendo? Eu vou ter que concordar com o que ela disser e admitir todas as acusações? Ou vou escolher a opção mais difícil, mais complicada, e dizer que isso tudo é uma infantilidade? Nós passamos por coisas demais, ela em especial, para resolver assim desse jeito.

Posiciono minha armadura e parto para o campo de batalha.

Ela está de pé no espaço entre as duas camas.

"Sério que isso está acontecendo?" Eu me sento na beirada da cama e tento manter as costas na melhor postura possível. Se ela der mais um passo à frente, vai esbarrar nos meus joelhos. "Viramos essas pessoas" — eu me corrijo — "esses estranhos entre si que brigam por ciúme e mesquinharia? Ou somos duas pessoas que passaram a metade da vida juntas e querem continuar a ser civilizadas uma com a outra?"

Ela me dá uma encarada. "Me responde o que eu perguntei."

"Sim. Eu transei com ela", digo a verdade, pois não sei mentir.

Dakota se senta na cama a um passo de distância e esconde o rosto entre as mãos.

Não sei o que dizer a ela — nem se isso vai ajudar ou não. Não posso me desculpar, porque não estou arrependido. Não posso dizer que não significou nada, porque significou, sim.

Deixo que ela chore e fico olhando fixamente para a TV. Tem uma outra mulher no palco do programa, que mantém uma expressão estoica enquanto um homem macaqueia ao seu redor. Ele está bem feliz por não ser o pai do bebê — o mundo lá fora é bem triste e assustador.

A única coisa que me faz não perder a noção do tempo é a TV, e o intervalo comercial acabou de terminar, então, deve ter passado algum tempo antes de Dakota perguntar: "Se tivéssemos ficado aqui, você acha que ainda estaríamos juntos?"

Faço que sim com a cabeça. "É, acho que sim."

As mãos de Dakota estão trêmulas sobre o colo, e ela continua com os olhos baixos. "Você está tão calado. Não está nem tentando se explicar." Seu tom de voz é de derrota, e seus ombros estão caídos. Ela parece uma boneca ali sentada, com o rosto imóvel como se tivesse sido esculpido em pedra.

"Não tenho que explicar nada. Não estamos mais juntos há seis meses, Dakota." Mantenho a maior calma possível. Se deixar transparecer o aperto que comprime meu peito, estou perdido. Se nós brigarmos — se eu elevar o tom de voz e discutir com ela —, isso significa que ainda temos coisas malresolvidas no nosso relacionamento.

"Quando foi que começou?", ela quer saber.

Me viro para Dakota, que agora está me olhando. Seus olhos já estão se enchendo de lágrimas, e me esforço para manter as mãos abaixadas, me agarrando à beirada do colchão. Eu desvio o olhar de seu rosto.

"Um tempinho atrás."

"Antes de nós... ***tentarmos*** naquele dia?" Seus olhos se perdem no quarto, e voltam a se concentrar no relógio na escrivaninha minúscula.

Nós dois tivemos a certeza de que não daria mais a partir daquele incidente vergonhoso.

"Não. Depois", respondo, esperando que isso doa um pouco menos nela.

Um ruído grave escapa da garganta de Dakota.

Depois de alguns instantes de silêncio constrangedor, ela se vira de costas para mim e se deita.

Quando eu me deito para dormir, escuto sua voz dizer: "Eu dormi com o Aiden."

As palavras vêm flutuando até mim, e meu cérebro tenta amenizar a resposta para o meu coração antes que minha boca diga algo que não vou ter como retirar depois. Não sei o que pensar, muito menos dizer. Minhas entranhas estão reviradas, e sei que não deveria ficar triste, sei que não deveria me sentir como se houvesse um vulcão em erupção dentro de mim. Por outro lado, não sou um cavaleiro invencível, então, isso me magoa mais do que pensei que magoaria. É um pouco difícil descrever como me sinto por ela ter dormido com um cara que eu conheço e desprezo.

Com tanta gente naquela maldita cidade, ela precisa dormir com o único cara de lá contra quem tenho alguma

coisa. Do sorrisinho arrogante aos cabelos loiros platinados cuidadosamente arrumados para parecer bagunçados, ele exala tudo o que eu mais detesto. *Por que ele?*

Me viro para o lado de Dakota e fecho os olhos. Penso no corpo de Nora no meu colo, todo macio e excitado nos meus braços. Penso em seu gemido quando passei minha língua nela. Seus cabelos despenteados, seus lábios inchados e avermelhados, sua camisa vermelha e sua calça preta e sexy. Penso na maneira como ela ri quando dou uma de nerd, e em como sua pele se arrepia quando passo os dedos nela. Não me arrependo de nenhum instante com ela; não é justo achar que Dakota não possa ter o mesmo com outra pessoa. Por mais que eu pense nas melhores palavras para dizer, não existe nada que eu possa falar para Dakota e amenizar a situação.

Talvez não seja nosso destino viver feliz para sempre com nosso primeiro amor.

---

1 N. da E.: The Maury Show é um programa americano que destaca casos amorosos e testes de paternidade, entre outras atrações.

35

Um longo mês se passou desde que voltei de Michigan. Tudo na minha vida está mudado. Minha mãe teve minha irmãzinha na semana passada, e acabei de voltar de um fim de semana na casa deles. Abigail Scott é a menininha mais linda que já vi. É uma loucura o quanto a minha família cresceu e mudou nos últimos dois anos. Nunca pensei que a minha mãe fosse se apaixonar de novo, nem que eu teria outro irmão, muito menos dois. A garotinha é mais fácil de lidar do que Hardin, com certeza. Apesar de tudo o que aconteceu com Hardin e Tessa ultimamente, eles não estão se falando. O que só torna ainda mais difícil meu papel como mediador não oficial.

Tessa começou a dormir no sofá e voltou a detestar música. Isso me faz lembrar de ***Crepúsculo***, quando Bella Swan arranca o rádio da caminhonete com as próprias mãos. Dá para entender como ela se sente, e eu compreenderia se Tessa quisesse fazer picadinho de seus fones de ouvido. Fiz uma assinatura da HBO GO, e estou no meio de uma maratona de ***Game of Thrones***. Ao fim de cada episódio penso em Nora, e no quanto seria incrível assistir àquilo com ela, conversar sobre diferentes teorias e se revoltar contra a mais recente morte de um personagem. Comecei a ver três semanas atrás, mas agora só me restam dois episódios. No começo, toda vez que via Ned Stark, me

perguntava o que Boromir estava fazendo fora da Torre Branca. Demorei um bom tempo para me orientar nesse mundo.

Nora não me procurou, e eu não tentei contato com ela. Tessa permanece em silêncio entre nós — como uma espécie de mediadora também —, mas está tão perdida no próprio sofrimento que acho que nem sacou o que está rolando. Bom, agora não está rolando mais nada entre nós. Nada mesmo.

Hoje de manhã, quando chego ao trabalho, Aiden está atrás do balcão, despejando um café frio em um copo cheio de gelo. Para minha surpresa, minha antipatia por ele não cresceu desde que voltei de Michigan. Tentei me concentrar no que ele tem de positivo, mas não está sendo fácil. Apesar de ter dormido com Dakota, minha indiferença por ele continua, e por mim está bom assim.

"E aí, cara", ele diz, e fico me perguntando se por acaso ele sabe que já namorei Dakota. Passou pela minha cabeça que talvez ela não queira que ele saiba sobre nosso passado, ou que eles nunca tenham desenvolvido intimidade suficiente para falar a respeito. Talvez tenha só transado com ele — assim como fiz com Nora.

Meu alarme de baboseiras apita alto na cabeça. Não foi só uma transa que tive com Nora — eu me apaixonei por ela, e não tive como impedir isso.

Até agora, estou lamentando a perda de sua presença na minha vida. Sinto sua falta toda vez que detecto cheiro de biscoitos ou entro na minha cabeça. A cadeira guarda a memória dela montando em mim, ou eu de joelhos à sua frente, e quando olho para as bancadas, vejo seus cabelos compridos descendo pelas costas, e um sorriso sedutor em seus lábios.

"E aí", enfim respondo para Aiden enquanto me desvio de uma pilha de caixas. Claro que ele não abriu. Esperou que eu chegasse, porque sabe que vou me encarregar de tudo. Claro que eu vou abrir os sacos de café e pôr os

canudos no lugar. Claro que vou abrir a embalagem dos copos e guardar os frascos de xaropes aromatizados.

Bato o ponto e coloco o avental. Pelo menos, Posey chega daqui a meia hora.

Fico observando os minutos se arrastarem e, depois de uma hora, ela já está aqui. O saguão ainda está vazio, e já me encarreguei de abrir as caixas. Lila está quietinha em uma mesa, brincando com seu carrinho. Posey balança a cabeça enquanto ouve um homem tagarelar sobre como os cafés expressos na Europa são deliciosos. O movimento hoje está fraco, e tenho um trabalho da faculdade para terminar à noite. Minha recompensa para quando terminar o que preciso fazer vai ser assistir a mais um episódio no laptop.

Começo a varrer o chão e, alguns minutos depois, quando uma cliente entra no café, vou ajudar Posey a atender. Ela está atrás da registradora, e eu me posiciono na área de preparo, pronto para pegar o copo e preparar a bebida. O som familiar de uma voz faz os cabelos da minha nuca se arrepiarem.

"Um latte de caramelo com gelo", Dakota pede. Ela olha para trás de Posey, e me pergunto se está à procura de Aiden. Será que eu devo dizer que ele já foi embora?

Quando seus olhos pousam em mim, ela abre um sorriso. Não é exatamente fingido, mas também não é o que me acostumei a ver em seu rosto.

"Oi", eu digo, e me apresso em pôr as mãos à obra. Pego o copo da mão de Posey e enfio a pá de pegar gelo no compartimento.

Posey se vira para mim com um olhar de quem entendeu o que está acontecendo e vai para os fundos da loja. Fico em dúvida se agradeço ou se peço que ela volte.

"Como é que você está?", Dakota pergunta.

Olho para ela e despejo uma parte do gelo de volta no compartimento. Não estava prestando atenção, e preciso despejar metade do gelo no liquidificador.

Como é que estou? Que pergunta complicada.

Tessa está muito mal. Eu estou quase levando bomba na aula de psicologia educacional. Estou com saudade de Nora, e um pouco de Dakota também. Só porque não temos mais um futuro juntos, isso não significa que meus sentimentos por ela não existem mais. Uma parte de mim sempre vai gostar dela. Em alguns anos, quando Dakota estiver postando fotos de seu noivado, e depois se casar, e depois formar uma família, vou sorrir e me sentir aliviado por ela ter uma vida boa, ainda que sem mim.

Decido pela versão resumida. "Bem. E você?"

Acrescento duas doses de xarope de caramelo e ligo o liquidificador. O aparelho é barulhento, e nós dois nos mantemos em silêncio enquanto entrego a bebida.

Ela dá um longo gole. "Também. Acabei de receber um convite para um comercial."

Vejo a empolgação mal contida dentro dela e sorrio. "Parabéns!", digo, com toda a sinceridade.

Dakota inclina a cabeça, e eu a observo melhor. Seus cabelos escuros estão presos em um coque. Ela não está usando maquiagem, e está lindíssima.

Pergunto em que tipo de comercial ela vai estrelar. Com um sorriso tímido, ela responde que é de uma academia, e que vai se encontrar com o pessoal da rede para produzir um vídeo tutorial de exercícios também.

Desviando o foco da conversa de si mesma, ela dá um gole na bebida e pergunta: "Você pode sentar comigo um minutinho?"

Depois de me certificar de que o saguão está vazio e de Posey me garantir que está tudo sob controle, me dirijo a uma mesa nos fundos com Dakota. Não consigo parar de olhar para seu cabelo; está bem diferente, muito ***bonito***. Olho para o desenho de gatinho em sua blusa. É uma bolinha branca de pelos com um par de óculos de hipster. Oferece uma boa distração.

"A Nora apareceu pra pegar as últimas coisas no apartamento hoje de manhã", ela diz.

Por favor, alguém me diga que ela não veio aqui para brigar por causa de Nora de novo.

Fico olhando para a porta, e ela volta a falar antes de mim.

"Pensei que vocês dois fossem estar juntos a esta altura. Foi uma surpresa ela aparecer com um motorista. Não sei por que está morando tão longe da cidade."

De fato, não consegui parar de pensar no que Nora andou fazendo no último mês. Ao que parece, eu estava certo ao supor que passaria mais tempo em sua mansão em Scarsdale.

Descobri que, quanto mais penso nela, mais longos os dias se tornam.

"Pois é, pra onde mais ela iria?"

Fico me perguntando se Nora chegou a uma resolução do impasse com o marido e a família dele. Será que Stausey já teve sua bebê? Nora está em uma casa enorme e vazia, sozinha com ele? Não estou com ciúme; me sinto mal pelos envolvidos. É uma situação péssima, e sinceramente eu a admiro por sua força. Sempre me considerei uma pessoa forte, mas sou feito de alumínio em comparação com o titânio de Nora.

"Bem lembrado." Dakota apoia um dos pés sobre a cadeira. "Eu ando pensando bastante em vocês."

Lá vamos nós...

Abro um sorriso sem graça. "É mesmo?"

Dakota sacode a cabeça, e estou acostumado a ver seus cachos se agitarem em momentos como esse, e acho estranho ver seus cabelos alisados e presos. "Não nesse sentido." Ela me dá um cutucão.

Quando ergo os olhos, percebo que Posey está me observando do balcão. Nossos olhares se encontram, e ela vira a cabeça às pressas. Vou sentir sua falta quando ela se mudar do Brooklyn. Fiquei chateado quando descobri que ela ia morar mais perto da tia. Mas entendo o motivo. A saúde de sua avó não é mais a mesma, e não deve ser fácil

cuidar sozinha de uma garotinha autista. Posey é uma ótima pessoa, em todos os sentidos.

"Você ainda está saindo com o Aiden?", pergunto, antes que Dakota explique em que sentido anda pensando em mim.

Ela sorri e se recosta na cadeira. "Mais ou menos."

"Hmmm..." Se eu não tenho nada de bom para dizer, é melhor não falar nada.

"A Nora falou que você não ligou nenhuma vez."

Por que Dakota está aqui me falando sobre Nora? Não é uma espécie de conflito de interesses? Isso sem falar do constrangimento.

Mas talvez — *quem sabe* — a gente possa ter uma amizade assim. Não quero ser do tipo que vira inimigo da ex depois que o namoro termina. Eu me apaixonei por Dakota por uma razão. Não importa como as coisas estejam agora, houve um tempo em que a amei. Nunca vou entender os caras que dizem coisas horríveis sobre as ex-namoradas — atacando a aparência delas ou se referindo a elas de forma desrespeitosa — sendo que poucos dias antes as exibiam por aí cheios de orgulho. Ou, pelo menos, davam a entender na internet que estar com elas era o máximo.

"Landon, por que você não ligou pra ela?"

Um cliente entra no café, e eu me levanto. "Preciso voltar pro trabalho."

Abro a passagem do balcão, e escuto Dakota dizer: "Ligue pra ela".

O que me deixa bem confuso.

Não é o tipo de coisa que costuma acontecer com frequência. A ex-namorada ofendida e desagradável não costuma aparecer para ajudar com os problemas pessoais de relacionamento do ex. Principalmente quando odeia a nova garota que entrou na jogada.

36

NORA

O almoço está quase pronto; o timer apita na cozinha, e empurro Amir pelo corredor. Jennifer está aqui de novo, mas pedi para ela ficar no andar de cima. Estou tentando me acostumar a ficar sozinha com ele de novo. A casa parece maior do que nunca. É difícil para mim me imaginar como o tipo de pessoa que precisa de um lugar deste tamanho para ser feliz.

A casa nunca pareceu tão grande quanto agora. Faço uma curva com a cadeira de Amir e o empurro pela linda rampa de madeira escura instalada para ele.

O desespero e a negação no rosto da mãe de Amir foram de gelar a espinha. Eu lamento muito por ela, por Ameen, pela irmã deles, Pedra, de quem era amiga, mas nunca tirei um tempinho para lamentar a perda do meu marido. Também foi difícil para mim aceitar que, se não fosse o acidente, acabaríamos divorciados. Acredito que cada um seguiria seu caminho numa boa, e que continuaríamos amigos pelo resto da vida. Eu ficaria feliz se ele voltasse a se casar, tivesse filhos.

A ideia dos filhos faz meu estômago queimar. Não gosto de pensar demais nas coisas que ele nunca vai ter. Isso não faz bem para mim, nem para ele. Prefiro pensar que a

minha presença por perto serve para deixá-lo mais alegre.

Não saí do seu lado durante meses depois do acidente. Dormi no hospital até virmos para esta casa, que era para ter sido um presente de casamento da família dele, apesar de já estarmos casados fazia dois anos àquela altura.

"Fiz repolho e pão", digo a ele, sem saber se pode de fato me ouvir. Jennifer garante que sim, mas quem sabe? Acho que é mais um desejo espiritual que alguma coisa concreta.

Abro as cortinas e as persianas. Quando foi a última vez que ele saiu de casa? Preciso perguntar para Jennifer.

Ponho no forno o doce de bordo que preparei. Quando cozinho alguma coisa para mim, queria que ele pudesse comer comigo. Sinto falta da energia que ele irradiava. Gosto de conversar sobre nosso passado, como éramos loucos na adolescência, e juro que ele sorri.

Desde que vi Landon pela última vez, tive muito tempo para pensar sobre tudo. Às vezes, temos pessoas que estão ligadas a nós pelo resto da vida. Landon tem Dakota, Stausey tem Ameen, Tessa tem Hardin, e Amir me tem.

O cheiro de repolho imediatamente domina a cozinha, e me esforço ao máximo para não pensar em como Landon me beijou entre uma e outra garfada do repolho que preparei para ele. Adorei cada momento simples e banal que vivi ao seu lado. Ele fazia com que eu me sentisse uma pessoa melhor.

Me deu esperança, apesar de ser difícil especificar em quê.

Houve um tempo em que Amir não se interessava pela minha comida, o que é engraçado, porque ele adorava as coisas que sua mãe fazia, e ela era péssima. Pelo amor de Deus, a mulher queimava até queijo quente.

Quando dou uma garfada no repolho, o rosto de Landon invade meus pensamentos. Ele estava uma gracinha, todo fofo, quando dei a comida em sua boca.

Jogo meu prato de comida no lixo.

"Vamos lá para fora", digo para Amir. Pego meu livro na

bancada e o empurro sem pressa para o pátio. Amanhã é Dia das Bruxas, e estou escondida há tanto tempo que chego a me perguntar se algum dia vou sair desta casa em cima do morro.

Aqui é bem silencioso, sem nenhum vizinho por perto. Essa era uma das minhas coisas favoritas nesta casa. Isso quando eu ainda tinha alguma predileção a mostrar.

Amir me encara com seus olhos sem expressão. Será que ele está com dor? Jennifer garante que não, mas quem é ela para saber?

Abro meu livro e leio um capítulo em voz alta para Amir. Não sei se ele gosta da série Harry Potter, nunca conversamos a respeito. Conheço uma porção de coisas a seu respeito — sua família, seus programas favoritos. Mas isso não soma nem metade do que sei sobre Landon.

Começo a ler mais alto para tirar Landon da cabeça.

"Sophia!", a voz grave de Jennifer reverbera pelo jardim.

Que parte de "fique no andar de cima" essa mulher não entendeu?

Seu corpo roliço se move velozmente sobre a grama depois de atravessar uma das portas laterais. "Eu estou chamando você faz tempo!" Ela gesticula com seus bracinhos no ar. "Tem uma pessoa querendo ver você. Um cara, e está dizendo que não vai embora."

"É comigo ou com ele?" Espero que ninguém da família de Amir tenha resolvido vir me encher o saco. Eu tenho um advogado a postos e, como esposa de Amir, vou proteger as terras dele das garras desse pessoal ganancioso.

"Com você, menina. Eu disse que você estava aqui fora, mas ele continua plantado lá na sala!" Ela está descontrolada. Não imagino como seja capaz de dar conta de um paciente se não consegue nem lidar com um vendedor de porta em porta ou coisa do tipo.

"Ah, pare com a gritaria, eu vou lá ver. Fique de olho nele."

Jennifer faz cara feia, como quem diz que esse tipo de

recomendação não é necessária, e eu reviro os olhos depois de dar as costas para ela. Enquanto me encaminho para a sala de estar, fico me perguntando se ela é mesmo a pessoa ideal para esse emprego agora que estou mais presente por aqui.

Quando vejo Landon no sofá, eu perco o fôlego. Ele demonstra uma confiança que não me lembro de ter visto na última vez em que nos encontramos. E, apesar de visualizar sua imagem toda vez que fecho os olhos, não me lembrava dele como deveria. Está lindo, com a barba mais comprida do que antes.

E seus braços estão maiores.

Será que ele está mais alto também?

"O que você está fazendo aqui?" E, o mais importante, como foi que ele me encontrou.

Então, me lembro das duas chamadas não atendidas de Stausey que recebi ontem. Com certeza, isso é coisa dela.

"A Jennifer falou que você estava lá fora", ele diz, sem responder à minha pergunta.

"Ah, disse?"

"Disse. E me fez um café enquanto eu esperava", ele continua, com o sorriso de menino bonzinho que eu adoro.

Claro que Landon conseguiria que a fria e impessoal Jennifer se oferecesse para fazer um café. Ele parece totalmente deslocado aqui nesta casa imensa. Mas está sentado no sofá na maior tranquilidade, como se já tivesse vindo mil vezes antes. Por que ele veio aqui? Como soube onde me encontrar?

"Eu estou atrapalhando?", ele questiona quando olho para a porta dos fundos.

Quando me viro novamente, observo seu corpo inteiro. Ele parece grande demais para esse sofá. Seus ombros estão encolhidos, e, por algum motivo, sinto que parece mais velho, como se tivesse perdido parte de sua luz interior. Está usando uma camisa azul por cima de uma camiseta branca. É muito bom vê-lo, traz uma sensação

familiar. Seus cabelos estão mais compridos em cima. Fazia quanto tempo que não o via mesmo? Meses? Anos, talvez?

"Não. Eu só estava sentada lá fora com o Amir."

Eu mudei minha rotina, Landon. Hoje finalmente saí de casa. Está orgulhoso de mim?

Fico esperando a reação de Landon às minhas palavras, mas sua expressão não muda. Ele me observa com atenção e passa as mãos nos joelhos da calça jeans escura.

"Como andam as coisas?", ele pergunta.

Vejo seus olhos esquadrinharem a sala. As obras de arte das paredes não estão mais aqui; todo o investimento que um dia representaram vai ser direcionado para uma instituição em benefício de famílias de vítimas envolvendo motoristas alcoolizados. Qualquer uma daquelas peças tem valor suficiente para pagar as despesas médicas de uma família inteira. As seis obras estão em processo de avaliação no momento.

"Eu ando ocupada", respondo, limpando a garganta. "E, com certeza, você também. A Tessa contou que você foi promovido lá no Grind."

Ele balança a cabeça. "É."

"Parabéns. Muito legal. Você deve ser o gerente mais jovem que eles já tiveram."

Ele fica me olhando, e eu questiono como minhas palavras devem estar soando no momento.

"Não digo isso como uma coisa ruim", continuo, tentando deixar mais claras as palavras ditas às pressas.

Os lábios de Landon se curvam em um meio sorriso, e o timer do fogão apita. Não sei por que ainda faço tanta coisa na cozinha; não tem ninguém para comer. Não moro mais com Maggy e Dakota, não passo mais as noites no apartamento de Landon, e Jennifer só come cupcakes sem glúten. Os cupcakes ficam largados na bancada de granito, lindos e bem decorados, esperando para ser comidos, e três dias depois, quando a cobertura começa a endurecer, preciso jogar tudo fora.

"Eu aceito suas desculpas se puder comer o que você preparou lá na cozinha."

O sorriso dele me dói até na alma.

Faço que sim com a cabeça, e prefiro não mencionar que peguei a receita do doce de bordo que estou assando com a mãe dele. Ela me prometeu que não vai contar para o filho que ainda conversamos. Valorizo muito minha amizade com ela, e houve um tempo não muito distante em que me entreguei à fantasia de que ela pudesse passar a ser uma presença permanente na minha vida. Quem estou querendo enganar? Mesmo nos piores momentos, nunca deixo de fantasiar uma vida melhor e mais feliz.

Contei para Karen sobre Amir antes que Landon fizesse isso. Não sei nem por que, mas não queria guardar segredo de mais ninguém. Karen sempre me tratou muito bem. Inclusive, foi Ken que me indicou um advogado para me ajudar a lidar com a pressão exercida pela família de Amir. Não quero um centavo do dinheiro dele, só quero ser deixada em paz. Não teria problema nenhum em sair desta casa e voltar a dividir um apartamento alugado com alguém, mesmo que isso significasse fazer mais turnos no Lookout.

Não confio nas intenções da família dele; e até minha irmã está jogando a favor deles. Estou sozinha nesta briga, tendo apenas a resmungona Jennifer como aliada, e não tenho nenhuma garantia que um bom dinheiro não vá fazê-la mudar de lado.

Gosto de me ver como membro da Casa Stark, e a família dele como os Lannister, mas, quando a briga começar, ninguém sabe o que pode acontecer.

"Combinado?", ele insiste depois de um silêncio que acaba durando um pouco demais.

Eu assinto. "Claro. Como você está?"

"Ocupado também."

Olho ao redor da sala e depois para o chão. Duvido que algum de nós dois esteja disposto a manter esse papo

furado. Decido parar de enrolar. "Como foi que você me encontrou?"

Ele respira fundo e leva as mãos à boca. Sinto falta de poder tocar nele. "Você não é a única aqui que sabe stalkear."

Nós dois damos risada juntos, o que ao mesmo tempo alivia o clima e enche o ar de nostalgia.

"Posso perguntar uma coisa?", Landon pede.

Acho melhor não dizer que ele poder perguntar o que quiser. Eu só quero ouvir sua voz.

"O que você quiser." Passo os dedos pela minha trança. Se soubesse que ele viria, estaria vestida de um jeito um pouquinho diferente. Minha calça legging está cheirando a repolho e xarope de bordo, e minha blusa tem uma mancha de vinho na gola. Será que ele vai reparar? Ele está me olhando agora, me medindo toda. Seu olhar parece se deter onde estou mais exposta: nos ombros e no rosto.

"De quanto em quanto tempo você vinha aqui quando morava na cidade?"

Sinto um nó na garganta.

"Quase toda noite. Às vezes, eu chamava o motorista, às vezes Cliff me trazia."

"Cliff?", ele questiona.

Esse nome não é desconhecido de Landon. Claro que não. Cliff, o melhor amigo de Amir, deu uma de idiota e tentou me espionar quando estava no apartamento de Landon. Quando fui tirar satisfação, ele disse que estava só querendo me proteger. Tinha ouvido falar que eu estava saindo com um universitário através de Mitch, o barman daquela noite fatídica em que chamei Landon para sair.

Landon, Dakota e eu — todo mundo debaixo do mesmo teto. Foi uma confusão danada e, assim que vi Mitch atrás do balcão, cheguei à conclusão de que Cliff ia ficar sabendo. Ele não tem nenhum direito de ser um cretino e ficar me espionando, e mereceu ter a mão quebrada pela bota de Hardin. Pensar em Hardin faz meu sangue ferver. Eu estava

torcendo pelo cara, e ele estragou tudo *de novo* com Tessa.

Landon não insiste em saber a verdade por trás do nome; simplesmente passa para outra pergunta.

"Por que você concluiu que eu fosse pensar o pior quando ficasse sabendo sobre o Amir? Por que fez essa escolha por mim em vez de me dar a chance de mostrar que posso agir diferente?"

Por que ele sempre me faz perguntas que exigem respostas tão sinceras?

Landon é a única pessoa que conheço que, de fato, fala o que pensa; ele não vê problema em conversar sobre seus erros e acertos, e admitir seus defeitos. O mundo bem que precisava de mais gente assim.

"Eu não concluí nada de caso pensado. Só me acostumei a esperar pelo pior. Além disso, nem conhecia você direito. Quando a gente se envolveu, eu não estava num momento da vida em que pudesse querer alguma coisa além de amizade. Estava carregando um peso enorme nos ombros, com um monte de responsabilidades. Não podia pensar só em mim mesma, então, não podia sair à noite e só voltar de madrugada. Estava lidando com problemas que não desejo nem para o meu pior inimigo, e tentando fazer o certo pelo meu marido, pela minha família. Não tinha tempo para me apaixonar por ninguém."

Os ombros de Landon baixam só um pouquinho, mas mesmo assim eu reparo.

"Como eu disse desde o começo, Nora..." Ouvir sua voz ameniza um pouco a minha saudade. Nunca imaginei que pudesse sentir tanta falta de alguém com quem convivi por tão pouco tempo. "Eu só queria que você se abrisse comigo. E não ia julgar você mal, nem nada disso."

Ele se vira para mim, e sua expressão me deixa com o coração apertado. Um rosto como esse não foi feito para mostrar tristeza. "Eu iria considerar você uma pessoa corajosa."

Fico sem fôlego. Não posso continuar olhando para ele,

simplesmente não posso.

"Iria considerar você uma pessoa altruísta."

Quando assimilo suas palavras, sinto como se estivessem me libertando. Meus músculos começam a relaxar, e o peso nos meus ombros vai se dissipando.

Seus olhos não se desviam dos meus nem por uma fração de segundo. "Iria considerar você uma mulher forte e incrível. Iria tentar aliviar um pouco o peso nos seus ombros e colocar sobre os meus."

"Acho que você já carrega um fardo mais que suficiente pra vida", digo, baixinho.

"Eu posso tentar." Landon encolhe os ombros, e tento imaginar se isso teria alguma chance de dar certo.

Será que ele me ama? Será que já é tarde demais para tentarmos? Existe espaço na minha vida para mais uma pessoa? Seria justo envolver Landon em tudo isso antes mesmo de entender o que eu quero fazer da vida?

"Eu gostaria de conhecê-lo", Landon diz, e fica de pé.

É tanta coisa acontecendo ao mesmo tempo. Meu dia normal e tranquilo foi virado de cabeça para baixo pela chegada inesperada desse garoto. Sem saber o que dizer, faço que sim com a cabeça e fico de pé. Estou com medo de não conseguir me manter em pé sem o apoio do sofá, mas uso todas as minhas forças para endireitar as costas, atravessar a sala e tomar o caminho da porta para o pátio.

Sem dizer nenhuma palavra, ele me segue pela cozinha imensa até o lado de fora. Depois, faz algum comentário sobre repolho, mas eu não me viro. Não sei o que dizer, nem por que ele está aqui.

"Eu estava lendo para ele", explico, baixinho, enquanto nos aproximamos de Amir e Jennifer se manda.

Os jardins luxuosos parecem menores na presença desses dois. Ambos são importantíssimos para mim, mas de formas bem diferentes. O cheiro das flores ao nosso redor parece mais forte, e sua aparência mais vívida, com Landon aqui. Sempre quis um jardim, que sempre me fez falta

quando vivi na cidade. Adoro flores, plantas e o cheiro de pólen e de terra, mas também amo poder sair a pé se quiser só tomar um café.

"Landon, esse é o Amir."

Aponto para o meu marido e vejo o sorriso de Landon continuar tranquilo em seu rosto. Ele olha bem nos olhos de Amir e se apresenta. Não fica nem um pouco sem jeito. Tenho inveja disso em Landon, do fato de ele transmitir tranquilidade para cada alma que cruza seu caminho.

Fico observando seus gestos com atenção, analisando seu rosto quando sorri e se abaixa para pegar o livro da grama macia. Ele se senta ao lado de Amir e abre na página em que deixei meu marcador.

Landon limpa a garganta e começa: "'São as nossas escolhas, Harry, que revelam o que realmente somos, muito mais do que as nossas qualidades'."

Epílogo

LANDON

UM VERÃO E UM INVERNO DEPOIS...

Nosso casamento chegou e passou depressa. Depressa demais. Passamos do casal de noivos que queria esperar alguns anos para casar, dois jovens com a vida inteira pela frente, para um turbilhão de preparativos súbitos e repentinos.

Tinha me acostumado a ouvir minha mãe perguntar pelo telefone quando ia começar a pensar no casamento, mas bastou um dia em que Tessa trouxe revistas de noivas para o apartamento que tudo começou.

Eu estava tranquilo com a ideia de esperar. Minha noiva já tinha passado por tudo isso antes, e não queria forçá-la a apressar nada. Mas, quando o planejamento começou, a coisa decolou como um foguete.

A ideia de apressar tudo foi dela, que insistiu em visitar os salões e escolher as flores que combinavam com os cupcakes que seriam servidos.

Os casamentos envolvem muito mais detalhes do que eu era capaz de imaginar. Enquanto as duas planejavam o dia mais importante da minha vida, eu tentava não ser o estereótipo do cara que só concorda com tudo e finge que

entende o que diabos está acontecendo. Eu queria que fosse tudo perfeito para ela. Para *nós*.

Ajudei a escolher o sabor do bolo, e minha noiva fez o meu favorito e ainda acrescentou florezinhas roxas na cobertura cujo verdadeiro motivo só nós vamos entender. Eu ajudei o máximo possível e o quanto Tessa, a produtora-de-eventos-barra-monstro-maligno-que-raptou-o-corpo-da-minha-melhor-amiga, permitia.

Na semana passada mesmo, Tessa gritou comigo quando descobriu que o alfaiate pegou errado as medidas de Hardin, e que as barras da calça dele iam ficar acima dos tornozelos. Ela jurou que ele deve ter feito isso de propósito, e até ligou para a loja em Chicago para corrigir o problema.

Eu dei risada das fotos que ele mandou, mas ela bufou e jogou o celular de volta para mim. Estou meio apreensivo para saber como os dois irão se comportar no casamento. Tessa tem evitado a presença dele, que por sua vez não para de falar sobre ela nas entrevistas que dá. Semana passada, quando cheguei da faculdade, encontrei Tessa mostrando o dedo do meio para Hardin. Só que Hardin estava na TV, dando uma entrevista sobre a turnê de lançamento de seu livro, e Tessa estava furiosa, e talvez tivesse tomado um pouquinho mais de vinho do que deveria.

Agora, aqui estou eu, sentado a uma mesa repleta de gente que adoro e admiro — e *estou casado*.

Ainda estou na faculdade e já casei. Estou casado com uma mulher linda, bem-sucedida, afiada e implacável. Ela está sentada ao meu lado, conversando com a minha mãe sobre creme de confeiteiro e massas sem glúten.

Hardin está do outro lado, olhando para Tessa, que está de pé ao lado de uma mesa cheia de convidados.

"Como estão as coisas?", pergunto a ele. Tiro o braço das costas da minha noiva e seguro sua mão. Ela se vira para mim, me dá um beijo no rosto e volta a conversar com a minha mãe.

Hardin me olha e mexe um pouco nos cabelos. "Bleh." Ele abre um meio sorriso. "E para você, como estão as coisas? Está diferente agora que está preso legalmente a uma pessoa pelo resto da vida... bom, a não ser em caso de divórcio."

Eu reviro os olhos. "Você é mesmo a alegria da festa."

Ele abre um sorriso, e vejo que entra em pânico quando perde Tessa de vista no meio de uns presentes. Hardin se inclina para a frente na cadeira e esquadrinha o salão com os olhos.

"Ela está ali, perto da porta", digo.

Ele relaxa, e seus olhos pousam sobre ela. Ken lhe entrega Abby, e Tessa ri quando a pequenina puxa seus cabelos. Olho para outra mesa e vejo Stausey tirando uma selfie com sua taça de vinho. Todd e Amir estão ao seu lado. Amir está de terno, e a cor de sua gravata é a mesma dos olhos de Nora. Me pergunto se foi por isso que Nora escolheu essa gravata. Espero que sim.

As coisas foram se ajeitando aos poucos depois do divórcio. Ela continuou sendo a executora do espólio dele e responsável pelas medidas legais e as decisões médicas referentes à vida de Amir. Ele se tornou uma parte importante da minha vida também e, pelas histórias que ela me conta sobre as aventuras dos dois, sinto que o conheço à minha maneira. Ajudar a cuidar dele também me levou a pensar em fazer um mestrado em educação especial depois de me formar. Isso vai significar mais tempo de faculdade, mais dívidas com empréstimos estudantis, porém sinto que eu vou ser bom nisso.

Stausey ajeita a gravata de Amir, e minha atenção se volta ao meu irmão postiço, que está sentado ao meu lado. "O que vocês vão fazer?"

Hardin suspira, e aperto com mais força a mão da minha noiva. Minha mãe dá risada, e Hardin leva os dedos à boca e, puxando os lábios, responde: "Casar."

"Sério? Mas ***ela*** sabe disso?", pergunto, levantando as

sobrancelhas.

Tenho certeza de que Tessa não está muito bem informada sobre esse plano. Ouvi quando ela ensaiou o que diria para ele no banheiro antes de ir para a cama ontem à noite. É uma pena ela não ter privacidade agora que nós três estamos morando juntos, mas as duas estão adorando. Perguntei para a minha esposa — ainda não consigo me acostumar com essa palavra — se Tessa precisaria se mudar quando nos casássemos, mas ela me falou várias vezes que adora tê-la por perto.

E desconfio que o fato de nós dois sabermos que ela não teria para onde ir também pesou.

"Claro. Por que não? Vocês dois casaram, e se conhecem há menos tempo que a Tess e eu."

Nisso ele tem razão.

"Sim, mas vocês não estão nem namorando. Acho que você está pulando uma etapa aqui."

Hardin sorri para mim, e uma expressão de quem parece estar armando alguma coisa fica evidente no seu rosto. "A ordem das etapas não é o mais importante. Seja como for, a gente termina no mesmo lugar."

Ele levanta sua taça e eu a minha.

MAIS ALGUNS VERÕES E INVERNOS DEPOIS...

"Mamãe!" A voz de Addy sempre fica mais aguda quando ela quer alguma coisa.

Minha mulher vai até o quarto com as mãos cheias de coisas. Seu rosto está vermelho, e o celular está pendurado em sua orelha. Fico com pena de quem estiver do outro lado da linha. Seu tom de voz, porém, muda de irritado para tranquilizador quando ela se dirige à sua versão em miniatura. "Que foi, bebê?"

Minha monstrinha cruza os braços na frente do peito. "O papai falou que eu não posso comer mais bolo."

Nora olha para mim, sem conseguir esconder o sorriso.

"Quanto ele já deixou você comer? Você sabe que a sua tia e o seu tio vão chegar para comer aqui em duas horas, e ainda tem a lição de casa para terminar."

"Bom" — Addy curva seus lábios cheios e pequeninos para cima —, "então não era pra fazer tanto assim se eu não posso comer."

Eu caio na risada e tento cobrir a boca quando minha mulher olha feio para mim.

E depois a diabinha ainda me entrega. "O papai disse o mesmo."

"Disse nada!", eu minto.

As duas me ignoram.

"Addy, já chega de bolo." O tom da minha mulher não deixa espaço para negociação. "Vá escovar os dentes e terminar a lição de casa."

Addy sai pisando duro e desaparece no corredor, com seus cabelos castanhos compridos e ondulados balançando atrás de si.

Quando volto a olhar para minha mulher, suas mãos estão vazias e estendidas para mim. Eu a puxo para o meu colo, e ela monta sobre a minha cintura.

"Pare de dar açúcar pra ela antes das refeições." Ela me beija na boca.

"Pare de fazer tantos bolos se a gente não pode comer." Eu encolho os ombros, e Nora dá um tapinha de leve no meu peito. Seus cabelos estão tão compridos que as pontas encostam nas minhas pernas quando ela sacode a cabeça.

Sua boca se cola à minha, e ela me abraça pelo pescoço. "Senti sua falta hoje." Ela me diz isso em todos os dias letivos do ano.

"Alguém precisa educar esses pestinhas", digo com a boca colada à dela. "Eu senti saudade também, amor."

Ela segura meu rosto entre as mãos. "Vou fazer outra filmagem amanhã. Acabaram de me falar que precisam de outra tomada."

Solto um suspiro, me esforçando para não dar um

chilique. Ela anda trabalhando demais ultimamente, e a gente quase não se vê mais. "O que foi agora?"

Ela bate com o indicador nos meus lábios. "Derrubaram o bolo antes da última cena. Isso é o que dá quando usam bolos de verdade em um comercial."

"Não era esse o objetivo?"

Eu me lembro dos cupcakes de mentira do fim de semana passado. O bolo do casamento era de verdade, assim como o casal na tela. Mas, quando gritaram "Corta!" e a filmagem acabou, peguei um dos cupcakes idiotas para comer e quase quebrei um dente. A diretora mandou Nora, inclusive, decorar os bolinhos de plástico. Por outro lado, ela ganha mais em um dia de filmagem do que fazendo dois casamentos.

"Um dia, eu vou parar de trabalhar, você vai começar a dar aulas em casa para os nossos filhos e vamos poder passar o dia todo assim." Ela esfrega os seios no meu peito.

Eu a empurro com um gesto suave. "E o que isso ensinaria para os nossos filhos?" Passo a língua de leve em seu pescoço. Ela esfrega os seios em mim outra vez, louca para ser tocada.

"Agora ainda não, pequena", murmuro em seu ouvido, e ela se contorce toda nos meus braços.

"As crianças aprenderiam a amar seus cônjuges. E a cozinhar. Podemos ter um pequeno exército de chefs amorosos na nossa retaguarda." Seus olhos brilham de divertimento, e passo os dedos em seus cabelos longos. "Isso mesmo! Podemos viajar o país dando aulas e fazendo bolos. E nunca mais precisar ter um emprego de novo."

Beijo seu pescoço, imaginando que estou com ela no meio do nada, só com poeira e vento ao nosso redor. Por algum motivo, acho que ela não gostaria muito disso.

"Shh." Eu beijo seu rosto. "Minha menina da cidade. Você não duraria um dia em um lugar sem salas com ar-condicionado e repleto de milharais."

Ela faz menção de me desafiar, mas nossa filha vem

correndo com uma escova cor-de-rosa enroscada nos cabelos. "Mamãe!", ela grita.

Nora levanta em um pulo do meu colo. "Sua vez", ela diz para mim, dando uma mordida no meu lábio no momento em que a nossa filha entra no quarto. Entre o caos de uma garotinha crescendo rápido demais e uma mulher segurando o riso, meu coração se acalenta e me sinto o cara mais sortudo do mundo.

Às vezes, uma tragédia faz as pessoas se unirem umas às outras. Esse laço parece inquebrantável, mas às vezes, entre as lágrimas e as memórias dolorosas, é impossível achar uma fagulha que seja de luz. E a menor das faíscas pode inflamar uma fogueira inteira com um simples toque de felicidade. O fogo pode se extinguir na escuridão, mas, quando não sobrar nada além de cinzas e brasas, um novo tipo de relação vai se estabelecer. Um que reluz mais forte que o sol.

Agradecimentos

Entãão, quando contei para os leitores no Wattpad que iria escrever um livro sobre Landon (que na época era Liam), estava quase terminando o terceiro livro de ***After*** no Wattpad. Tinha escrito a cena do casamento de Landon, mas a noiva não tinha um rosto. Ficou muito esquisito.

Por mais que eu tentasse dar uma cara para ela, não tinha jeito. Pensei em como eles se conheceram, em quem era ela, em como os dois chegaram até lá — mas ela ainda não tinha um rosto. Os detalhes começaram a surgir, mas ela ainda não tinha uma identidade. Isso me deixou maluca, e fiquei ansiosa para descobrir quem ela era. Mas, quando comecei a escrever, as coisas ficaram ainda mais nebulosas.

Mesmo quando terminei de escrever ***Nothing More***, ainda não estava tudo totalmente claro. Os personagens assumiram o controle da história, como sempre, e eu adoro isso. Portanto, assim como você, só descobri quem ela era depois que as palavras foram para a tela. Obrigada por amarem Landon tanto quanto eu.

Adam Wilson: Este é o nosso sexto livro juntos — bom, o sétimo, contando ***Imagines*** — e a cada vez você continua me surpreendendo e impressionando com sua paciência e disposição para tentar coisas novas e me deixar fazer as coisas (até certo ponto) à minha maneira.

Tenho muita gratidão por você ser tão prestativo na hora de me ajudar no que estava faltando, que era o Wattpad, e por ter confiado em mim para conduzir o processo de um jeito diferente. Sinto que esses agradecimentos são sempre os mesmos, mas você precisa ouvir essas palavras com mais frequência, e não só no final de um livro. Boa sorte com tudo, e estou animada com a Gallery 13 e tudo mais, e sei que você vai continuar arrasando.

Kristn Dwyer: Cara!!! Você é o máximo, e agradeço muito, muito, muito por tudo o que fez por mim. Você me mantém na linha e ainda me faz rir. Eu adoro muito você.

Ashleigh Gardner: Obrigada por me ajudar a navegar pelo gigantesco mercado editorial. Ainda não aceito ter uma agente se não for você ;).

Aron Levitz: Meu amigo unicórnio, fico feliz em ser sua amiga emoji de coelhinho. Você é incrível e chiquérrimo, e me tornou muito mais chique do que era. Obrigada por ser meu amigo e por manter meus pés no chão — olhinhos revirando — e por sempre estar por perto para bolar ideias novas e pôr em prática. Sei que você só está me usando para ficar perto do meu marido, mas eu não ligo.

Paul O'Halloran: Paul! Não sei nem por onde começar. Sinto que você trabalha mais por mim do que eu mesma. Você faz tanta, tanta coisa, e eu agradeço de verdade por ter você no mundo todo, literalmente. Eu não daria conta de tantas viagens, traduções e loucuras sem você.

Chels, Lauren, Bri e Trev: Vocês são essenciais para este livro e para a minha vida em geral :P. É muita sorte minha ter vocês quatro como amigas mais próximas. Vocês significam muito para mim, e têm meu amor eterno por me mandarem gifs do Nick Jonas.

Ursula: Sinto que estou me repetindo aqui :P. Mas você ainda é minha BFF, minha assistente e meu cérebro externo. Criamos lembranças novas e incríveis este ano, e já estou ansiosa para o que está por vir. Obrigada por não tentar roubar Miles de mim, hahaha.

Equipes de produção e vendas: Obrigada por trabalharem tanto e com prazos tão curtos! Estou devendo uma bebida para vocês — ou melhor, nove.

Meus leitores são a coisa mais importante que tenho, e ainda agradeço a vocês todos pela vida que tenho hoje. Agora que sei como é viver meu sonho, nunca mais quero parar.

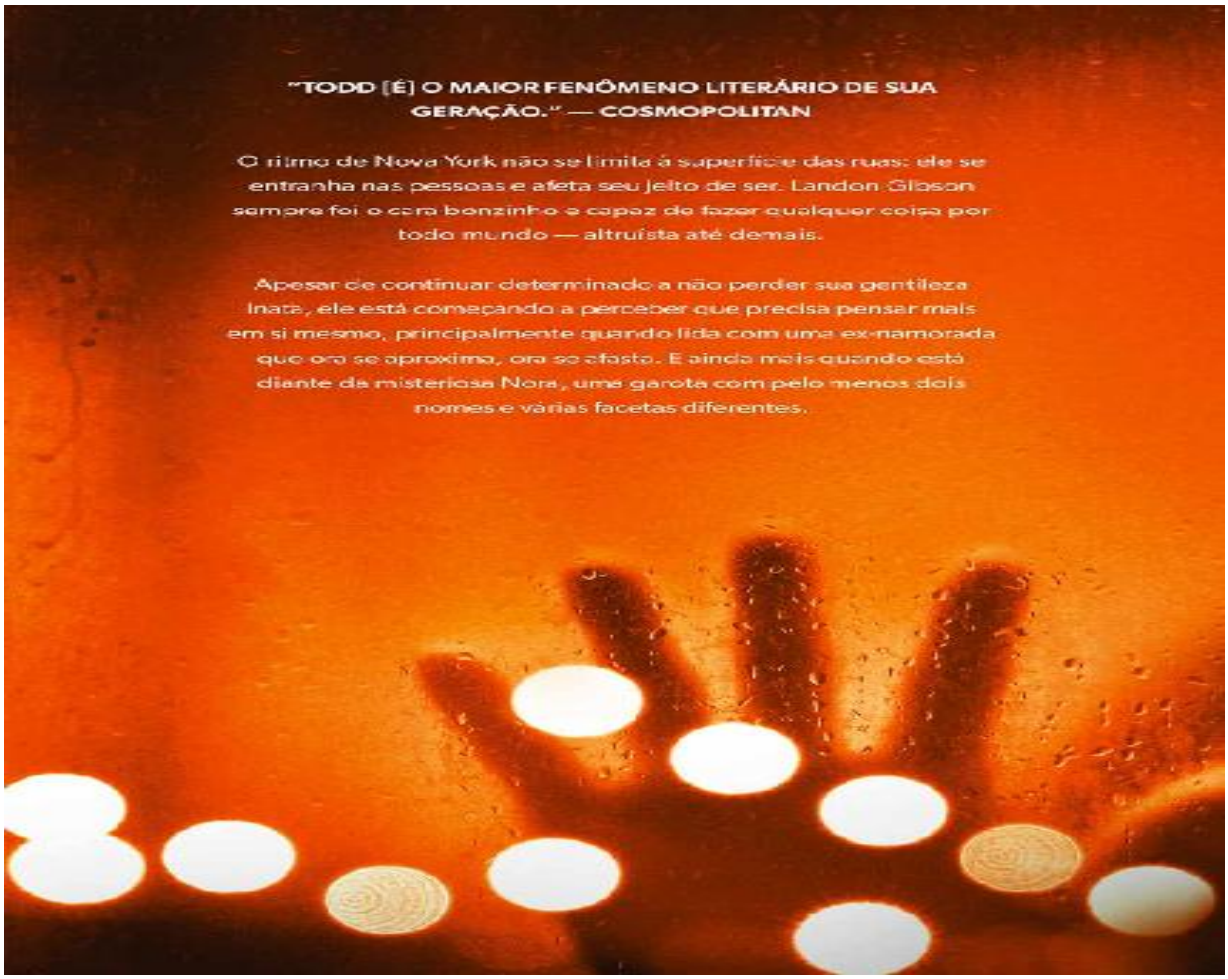
Primeira edição (abril/2018)

Tipografias Avenir LT Std, Fairfield LT Std



ANNA TODD

Com apenas 29 anos, Anna Todd, a autora da renomada série After (best-seller internacional do The New York Times), já possui um excelente histórico literário e bilhões de leitores ao redor do mundo que a conheceram através da plataforma on-line Wattpad. Por meio de suas histórias, Anna conseguiu juntar suas paixões – livros, boybands e romances – e ser uma autora de sucesso com seu dom de envolver os leitores e emocioná-los com seus personagens.


"TODD [É] O MAIOR FENÔMENO LITERÁRIO DE SUA GERAÇÃO." — COSMOPOLITAN
O ritmo de Nova York não se limita à superfície das ruas: ele se entranha nas pessoas e afeta seu jeito de ser. Landon Gibson sempre foi o cara bonzinho e capaz de fazer qualquer coisa por todo mundo — altruísta até demais.
Apesar de continuar determinado a não perder sua gentileza inata, ele está começando a perceber que precisa pensar mais em si mesmo, principalmente quando lida com uma ex-namorada que ora se aproxima, ora se afasta. E ainda mais quando está diante da misteriosa Nora, uma garota com pelo menos dois nomes e várias facetas diferentes.


Ela pode dizer ao seu melhor amigo qualquer coisa... Exceto isso.
A BARRACA DO BEIJO
BETH REEKLES
NETFLIX
AGORA UM FILME ORIGINAL NETFLIX
astral

A barraca do beijo

Reekles, Beth
9788582467480
336 páginas

Compre agora e leia

ELLE EVANS é o que toda garota quer ser: bonita e popular. Mas ela nunca foi beijada. NOAH FLYNN é lindo e um tanto quando bad boy - tá, o maior bad boy da escola - e o rei dos joguinhos de sedução. A verdade é que Elle sempre teve uma queda pelo jeito descolado de Noah, que, por coincidência, é o irmão mais velho de seu melhor amigo, Lee. Essa paixão cresce ainda mais quando Elle e Lee decidem organizar uma barraca do beijo no festival da Primavera da escola e Noah acaba aparecendo por lá. Mas o romance desses dois está bem longe de ser um conto de fadas. Será que Elle vai acabar com o coração partido ou conseguirá conquistar de vez o bad boy Noah?

Compre agora e leia


A história de Elle e Noah continua em...
A CASA DA PRAIA
BETH REEKLES
Mesma autora de
A BARRACA DO BEIJO
astral

A casa da praia

Reekles, Beth
9788582468272
144 páginas

Compre agora e leia

Quem disse que a história de Elle e Noah acabou? Para a sorte de todos nós, que amamos A Barraca do Beijo, Beth Reekles decidiu contar mais um pouco da história deles. Namorar o maior bad boy da escola jamais esteve nos planos de ELLE EVANS, mas aconteceu. Porém, isso teve um preço. Sua amizade com LEE FLYNN foi colocada à prova e ela teve que rever suas prioridades e abrir o jogo de uma vez por todas sobre o seu relacionamento secreto com NOAH FLYNN. Pode parecer um sonho finalmente conquistar o crush eterno de uma vida, mas uma hora o ensino médio vai acabar e Noah começará a faculdade. Entre fogos de artifício e confusões na praia durante as férias de verão, Elle e Noah precisam decidir qual será o futuro de seu relacionamento. Afinal, as coisas nunca mais serão as mesmas, nem mesmo na casa da praia.

Compre agora e leia


生き甲斐
IKIGAI
OS CINCO PASSOS PARA ENCONTRAR
SEU PROPÓSITO DE VIDA E SER MAIS FELIZ
KEN MOGI
astral

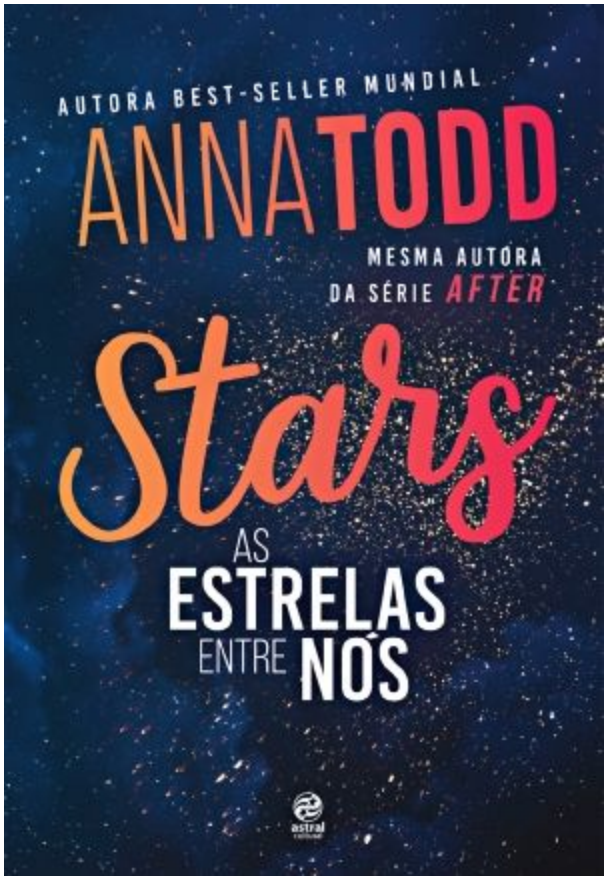
Ikigai: Os cinco passos para encontrar seu propósito de vida e ser mais feliz

Mogi, Ken
9788582467381
224 páginas

Compre agora e leia

Viver uma vida plena, longa e feliz? Sim, é possível. A fórmula, segundo os japoneses, é encontrar o seu próprio ikigai, que vai ajudar você a definir e apreciar os prazeres da vida. Aqui, você irá descobrir os cinco passos para alcançá-lo e, assim, encontrar satisfação e alegria em tudo aquilo que faz. Esse antigo segredo dos japoneses pode fazer você viver mais, ter mais saúde, ser menos estressado e, principalmente, mais realizado com a sua vida.

Compre agora e leia


AUTORA BEST-SELLER MUNDIAL
ANNA TODD
MESMA AUTORA
DA SÉRIE AFTER
Stars
AS
ESTRELAS
ENTRE NÓS
astral

Stars

Todd, Anna
9788582467848
304 páginas

Compre agora e leia

DEPOIS DE CONQUISTAR BILHÕES DE LEITORES AO REDOR DO MUNDO COM A SÉRIE AFTER, ANNA TODD ESTÁ DE VOLTA COM UM DRAMA EMOCIONANTE E ENCANTADOR.Karina sempre soube o quão difícil é a vida militar, desde a convivência com seu pai militar até mesmo a infância e a juventude dentro de uma base. Depois de tantos anos de rigidez, ela aprendeu que guerras nunca terminam, elas sempre deixam marcas inimagináveis e causam feridas naqueles que estão à espera de seus entes queridos. Com a intenção de se dedicar à sua carreira de massagista e finalmente ser livre, Karina compra uma casa fora da base militar. Porém, Kael, um cliente misterioso e de poucas palavras, surge em sua vida e desperta mais do que apenas a sua curiosidade, fazendo com que ela mude todos os seus planos. Aos poucos, Karina percebe que Kael carrega consigo muito mais do que dois períodos no Afeganistão. A carga de Kael e suas mentiras são muito maiores do que Karina é capaz de suportar, levando-a até mesmo a desconfiar de seus sentimentos e intuição.

Compre agora e leia


Doce
Prisão
Erros foram cometidos, corações machucados.
Até que ponto somos capazes de perdoar?
JAS SILVA
astral

Doce prisão

Silva, Jas
9788582464854
336 páginas

Compre agora e leia

Após um relacionamento conturbado com Marcos, Rachel finalmente consegue se livrar dele. No entanto, com todo seu poder e orgulho, o patriarca dos Montenegro não vai deixar sua ratinha escapar tão facilmente. Enquanto tentam resolver suas diferenças, Rachel se vê novamente envolvida por ele, e Marcos começa a sentir muito mais do que apenas desejo. Mal sabem os dois que o destino havia guardado algo que mudaria suas vidas e, principalmente, seus sentimentos.

Compre agora e leia